

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Dissertação de mestrado

**O OUTRO NA NARRATIVA DE PERFIL:**  
como o perfilado se sente representado no texto jornalístico

Luís Eduardo Tebaldi Gomes

**Porto Alegre – RS**

**2020**

Luís Eduardo Tebaldi Gomes

**O OUTRO NA NARRATIVA DE PERFIL:**  
como o perfilado se sente representado no texto jornalístico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**Orientação:** Profa. Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca. **Coorientação:** Profa. Dra. Thaís Furtado

**Porto Alegre – RS**

**2020**

Luís Eduardo Tebaldi Gomes

**O OUTRO NA NARRATIVA DE PERFIL:**  
como o perfilado se sente representado no texto jornalístico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Cida Golin – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dra. Marcia Benetti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Basílio Sartor – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dra. Ana Cláudia Gruszynski – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Suplente)

CIP - Catalogação na Publicação

Gomes, Luís Eduardo Tebaldi  
O OUTRO NA NARRATIVA DE PERFIL: como o perfilado se  
sente representado no texto jornalístico / Luís  
Eduardo Tebaldi Gomes. -- 2020.  
282 f.  
Orientadora: Virginia Pradelina da Silveira  
Fonseca.

Coorientadora: Thaís Furtado.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Jornalismo. 2. Alteridade. 3. Perfil  
jornalístico. 4. Narrativa. 5. Outridade. I. Fonseca,  
Virginia Pradelina da Silveira, orient. II. Furtado,  
Thaís, coorient. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Pode soar como clichê, mas este trabalho não seria possível sem a enorme contribuição e compreensão de muitas pessoas, as quais agradeço a seguir. Começo pela minha orientadora, professora Virgínia, que acreditou lá no princípio que aquilo que era uma mera inquietação mal formulada poderia se transformar em uma pesquisa. Agradeço ainda a paciência e os ensinamentos que me guiaram neste processo de transformar o jornalista novamente em estudante e em pesquisador.

Agradeço à minha coorientadora, Thaís. Primeiro, por acreditar no potencial desta pesquisa e aceitar fazer parte da orientação. Segundo, por tê-la conduzido para um caminho que não fosse o mais fácil nem o mais difícil, mas aquele que fazia mais sentido. Sem essa orientação, aqueles objetivos que haviam sido traçados no início provavelmente teriam sido perdidos. Por fim, por toda a compreensão e parceria, não apenas na orientação, mas também no período de estágio docente, o qual, sem dúvida, foi uma oportunidade transformadora na minha vida e abriu as portas para, quem sabe, um caminho na docência ser trilhado.

Não poderia deixar de agradecer também à minha primeira e sempre presente professora, minha mãe, Neiva. Não só por ter propiciado todas as oportunidades que tive na vida e por ser influenciadora, instigadora e patrocinadora da minha vida acadêmica, mas por todas as contribuições que deu também a esta pesquisa, pelas leituras atentas e todas correções sugeridas. Agradeço ao meu pai, Pedro, que nunca deixou de acreditar e incentivar as minhas escolhas, a começar por quando me levava para treinar na escolinha de futebol do Internacional, mesmo sendo claro que não havia qualquer futuro promissor naquela empreitada.

Há ainda uma série de pessoas que contribuíram para que esta pesquisa tenha sido possível. Por exemplo, o colega e mestre Gabriel Jacobsen, que aceitou sentar para um café quando sequer havia um projeto inicial e contribuiu para que ele existisse. Ao meu velho amigo Estêvão, que, apesar de estar em outra área, ajudou a influenciar e mostrar que um retorno à vida acadêmica era possível.

Agradeço às professoras Márcia Benetti e Dulce Mazer pelas orientações nas cadeiras ministradas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um duplo agradecimento se faz necessário à professora Benetti pelas sugestões, críticas e cobranças valiosas durante a banca de qualificação, que também estendo à professora Márcia Veiga. Ainda é preciso agradecer

à professora e referência pessoal de como o jornalismo deve ser feito, Fabiana Moraes, cuja obra inspirou esta pesquisa e que também ofereceu importantes contribuições em um breve contato no SBPJor 2018. Agradeço também à minha colega de Mestrado, Lívia, por oferecer a possibilidade de assinar em conjunto um artigo para o mesmo evento.

Preciso agradecer, e muito, ao pessoal do Sul21, Ana, Marco e Carmen, pela compreensão de que, em alguns momentos, precisei tirar um tempo para me dedicar à pesquisa. Em sentido semelhante, agradeço ao Wagner, da Rádio Inferno, pela compreensão de que o novo desafio que abracei também precisaria ser compartilhado com esta dissertação.

Agradeço aos entrevistados nesta pesquisa, Valdomiro, Édison, Gislane, Dauri e João Alfredo por terem cedido tempo e espaço de suas vidas para este fim. Agradeço também, na figura de Aline Custódio e Larissa Rosso, aos jornalistas de Zero Hora que possibilitaram o contato com os entrevistados.

Por fim, agradeço à minha esposa, Kaline. Agradeço a compreensão por tantas horas, dias e finais de semana que não puderam ser compartilhados da forma como se gostaria pela necessidade de dedicação a este trabalho. Mas, mais do que isso, agradeço por não só compartilhar o posto de influenciadora e instigadora número um, mas por sempre ajudar a lembrar por que eu havia escolhido este caminho, mesmo nos momentos em que desistir parecia mais fácil. Por ser mais que uma parceira e uma companhia de vida, mas por ser alguém que realmente compartilha o que a vida coloca em nosso caminho, os momentos bons e ruins, e fazer com que possamos sair mais fortes deles. Talvez fosse possível concluir esta pesquisa sem essa parceria, mas jamais seria com a serenidade e a tranquilidade vivenciadas nesse período.

*O movimento da reportagem implica desabitarse de si para habitar o outro, o mundo que é o outro. Só nos tornamos capazes de completá-lo pela escuta, esta que se faz com todos os sentidos, que apalpa tanto o dito como o não dito, tanto o que soa e ressoa quanto o silêncio.*

*(BRUM)*

## RESUMO

Esta pesquisa insere-se no campo dos estudos sobre a alteridade no jornalismo, pois visa compreender as possibilidades de representação do Outro e, em consequência, as possibilidades de produção de um texto que favoreça a emergência da visão de mundo da fonte. O objetivo geral foi analisar como pessoas retratadas em perfis jornalísticos se veem representadas nos textos publicados sobre si.

Para isso, foram entrevistadas cinco pessoas perfiladas em reportagens de *Zero Hora*, publicadas entre 2017 e 2019, na série *Singular*. A metodologia de pesquisa, além da entrevista em profundidade, teve como base a Análise de Discurso (AD), de linha francesa, que foi aplicada sobre as entrevistas para extrair os sentidos que pudessem indicar se os entrevistados se sentiram representados ou não pelas reportagens de *Singular*. Na investigação empírica, foram identificadas e avaliadas 267 sequências discursivas (SDs), que foram enquadradas em quatro formações discursivas (FDs): FDR – Formação Discursiva de Representação; FDNR – Formação Discursiva de Não Representação; FDJ – Formação Discursiva das Percepções dos Entrevistados Sobre o Jornalismo; e FDNROD – Formação Discursiva de Não Representação do Outro Divergente.

Em geral, os entrevistados disseram se sentir representados por sentidos que foram identificados como de Extensão, Reconhecimento, Fidelidade e Proximidade. Contudo, ao longo da análise, os dados levaram a um questionamento: os indivíduos perfilados em *Singular* configurariam um *Outro* para o jornalismo – temática abordada nos capítulos teóricos – ou representariam, apenas, um *Mesmo*? Constatou-se que o padrão médio dos entrevistados da série era de um homem branco, com mais de 50 anos, heterossexual, com um padrão de vida que pode ser considerado de classe média ou alta. Além disso, a partir de suas falas, descobriu-se que os cinco perfilados já haviam sido entrevistados diversas vezes por jornalistas, mostrando que até o “singular” é percebido da mesma forma por diferentes jornalistas, o que transforma o singular no *Mesmo*.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Alteridade; Narrativa; Singular; Zero Hora; Representação; Perfil.



## ABSTRACT

This research is part of the field of studies on alterity in journalism, as it aims to understand the possibilities of representing the Other and, consequently, the possibilities of producing a text that favors the emergence of the worldview of the source. The general objective was to analyze how people portrayed in journalistic profiles see themselves represented in the texts published about themselves.

For this, were interviewed five people profiled in *Zero Hora* articles, published between 2017 and 2019, in the *Singular* series. The research methodology, in addition to the in-depth interview, was based on Discourse Analysis (AD), of French line, which was applied to the interviews to extract the meanings that could indicate whether the interviewees felt represented or not by the articles of *Singular*. In the empirical investigation, 267 discursive sequences (SDs) were identified and evaluated, which were framed in four discursive formations (FDs): FDR - Discursive Formation of Representation; FDNR - Discursive Formation of Non-Representation; FDJ - Discursive Formation of the Perceptions of the Interviewees About Journalism; and FDNROD - Discursive Formation of Non-Representation of the Divergent Other.

In general, respondents said they felt represented by meanings that were identified as Extension, Recognition, Fidelity and Proximity. However, throughout the analysis, the data led to a question: would the individuals profiled in *Singular* configure an Other for journalism - a theme addressed in the theoretical chapters - or would they represent only the Same? It was found that the average standard of subjects in the series was that of a white man, over 50, heterosexual, with a standard of living that can be considered middle or upper class. In addition, from their speeches, it was discovered that the five subjects had already been interviewed several times by journalists, showing that even the “singular” is perceived in the same way by different journalists, which transforms the singular into the Same.

**Keywords:** Journalism; Alterity; Narrative; Singular; Zero Hora; Representation; Profile.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Perfilados na série Singular.....	81
<b>Tabela 2:</b> Quadro numérico de SDs.....	88
<b>Tabela 3:</b> Quadro percentual de SDs.....	88
<b>Tabela 4:</b> SDs Valdomiro.....	245
<b>Tabela 5:</b> SDs Édison.....	247
<b>Tabela 6:</b> SDs Gislane.....	254
<b>Tabela 7:</b> SDs Dauri.....	257
<b>Tabela 8:</b> SDs João Alfredo.....	261
<b>Tabela 9:</b> SDR Extensão.....	263
<b>Tabela 10:</b> SDR Reconhecimento.....	265
<b>Tabela 11:</b> SDR Fidelidade.....	268
<b>Tabela 12:</b> SDR Proximidade.....	271
<b>Tabela 13:</b> SDNR Imprecisão.....	272
<b>Tabela 14:</b> SDNR Exclusão.....	273
<b>Tabela 15:</b> SDJ.....	274
<b>Tabela 16:</b> Recorrência.....	280

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 A BUSCA PELO OUTRO.....</b>	<b>17</b>
2.1 Alteridade e produção de sentido.....	18
2.2 O Eu e o Outro.....	20
<b>3 O LUGAR DO OUTRO NO JORNALISMO.....</b>	<b>26</b>
3.1 A possibilidade do encontro no jornalismo.....	28
3.2 Estereótipos e o apagamento do Outro.....	31
3.3 A “imparcialidade” como barreira ao Outro.....	33
<b>4 O JORNALISMO QUE SE ABRE PARA A ALTERIDADE.....</b>	<b>37</b>
4.1 Outras abordagens sobre as práticas jornalísticas.....	37
4.2 Jornalismo Literário.....	39
4.3 A prática etnográfica.....	44
4.4 Jornalismo de subjetividade.....	49
<b>5 REPRESENTAÇÕES E MÁSCARAS.....</b>	<b>55</b>
<b>6 A RESPOSTA ESTÁ NO PERFIL?.....</b>	<b>61</b>
6.1 O sujeito no perfil.....	63
<b>7 METODOLOGIA .....</b>	<b>67</b>
7.1. Objeto de pesquisa.....	67
7.2. Entrevista em profundidade.....	68
7.3 Análise de discurso.....	71
7.3.1 Formações Discursivas.....	76
7.3.2 Paráfrase e polissemia.....	78
<b>8 ANÁLISE.....</b>	<b>80</b>
8.1. Procedimentos de análise.....	80
8.2 Os perfilados por <i>Singular</i> .....	89
8.2.1 Valdomiro.....	93
8.2.2 Édison.....	94
8.2.3 Gislane.....	95
8.2.4 Dauri.....	96
8.2.5 João Alfredo.....	97
8.3 Formação Discursiva de Representação (FDR).....	98
8.3.1 Sentido de Extensão.....	99
8.3.2 Sentido de Reconhecimento.....	102
8.3.3 Sentido de Fidelidade.....	107
8.3.4 Sentido de Proximidade.....	111
8.3.5 Considerações sobre a FDR.....	114
8.4 Formação Discursiva de Não Representação (FDNR).....	115
8.4.1 Sentido de Imprecisão.....	115

8.4.2 Sentido de Exclusão.....	117
8.4.3 Considerações sobre a FDNR.....	119
8.5 Formação Discursiva de Percepções dos entrevistados sobre o jornalismo (FDJ)...	120
8.6 Formação Discursiva de Não Representação do Outro Divergente (FDNROD).....	130
8.6.1 Sentido de Recorrência.....	130
8.6.2 Considerações sobre a FDNROD.....	134
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>149</b>
APÊNDICE A: Roteiro para as entrevistas.....	150
APÊNDICE B: Entrevistas analisadas.....	153
APÊNDICE C: Tabela 4 - SDs Valdomiro.....	245
APÊNDICE D: Tabela 5 - SDs Édison.....	247
APÊNDICE E: Tabela 6 - SDs Gislane.....	254
APÊNDICE F: Tabela 7 - SDs Dauri.....	257
APÊNDICE G: Tabela 8 - SDs João Alfredo.....	261
APÊNDICE H: Tabela 9 - SDR Extensão.....	263
APÊNDICE I: Tabela 10 - SDR Reconhecimento.....	265
APÊNDICE J: Tabela 11 - SDR Fidelidade.....	268
APÊNDICE L: Tabela 12 - SDR Proximidade.....	271
APÊNDICE M: Tabela 13 - SDNR Imprecisão.....	272
APÊNDICE N: Tabela 14 - SDNR Exclusão.....	273
APÊNDICE O: Tabela 15 - SDJ.....	274
APÊNDICE P: Tabela 16 - Recorrência.....	280

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasce de uma angústia pessoal sobre as possibilidades e limites de um repórter conseguir se aproximar da visão de mundo de seus entrevistados em matérias do tipo “histórias de vida”. Formado em Jornalismo no ano de 2009, com experiências desde veículos da grande imprensa até a chamada imprensa alternativa, passei a me questionar, ao longo da minha atuação como repórter, sobre a possibilidade dos textos que produzia representarem adequadamente o ponto de vista dos meus entrevistados.

Trata-se de um questionamento que emergiu, especialmente, no ano de 2017, quando escrevia o projeto para submeter à seleção do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse período, simultaneamente, estava escrevendo um livro-reportagem intitulado *Lanceiros Negros: Histórias de vida e de luta pela moradia*. Esse livro tinha dois objetivos. O primeiro deles era reconstituir o processo de ocupação, disputa judicial e reintegração de posse de um imóvel público no Centro de Porto Alegre (RS), que ficou conhecido como Ocupação Lanceiros Negros. O segundo era contar a história de seis famílias que participaram desse movimento social para tentar compreender a trajetória de vida que as levou a morar em uma ocupação.

O grande desafio daquele livro era conseguir aproximar o leitor da realidade dessas pessoas para que ele pudesse compreender que não se tratava de meros aproveitadores, como o estigma social a respeito dos movimentos de luta por moradia faz parecer, mas de pessoas que se colocaram e foram colocadas naquela situação por uma vida repleta de injustiças, infortúnios e tragédias. Mas como um repórter oriundo de uma típica família de classe média porto-alegrense, que sempre teve um teto sobre a sua cabeça, que nunca precisou escolher entre o almoço e o jantar, poderia narrar uma realidade que era tão diferente da sua? Quais técnicas jornalísticas poderiam produzir essa ponte entre o leitor e a vivência de seus personagens? Que tipos de narrativas jornalísticas teriam essa potência? Quais eram os limites do modelo tradicional de jornalismo que aprendi nas redações para alcançar aquele tal objetivo?

Esses foram os questionamentos iniciais que desencadearam o processo de elaboração desta dissertação. Em suma, o projeto ambicionava um estudo sobre a representação do Outro no jornalismo, não qualquer “outro”, mas aquele normalmente

ausente das narrativas – o membro da ocupação, o morador de rua, o encarcerado, a prostituta, o usuário de crack, enfim, o “desviante” da norma.

Além disso, o projeto partiu também de uma inquietação acadêmica, visto que identifiquei haver poucas pesquisas sobre como as fontes se percebem representadas. Diversos estudos produzidos no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) trabalham a questão da alteridade relacionada ao jornalismo. Destaco os trabalhos de Paula (2019), Freitas (2017) e Veiga (2015), os dois últimos citados nesta dissertação. São estudos que contribuíram para a produção desta pesquisa, mas não possuíam o mesmo objetivo, pois jogavam seus olhares para a produção jornalística – o mesmo ocorre com os demais estudos citados nesta dissertação que abordaram a temática da alteridade no jornalismo –, enquanto aqui interessavam as percepções das fontes sobre como elas se viam representadas em reportagens.

Este trabalho, portanto, filia-se aos estudos sobre a alteridade no jornalismo. Faz-se necessário destacar que a questão da alteridade foi abordada por meio de um recorte das discussões que vêm sendo feitas no campo dos estudos de jornalismo. O ponto de partida é o que Cremilda Medina (2008) chama de encontro, isto é, o diálogo entre entrevistador e entrevistado em que há a possibilidade de emergir a narrativa do segundo. O que interessa, principalmente, neste estudo é a discussão sobre como os elementos e características da prática profissional cotidiana contribuem para aproximar ou afastar o jornalista desse encontro.

Esta dissertação busca ainda discutir os modelos de jornalismo que possibilitam uma maior abertura para o exercício da alteridade. Além disso, faz-se uma discussão sobre a importância de o jornalismo incluir a perspectiva do Outro em sua produção. A busca de repostas a esses questionamentos leva à análise de um gênero específico de reportagem: o perfil. Nesse gênero, o jornalista faz um recorte biográfico de uma pessoa a partir de entrevistas com a própria fonte e com pessoas relacionadas a ela. Também pode fazer pesquisas documentais que ajudem a compor um retrato do personagem em determinado tempo e local. Por ser centrado na história de um indivíduo, o perfil, teoricamente, é o tipo de texto jornalístico de maior possibilidade de inclusão do Outro. Por isso sua escolha para análise. O que se quer investigar é se os perfilados se sentem representados em seus perfis.

Dadas a natureza preliminar desta pesquisa e a necessidade de um *corpus* de pesquisa composto por um número limitado de perfis a ser estudado, a pretensão inicial, de caráter totalizante, cede espaço para a tentativa de compreender se perfilados específicos representam esse outro desviante no jornalismo e como eles se veem representados nesses perfis. Para isso, o objeto de pesquisa escolhido foi a série de perfis denominada *Singular*, publicada no jornal *Zero Hora*, pertencente ao Grupo RBS, empresa de comunicação sediada no estado do Rio Grande do Sul.

Assim, esta dissertação tem como **objetivo geral**: analisar como pessoas retratadas em perfis jornalísticos se veem representadas nos textos publicados sobre si. Para isso, perseguem-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar e analisar as percepções desses personagens sobre a prática jornalística; b) identificar que formações discursivas e sentidos emergem do discurso desses perfilados sobre seus perfis; e c) verificar se esses perfilados podem ser considerados o Outro no jornalismo, sendo o Outro aquele desviante da norma.

Para alcançar esses objetivos, utiliza-se, primeiramente, a pesquisa bibliográfica, que permite a seleção de conceitos e perspectivas teóricas a partir dos quais é possível proceder à análise propriamente dita. Posteriormente, trabalha-se com entrevistas em profundidade e com a análise do discurso. As entrevistas em profundidade foram feitas com cinco perfilados da série *Singular*<sup>1</sup>. Depois, essas entrevistas foram analisadas a partir da metodologia da análise do discurso.

A fundamentação teórica está delimitada nos cinco capítulos que sucedem a presente Introdução. No segundo capítulo, busca-se fundamentar o conceito de alteridade e discutir a representação do Outro a partir de teorias das representações sociais, bem como introduzir o debate sobre a alteridade no jornalismo. Essas discussões tomam por base Jodelet (2001), Arruda (1998), Jovchelovitch (1998), Arendt (2007), Lévinas (1998) e Veiga (2015).

O terceiro capítulo discute os limites do jornalismo para representar o Outro em toda a sua complexidade e traz algumas propostas que permitem aproximar o jornalismo do exercício da alteridade. Debate este que é amparado por autores como Brum (2006, 2008), Freitas (2017), Lippmann (2003), Hall (1997), Grohmann (2009), Miguel e Biroli

---

<sup>1</sup> A série *Singular* será apresentada no capítulo 7, onde também está a explicação de como se chegou aos cinco entrevistados.

(2010), Medina (2003, 2008), Guimarães e Lima (2007), Ijuim (2008, 2012), Resende (2004), Lago (2010), Angrosino (2009), Girardi (2000), Moraes (2018) e Veiga (2016).

O quarto capítulo traz uma discussão sobre os modelos de jornalismo que se propõem a uma maior abertura para a alteridade. Discutem-se temas como o jornalismo literário, o jornalismo etnográfico e o jornalismo de subjetividade, partindo de autores como Resende (2004), Lago (2010), Pena (2006), Lima (2014), Neveu (2016), Angrosino (2009), Girardi Jr. (2000), Moraes (2018), França (2001), Ijuim (2012) e Veiga (2016).

O quinto capítulo propõe uma discussão sobre a representação a partir de autores como Hall (1997) e Goffmann (1975). Este ponto é central no presente trabalho à medida que a análise procura perceber como os personagens se veem representados no trabalho jornalístico.

O sexto capítulo apresenta o gênero perfil como um dos tipos de texto jornalístico que, por suas características, mais propicia o exercício da alteridade. Faz ainda uma reflexão sobre o modo como o Outro é apresentado nos perfis e as possibilidades que esse gênero abre para isso. Essa reflexão é fundamentada através de autores como Vilas-Boas (2003, 2014), Ferrari e Sodré (1986), Lima (2014), Maia (2013) e Chang (2010).

O sétimo capítulo consiste na apresentação das metodologias adotadas e as respectivas técnicas de pesquisa, uma combinação entre entrevista em profundidade e análise do discurso (AD) de extração francesa, e da descrição dos procedimentos adotados ao longo da análise. O oitavo capítulo é dedicado à análise propriamente dita.



## 2 A BUSCA PELO OUTRO

Neste capítulo, procura-se refletir sobre o conceito de alteridade que aparece na teoria das representações sociais, e se origina no campo da Psicologia Social, para tentar compreender o processo de representação do Outro.

Jodelet (2001) observa que as representações sociais são criadas pelos indivíduos para compreender o mundo que os cerca, um movimento que tem origem na necessidade de se ajustar e adaptar física e intelectualmente aos desafios que esse mundo interpõe. Da mesma forma, as representações sociais também são criadas pela necessidade de o indivíduo se relacionar com coisas, pessoas, eventos ou ideias.

Diante do fato de que o indivíduo não vive em um vazio social, pelo contrário, compartilha a sua existência com outros, as representações sociais se tornam importantes justamente para compreender essas relações no cotidiano. "Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la" (JODELET, 2001, p.1).

Jodelet observa ainda que as representações circulam nos discursos e são veiculadas – aqui o ponto que interessa principalmente a esta dissertação – nas mensagens e imagens midiáticas.

Conforme Freitas (2017), a palavra alteridade é formada pelo termo em latim *alter*, que significa outro, e pelo sufixo *dade*, que a substantiva e designa o estado ou a qualidade daquilo que é outro, em relação a um semelhante, ou do que é distinto. Jodelet (1998) emprega o termo a partir de sua origem no francês, língua em que há duas formas de se referir ao outro: *outrem* (próximo) e *alter* (o outro que está distante). A noção de alteridade, portanto, não seria pertinente para designar o *outrem*, que, embora distinto, apresenta similitudes com o Eu. A utilização do termo alteridade, para se referir a identidade de um outro, caberia nos casos em que há uma distância radical em relação a uma identidade. No entanto, salienta que há um contínuo processo de passagem das posições de *outrem* para o *alter*.

A produção da alteridade associa, num mesmo movimento, uma construção e uma exclusão. É levando em conta os processos, simbólicos e práticos, de marginalização que se pode estudar a alteridade como forma específica de relação social, superando sua definição puramente negativa de que o outro não é o mesmo (JODELET, 1998, p.52).

Jodelet (1998) salienta que a alteridade é produto de duplo processo de construção e exclusão social, movimentos que estão indissolivelmente ligados e mantêm unidade por meio de um sistema de representações. A autora emprega o termo no sentido de uma posição de alteridade que pode ser exercida em relação ao outro, que seria uma forma em que o indivíduo se apresenta para se distinguir do Outro. Cita como exemplo um estudo sobre os costumes de uma instituição psiquiátrica que funcionava em uma comunidade rural, em que se percebeu que a equipe de acolhimento utilizava roupas, símbolos e lugares reservados com a finalidade de se distinguir dos pacientes.

As regras que instituem uma distância para com o diferente devem ser rigidamente respeitadas para manter vigilante a desconfiança e lutar contra uma tendência à aproximação que o sentimento de semelhança induz [...]. Aqueles que se afastam delas – bem minoritários – tornam-se desviantes que são excluídos da comunidade e tachados eles mesmos de doentes mentais (JODELET, 1998, p.63).

A autora afirma que a noção de alteridade é sempre colocada como contraponto entre o “não eu” de um eu e o “outro” de um “mesmo” e faz par com a *ipseidade*, que é a condição que faz com que o indivíduo seja “ele-mesmo” e distinto de todos os outros. A autora diferencia a “alteridade de fora” que distingue o Eu do longínquo e do exótico, da “alteridade de dentro”, que ocorre no interior de uma comunidade e é marcada pela diferença, seja ela física (cor, raça, deficiência) ou ligada a um sentimento de pertencimento a um grupo social (nacional, étnico, comunitário, religioso).

Em uma interpretação sobre a alteridade a partir da teoria das representações sociais, Arruda (1998) postula que a diferença é o aspecto mais “saliente e intrigante” da alteridade. “[...] identidade e diferença não são termos alternativos, e sim pensados um em função do outro, em mútua dependência, já dizia Perrot (1995), mesmo que, para compreender a história dos que a diferença estigmatiza, se faça necessário desconstruí-la” (ARRUDA, 1998, p.17).

## **2.1 Alteridade e produção de sentido**

Também filiada à teoria das representações sociais, Jovchelovitch (1998) observa que as relações entre o Eu e o Outro têm provocado medo, segregação e exclusão desde tempos imemoriais. A autora postula que há uma tendência de construir a alteridade, a identidade do outro, em termos negativos. No entanto, diz que há um aspecto positivo que precisa ser discutido, que é o fato de o reconhecimento do Outro ser o elemento que permite a produção de sentido.

Jovchelovitch (1998) argumenta que sem a alteridade não existiria o simbólico, pois entende que as representações sociais são formas de mediação que residem nos espaços que pertencem ao “entre” da vida social e são produzidas e alimentadas na comunicação intersubjetiva, entre sujeitos. Nesse sentido, postula que um símbolo é a representação de algo, produzido por alguém, e que a força desse símbolo reside em sua habilidade de produzir sentido. Já o sentido refere-se sempre a alguma coisa fora de si, ou seja, a um objeto, e nasce pela ação humana. Sendo o poder do sentido se referir a algo e expressar algo, o símbolo depende da subjetividade para se expressar. Sem ela, deslocar-se-ia da vida e perderia conexão com o tempo e com o contexto. Da mesma forma, por ser referencial, evoca uma ausência. Ao retirar a objetividade, torna-se uma entidade onipotente, descolada do mundo, sem história ou contexto, reduzindo a realidade do mundo a um jogo de significantes errantes.

O simbólico e o objeto seriam ligados geneticamente, pois, sem o simbólico, não há o objeto. Da mesma forma, um mundo sem objetos seria impossível.

Para que este sujeito possa ser, ele deve vir a ser, e isso só pode ocorrer através da descoberta de um mundo de outros-objetos. Sem a diferença do mundo externo não se produzem os parâmetros que possibilitam ao eu a construção de seu próprio sentido, isto é, não apenas sua existência, mas principalmente sua identidade (JOVCHELOVITCH, 1998, p.72).

A autora afirma que a identidade do Eu só é possível em relação à identidade do outro, ou do que “não é eu”. "O processo de construção de um objeto externo é ao mesmo tempo o processo que permite ao próprio eu colocar-se como um objeto para si mesmo" (JOVCHELOVITCH, 1998, p.72). Isto é, uma singularidade só se expressa em relação a outras singularidades.

Argumenta, porém, que o Outro é um sujeito ativo dessa relação. Ele não está simplesmente lá para ser reconhecido, mas como outro Eu, com seus projetos, desejos e perspectivas próprias. “Ele não é redutível ao que o Eu pensa ou sabe sobre ele, mas é precisamente 'Outro', irredutível na sua alteridade" (JOVCHELOVITCH, 1998, p.74). Nesse sentido, para que haja a possibilidade de um encontro com essa outra identidade, a alteridade, não bastaria admitir a realidade do outro, mas reconhecê-la como realidade de um sujeito legítimo.

O reconhecimento da irredutibilidade do outro e de sua distinção é precisamente o que produz sua condição objetiva. Essa objetividade não se refere a uma reificação do real, ou à ideia de que o objetivo é fato dado, definido como um a priori ao sujeito. Essa objetividade emerge de um diálogo entre reconhecimentos mútuos que confere a interlocutores legitimidade para ser e,

portanto, para expressar sua distinção como objetividade. Quando cada um dos interlocutores é reconhecido como legítimo e, portanto, como sujeito de um saber e de um projeto, a realidade social e a realidade do eu se entrelaçam, mas não se reduzem uma à outra. O Eu confronta a alteridade do social como objetividade de milhares de outras perspectivas, que como a sua, podem, pelo menos em princípio, se expressar livremente (JOVCHELOVITCH, 1998, p.75).

Para Jovchelovitch, é essa diversidade de perspectivas diferentes e únicas que Hannah Arendt chamou de pluralidade, como se verá a seguir, que só pode ser compreendida como correlata da singularidade, isto é, do reconhecimento de cada indivíduo como portador de uma singularidade. Para Jodelet (1998), é levando em conta os processos simbólicos e práticos de marginalização que se pode estudar a alteridade como forma específica de relação social e, com isso, superar a definição negativa de que o Outro não é o Mesmo.

## **2.2 O Eu e o Outro**

Salientando que os estudos sobre a alteridade não se limitam a apenas um campo, muito menos ao campo do jornalismo, o que se busca aqui é uma compreensão da possibilidade de encontro com o Outro, o que foi referido aqui como o exercício da alteridade. No entanto, antes de entrar na possibilidade desse encontro ocorrer no jornalismo, faz-se necessário voltar à relação entre um Eu e um Outro.

Arendt (2007) destaca que todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos e que a ação sequer pode ser imaginada fora da sociedade humana. É a presença do Outro, que vê e ouve o que ouvimos, que garante a realidade do mundo. A percepção da realidade depende da aparência compartilhada pela esfera pública, isto é, pelos outros. A percepção compartilhada sobre a identidade de um objeto, a despeito de diferenças de posição e perspectivas, garante essa realidade, e não uma natureza comum a todos os homens.

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna (ARENDR, 2007, p.67).

Lévinas (1998) dialoga com a Ontologia contemporânea para tratar do tema da alteridade. Ele postula que o conhecimento do ser em geral supõe uma situação de fato para o conhecimento do espírito. "A ontologia é a essência de toda relação com os seres e até de toda relação no ser" (LÉVINAS, 1998, p.27). O autor afirma que a relação de um

ente com 'outrem' consiste em uma tentativa de querer compreendê-lo, mas é uma relação que excede apenas à compreensão.

Não só porque o conhecimento de outrem exige, além da curiosidade, também simpatia ou amor, maneiras de ser distintas da contemplação impassível. Mas também porque, na nossa relação com outrem, este não nos afeta a partir de um conceito. Ele é ente e conta como tal (LÉVINAS, 1998, p.28).

O autor salienta que o Outro é, simultaneamente, objeto de compreensão e interlocutor, uma função que se confunde, pois seria impossível compreender esse Outro sem invocá-lo. A compreensão, pois, não só seria inviabilizada sem a participação do outro, como é inseparável desse encontro. "Esta impossibilidade de abordar outrem, sem lhe falar, significa que o pensamento aqui é inseparável da expressão. Mas a expressão não consiste em trasvasar, de alguma forma, um pensamento relativo a outrem, no espírito de outrem" (LÉVINAS, 1998, p.31).

Lévinas argumenta ainda que se trata de uma impossibilidade compreender o Outro em sua totalidade, pois só um ser que carece de pensamento poderia ser compreendido de tal forma. Ainda mais impossível porque o Outro é sempre percebido a partir de um Mesmo, de um Eu.

A interioridade que, para o pensante, se opõe à exterioridade, se exerce no vivente como ausência de exterioridade. A identidade do vivente através de sua história não tem nada de misterioso: o vivente é essencialmente o Mesmo, o Mesmo que determina todo Outro, sem que o Outro determine jamais o Mesmo. Se ele o determinasse, se a exterioridade se chocasse com o vivente, ele mataria o ser instintivo. O vivente sob o signo de: a liberdade ou a morte (LÉVINAS, 1998, p. 38).

Arendt vê na alteridade um aspecto importante da pluralidade. A alteridade, segundo ela, é o que nos permite distinguir: uma coisa ou um sujeito é A por não ser B. A diferença é o que permite ao homem se distinguir de outro e comunicar, aos outros, mas também a si mesmo, alguma coisa, como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo. "No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é paradoxal pluralidade de seres singulares" (ARENDRT, 2007, p.189).

A autora afirma que um homem se distingue de outro, bem como é reconhecido, pela ação e pelo discurso. Sem ação e discurso não haveria como distinguir a vida de uma mera existência corpórea, não haveria a sociedade humana e suas relações como as conhecemos.

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o

infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo (ARENDDT, 2007, p.191).

Para Lévinas (1998), é a partir da palavra que os indivíduos manifestam o que têm em comum com o Outro, isto é, sua universalidade.

Como manifestação de uma razão, a linguagem desperta em mim e em outrem o que nos é comum. Mas ela supõe, em sua intenção de exprimir, nossa alteridade e nossa dualidade. Ela se exerce entre seres, entre substâncias que não entram em seus propósitos, mas que os mantêm. Com efeito, a transcendência do interlocutor e o acesso a outrem pela linguagem manifestam que o homem é uma singularidade (LÉVINAS, 1998, p.51).

Lévinas afirma ainda que a experiência do Outro não pode ser captada a partir de si, pois cada interação produz uma nova experiência.

A linguagem, em sua função de expressão, é endereçada a outrem e o invoca. Certamente, ela não consiste em invocá-lo como representado e pensado, mas é precisamente porque a distância entre o mesmo e o outro, onde a linguagem se verifica, não se reduz a uma relação entre conceitos, um limitando o outro, mas descreve a transcendência em que o *outro* não pesa sobre o *mesmo*, apenas o obriga, torna-o responsável, isto é, falante (LÉVINAS, 1998, p.60).

Arendt (2007) postula que a qualidade reveladora do discurso e da ação, que nos permitem reconhecer a singularidade de um indivíduo e dizer “quem ele é”, o que é diferente de o “o que ele é”, vem à tona quando as pessoas estão com outras, isto é, em convivência. Por outro lado, a autora alerta para o equívoco de tentar compreender alguém pelos seus aspectos visíveis.

No momento em que desejamos dizer quem alguém é, nosso próprio vocabulário nos induz ao equívoco de dizer o que esse alguém é; enleamos-nos numa descrição de qualidades que a pessoa necessariamente partilha com outros que lhe são semelhantes; passamos a descrever um tipo ou 'personagem', na antiga acepção da palavra, e acabamos perdendo de vista o que ela tem de singular e específico (ARENDDT, 2007, p. 194).

A autora argumenta ser uma impossibilidade filosófica chegar a uma definição do homem, uma vez que todas as definições são determinações ou interpretações do 'que' o homem é e, portanto, das qualidades que compartilha com outros seres vivos, enquanto sua diferença específica, sua essência, só poderia ser alcançada se fosse possível determinar “quem ele é”. Contudo, dado que seria impossível capturar o discurso e a ação desse indivíduo, seria impossível “solidificar em palavras” a essência de uma pessoa.

Como foi visto anteriormente em Jodelet (2001), as representações sociais circulam a partir discursos, isto é, são constituídas a partir de aspectos culturais e

reproduzidas e reforçadas pela circulação em canais midiáticos. Portanto, as representações sociais que circulam em um determinado local são resultado de processos de construção e reprodução históricos. Em uma reflexão sobre a representação do Outro na história do Brasil, Arruda (1998) postula que os processos de construção da representação de si e a partir do encontro com o Outro teriam se dado de duas formas. Em um primeiro momento, no período da colonização, o europeu apreendia o nativo brasileiro a partir do processo de ancoragem, da comparação com os seus costumes, em que a diferença é vista como negativa. Já no segundo momento, há uma tentativa de resgate e valorização dessa diferença para compor, agora, uma nova diferença, em relação aos “outros não-brasileiros”.

A construção da alteridade e do mesmo se move ao compasso das conjunturas históricas. As mudanças de representações hegemônicas correspondem a novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras (ARRUDA, 1998, p.41).

O processo de ancoragem, que marca o primeiro momento, consiste na apropriação do desconhecido a partir da utilização do que é familiar como alavanca para criar um novo senso comum. Contudo, é um mecanismo que não produz uma representação positiva.

A ancoragem do novo, portanto, não se fez apenas por semelhança, mas por contraste, sempre com referência a um padrão preexistente. Os jesuítas denegriram a colônia pela falta de trigo, vinho, azeite e carnes: a comparação – desfavorável – com o familiar tranquilizador homologa a falta que aguça a diferença (ARRUDA, 1998, p.23).

A partir dessa ancoragem, o período de colonização teria produzido um duplo efeito narrativo para os europeus sobre as terras e os humanos que estavam conhecendo: a edenização da natureza e a demonização do mundo dos homens. Se por um lado a paisagem era retratada como paradisíaca, a sociedade indígena era retratada pelo canibalismo, pela lassidão, e os negros pela feitiçaria e pela música ruidosa (ARRUDA, 1998, p.23). A autora salienta que ainda há uma terceira visão, segundo a qual a colônia seria o purgatório, em que o branco vinha pagar com trabalho árduo, que produzia riqueza, a sua culpa. Portanto, a gênese do imaginário europeu sobre o Brasil em seus primeiros três séculos seria baseada no tripé: natureza edênica, humanidade demonizada e colônia-purgatório. E, para Arruda, é esse tripé que está na raiz da forma como o brasileiro representa a si e a seu espaço até os dias de hoje.

Da mesma forma, estaria nas raízes do período colonial a forma como a mulher é representada, por exemplo, especialmente a mulher negra.

A mulher, depositária dos rebentos do povoamento e/ou do desejo dos homens, será santa ou puta, segundo as conveniências. A sexualidade e as relações que implica – de gênero, classe e raça – vão se configurando e representando. O corpo da mulher, a serviço do projeto oficial e de outros, nem tanto, agenciou, conjugado à cor da pele, o imaginário nacional numa escala bastante reveladora que considera 'branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar', acusando, uma vez mais, a presença da objetivação que corta e recorta seu objeto para recompô-lo sob nova organização, naturalizando-o (ARRUDA, 1998, p.32).

Arruda identifica o início do século XIX, período da declaração de independência de Portugal, como o segundo momento de formação do imaginário e da identidade nacional, um período em que ocorre a valorização da cor e da paisagem local na literatura. O Romantismo, que na Europa era marcado pelo inconformismo, pela rebeldia, aqui é marcado pela afirmação de valores nacionais, com a tentativa de reconfigurar a relação entre indígena e branco, como ocorre em “O Guarani”, romance fundacional de José de Alencar. “O ‘Guarani’ [...] retoma a união entre o índio e o branco na dimensão mítica ao eliminar a temporalidade da própria natureza, imortalizada em paisagens imperecíveis” (ARRUDA, 1998, p.35). A autora observa que outras visões sobre o indígena apareceram no mesmo período, mas que seria a visão alencariana a que teria assumido um papel “fundante” no imaginário brasileiro e lançado as bases para o “mito da democracia racial”.

Nesse processo de formação do imaginário, Arruda (1998) afirma que há ainda um Outro que não é visto, mas “varrido para debaixo do tapete”, que hoje seria o favelado, o sem-terra, o idoso, a criança na rua.

Na mesma linha, Veiga (2015) observa que o jornalismo produzido no Brasil se insere em uma lógica de "colonização epistemológica", em que os saberes tidos como válidos são aqueles originados nos países colonizadores do Hemisfério Norte, enquanto os saberes produzidos no Hemisfério Sul são historicamente desqualificados e têm suas especificidades multiculturais silenciadas e/ou apagadas. A autora argumenta que não apenas há uma hierarquização dos saberes, como também uma hierarquia entre os tipos de sujeitos de onde se origina o conhecimento. Ela afirma que indivíduos que produzem o conhecimento considerado com "status de verdade", nas ciências e no paradigma moderno ocidental, é o sujeito iluminista, branco, heterossexual e masculinista, que é apresentado, a partir desse pensamento colonizador, como o sujeito "universal.

Observando essas hierarquias, pode-se perceber como foram tecidas – política, histórica e geoculturalmente– as razões pelas quais são constituídas as formas de classificação (e assujeitamos)



vigentes na contemporaneidade, integradas aos sistemas de poder-saber que fundam as desigualdades sociais, em especial nos países colonizados, como é o caso do Brasil. Um escrutínio nesse sentido permite compreender porque na sociedade, de um modo geral, e no jornalismo em particular, nossas possibilidades de compreensão do nós/Outro se constroem sobre essas bases e são invisibilizadas na naturalização destas normas em consonância com os regimes do híbrido poder-saber de que são parte. Facilita igualmente perceber quão profundas são as origens de nossas 'ignorâncias' sobre as formas de se viver e ser sujeito que diferem das normas arraigadas ao longo da história. E, do mesmo modo, compreender por que esses meios de conhecer continuam produzindo mazelas sociais, como as já citadas homofobia, racismo, sexismo, heterossexismo, classismo, entre outras, que até hoje são evidenciadas pelos mais variados índices (VEIGA, 2015, p.36).

É essa “colonização”, pois, que faz com o que o Outro que é comumente representado no jornalismo seja um Mesmo, isto é, compartilhe as mesmas origens, valores e posição social tanto do jornalista que produz uma notícia quanto do leitor que irá lê-la.

No próximo capítulo, aprofunda-se a discussão sobre a relação com o Outro no jornalismo e sobre as características internalizadas como prática jornalística ao longo do tempo que acabam por dificultar o encontro com um Outro que não seja esse Mesmo.

### 3 O LUGAR DO OUTRO NO JORNALISMO

Como vimos ao longo do capítulo anterior, o tema da alteridade pode ser estudado sob diversas óticas e a partir de diversos campos de estudo, sendo também abordado a partir de múltiplos vieses no campo de estudos sobre o jornalismo. A proposta deste capítulo é trazer uma reflexão sobre os desafios que a prática jornalística cotidiana tem para incluir a possibilidade de encontro com o Outro.

Para Freitas (2017), tratar de alteridade no jornalismo implica considerar não apenas o âmbito subjetivo ou os âmbitos da consciência, da cultura e do tempo, mas também o da textualidade,

Pois não há como conhecer e entender a si mesmo e aos outros sem pensarmos numa relação imbuída por símbolos, discursos, narrativas, representações e textos (RICOEUR, 1986; 2006; SODRÉ, 2007), o que exige uma ação interpretativa, ou seja, uma hermenêutica em busca do reconhecimento da alteridade (FREITAS, 2017, p.47).

A autora afirma, a partir de Benetti (2008), que o jornalismo se estabelece como forma de relação social pelo uso da linguagem, produzindo um discurso que não tem origem apenas no jornalista, mas também no público ao qual se destina. Remete não apenas àquele que narra, mas ao mundo que o abastece e aos outros. Ela observa que os “outros” são as fontes, os leitores reais e os leitores imaginados, os “outros” narrados e idealizados pelo discurso jornalístico, os “outros” membros da comunidade profissional e os “outros” veículos. “Afirmamos também que, na projeção de si mesmo no texto, o ‘autor real’ assume a posição do ‘autor imaginado’ ou ideal, passando a ser um ‘outro’ para ele mesmo” (FREITAS, 2017, p.48).

A autora destaca que há, no jornalismo, uma relação de interdependência entre o que chama de mundo da vida (onde as coisas são percebidas) e o mundo do texto, que serve de segunda referência para a interpretação da realidade primeira habitada pelos seres humanos, passando a ser mais do que um universo narrativizado (FREITAS, 2017, p.48).

O acesso ao Outro ou ao modo de existência singular desse Outro sujeito ocorreria no mundo da vida, que tem a alteridade como premissa. O Outro para o jornalista é tanto a fonte quanto o objeto de seu discurso narrativo. No mundo do texto, esse Outro seria reconfigurado e passaria a ser uma identidade essencialmente narrativa. “Mesmo que essa identidade resguarde aspectos da singularidade do ‘outro’, já não é ele em si mesmo (pessoa corporificada) que se apresenta, mas um ‘outro’ do e no texto – o ‘outro’ ideal e mimetizado pelo jornalismo” (FREITAS, 2017, p.50).

Haverá sempre uma ação de interpretação desse Outro que será feita pelo público ao qual a narrativa é endereçada, que vai tomar conhecimento desse Outro narrado a partir da reconfiguração que é feita pelo jornalista. Freitas diz que a narrativa jornalística reduz essa identidade do Outro – a outridade – dentro de certos enquadramentos ideológicos e culturais para que sua compreensão seja facilitada, ao mesmo tempo em que recompõe a singularidade dele em um contexto que é particular ao texto em que o movimento ocorre.

A reconstrução narrativa da outridade é uma forma de acessar e de conhecer esse sujeito pelo texto – pois, mesmo que a cada nova ação hermenêutica a outridade se refaça, traços de sua singularidade permanecem no texto que a encerra. É devido à capacidade mimética e representativa que podemos falar que, no jornalismo, toda a outridade é relativa, historicizada, interpretada, construída e ressignificada – tanto pelo jornalista quanto pelo público (FREITAS, 2017, p.50).

A percepção de que o Outro é sempre mimetizado e reinterpretado pelo jornalista e pelo leitor é levada em consideração nesta pesquisa. Assim, considera-se que, a partir da possibilidade – apontada por Freitas – de traços de singularidade serem encontrados em um texto, essas múltiplas possibilidades de representação permitam discutir a maneira como um entrevistado se vê representado por um trabalho jornalístico. Interessa aqui, pois, avaliar o resultado de um encontro possível entre o jornalista e um Outro.

A relação entre entrevistador e entrevistado é tema central nas obras de Cremilda Medina. Em o *Diálogo Possível*, de 2008, a autora afirma que a entrevista só se tornará um braço da comunicação humana, em que há a possibilidade de emergir a narrativa do entrevistado, quando encarada não como mera técnica de obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário, mas como um diálogo verdadeiro.

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema (MEDINA, 2008, p.15).

Medina descreve o *Diálogo Possível* como “uma busca enraizada nos valores humanos preservados na caminhada técnica e profissional. Por isso, a teorização da entrevista jornalística se deslocou da técnica para a arte do diálogo” (MEDINA, 2003, p.33).

A partir de Medina e da ideia postulada por Freitas (2017) de que o encontro com a identidade de um Outro pode ocorrer no mundo da vida, entende-se que uma entrevista pode estabelecer ou não uma conexão entre entrevistador e entrevistado da qual venha a emergir a visão de mundo do segundo. O ponto a ser estudado, porém, é se essa visão e

esses traços de singularidade permanecem na reportagem e, caso se mantenham, de que forma.

### 3.1 A possibilidade do encontro no jornalismo

A jornalista Eliane Brum, uma das referências brasileiras de produção de reportagens “humanizadas” que abririam espaço para uma compreensão mais aprofundada do entrevistado, recomenda que, para se aproximar do Outro, o jornalista precisa adotar uma postura que privilegie a escuta. No posfácio do livro a “A Vida que Ninguém Vê” (2006), sobre as crônicas-reportagens publicadas na coluna de mesmo título que manteve no jornal *Zero Hora*, em 1999, Brum<sup>2</sup> afirma que os textos tinham por objetivo “estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas” (BRUM, 2006, p.187).

Em outra obra, “O Olho da Rua” (2008), ela vai aprofundar essa discussão ao comentar 10 grandes reportagens suas publicadas na revista *Época* entre 2000 e 2008. Já na apresentação, a autora dá uma pista de sua visão sobre a reportagem, dizendo acreditar que se trata de “documento da história cotidiana, como vida contada, como testemunho” (BRUM, 2008, p.14), a história do presente. Adiante, porém, afirma que a realidade é “tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios” (BRUM, 2008, p.14).

Em cada comentário que sucede as reportagens publicadas no livro, a repórter vai revelando a sua visão sobre a reportagem e as possibilidades de interpretação do Outro. “O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais delas quanto o conteúdo do que dizem” (BRUM, 2008, p.35), diz a autora em uma defesa do respeito à linguagem das parteiras, tema da reportagem em questão – “A floresta das parteiras”. Mais adiante, diz que escutar é mais do que ouvir. “Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito” (BRUM, 2008, p.35).

---

<sup>2</sup> A referência a Eliane Brum justifica-se pelo fato de a jornalista ser citada em diversas publicações como um exemplo desse “jornalismo humanizado”.

É no posfácio da obra, porém, que conclui que a reportagem exige o exercício da alteridade.

O movimento da reportagem implica desabitarse de si para habitar o outro, o mundo que é o outro. Só nos tornamos capazes de completá-lo pela escuta, esta que se faz com todos os sentidos, que apalpa tanto o dito como o não dito, tanto o que soa e ressoa quanto o silêncio (BRUM, 2008, p.364).

Percebe-se, assim, que a jornalista atribui o “segredo” de suas reportagens a duas habilidades, ver o Outro e escutá-lo.

Pela escuta não apenas ouvimos, mas vestimos. A reportagem é um despir-se de si para vestir um outro. E então empreender o largo caminho de volta e fazer o parto das palavras, que é a história contada atravessada pelo corpo de quem voltou para dar notícias de lá. De um lá que no movimento da reportagem virou lá e aqui (BRUM, 2008, p.365).

Pode-se postular, portanto, que, para Brum, é esta escuta atenta que permitiria que esse encontro com a alteridade que pode ocorrer ou não no mundo da vida, na conversa entre jornalista e entrevistado, de fato ocorra e, posteriormente, apareça em texto – ou ao menos traços da singularidade do outro, como aponta Freitas (2017).

Para Medina (2003), a arte de narrar acrescenta sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. A narrativa é uma resposta humana diante do caos.

Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p.48).

Medina considera que partilhar a visão de mundo do Outro e extrair dela a utopia humana não é uma miragem, mas uma possibilidade. No entanto, essa visão de mundo descortinada resultaria de um diálogo entre valores do entrevistador e do entrevistado, envolvendo a subjetividade de ambos.

Mexer com as subjetividades que a dialogia social presentifica faz vir à tona tanto a visão de mundo do interlocutor quanto a visão de mundo do comunicador. A troca, o embate, a interatividade se dá na cultura, espelho profundo de certa sociedade. Mais catártica ainda é a virtualidade do toque poético, ou seja, por mais díspares que sejam as mundivisões, muitas vezes de raízes socioculturais contrapostas, certamente comungam a mesma utopia humana (MEDINA, 2003, p.79).

Ao discutirem o desafio de ir ao encontro do Outro em documentários, Guimarães e Lima (2007, p.154) sugerem como fundamental “abandonar o Eu como medida para

conhecimento do Outro”. Faz-se necessário então inverter a lógica, priorizar o Outro em vez do EU, abdicar da posição que se reivindica legítima para definir o que é e o que não é verdade e permitir que o Outro construa o acontecimento.

Ijuim, por sua vez, também critica o jornalismo produzido a partir de uma visão fragmentada, que trata assuntos isoladamente, sem considerar as múltiplas conexões possíveis. “Esse olhar reducionista e desconectado não se dá só no texto, mas se manifesta antes, na concepção de mundo de quem elaborou a pauta e do repórter que fez a leitura dessa pauta” (IJUIM, 2012, p.129). Em crítica à falta de contextualização de acontecimentos, Medina (2008) alerta que o repórter, ao tratar de fatos isolados sem as devidas conexões com o todo, acaba por desprezar significados históricos e culturais que deveriam ser reconhecidos na notícia, ou em qualquer texto jornalístico.

A partir desses autores, considera-se que a não localização de um problema no mundo, isto é, o seu tratamento fora de um contexto e de forma isolada/fragmentada, é uma prática que impede a compreensão do Outro em sua complexidade, sendo, portanto, uma barreira para o exercício da alteridade.

Ijuim (2012) mostra que esse problema se reflete em redações jornalísticas por meio da tendência de repórteres se apegarem à primeira impressão do que observam, construindo pré-julgamentos, censuras e condenações, ou se apegando sem questionamentos a dados e informações passadas por fontes oficiais, autoridades científicas, que também produzem julgamentos e condenações. A cultura, a história, o não dito, o que não é revelado de imediato, é desprezado. Em suma, a tendência a ignorar a complexidade de um acontecimento faz com que a visão de mundo do Outro seja desprezada.

Resende (2009) identifica como característica do jornalismo moderno a busca pela explicação em detrimento da problematização, que também poderia ser conceituada como contextualização. Na primeira, cabe ao EU explicar o acontecimento dentro de uma imagem de mundo pré-configurada, portanto sem espaço para ser contaminada pelo Outro. O autor também vê no discurso jornalístico dominante a utilização de definições generalizadas e rótulos para simplificar problemas complexos na busca de enquadrá-los dentro de um ordenamento, de uma concepção de mundo desejada. O jornal é, nesse cenário, um lugar onde as diferenças são apagadas. Guimarães e Lima (2007) afirmam que quanto mais marginalizado for o grupo a que pertence o sujeito a ser representado, mais difícil se torna o ato de romper com esse status quo e ir ao encontro do Outro.

Antes de discutir, no próximo capítulo, gêneros e características que permitam ao jornalista uma melhor compreensão do Outro, discutem-se algumas práticas que foram incorporadas à prática jornalística ao longo do tempo e que nos permitem dizer que o fazer jornalístico convencional não apenas se distancia do Outro, como pode promover a sua negação. Uma delas é o emprego de estereótipos.

### **3.2 Estereótipos e o apagamento do Outro**

Um dos pais dos estudos do jornalismo, Walter Lippmann tinha inicialmente uma visão otimista da profissão, acreditando na possibilidade de alcançar a verdade a partir do rigor e da técnica. Para ele, havia uma verdade a ser alcançada e a ser perseguida. Contudo, após o esforço de propaganda empregado pelo governo americano durante a Primeira Guerra Mundial, muda radicalmente sua visão, adotando uma posição de crítica quanto ao funcionamento da imprensa. Ele passa a considerar que a opinião pública é uma construção que atende a interesses políticos e econômicos, sendo os meios de comunicação responsáveis por manter o que chama de uma "ficção controlada". Isso ocorreria pela manipulação de fatos reais para a fabricação de consensos forçados.

Um elemento-chave para a manutenção dessa “ficção”, segundo ele, seriam os estereótipos: imagens pré-concebidas usadas para enquadrar o Outro dentro de características pré-determinadas. O autor os explica da seguinte forma:

Não vemos primeiro e definimos depois, fazemos o contrário. Na grande confusão ruidosa e radiante do mundo exterior, selecionamos o que a nossa cultura já definiu por nós, de maneira que tendemos a perceber o que escolhemos em forma de estereótipos culturais (LIPPMANN, 2003, p.82).

Para ele, os meios de comunicação cumprem um papel importante na conservação desses estereótipos, que se prestam para a manipulação das massas com o objetivo de conservação das estruturas de poder, uma vez que decisões políticas são condicionadas por imagens de mundo fundamentadas em um escasso conhecimento da realidade social. A verdadeira democracia, pois, necessitaria de um tipo de jornalismo que rompesse com este que alimenta as massas com dogmas e estereótipos.

De acordo com Lippmann (2008), um exemplo do papel da imprensa na conservação das estruturas de poder por meio do reforço de estereótipos é a maneira como era feita a cobertura de greves nos anos 1920. Podemos constatar essa prática até hoje nos principais veículos de comunicação do Brasil

Se você analisar o modo como muitas greves aparecem na imprensa, você muitas vezes verá que as questões raramente

figuram nas manchetes, dificilmente nos parágrafos principais e muitas vezes não são mencionados em nenhum lugar. Uma disputa trabalhista em outra cidade precisa ser muito importante para que a notícia contenha informações definidas quanto ao conteúdo da disputa (LIPPMANN, 2008, p.174).

Portanto, no exemplo das greves, as questões que estão sendo reivindicadas praticamente desaparecem.

Hall (1997) define o ato de estereotipar o Outro como reduzir as pessoas a algumas características simples e essenciais, que passam a ser representadas como naturais. O autor destaca que é preciso, contudo, fazer uma distinção entre tipificação e estereotipagem.

Ele se reporta a Richard Dyer (1997) para afirmar que, sem o uso de tipos, não seria possível dar sentido ao mundo, uma vez que encaixamos objetos, pessoas e eventos em esquemas mentais classificatórios preestabelecidos culturalmente. É isso que permitiria identificarmos um objeto plano sobre pernas como uma mesa. Na classificação de Dyer, tipo é “qualquer caracterização simples, vívida, memorável, facilmente compreendida e amplamente reconhecida, na qual algumas características são colocadas em primeiro plano e a mudança ou o ‘desenvolvimento’ é reduzido ao mínimo” (DYER apud HALL, 1997, p.257, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Já o estereótipo, segundo Hall, tem três características. A primeira seria a redução de uma pessoa a poucas características simples, vivas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas de forma exagerada e simplificada, sem a possibilidade de mudança ou desenvolvimento. “Os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e corrigem a 'diferença’” (HALL, 1997, p.258).

A segunda seria o emprego de uma “estratégia de divisão”, isto é, separa o que é normal e aceitável do que é anormal e inaceitável, excluindo tudo o que não se encaixa e é diferente desse normal. Hall afirma que essa estratégia, ao estabelecer uma fronteira entre o “normal” e o “desviante”, faz parte da manutenção da ordem social e simbólica.

Por fim, a terceira característica é que a estereotipagem tende a ocorrer quando há grandes desigualdades de poder. “Em suma, estereotipagem é o que Foucault chamou de jogo do tipo ‘poder/conhecimento’. Classifica as pessoas de acordo com uma norma e constrói os excluídos como ‘outros’” (HALL, 1997, p.259).

---

<sup>3</sup> “(...) any simple, vivid, memorable, easily grasped and widely recognized characterization in which a few traits are foregrounded and change or "development" is kept to a minimum”



Grohmann (2009) parte do conceito de *habitus* do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) para explicar como essa estereotipagem atua no jornalismo. O *habitus* é entendido como um conjunto de práticas objetivamente classificáveis de um mesmo campo, o princípio unificador, construído historicamente, que norteia as regras de determinada área científica, profissão, etc. É a partir do *habitus* jornalístico, que se define quem será entrevistado, quem terá a voz reconhecida, como seus perfis serão traçados, como suas contradições serão abordadas, etc. Grohmann (2009) define esse processo como o poder simbólico de nomear – definido por Bourdieu (1989) como o poder que está em condições de obter reconhecimento –, isto é, a característica do jornalismo de enquadrar os acontecimentos a partir de esquemas pré-estabelecidos de representação, os estereótipos. É a partir de narrativas construídas por meio de estereótipos, pois, que o jornalismo cumpre um papel de conservação e legitimação do poder simbólico das classes dominantes.

### **3.3 A “imparcialidade” como barreira ao Outro**

Nesta dissertação, não se pretende fazer uma discussão sobre a validade de valores basilares do jornalismo, como objetividade, imparcialidade e neutralidade. Cabe, no entanto, fazer uma breve reflexão sobre o efeito que esses valores produzem na prática do jornalismo e por que podem ser considerados como empecilhos encontro com o Outro, quando não responsáveis por promover o seu apagamento.

Para Miguel e Biroli (2010), esses valores são utilizados por jornalistas como fiadores do ofício diante de pressões internas e externas ao campo, constituindo um elemento central no referencial ético compartilhado pela classe. Eles argumentam, no entanto, que a invocação desses valores não propicia o pluralismo político, o debate entre diferentes perspectivas e interesses, aspiração que está na gênese do ofício.

O cerne da questão proposta pelos autores é que o pluralismo, entendido como a abertura de espaço para todas as vozes existentes na sociedade, ignora as diferenças nas condições de acesso à informação por diferentes grupos de interesse. Alguns grupos têm acesso mais facilitado aos meios de produção de notícias e aos jornalistas que outros, seja pela técnica das assessorias de imprensa, seja pelo status oficial, seja por uma suposta relevância social que coloca alguns grupos como vozes a serem rotineiramente ouvidas.

A diferença nas condições de acesso é, por exemplo, ignorada pela perspectiva liberal, dominante, que acredita que a competição entre os meios de comunicação sem interferência estatal é suficiente para garantir o pluralismo de visões. “Subjaz a essa

perspectiva a crença de que o problema do pluralismo na mídia é, no fundo, um problema relativo ao provimento de informação veraz e objetiva. O pluralismo é, assim, um valor instrumental” (MIGUEL e BIROLI, 2010, p.62).

Nessa perspectiva, dizem os autores, a imparcialidade é entendida como ausência de posição social e um requisito para a construção de um entendimento válido de justiça, que não privilegie ou prejudique ninguém. No entanto, partindo da crítica à perspectiva liberal feita pelas autoras feministas Iris Marion Young (1997) e Nancy Fraser (1997), os autores argumentam que a reivindicação da imparcialidade acaba por formalizar a convivência entre igualdade formal e desigualdades efetivas, tornando-a não apenas aceitável, mas também legítima. Essa formalização de hierarquias de vozes na sociedade ocorreria por meio de um jornalismo que reivindica a técnica para apontar quais fontes são mais relevantes que outras, mais respeitadas, mais dignas de serem ouvidas, de produzirem uma verdade, enquanto silencia outros grupos sociais. Legítima a visão dominante na sociedade, amplificando-a, enquanto o que está à margem dela é tratado como o desviante.

O desafio para um jornalismo que se abre à alteridade não seria, então, tentar “integrar mais vozes” mantendo os mesmos critérios, os mesmos valores-notícia, mas romper com essa legitimação. A partir de Young (2000), Miguel e Biroli elaboram a ideia de que a

imparcialidade reforça a opressão ao transformar o ponto de vista de grupos privilegiados em uma posição universal. As diferenças são reduzidas a uma unidade que não apenas é artificialmente forjada como também é socialmente situada. A pluralidade é negada, já que se postula uma moral transcendente capaz de totalizar as perspectivas. Quem permanece fora dessa unidade transcendente é transformado em um ‘outro absoluto’, o que significa eliminar a alteridade como integrante efetiva do espaço público (MIGUEL e BIROLI, 2010, p.66).

A prática jornalística que reivindica uma suposta neutralidade como valor-guia é entendida como o instrumento utilizado pelos meios de comunicação para impor, ou melhor, conservar, uma visão de mundo dominante, isso porque a visão desviante é relegada ao silenciamento ou demarcada como aquela que foge à regra, portanto, tem pouco valor. A prática é, então, elevada ao posto de instrumento capaz de alcançar a verdade única dentro de um contexto liberal, essa verdade única dos fatos existe. “A imparcialidade, como valor-guia, colabora para a ocultação dos lugares de enunciação dos discursos e das redes de diferenciação que os caracterizam e fazem com que circulem

por determinados espaços e sejam aceitos como verdadeiros” (MIGUEL e BIROLI, 2010, p.66).

A inclusão do Outro, portanto, não poderia ser alcançada pelo ideal de igualdade formal entre todos os membros de uma sociedade, mas apenas quando os grupos subalternos, silenciados, são encorajados e possuem espaço para publicizar suas necessidades, interesses e perspectivas sobre a sociedade.

A tradição jornalística de dar os “dois lados” de uma notícia como técnica de objetividade usada para, supostamente, garantir um pluralismo social é questionada em relação aos critérios utilizados para definir quais são as vozes relevantes de um fato. Há sempre um lado que seria mais correto que o outro, seja aquele ao qual é garantido o maior espaço na produção da notícia, seja aquele colocado na condição de contestar a posição divergente. Tomemos novamente como exemplo a cobertura de greves e mobilizações na imprensa tradicional. O foco da cobertura noticiosa é tradicionalmente voltado, em primeiro plano, para atos de violência e para o impacto no trânsito. As demandas sociais acabam por ser ou silenciadas ou hierarquicamente colocadas abaixo das primeiras questões, como já afirmava Lippmann (2008) ao falar sobre a cobertura da imprensa sobre movimentos grevistas do início do século XX.

Miguel e Biroli (2010) frisam que há uma rede de estímulos e restrições que permeiam a atividade jornalística, como as rotinas de produção e socialização, que impõem determinadas práticas e visões de mundo como aceitáveis, moldando assim o discurso jornalístico padrão. É essa normatização que vai definir quais temas serão considerados relevantes, quais serão marginalizados e quais serão totalmente excluídos do noticiário. O mesmo acontece com a escolha das fontes, no sentido de que a reivindicação de valores como objetividade e imparcialidade tende à priorização de opiniões que possam ser consideradas como “técnicas” – o que, como se viu anteriormente, tende a ser a de um homem, branco, heterossexual e que segue determinado padrão científico.

Miguel e Biroli destacam que essas vozes consideradas técnicas são justamente aquelas que se enquadram no modelo que o jornalismo considera relevante e politicamente razoável, negando o acesso às demais visões existentes na sociedade. Na prática, é essa condição que reforça a autoridade de uma fonte oficial e considera a crítica como um desvio.

O equilíbrio constituído é, portanto, a reiteração das perspectivas sociais dos jornalistas, a partir de um conjunto específico de vozes chamadas a compor uma ordem discursiva fundada nos valores sociais compartilhados pelos integrantes do campo jornalístico em um dado momento (MIGUEL e BIROLI, 2010, p.70).

Ocorre que, segundo os autores, essa busca por uma fonte aceitável incentiva agentes sociais a se adaptarem aos padrões esperados pelo jornalismo para conseguir participar da discussão política, negando assim suas próprias identidades ou ao menos deixando de exercer suas identidades de forma plena. Para aqueles que não adotam o discurso dominante, restariam três opções: insistir na dicção própria e ser marginalizado ou apresentado como folclórico; adaptar-se ao modelo esperado, mas tornar-se incapaz de transmitir sua experiência vivida; ou aceitar o silêncio.

Se o jornalismo ambiciona oferecer uma plataforma para as vozes que se encontram à margem, o primeiro passo para isso é justamente identificar a existência dessa normatização e romper com ela. É no reconhecimento das diferenças de discursos que estaria a possibilidade de ir ao encontro do Outro. O desafio para o jornalismo que se abre para alteridade é, portanto, oferecer condições para que esses agentes sociais ora marginalizados possam expressar os seus valores para além das expectativas padronizadas do modelo atual.

A conclusão de Miguel e Biroli (2010) é a de que a verdadeira pluralidade exige a superação dos limites atuais da representação política no jornalismo e que diferentes grupos sociais possam produzir informação a partir de suas próprias perspectivas, o que implicaria o rompimento com a hierarquização de vozes. Salientam, porém, que não se trata de defender a substituição de vozes, isto é, passar a considerar os atuais grupos subalternos como fontes dominantes. O que os autores propõem é que a relação entre repórter e fonte seja guiada pela possibilidade do encontro, que rompa com as expectativas enraizadas nas rotinas profissionais.

No próximo capítulo, faz-se uma discussão sobre os modelos de jornalismo que podem promover tal ruptura.

## **4 O JORNALISMO QUE SE ABRE PARA A ALTERIDADE**

Existem gêneros de textos jornalísticos que possibilitam uma maior abertura para a alteridade e que podem expressar aquilo que Medina (2008) chama de “encontro” entre entrevistado e entrevistador. Este capítulo se propõe a uma reflexão sobre esses gêneros. A busca por um jornalismo que se abra para alteridade exige o emprego de procedimentos diferenciados em relação aos do jornalismo padrão, que tende a apresentar as fontes por meio de esquemas pré-estabelecidos.

Embora não se tenha a pretensão de revisar toda a literatura sobre o tema, neste capítulo procura-se explorar algumas práticas jornalísticas que se propõem a superar os modelos convencionais. Observa-se, no entanto, que as propostas aqui apresentadas não são excludentes.

### **4.1 Outras abordagens sobre as práticas jornalísticas**

Primeiramente, recorre-se a Resende (2004) para subsidiar a defesa da necessidade de produzir um novo tipo de jornalismo e uma nova maneira de estudar as práticas jornalísticas. O autor defende que é preciso mudar a chave de compreensão do trabalho jornalístico do que chama de "texto das lógicas" para uma "lógica do texto". A primeira, partindo de uma abordagem funcionalista, estaria fixada em analisar o conteúdo e os efeitos que as mensagens causam. Já a segunda destinaria o seu olhar para a narrativa<sup>4</sup>. “Nesse sentido, propor que se direcione o olhar à narrativa significa dar primazia ao ato jornalístico como prática discursiva, muito antes de privilegiar conceitos que aparentemente fundam todo e qualquer campo de conhecimento” (RESENDE, 2004, p.13).

Do texto das lógicas, afirma Resende, partiriam as narrativas "oficiais", que ele considera como atrofiadas porque seriam baseadas na crença de que sua construção depende de normas e regras previamente estabelecidas que, uma vez aplicadas ao texto jornalístico, seriam capazes de explicar os acontecimentos do mundo (RESENDE, 2004, p.11). Os jornalistas, com o intuito de serem pragmáticos, claros e objetivos, optariam por "narrar o óbvio":

---

<sup>4</sup> Resende emprega o termo “narrativa” com o sentido atribuído por Sodré (1986, p.11): “Todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”.

Na tentativa de resolver conflitos, ele [o jornalismo] se funda em regras e técnicas que pressupõem seu modo de falar do mundo. O discurso jornalístico, controlado e normatizado, conta histórias do cotidiano como se elas não fossem parte de constantes (r)evoluções (RESENDE, 2004, p.9).

Por outro lado, há vozes na sociedade, diz Resende, que clamam por uma narrativa do cotidiano que seja mais próxima de suas realidades e, para conseguir alcançá-las, seria necessário romper com a lógica anterior e centrar o olhar na narrativa, para que ela possa se fazer presente nas análises e reflexões sobre "a sociedade que constrói (e se reconstrói com) os meios de comunicação" (RESENDE, 2004, p.14). Afinal, seria a partir das narrativas que outros saberes poderiam ser construídos. "Se há alguma mediação possível, pelo menos em se tratando do campo dos media, ela acontece na e através da narrativa" (RESENDE, 2004, p.15).

Partindo do postulado de que a narrativa é o resultado de um processo de socialização do narrador, onde cada encontro, cada entrevista e cada contato cultural passado o ajuda a construir uma visão de mundo que permeará o texto, cabe então elaborar aqui a pergunta: qual é o modelo de narrativa que permite ir além desse processo de socialização e romper com o "texto das lógicas"?

Resende (2004) menciona o que chama de narrativas de resistência, que seriam as narrativas inferiorizadas e deslegitimadas pelos "padrões oficiais" de jornalismo, como, por exemplo, a dos moradores de rua. A lógica do texto, pois, negaria que exista um único modo possível de ler e falar do mundo, possibilitando a presença de outros narrares e legitimando-os dentro do campo jornalístico. Ele vai buscar na sociologia das ausências, de Boaventura de Sousa Santos (2002), o argumento de que a lógica moderna produz não existências, sendo a rua a própria ausência. Para o autor, a rua é entendida a partir da perspectiva de Da Matta, que opõe Casa à Rua, o privado ao público. Fazem-se necessárias, portanto, narrativas que abarquem as vivências e práticas dessas ausências e dessa rua.

A rua seria, assim, uma metáfora para a eclosão de narrativas extraoficiais – que não são tradicionalmente visibilizadas pelos meios de comunicação – a partir da emergência da sociedade digital, na qual o historicamente excluído do processo mediático encontra espaço para produzir os seus narrares.

A busca da rua romperia, segundo Resende (2004), com o texto das lógicas, com o jornalismo que se propunha enunciador, objetivo e técnico, e iria em busca da narrativa

do conflito. É a partir da lógica da rua que Resende acredita ser possível visualizar o que antes estava ausente, a comunicação como um processo dialógico.

Talvez, se recuperados e problematizados no ‘grande’ texto jornalístico – o que abrange sua dimensão teórica e prática – seja possível, no tempo presente, renovar práticas e saberes no campo, de modo a possibilitar maiores abrangências no que tange à compreensão dos modos de ler e tecer o mundo (RESENDE, 2004, p.26).

Pluralidade não é apenas seguir a fórmula de conceder o mesmo espaço editorial para pontos de vista diferentes, mas sim contemplar e incorporar o Outro, complementa Lago (2010). A autora observa que o Outro, além de ser representado como o diferente, o estranho, o que está fora da norma, também é comumente transformado na figura do inimigo. O reducionismo, a desconfiança e a hostilidade em relação a esse Outro que não pertence ao que é considerado público não é exceção, mas regra.

Lago (2010) afirma que o encontro com o Outro, isto é, a possibilidade de acolher narrativamente a alteridade, é dificultado pela própria formação do jornalista, tradicionalmente socializado nas camadas médias e altas da população e que, portanto, carrega um *habitus* de classe que estruturalmente afasta e desqualifica a alteridade. Nesse cenário, construir um jornalismo que incorpore o Outro exige que os próprios jornalistas percebam essa dificuldade e se deixem contaminar pela necessidade de desconstrução dos dispositivos da formação profissional que não os prepara para refletir sobre a questão da alteridade.

## **4.2 Jornalismo Literário**

Uma das principais tentativas de busca de um modelo de jornalismo que se abre para alteridade recai sobre o chamado Jornalismo Literário. Essa forma de escrever, aproximando o jornalismo da literatura, interessa aqui por algumas características que podem fazer parte da rotina da profissão e pela aproximação com outros campos do conhecimento, como a Sociologia.

Pena (2006) afirma que a relação entre jornalismo e literatura está presente desde as primeiras eras da imprensa. Uma das primeiras experiências que poderiam ser caracterizadas como Jornalismo Literário data ainda do século XVIII, quando Daniel Defoe, escritor de obras como “Robinson Crusoé” (1719), produz uma série de reportagens utilizando-se de técnicas narrativas de romances para tratar de fatos reais. Outro marco importante da relação entre jornalismo e literatura é o surgimento dos *folhetins* no século XIX. Originalmente caracterizados como um tipo de suplemento

dedicado à crítica literária e a assuntos diversos, os folhetins posteriormente se transformaram em espaços para a publicação de narrativas literárias. Com o objetivo de alcançar o maior público possível, esses textos adotavam linguagem simples e acessível, lançando mão de recursos de homogeneização cultural, como estereótipos e clichês. Com o passar do tempo e sua popularização, essas narrativas acabaram se tornando sinônimo do termo folhetim. Pena destaca que, ao longo do século XIX, diversos escritores cuja fama perdura até hoje escreveram para jornais, como Honoré de Balzac, Victor e Hugo e Alexandre Dumas (França), Charles Dickens (Inglaterra), Dostoiévski e Tolstói (Rússia), Machado de Assis e José de Alencar (Brasil). Mesmo que esses autores não produzissem textos jornalísticos tradicionais, acabaram por falar de seu tempo e de sua cultura e, dessa forma, influenciaram as narrativas jornalísticas que viriam depois. Os folhetins, portanto, já se caracterizavam como um híbrido entre jornalismo e literatura.

Lima (2014) diz que é na virada do século XIX para o XX que começam a aparecer na Inglaterra e nos Estados Unidos textos jornalísticos que adotam formas narrativas que lançam mão de recursos literários para contar histórias reais da vida urbana. Esse estilo passa a ser desenvolvido especialmente em revistas semanais norte-americanas, que proporcionavam aos seus profissionais autonomia, tempo e espaço adequados para a produção de textos com características literárias. O autor cita como exemplo desse tipo de publicação a revista *The New Yorker*, fundada em 1925. “Na década de 1920, os jornais principais já tinham, na sua maioria, optado pelo texto noticioso, objetivo e frio. A tradição narrativa elaborada como história contada está sobrevivendo mais nessas revistas [...]” (LIMA, 2014, p.58).

Essa autonomia, garantia de espaço, tempo e não imposição de limites para textos seria o primeiro elemento diferencial da *The New Yorker*. O segundo seria o compromisso editorial com a apuração dos fatos, o que era garantido por um departamento criado para conferir as informações factuais dos textos. Ele exemplifica:

Se a matéria diz que chovia na manhã de 3 de maio de 1928, em frente à Bolsa de Valores de Chicago, essa informação tem que ser apurada. Jornalismo literário tem bom texto, mas não deixa de ser jornalismo. O compromisso com a verdade factual é importante. O respeito aos fatos traz credibilidade, e essa qualidade é o maior tesouro da literatura da realidade (LIMA, 2014, p.59).



O terceiro elemento de inovação da revista seria o formato *perfil*<sup>5</sup>, que o autor caracteriza como um formato narrativo próprio e um gênero de texto que só existe no Jornalismo Literário.

Teria sido nas páginas da *The New Yorker* que John Hersey publicou, como reportagem, a primeira versão de “Hiroshima” (1946), que trazia como elementos a narrativa romaneada, utilizava fatos autênticos para reconstruir cenas e explorar as emoções dos personagens e apresentava diálogos interiores de forma novelística. Técnicas semelhantes seriam utilizadas por Truman Capote em “A Sangue Frio” (1966), considerado um dos marcos iniciais do Novo Jornalismo e o primeiro romance de não ficção publicado.

Pena (2006) afirma que esse movimento chamado de ‘*New Journalism*’ (Novo Jornalismo) emerge nos Estados Unidos a partir da “insatisfação de profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor” (PENA, 2006, p.53).

Lima (2014) diz que a inovação trazida pelo Jornalismo Literário, do qual o Novo Jornalismo faz parte, é a utilização de técnicas narrativas. O autor destaca que o Novo Jornalismo emerge nos anos 1960, por ser um período marcado por uma revolução cultural nos Estados Unidos. São os leitores da época e os próprios temas abordados pelos jornalistas do movimento – que variam desde a Guerra do Vietnã à gangue de motoqueiros “Anjos do Inferno”<sup>6</sup> (1967) – que exigem um mergulho visceral na realidade para a compreensão das mudanças em processo. “Para escrever sobre a realidade, mais do que nunca, o repórter precisa agora vivenciá-la. O que o leitor quer não é mais apenas o relato informativo asséptico, controladamente racional. O leitor exige experiência” (LIMA, 2014, p.69).

Pena (2006) afirma que o Jornalismo Literário é caracterizado pelo detalhamento dos acontecimentos e por descrições minuciosas. A partir de Wolfe (2005), o autor diz que os jornalistas buscam o caminho da subjetividade para fugir do “tom bege” da imprensa objetiva. Em seu manifesto<sup>7</sup> sobre o Novo Jornalismo, Wolfe registra quatro elementos básicos desse modelo: reconstrução da história cena a cena; registro de

---

<sup>5</sup>A conceituação e a discussão sobre o perfil será aprofundada mais adiante, no capítulo 6.

<sup>6</sup>Hell’sAngels, do original, em inglês.

<sup>7</sup> Publicado originalmente em 1973.

diálogos completos; apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registro dos hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens.

A partir da leitura de Wolfe, Freitas e Souza (2018) mostram que o primeiro elemento tem por objeto situar o ambiente em que a narrativa acontece. O diálogo realista, para Wolfe, seria o elemento que permite maior envolvimento do leitor com o texto. O ponto de vista preferencial era a terceira pessoa, pois o autor acreditava que narrar uma história em primeira pessoa limitaria o jornalista, pois a sua percepção do acontecimento não seria tão relevante quando a da fonte. Por último, o detalhe teria a função de “humanizar” os personagens, aproximar personagem e leitor.

Partindo de um estudo a respeito do Novo Jornalismo e de narrativas, Neveu (2016) vai propor um formato de produção que aproxima o jornalismo das práticas adotadas pelas ciências sociais. Ele afirma que os jornalistas que se filiavam à corrente chamada de ‘*New Journalism*’ compartilhavam uma questão que estaria no “coração das práticas das ciências sociais”: como falar com a sociedade? Para ele, reportagens desse período transformadas em livros como “Anjos do Inferno”, de Hunter Thompson<sup>8</sup>, caracterizam-se por investigar o ordinário da vida social e se fixar em detalhes, situações cotidianas e estilos de vida para produzir uma leitura da sociedade:

Essas reportagens têm, frequentemente, como ponto de partida a observação do mundo a partir da posição e, por vezes, do ponto-de-vista de personagens sem prestígio social – soldados no Vietnã em Michael Herr (1977) e Afeganistão em Sebastian Junger (2010), imigrantes mexicanos em Ted Conover (1988), um empresário dissidente em Richard Preston (1991). (...) Esse jornalismo visa retornar à factualidade do microcosmo observado, produzindo sentido a partir das experiências subjetivas de quem lá vive. Ele também questiona as implicações de sua própria posição de observador (NEVEU, 2016, p. 30).

O autor classifica como um dos elementos centrais desse tipo de produção jornalística o fato de serem “reportagens de imersão”. “Em primeiro lugar, as reportagens de campo podem ser associadas a muito investimento de tempo, e podem durar meses ou se estender por anos até que se transformem em uma publicação editorial” (NEVEU,

---

<sup>8</sup>Hunter S. Thompson é o criador e principal responsável pela popularização do Jornalismo Gonzo, movimento dentro do Jornalismo Literário caracterizado pelo envolvimento pessoal e intenso do jornalista, que se coloca como personagem para descrever os acontecimentos (PENA, 2006. p.56).

2016, p.30). Ele exemplifica essa necessidade citando como exemplo o livro “Coyotes”, em que o autor, Ted Conover (1987), constrói uma narrativa a respeito do modo de vida dos imigrantes mexicanos que cruzavam ilegalmente a fronteira dos Estados Unidos em busca de trabalho.

As coisas realmente importantes sobre as pessoas não aprendemos realizando entrevistas, reunindo estatísticas ou vendo-as na TV, mas passando a viver com elas. Para conhecer os mexicanos, você tem que aprender a sua língua, estar disposto a se acomodar em condições de vida menos confortáveis que a nossa e, especialmente se você parece tão diferente, e se você foi criado de maneira tão diferentes deles, como eu fui, você deve acreditar na ideia subversiva de que um ser humano é um ser humano, e que, com um pouco de esforço, seres humanos em todos os lugares podem compreender e até mesmo apreciar uns aos outros (CONOVER apud NEVEU, 2016, p.31).

Uma segunda característica é que essas reportagens seriam produzidas a partir de uma “abordagem sociologizante”, buscando observar o ponto de vista de agentes sociais comuns para fatos políticos, mudanças de costumes ou o cotidiano de “microcosmos sociais sem prestígio ou opacos” (NEVEU, 2016, p.31). Neveu avalia que essa abordagem traz à tona o desviante, contrapondo-se, assim, ao modelo de jornalismo praticado pela imprensa tradicional, que opera no sentido de marginalizar esses personagens, marcando-os a partir da reprodução de estereótipos.

Para Neveu (2016), o Novo Jornalismo produz uma reflexão sobre a própria escrita jornalística, indo no sentido de “questionar e transgredir os limites, as censuras e as impotências expressivas que podem causar uma escrita jornalística codificada pelos princípios da objetividade e neutralidade e pela retórica da pirâmide invertida” (NEVEU, 2016, p.32). Outra característica seria a atenção aos detalhes ao descrever a relação entre os personagens retratados.

Ele também quer representar os relacionamentos vividos, sem que esse trabalho seja visto como o de um porta-voz, nem produzir um discurso over, reproduzindo trechos de conversas de café da manhã, durante uma viagem, expressões possivelmente tão íntimas que vêm somente após um longo processo de convivência (NEVEU, 2016, p.32).

O autor afirma que empregar técnicas com o objetivo de dar dramaticidade à narrativa ou criar intrigas e suspenses aos moldes literários não significa que as reportagens produzidas a partir delas não possam ser consideradas relevantes no sentido de elucidação do funcionamento da sociedade. Pelo contrário, ele acredita que um

jornalismo baseado nessas técnicas pode aproximar-se da capacidade de “explicar e compreender” a sociedade, o que é característica e objetivo das ciências sociais.

O melhor do jornalismo literário às vezes pode reunir o melhor das ciências sociais na preocupação reflexiva de não se pensarem como incompatíveis às duas abordagens básicas do pensamento social: explicar e compreender, identificando mecanismos objetivos de causalidade e capturando o modo como os agentes sociais dão sentido às suas experiências. Um sociólogo que leia essas reportagens não pode, contudo, deixar de considerar que o que distingue esses textos de seus próprios é o fato de serem mais acessíveis ou atraentes, também provocando uma diferença quase sistemática entre o ‘explicar’ e o ‘compreender’ (NEVEU, 2016, p.35).

Afirma, contudo, que há um marcador de oposição entre o jornalismo e as ciências sociais, que é o fato de que o jornalista investiga o “como”, as circunstâncias, mas não produz investigação suficiente para elucidar o “porquê”.

Se a inteligibilidade produzida pelas ciências sociais consiste em determinar fatos sociais, sobre os quais iluminamos suas dimensões subjetivas e também com frias objetivações que rearticulam os microcosmos no macrocosmo, destacando as cadeias interdependentes que produzem efeitos locais, e construindo sistemas hierarquizados de explicações causais, as reportagens não possuem todo esse aparato explicativo. Elas trazem experiências inteligíveis, entrando em mundos sociais ignorados ou inacessíveis, popularizando o conhecimento, mas não oferecem uma “explicação”, nos termos das ciências sociais (NEVEU, 2016, p.36).

Para o autor, o jornalismo dá visibilidade a um problema social, mas não produz uma “desmontagem do sistema” que proporcione uma interpretação acerca de suas causas, o que se deve a limitações próprias da prática jornalística. Neveu (2016) retoma a obra de Hunter Thompson para exemplificar essa questão. Segundo ele, “Anjos do Inferno” tem por objetivo mergulhar no mundo da gangue de motoqueiros retratada na reportagem, mas é incapaz de explicar questões como quem são os grupos sociais com os quais Thompson se envolve. Ele diz que há uma tentativa de caracterizar esses indivíduos como oriundos de famílias com maior mobilidade espacial, mas ressalta que isso englobaria uma parcela significativa da juventude norte-americana, o que torna, portanto, a contextualização insuficiente.

### **4.3 A prática etnográfica**

Avançando na proposta de Neveu (2016), uma corrente de estudiosos da alteridade no jornalismo defende uma aproximação de saberes e a utilização de técnicas oriundas da antropologia, considerada a ciência fundada na alteridade.

Filiada a essa corrente, Lago (2010) parte de Malinovski, um dos autores clássicos, para afirmar que a antropologia é a busca do ponto de vista dos “nativos”, para compreender como se relacionam com a vida e qual é a sua visão de mundo. Na sua origem, contudo, o que ocorria era a busca do encontro entre o antropólogo e um Outro cultural e geograficamente distante. Entre o cientista estrangeiro e o nativo. A partir da evolução da ciência, quando o interesse de pesquisa se desloca de populações isoladas geograficamente para segmentos da população urbana, como as camadas populares, a busca do antropólogo também muda de foco. Passa a ser a compreensão das relações de poder que perpassam o encontro com o Outro, seja em relação ao pesquisador ou à sociedade.

A Antropologia possui um arsenal específico sobre as condições plenas de um encontro com o Outro. Um repertório reflexivo com questões, dilemas, paradoxos e conflitos inerentes a este confronto/encontro que, se compararmos, pode ressaltar a ausência de qualquer preocupação neste sentido junto ao jornalismo, lugar em que o Outro está dado e construído *a priori* dentro de estereótipos bastante claros: ou criminalizado (no mais das vezes) ou glamourizado em narrativas que o percebem descontextualizado (LAGO, 2010, p.173).

A autora acredita ser uma impossibilidade estrutural o jornalismo apreender e acolher o Outro em toda sua alteridade, sem reducionismos e estereótipos. No entanto, afirma ser possível torná-lo permeável a pontos de vista, ângulos, vivências e à possibilidade de o jornalista ser afetado pelo Outro quando se substituem as regras normativas da profissão por um olhar descentrado. Argumenta ainda que essa “impossibilidade” decorre menos das rotinas de produção e dos constrangimentos organizacionais e mais de valores específicos compartilhados no campo que levam à exclusão do diferente e impedem de percebê-lo plenamente.

Acredito que impera no jornalismo um acordo tácito envolvendo tanto empresas quanto jornalistas, que apagam da cena tudo aquilo que não pode ser compreendido pela lente do Mesmo. Falta ao jornalismo, de modo geral, um olhar inclusivo. Um contaminar pela possibilidade de entender e acolher visões de mundo radicalmente diferentes daquelas fruto das projeções sobre o público ideal (as camadas médias e altas urbanas) (LAGO, 2010, p.175).

Ela defende a ideia de que o enfrentamento dessa “impossibilidade” passa pela incorporação por parte dos jornalistas de um arcabouço reflexivo antropológico.

O principal instrumento de aproximação do jornalismo com a antropologia é a pesquisa etnográfica, que vai produzir o chamado jornalismo etnográfico. Autor no

campo de antropologia, Angrosino (2009) afirma que a pesquisa etnográfica é fundamentada na observação regular e repetida de pessoas e situações em campo, isto é, em cenários da vida real. Observação entendida como o ato de perceber um fenômeno a partir de técnicas e com um propósito científico. Ele destaca que essa observação não leva em conta apenas o aspecto visual, mas todas as fontes possíveis de informação.

Angrosino (2009) afirma que, diferentemente de outras ciências, como a biologia, a observação etnográfica não tem, como objetivo primeiro, preocupação com a padronização dos dados coletados, mas de observar a vida como ela é vivida em seu cenário natural. Ele ressalta, contudo, que há métodos para aproximar a etnografia da confiabilidade científica, como a padronização do registro e análise de dados. A antropologia também utiliza o processo chamado de triangulação, em que é feita a checagem dos dados observados com informações obtidas por meio de entrevistas e pesquisas em outras fontes, como arquivos. O jornalista vale-se de métodos semelhantes quando não se baseia apenas na observação direta ou no relato de terceiros, mas compõe sua narrativa por uma combinação da observação direta, entrevistas com testemunhas e informações advindas de outras fontes.

Em reflexão sobre a reportagem como experiência etnográfica, Girardi (2000) aborda o processo jornalístico que passa pelo repórter desenvolver uma relação de convivência com os sujeitos que serão retratados em sua obra. Ele afirma que, usualmente, o jornalismo etnográfico é praticado na chamada grande reportagem e, mais comumente ainda, em trabalhos que irão se tornar livros-reportagem.

Girardi (2000) diz que as origens desse jornalismo etnográfico remontam ao estilo literário conhecido como realismo social, em que os autores realizavam um trabalho de campo e se envolviam com certos grupos sociais para compreender suas tramas, morais e religiosas, o que depois seria transformado em literatura ficcional. É Tom Wolfe, segundo o autor, um dos pais do já citado Novo Jornalismo, que aponta o realismo social como uma das primeiras experiências de reportagem. Girardi afirma que João do Rio<sup>9</sup> foi um dos pioneiros na combinação de elementos antropológicos, literários e jornalísticos no Brasil. Essa inspiração etnográfica seria retomada com o Novo Jornalismo nos anos 1960.

---

<sup>9</sup> João do Rio era um dos pseudônimos de João Paulo Emílio Coelho Barreto (1881-1921), escritor e jornalista carioca que ficou conhecido por suas reportagens e crônicas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XIX.

O Novo Jornalismo exigia o mergulho mais completo possível na realidade, associando a objetividade descritiva às impressões do repórter, com a finalidade de reconstruir essa realidade imaginária para o leitor. A observação direta e a capacidade de descrição detalhada (espaço físico, estados emocionais) são os pontos centrais da reportagem e da narrativa (GIRARDI, 2000, p.3).

Lago (2010) afirma que tanto a antropologia quanto o jornalismo possibilitariam a construção de narrativas sobre a alteridade, buscando a correspondência entre a “vida real” e como ela é retratada. Para isso, a antropologia se utiliza de informantes, da observação e do discurso, enquanto o jornalismo constrói suas narrativas a partir do discurso das fontes e da observação.

Ambos interferem nas relações que retratam, mas enquanto a Antropologia atualmente identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o Jornalismo apega-se à noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes (LAGO, 2010, p.173).

A autora destaca ainda que as duas práticas operam a partir de uma relação dialética de aproximação e distanciamento. Porém, enquanto a antropologia busca transformar o exótico em familiar, o jornalismo adota a desconfiança como método para não incorporar de forma acrítica a “verdade dos informantes”. “Enquanto a antropologia se coloca a necessidade de apreender, compreender e acolher o Outro, o Jornalismo opera no sentido inverso” (LAGO, 2010, p.173-174).

Girardi (2000) afirma ainda que a prática etnográfica se caracteriza por um conjunto de procedimentos de coleta de dados e análise de informações baseados na observação direta, na entrevista, no contato prolongado com o sujeito/objeto de interesse, e tem por objetivo interpretar as formas de organização, representação, construção de identidades e experiências culturais de grupos sociais. Para o autor, a adoção dessa prática pelo repórter permite que ele fuja do modelo de texto que caracteriza a rotina jornalística, o que ele chama de *usina de textos*. Contudo, acredita que é um processo possível apenas na grande reportagem, pois é um modelo que permitiria ir além de um trabalho de campo *apressado*.

O autor faz a ressalva de que a reportagem se assemelharia a uma caricatura da prática etnográfica, pois não vai à totalidade das práticas vividas no bairro ou na cidade para analisar o acontecimento. Diferentemente do antropólogo, a preocupação do repórter não é com o todo, mas com o acontecimento isolado, o momento em que ele ocorre, e “só

se interessa pelo passado e pelo futuro na medida em que projetam luz sobre o real e o presente” (GIRARDI, 2000, p.4).

Argumenta, contudo, que a investigação etnográfica é útil ao repórter porque se trata de uma reflexão sobre métodos de dados e construção de esquemas mentais que lhe permitem interpretar uma determinada cultura. Ele ressalta também que muito da prática etnográfica já faz parte do trabalho do jornalista.

Essa ênfase na coleta de dados realizada de forma eminentemente descritiva (descrição do local, das pessoas, das situações e acontecimentos cotidianos ou eventuais), a reconstrução de diálogos ou opiniões alcançadas mediante entrevista e o levantamento de outros tipos de documentos como fotos, cartas, memorandos, diários pessoais, etc., que exigem do repórter justamente uma pesquisa de campo, faz com que este acabe utilizando de maneira inconsciente métodos etnográficos (GIRARDI, 2010, p.6).

Lago (2010) julga que o jornalismo repete o que o antropólogo Magnani identifica em estudos sobre a cidade como um processo de invisibilização de determinados atores e predominância de outros. Para Magnani (apud LAGO, 2010), a dinâmica da cidade no sistema capitalista – mudanças na paisagem urbana, propostas de intervenção e alterações institucionais – é referenciada a partir de atores que são, via de regra, representantes do capital e das forças de mercado. Já os moradores “propriamente ditos”, que dão vida à cidade a partir de suas sociabilidades, estilos de vida, deslocamentos e conflitos, ou não aparecem ou, quando aparecem, são apresentados como a parte passiva do processo urbano.

A autora observa que o mesmo ocorre no jornalismo quando se prioriza a escolha de fontes ligadas à macroestrutura, o que constitui uma “chave de leitura” que desqualifica e invisibiliza o Outro. Tendo como referência Magnani, Lago (2010) propõe uma mudança de foco do atual “de longe e de fora” para “de perto e de dentro”, o que ela vai definir como uma perspectiva antropológica. Esta mudança de foco, segundo a autora, permitiria ao jornalista um olhar afetado por pontos de vista, ângulos e vivências do Outro, em vez de percebê-los a partir de uma gramática profissional introjetada dos manuais e de redações que reduzem o Outro a estereótipos.

Para Angrosino (2009), faz parte da natureza dos indivíduos criar territórios privados dentro de um contexto público. Contudo, ao deixarem seus espaços protegidos, irão necessariamente ter de lidar com ‘estranhos’, com o Outro. Em relação ao que chama de sociedades tradicionais, diz que era possível adotar uma postura de “nunca confiar em



estranho”, mas que isso se tornou impossível com a emergência das sociedades urbanas, onde quase todos os atores são estranhos. Diante disso, o autor diz que o indivíduo lança mão de um tipo de conhecimento que lhe permite identificar os tipos sociais com os quais pode ter de lidar. Assim surgem os estereótipos. “Aprendemos a separar as pessoas em tipos ou categorias e reagirmos a esses tipos mesmo sem conhecer pessoalmente os indivíduos que os representam. Com toda certeza, isso leva inevitavelmente a formar estereótipos, às vezes com consequências infelizes” (ANGROSINO, 2009, p.83-84).

A observação etnográfica é, portanto, a ferramenta que permite ao pesquisador coletar dados de grandes grupos de pessoas e assim identificar padrões de comportamento de grupos. Nesta dissertação, é considerada uma técnica que, ao ser apropriada pelo jornalismo, permite produzir avaliações sociais que vão além dos estereótipos.

#### **4.4 Jornalismo de subjetividade**

Em sua busca por um jornalismo mais aberto ao encontro com a alteridade, Moraes (2018) acredita que um dos seus limites consiste na sua recusa em se livrar de critérios hierarquizantes. A autora defende um jornalismo que se abra para a subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana.

O jornalismo de subjetividade preconizado por Moraes (2018) não nega o valor tradicional da objetividade, mas o considera insuficiente para estabelecer relações mais horizontais entre repórter e personagem, superando os limites impostos por hierarquizações e estereótipos. Ela argumenta que o jornalismo de subjetividade não deixa de lado elementos basilares da prática profissional, como a pertinência da informação, a checagem minuciosa de dados e fatos, a clareza na escrita e tampouco recusa a busca pela verdade ou admite a possibilidade de distorção deliberada de um acontecimento ou fenômeno, mas desmistifica o jornalismo como agente social que “relata a verdade”, como “portador da verdade”.

A partir de Meditsch (1992), a autora afirma que o jornalismo que almeja ser produtor de um tipo de conhecimento deve dialogar com outras formas de socialização, abrir-se para a complexidade humana, refletir sobre os seus limites e romper com práticas quando elas deixam de ser potentes. “Entender as nossas limitações para chegar à conclusão de que a tal ‘neutralidade’ está tantas e tantas vezes permeada exatamente por esse nosso histórico, ou seja, nunca é neutra em si” (MORAES, 2018, p.89-90).

A autora afirma não ser possível “domar” o Outro em sua totalidade na prática jornalística, mas acredita que, ao englobar fissuras e subjetividades inerentes à vida, o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade com menos reduções, sendo esse um caminho para superar a utilização de clichês e lugares-comuns.

Moraes (2018) recorre à interpretação de Hirata, para dizer que a epistemologia feminista pontua que os critérios científicos de neutralidade, racionalidade e universalidade são permeados pela perspectiva dos protagonistas das classes dominantes – homens, ocidentais e brancos. Ao serem empregados pelo jornalismo, esses critérios resultariam no reforço desses padrões e no silenciamento de minorias, relegando-as ao papel de desviantes. Para a autora, a busca pela alteridade exige do jornalismo o rompimento com os locais de subalternidade reservados às minorias no discurso midiático.

França (2001) destaca que, na sociedade atual, marcada pela centralidade da mídia, não apenas os sujeitos das camadas baixas não ocupam um papel de destaque nas representações coletivas, como também não cabe a eles definirem a forma como são apresentados publicamente. "Essa definição não é deles, não são eles que falam; eles são falados pelo 'nós'. Um 'nós' que não é a maioria, mas fala como se fosse" (FRANÇA, 2001, p.5).

Os sujeitos, conforme a autora, se dão a conhecer pelos discursos que proferem. As identidades são construídas discursivamente, por meio de falas que projetam semelhanças com os semelhantes e diferenças com os diferentes. Para ela, o Outro é o diferente de um discurso, aquele que aparece não como fala, mas como alguém de quem se fala justamente para diferenciar o "Eu" ou o "Nós". "Ele é 'falado' pelos discursos identitários que, ao estabelecer o padrão (quem somos nós), vem exatamente posicioná-lo enquanto 'Outro' (o 'outro' do 'nós'))" (FRANÇA, 2001, p.4).

É um Outro que não ocupa lugar de destaque na mídia. Não aparece como "herói positivo, encarnando os bons valores que nos unificam e estabelecem nossa identidade" (FRANÇA, 2001, p.4). O lugar reservado a esse diferente são as páginas policiais e a aparição em programas popularescos que o conectam ao crime, às drogas e à violência.

Aprendemos a naturalizar essa distinção de lugar. Mas, se fizermos um esforço de estranhamento, constatamos que é no mínimo impressionante como tais associações – com crime, violência, ruptura – estão coladas à imagem do nosso ‘outro’ social. Imagens que revelam outros aspectos do que eles são, de

sua vivência, do seu lugar, não tem relevância social, nem midiática (FRANÇA, 2001, p.4).

O que há, sim, é um esforço de alguns veículos e profissionais para produzir um jornalismo que trata das vivências de populações marginalizadas, mas o que se questiona aqui é se isso significa produzir um jornalismo que exerce a alteridade. Falar sobre o Outro tão somente não significa romper com o caráter normatizador e hierarquizante do jornalismo. Pelo contrário, o jornalismo que destaca as histórias de sucesso de populações marginalizadas também pode reforçar estereótipos, como, por exemplo, as narrativas que sugerem que o subalterno que “venceu na vida” é aquele que se esforçou. Esse tipo de narrativa reforça a ideia de que a condição de miserabilidade dos indivíduos é resultado da sua falta de esforço.

Parece óbvio, por outro lado, que a abertura do mercado de trabalho para mais lugares de fala, que acontece no Brasil a partir da criação das cotas para negros e indígenas, por exemplo, ajuda a romper com essa norma. No entanto, o jornalista, como ressaltaram os estudos da sociologia do trabalho, de Tuchman (1993) e outros, está sujeito aos constrangimentos organizacionais, aos manuais de redação que foram produzidos por homens brancos de classe média. Portanto, não basta apenas abrir espaço para as minorias dentro da força de trabalho, é preciso romper com padrões já arraigados, buscar outro jornalismo.

A crítica de Moraes (2018) é que a “rede técnica” que compõe o jornalismo como área de conhecimento produz um jornalismo empobrecedor, porque reforça estereótipos e hierarquias. Essa rede levaria à adesão a elementos como: a) critérios de valor-notícia que fazem com que algumas pessoas mereçam ser vistas e outras não; b) certeza de uma verdade única apresentada pelo fato, que desconsidera os sintomas que tornaram possível esse acontecimento; c) pautas assentadas em fenômenos sociais não questionados ou em binarismos empobrecedores; d) crença de que o jornalista ‘dá voz’, em lugar de ser um porta-voz de vozes já existentes. Ao dizer que “dá voz”, o jornalista se coloca como protagonista, tirando o foco de quem deveria ser enquadrado. Portanto, a proposta é que em vez de se “falar sobre” alguém, se passe a “falar com”.

Falar DE não pode ser confundido com falar POR, e essa diferença precisa ser entendida integralmente. Nesse interior é que se estabelece o exercício fundamental: ao falar DE, nós podemos provocar a quebra de imagens/discursos que invariavelmente mantêm as coisas como elas são; ao falar DE, podemos criar condições que tornem possível trazer não apenas essas novas imagens/discursos, mas a chance de dividirmos o

espaço no palco com os próprios representados. E aí que passamos a falar COM (MORAES, 2018, p.96).

A avaliação da autora é justamente a de que por muito tempo o falar do Outro foi entendido como falar pelo Outro, em seu lugar.

Ijuim (2012) faz um questionamento semelhante ao que se faz nesta dissertação. Ele pergunta: o jornalismo humanizado é possível? O autor se refere ao trabalho de Eliane Brum e de Raul Pompéia para dizer que não só é possível, como há uma tradição no jornalismo brasileiro nesse sentido. Para ele, os textos de Eliane Brum humanizam porque não fazem julgamentos, respeitam a diversidade, não tratam sujeitos e objetos com preconceito, ou pré-conceitos, sejam ações governamentais ou personagens atípicos. Caracteriza o jornalismo humanizado, portanto, como aquele que adota uma postura sempre respeitosa diante das fontes e do público, trata de qualquer tema sem prejulgamentos, sem preconceitos, sem correr o risco de estereotipar ou cair em generalizações apressadas. “Em seu percurso no jornalismo transparece suas marcas de visão de mundo – abertura de mente e de espírito para compreender a complexidade da vida” (IJUIM, 2012, p.133).

Humanizar o jornalismo, para o autor, significa produzir narrativas que colocam o ser humano como ponto de partida e de chegada no seu ofício. Isso resulta, na prática, na busca por versões verdadeiras a serem oferecidas pelas fontes/personagens, e não por produzir uma verdade tal qual ambicionada no positivismo. Essa busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos e a essência dos fenômenos, atribuindo-lhes significados e sentidos que proporcionem ao público não uma explicação, mas a compreensão das ações humanas.

O jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura da curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). Como consequência, sua narrativa do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e de estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (IJUIM, 2012, p.133-134).

Como propõe Moraes (2018), o jornalismo que procura compreender o Outro não seria aquele que fala SOBRE alguém, mas COM alguém. É o encontro, não a mera descrição.

Veiga (2016) cita o trabalho de Fabiana Moraes como repórter no livro “O Nascimento de Joicy” (2015) como um exemplo de jornalismo que traz a alteridade como elemento central para uma reflexão crítica a respeito das práticas jornalísticas.

Fabiana não transforma as diferenças em desigualdades nas produções simbólicas da matéria, nem do livro. Sequer adota um viés sensacionalista ou reprodutor de estereótipos. Persegue a normativa jornalística no cumprimento das técnicas, como as da apuração (VEIGA, 2016, p.6).

Para destacar o papel da subjetividade do repórter nessa proposta de jornalismo, Veiga (2016) toma emprestado o conceito de “Livro de Repórter”, formulado por Marocco (2010). Esse conceito remete a um tipo de texto em que o autor desvenda o seu processo jornalístico, o que lhe permite problematizar suas práticas profissionais e complexificar a compreensão do que considera jornalismo. Veiga defende a ideia de que a subjetividade é a “matéria-prima para pensar sobre a prática”, o que resulta em um processo de cognição comprometido com dar sentido à realidade.

A percepção do jornalista sobre intrusão da subjetividade nas formas como uma realidade pode ser percebida e narrada parece ter se dado a partir da reflexividade sobre o encontro com o Outro. Afinal, um encontro com o Outro também pressupõe um encontro com o eu, sempre em relação (VEIGA, 2016, p.8).

Veiga (2016) aponta como dificuldades desse encontro entre diferentes o fato de que, por mais cuidado que o repórter possa ter, essa relação sempre aciona, mesmo inconscientemente, juízos de valor pré-estabelecidos. Ela diz que, mesmo preocupada em evitar esses juízos de valor, Moraes reconhece em “O Nascimento de Joicy”<sup>10</sup> que isso afetou a relação com sua fonte. Por exemplo, quando recebe doações de pessoas dispostas a ajudar Joicy, a jornalista opta por decidir para qual fim o dinheiro angariado será destinado, o que parte de um julgamento de que ela saberia melhor do que Joicy a melhor destinação para os recursos. “A interferência demonstra o quanto podemos reafirmar nosso diferente em posição desigual. [...] decidir impositivamente pelo Outro o torna incapaz de si” (VEIGA, 2016, p.9).

Para Veiga, é justamente a percepção da influência da subjetividade que permite ao repórter refletir sobre as suas práticas. Nessa perspectiva, são os jornalistas que podem propor perguntas diferentes do usual, pautar diferentes perspectivas de pensamento e

---

<sup>10</sup> "O Nascimento de Joicy" (2015), de autoria da jornalista Fabiana Moraes, é um livro-reportagem que acompanha o processo de transição sexual de uma ex-agricultora do interior de Pernambuco. Joicy é a personagem central do livro. Originalmente, o primeiro capítulo do livro foi publicado como uma série de reportagens pelo Jornal do Commercio, de Recife (PE).

provocar, com seus trabalhos, mais indagações do que oferecer respostas simplificadoras a situações complexas que têm capacidade de produzir melhores encontros com a alteridade. “Pois a alteridade e a noção de que o Outro é construído a partir de um nós pode ser revolucionário como uma noção central nos processos simbólicos do fazer jornalístico, e nisso os jornalistas passariam a ser entendidos e a se entender em suas centralidades nesses processos” (VEIGA, 2016, p.13).

Abrir-se para a subjetividade seria, portanto, uma forma de o jornalista romper com os padrões hierarquizantes que moldam o jornalismo tradicional. Esta é a aposta, como salienta Veiga (2016), de nomes do jornalismo brasileiro que têm procurado produzir reportagens que permitem uma conexão maior entre repórter, personagem e leitor, como a própria Fabiana Moraes, Daniela Arbex, Eliane Brum, entre outros.

## 5 REPRESENTAÇÕES E MÁSCARAS

Até aqui, discutimos as dificuldades do jornalismo moderno<sup>11</sup> em representar o Outro, aquele desviante, seja por utilizar-se de estereótipos reducionistas, seja pela adoção de estratégias que dificultam a compreensão desse Outro, seja pela produção de um jornalismo que descontextualiza o entrevistado e, assim, torna-se incapaz de entendê-lo em sua complexidade. Para ampliar esse debate, neste capítulo, discutimos o conceito de representação.

Um dos autores que trabalha com o conceito é Hall (1997). Ele afirma que a representação é o que conecta sentido e linguagem à cultura, o que significa que a representação é uso da linguagem para dizer algo com significado ou para representar o mundo de maneira significativa. "A representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e comunicado entre membros de uma cultura" (HALL, 1997, p.15, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Hall afirma que o processo de representação "dá sentido" a pessoas, objetos e eventos, sendo a forma pela qual podemos nos comunicar usando a linguagem. Citando o caso de um copo como exemplo, explica que a representação é o que permite que saibamos o que é esse objeto depois que o deixamos em um quarto e caminhamos para fora dele. Segundo o autor, é impossível pensar em um copo propriamente dito, apenas no conceito de copo que formamos mentalmente.

A representação é a produção de sentido de conceitos em nossas mentes pela linguagem. É o elo entre conceitos e linguagem que nos permite nos referirmos ao mundo 'real' dos objetos, pessoas e eventos, ou mesmo a mundos imaginários de objetos, pessoas e eventos ficcionais (HALL, 1997, pg.17, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Hall diz que há dois sistemas de representação. O primeiro é aquele pelo qual objetos, pessoas e eventos são relacionados a conceitos ou representações mentais, sem

---

<sup>11</sup> O termo jornalismo moderno é empregado aqui a partir do modelo teórico desenvolvido por Charron e Bonville (2014) que divide o desenvolvimento histórico do jornalismo na América do Norte em quatro grandes períodos, aos quais correspondem quatro paradigmas (modelos) jornalísticos: transmissão, opinião, informação e comunicação. Para os autores, um paradigma jornalístico é "constituído de postulados, de esquemas de interpretação, de valores e de modelos exemplares com os quais se identificam e se referem os membros de uma comunidade jornalística em um dado âmbito espaço-temporal"(CHARRON; BONVILLE; 2016, p.68). Neste sentido, a expressão jornalismo moderno refere-se a esquemas e valores que surgem a partir do período do jornalismo de informação e se mantêm no período do jornalismo de comunicação, que se institui a partir das décadas de 1970 e 1980.

<sup>12</sup> "Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture".

<sup>13</sup> "Representation is the production of the meaning of the concepts in our minds through language. It is the link between concepts and language which enables us to refer to either the 'real' world of objects, people or events, or indeed to imaginary worlds of fictional objects, people and events".

as quais seria impossível dar sentido ao mundo. Esses conceitos podem ser de coisas perceptíveis, materiais – como de uma cadeira –, ou complexos, como de morte, amizade ou amor. Esse sistema de representações consiste em uma forma de organizar e arranjar mentalmente conceitos de forma a estabelecer conexões entre eles. Por exemplo, estabelecendo similaridades ou diferenças que nos permitem dizer que um avião é parecido com um pássaro no sentido de que ambos podem voar, mas diferente porque um é produzido pelo homem e outro é oriundo da natureza.

Hall (1997) explica que duas pessoas podem criar mapas conceituais totalmente distintos em suas mentes, o que poderia significar em duas formas distintas de compreender o mundo. No entanto, só somos capazes de nos comunicarmos porque há conceitos compartilhados que nos permitem enxergar o mundo de forma similar. Segundo ele, é o compartilhamento de sentidos ou de mapas conceituais que significa pertencer a uma mesma cultura.

E esse compartilhamento de sentidos e de mapas conceituais não seria possível sem uma linguagem comum, o que significa que a linguagem é o segundo sistema de representação envolvido no processo de construção de sentido. “Nosso mapa conceitual compartilhado deve ser traduzido para um idioma comum, para que possamos correlacionar nossos conceitos e ideias com certas palavras escritas, sons falados ou imagens visuais” (HALL, 1997, p.18, tradução nossa)<sup>14</sup>.

São os signos que permitem a tradução de pensamentos (conceitos) em palavras, sons e imagens. Hall afirma ainda que a relação nestes sistemas de representação entre signo, conceitos e o objeto ao qual eles se referem é totalmente arbitrária. Isto significa que a palavra "árvore" não tem nenhuma relação com as árvores do “mundo real” e que outras palavras poderiam ser utilizadas para significar a mesma coisa. Nesse sentido, a palavra árvore funciona como um código dentro de uma linguagem comum para que se possa compreender do que se está falando. “O significado não está no objeto, na pessoa ou na coisa, nem na palavra. Somos nós que fixamos o significado com tanta firmeza que, depois de um tempo, parece natural e inevitável. O significado é construído pelo sistema de representação” (HALL, 1997, p.21, tradução nossa)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> “Our shared conceptual map must be translated into a common language, so that we can correlate our concepts and ideas with certain written words, spoken sounds or visual images”.

<sup>15</sup> “The meaning is not in the object or person or thing, nor is it in the word. It is we who fix the meaning so firmly that, after a while, comes to seem natural and inevitable. The meaning is constructed by the system of representation”



A representação, contudo, também pode ser uma ação que pode ser efetuada por um indivíduo. Um dos precursores e mais importantes sociólogos da comunicação, Robert Ezra Park (apud GOFFMAN, 2002) afirma que toda a pessoa utiliza uma máscara, isto é, está a todo momento, mais ou menos conscientemente, representando um papel. Seria através desses papéis que conhecemos uns aos outros e que conhecemos a nós mesmos.

Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos, o papel que nos esforçamos por chegar a viver, esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas (EZRA PARK apud GOFFMAN, 2002, p.27).

Se o indivíduo está sempre representando um papel, o que significa isso para o jornalismo? O risco que o jornalista corre é o de não perceber ou não saber identificar a “máscara” que está sendo utilizada por seu entrevistado naquele contexto, naquela situação, assim como não compreender a maneira como ele percebe a si próprio e como gostaria de ser percebido. Mesmo que a perceba, haveria ainda a dificuldade de interpretá-la e de representá-la na reportagem. Ainda assim, isso não significaria necessariamente uma relação de alteridade, porque se pode considerar que esta só é exercida quando o encontro entre entrevistador e entrevistado permite ir além de uma máscara específica.

Goffman caracteriza essa máscara, a representação, como "toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência" (GOFFMAN, 2002, p.29). A representação seria composta por estratégias empregadas por um indivíduo para exercer um papel social. Por exemplo, a estratégia que o carteiro utiliza para se identificar e ser identificado como carteiro, suas vestimentas, rotinas, etc. O autor observa que essa representação pode se dar de forma consciente ou inconsciente, ser sincera ou cínica. Pode, inclusive, ser conscientemente falsa, com o indivíduo empregando técnicas de comunicação para enganar o seu observador.

Inclinamo-nos a considerar as representações verdadeiras como uma coisa não organizada propositadamente, sendo produto não intencional da resposta inconsciente do indivíduo aos fatos, na sua situação. E tendemos a julgar as representações tramadas como algo que foi pessoalmente montado – um elemento falso colado ao outro, uma vez que não há uma realidade à qual os elementos do comportamento fossem a resposta direta (GOFFMAN, 2002, p.70).

A representação em Goffman (2002) é composta por uma série de elementos. A fachada é a representação padrão que o indivíduo adota para si mesmo. O cenário seriam os “equipamentos pessoais” do indivíduo, como vestuário, sexo, idade, altura, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, isto é, características físicas e de personalidade. Um terceiro elemento seriam os estímulos que formam a fachada, que ele divide em "aparência" e "maneira". A "aparência" são os estímulos que revelam o status social do indivíduo, enquanto a "maneira" revela como ele interage diante de uma situação, podendo ser uma maneira agressiva, humilde, etc.

O autor afirma que a adoção e a repetição de padrões de representação são adotadas pelos próprios indivíduos para facilitar a interpretação do seu observador – no caso de uma interação entre um comerciante com um cliente, o cliente exerce o papel de observador.

Em vez de ter de manter um padrão diferente de expectativa e de trato dado em resposta a cada ator e representação ligeiramente diferentes, pode colocar a situação numa ampla categoria em torno da qual lhe é fácil mobilizar sua experiência anterior e seu pensamento estereotipado. Os observadores, então, só precisam estar familiarizados com um pequeno vocabulário de fachada, de fácil manejo portanto, e saber como responder a elas a fim de se orientarem numa grande variedade de situações. Assim, em Londres a tendência geral dos limpadores de chaminés e dos empregados de perfumarias de usar aventais brancos de laboratórios ajuda a dar a entender ao cliente que as delicadas tarefas executadas por essas pessoas serão realizadas de uma maneira que se tornou uniforme, austera, digna de confiança (GOFFMAN, 2002, p.33).

Para o teórico em referência, é natural a criação de sistemas de organizações para tratar com determinados grupos. Faz mais sentido que o dono de uma fábrica crie determinadas categorias de funcionários para definir atribuições e salários do que tratar com cada um deles de forma individual. A diversidade ocorreria, portanto, dentro de um limitado número de padrões, estereótipos, arquétipos, isto é, de fachadas.

[...]uma determinada fachada social tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar e tende a receber um sentido e uma estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome. A fachada torna-se uma 'representação coletiva' e um fato, por direito próprio (GOFFMAN, 2002, p.34).

Goffman (2002) explica que as fachadas não são criadas pelos indivíduos, mas selecionadas entre padrões já existentes. Ele ressalta que há elementos, que chama de equipamentos de sinais, que se repetem entre fachadas sociais diferentes. Isto é, um advogado pode usar as mesmas roupas para conversar com um cliente ou ir ao teatro, pois

o equipamento é considerado adequado para ambos. Um indivíduo pode, então, ter tantas individualidades sociais diferentes quanto o número de grupos sociais distintos aos quais pertença. Isso se torna possível porque, graças à “segregação do auditório”, não desempenhará papéis diferentes diante dos mesmos observadores. Contudo, afirma que, na presença de outros, o indivíduo vai acentuar os sinais para que seja percebido de uma determinada maneira, no exercício de determinado papel social.

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionantemente fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, 2002, p.36-37).

Além de acentuar determinados sinais, também poderá dissimular outros. "Um ator cuida de dissimular ou desprezar as atividades, fatos e motivos incompatíveis com a versão idealizada de sua pessoa e de suas realizações" (GOFFMAN, 2002, p.51). Transferindo essa ideia para a interação entre entrevistador e entrevistado, poderíamos dizer que o segundo reforça a sua fachada durante o encontro para que seja percebido de determinada forma.

O autor destaca ainda que, assim como ocorre com atores teatrais, todos os indivíduos aprendem a desempenhar múltiplos papéis durante sua vida à medida que vão ocupando diferentes posições sociais, conseguindo alterná-los. Isto significa que um mesmo sujeito, ao longo de sua vida, exerce os papéis de filho, amigo, marido, funcionário, etc., sendo que, quando exerce mais de um em determinado tempo, é capaz de alternar esses papéis de acordo com a situação. "Quando chegamos a ser capazes de dirigir convenientemente uma rotina real, isto se deverá, em parte, a uma 'socialização antecipada', já tendo sido instruídos sobre a realidade que justamente se está tornando verdadeira para nós" (GOFFMAN, 2002, p.72).

A socialização, portanto, leva à construção de um repertório de ações do qual se lança mão diante de determinadas situações. Isto é, todos cumprem um papel, consciente ou inconscientemente.

Uma condição, uma posição ou um lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida, exibidas; são um modelo de conduta apropriada, coerente, adequada e bem articulada. Representado com facilidade ou falta de jeito, com consciência ou não, com malícia ou boa-fé, nem por isso deixa

de ser algo que deva ser encenado ou retratado e que precise ser realizado (GOFFMAN, 2002, p.74).

O autor diz ainda que os indivíduos têm a tendência de apresentar uma representação idealizada de si mesmos e, para isso, tendem a incorporar valores oficialmente reconhecidos pela sociedade. Esta fachada é ‘socializada’, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada. No caso dos entrevistados, a tendência é que eles se mostrem para o jornalista por meio de uma forma idealizada de si mesmos, incorporando valores que eles julgam serem esperados pelo jornalismo. A grande questão é se o repórter conseguirá se aproximar do seu entrevistado, propondo perguntas, como sugere Veiga (2016), diferentes do usual, que provoquem a reflexão. Dessa forma, no lugar respostas simplificadoras, o jornalista poderá chegar mais perto de situações complexas que possam produzir melhores encontros com a alteridade. Ou seja, conseguirá representar o outro de forma mais complexa.

A reportagem de perfil é um dos formatos mais adequados para possibilitar essa aproximação entre repórter e fonte, por isso o próximo capítulo é dedicado a esse gênero.

## 6 A RESPOSTA ESTÁ NO PERFIL?

Esta pesquisa foca um tipo de reportagem que, por sua natureza, mais se presta ao exercício da alteridade, o perfil. Os perfis cumprem o papel de gerar empatia, que é a "preocupação com a experiência do Outro" (VILAS-BOAS, 2014, p.273).

Para Vilas-Boas, perfis e biografias são semelhantes porque giram em torno de um personagem central. Nesse sentido, ambos são textos biográficos. Contudo, Vilas-Boas diferencia o perfil da biografia no sentido de que, enquanto o autor do perfil se concentra em apenas alguns aspectos de um indivíduo vivo, os autores de biografia "têm de enfrentar os pormenores da história do personagem – às vezes tendo de contemplar até suas ancestralidades e ocorrências póstumas".

O autor afirma que o foco do perfil seria a individualidade de uma pessoa. "Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto" (VILAS-BOAS, 2014, p.271). Por isso, diz que não existe um perfil de cidade, bairro, edifício, animal, etc., porque esses nada verbalizam por si mesmos. "Os perfis elucidam, indagam, apreciam a vida num dado instante, e são mais atraentes quando atijam reflexões sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc." (VILAS-BOAS, 2014, p.273).

Para Ferrari e Sodré (1986, p.125), o perfil acontece no "momento da narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem".

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (FERRARI e SODRÉ, 1986, p.126).

Os autores identificam três tipos de perfis: 1) O personagem indivíduo, um texto mais psicológico, direcionado às peculiaridades de alguém; 2) O personagem-tipo, que inclui os perfis de celebridades e ressalta o motivo pelo qual elas são famosas (talento, beleza, dinheiro); 3) O personagem-caricatura, que fala de pessoas com comportamentos inesperados, transgressores ou peculiares.

Lima (2014) afirma que o perfil é caracterizado por histórias centradas em indivíduos, famosos ou não. O objetivo não é traçar um retrato social mais amplo, explorar uma realidade contextual de um grupo, mas buscar compreender uma pessoa na sua complexidade e singularidade. Essa tentativa de compreensão passa por explorar o que o personagem central pensa, o que sonha, quais são os valores que o movem, quais são os medos, etc.

O perfil faz um trabalho intuitivamente psicológico de retratar a pessoa sob uma projeção de luz mais completa, capaz de iluminar tanto seus atos externos, no mundo que conhecemos, como seus conteúdos internos, da psique, desconhecidos por nós. São conteúdos, trazidos à consciência, que nos ajudam a compreendê-la de forma mais completa, como ser humano inteiro (LIMA, 2014, p.60).

O autor classifica o perfil como um formato do jornalismo literário, assim como a coluna narrativa e o ensaio jornalístico. “Todos têm de ter a narrativa (e não o comentário) como elemento principal de expressão” (LIMA, 2014, p.66).

Para Maia (2013), o diferencial do perfil é que a sua escrita não precisa ser balizada pelo texto convencional, aquele que busca responder quem, o que, quando, onde, como e por que, o que abre espaço para a produção de narrativas diferenciadas. A autora afirma que a produção jornalística se caracteriza pela presença de personagens, direta ou indiretamente, e que o perfil, particularmente, apresenta o personagem como protagonista do texto. O perfil tem como característica a descrição (interior ou exterior) do personagem. Como foi dito, ele se diferencia da biografia por ser um recorte e não ter a pretensão de retratar toda a história e todas as dimensões do sujeito. Portanto, um perfil pode ser escrito de forma literária, pode ser construído a partir da prática etnográfica e também pode ser feito com um olhar subjetivo, ou não. O estilo do texto vai depender do jornalista, mas o que interessa para esta pesquisa é que o perfil será sempre centrado em uma pessoa, ou seja, num Outro – não necessariamente o outro desviante.

Ao tratar da produção de um perfil em breve artigo, Villanueva Chang (2010) diz que esse formato jornalístico pode exigir um trabalho superior ao de qualquer outro, uma vez que exige uma busca por pistas, como se o jornalista fosse um detetive; a visão em escala de um historiador; a dúvida metódica de um ensaísta; a clareza de um professor; e o instinto narrativo de um escritor. É, portanto, um processo de desconstrução para a construção de uma tentativa de recompor as múltiplas facetas de um sujeito.

A partir da análise de perfis biográficos publicados na extinta revista *Realidade*<sup>16</sup>, Vilas-Boas (2003) elenca algumas características comuns do perfil jornalístico:

[...] imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes das pessoas; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana (VILAS-BOAS, 2003, p.24).

Consideramos que essas características dos perfis não produzem, por si só, uma aproximação com o Outro, principalmente do outro desviante, são antes marcas de autoria do jornalista.

### **6.1 O sujeito no perfil**

Considerando que esta pesquisa se propõe a fazer um estudo sobre a representação de pessoas perfiladas, faz-se necessária uma reflexão sobre o modo como o Outro é representado no perfil e as possibilidades que o gênero abre para isso.

Quanto à composição dos sujeitos nos perfis, Maia (2013) afirma, a partir dos estudos de Dosse, que até o século XIX as biografias buscavam articular a história de vida dos personagens com a estrutura social na qual estavam inseridos. Isso muda no século XX, quando ganham espaço trabalhos que focam perspectivas dissonantes de um “Eu que busca no Outro a reflexão sobre si mesmo” (MAIA, 2013, p.180).

Maia afirma que o perfil é uma composição textual feita a partir de angulações, sendo a angulação padrão aquela em que o sujeito é apresentado em uma perspectiva linear, a narrativa convencional, enquanto a angulação difusa é aquela em que a história de vida é narrada de forma irregular, abrindo espaço para o leitor compor a trajetória. “O perfil pode ser compreendido como a possibilidade de composição do sujeito pela escrita de sua trajetória no espaço e no tempo” (MAIA, 2013, p.177).

Dialogando com a ideia de “encontro” apresentada por Medina (2008), Maia afirma que esta evoca uma possibilidade de comunicação aberta, em que o jornalista constrói o presente a partir da interação social. Para Maia (2013), a produção de perfis exerce o papel de recorte na camada social a partir da singularidade vivenciada por um

---

<sup>16</sup> Revista brasileira criada pela Editora Abril em 1966 e extinta em 1976, caracterizada pela publicação de grandes reportagens e de perfis

indivíduo em constituição. “Se a base desse processo for a cultura gramaticalizada das grandes redações, não será possível a composição polissêmica do sujeito em evidência, dado que o modelo definirá a priori esse relato” (MAIA, 2013, p.181).

Partindo das ideias de Sodr e e Ferrari (1986), Maia aponta dois comportamentos possíveis do jornalista na produ o de perfis. O primeiro deles   o distanciamento, em que predomina a fala do entrevistado e a presença do autor   ocultada. O segundo   o de ressaltar a intera o, apresentando as impressões e experiências vividas no encontro entre entrevistador e entrevistado, o que marca um tipo mais autoral de texto. Maia (2013) ressalta que há ainda um terceiro modo de produ o, em que o autor desconhece o perfilado e irá apresentá-lo ao leitor a partir do encontro.

Vilas-Boas (2014), por sua vez, alerta que o desejo do jornalista de se colocar como protagonista pode acabar levando a uma das armadilhas do perfil. "Quando o autor se torna o protagonista sem uma razão justificável para tal. Nesse caso, perde-se o conceito de texto-perfil, modalidade que aborda o Outro – o mundo do Outro" (VILAS-BOAS, 2014, p.279).

Villanueva Chang (2010) questiona o que define uma pessoa: o que ela diz, o que ela esconde ou o que ela faz? Maia (2013) acredita que essas questões evidenciam a “subjetividade” latente do processo de composi o do sujeito. A autora afirma que os indivíduos nascem e se desenvolvem nas rela es humanas, que são construídas a partir do olhar do sujeito sobre si e sobre o Outro. Para ela, a singulariza o desse indivíduo exige uma relativa liberdade para quem escreve sobre o Outro.

Para retratar um sujeito, o jornalista pode simplesmente usar uma lente padrão e obter a imagem enquadrada pelo olhar mais direto, mas pode, sobretudo, experimentar outras lentes, as quais propiciem ângulos compositores de imagens fortes, fracas, grandes, pequenas, brilhantes, opacas, enfim, imagens recortadas do personagem perfilado (MAIA, 2013, p.176).

Alicerçada em Thompson, Maia (2013) afirma que os sujeitos conseguem se orientar por intermédio de esquemas de conhecimentos construídos a partir da experiência diária. Trazendo Berger e Luckmann, salienta que o sujeito sofre interferências das mais variadas media es. Contudo, se antes essas media es eram constituídas por institui es mais sólidas, como a família, a escola e a religião, na atualidade poucos se expõem a apenas uma comunidade de princípios e ideias de cada vez. O desafio do perfil seria, então, constituir, mesmo que em um recorte, esse sujeito construído a partir da crise de sentidos, um sujeito multifacetado, em um universo repleto de incertezas.



Um desafio que emerge quanto à verossimilhança da composição desse sujeito se refere à credibilidade da fonte a respeito de si mesma. Villas Boas (2003) diz que nem sempre é possível confiar na pessoa perfilada. “Sua imagem não pode ser pretendida, e talvez nem se considere que ela seja plenamente natural ou espontânea. Espontaneidade e artificialidades são oportunismos. Há casos em que a pessoa representa bem um papel” (VILAS-BOAS, 2003, p.225). Um segundo desafio diz respeito à capacidade do jornalista de trazer ao texto a subjetividade do seu perfilado.

Vilas-Boas (2014) argumenta que um perfil "funciona" quando as pessoas percebem que o "processo de seleção e recorte" feito pelo jornalista resultou em um texto que apresentou "as partes reveladoras do Eu Essencial do personagem", embora seja difícil definir o que seria esse “Eu Essencial”. “[...] A ideia de singularidade em um texto-perfil não tem a ver somente com a individualidade alheia. A singularidade é importante também no que tange ao(s) encontros(s) do autor com seu personagem” (VILAS-BOAS, 2014, p.274).

Para Vilas-Boas, o encontro é um elemento singular e decisivo do perfil, uma vez que os personagens não são "modelos em pose", o que torna impossível uma escrita premeditada. Por outro lado, ele considera que essa escrita deve levar em conta quatro processos fundamentais: 1) espaços; 2) tempos; 3) circunstâncias; 4) relacionamentos.

Os espaços são os locais dos encontros do autor com o protagonista e/ou com as pessoas próximas a ele/ela. Os espaços ampliam a percepção sobre o estilo de vida, entre outras coisas. Os tempos compõem a trajetória de vida do indivíduo. Essa trajetória não é necessariamente linear. O tempo está contido no lembrado (pelo protagonista e por seus coadjuvantes) e no vivido (autor e protagonista, juntos, aqui, agora). As circunstâncias englobam o imponderável. Caso o imponderável afete muito o processo de pesquisa e os diálogos, o texto então deve refletir também a consciência do autor sobre o que ocorreu nos bastidores. Os relacionamentos ('infinitos enquanto durem') trazem à tona as expressões (verbais e não verbais) intrínsecas ao protagonista. Os relacionamentos geram imagens, possibilitam 'insights' e deixam o que é indiscutivelmente o próprio personagem (VILAS-BOAS, 2014, p.278).

Vilas-Boas afirma que tanto a pesquisa quanto a narração do perfil implicam que o jornalista se deixe envolver com o personagem, mas ressalva que isso significa estar aberto à curiosidade e à surpresa, não em um sentido de envolvimento ideológico, religioso ou político. Ao falar em coadjuvantes, Vilas-Boas também atenta para o fato de que um perfil não deve ser construído apenas com a fala do próprio perfilado. Outras fontes relacionadas com a pessoa sobre a qual se está construindo o perfil devem ser

ouvidas. Portanto, o perfil pode ser considerado uma reportagem em que várias fontes serão incluídas, mas o centro da atenção será sempre uma pessoa e não um acontecimento. O que ocorre algumas vezes é que um acontecimento – como o lançamento de uma obra, por exemplo – pode servir de gancho para se construir o perfil de alguém.

Em termos de produção de perfis no Brasil, Vilas-Boas destaca, historicamente, o trabalho da revista *Cruzeiro*, além da já citada *Realidade*. Mais recentemente, aponta as revistas *piauí* e *Brasileiros* como exemplos de publicações que abrem espaço para o Jornalismo Literário e para perfis. Lima (2014) destaca que o jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba (PR), lançou a seção *Perfil: Histórias que Passam ao Nosso Lado*, em 2010, que consistiu em uma série de matérias publicadas semanalmente, aos domingos, por diversos jornalistas que contavam histórias de anônimos ou pessoas com fama em âmbito local. Em termos de autores recentes, o mais notório produtor de perfis é João Moreira Salles, da revista *piauí*. Mas também podemos destacar o trabalho de autoras também citadas anteriormente, como Eliane Brum e Fabiana Moraes, que transformaram em livros textos publicados originalmente em revistas e jornais. No caso de Eliane Brum, as duas obras antes mencionadas – “A Vida que Ninguém Vê” (2006) e “O Olho da Rua” (2008)<sup>17</sup> – incluem textos que podem ser considerados perfis. No trabalho mais conhecido e premiado de Fabiana Moraes, “O Nascimento de Joicy” (2015)<sup>18</sup>, também pode ser considerado um perfil, bem como a coletânea de textos “Os Sertões - Um livro reportagem” (2010).

No próximo capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada na análise de perfis do especial *Singular*, objeto empírico do estudo.

---

<sup>17</sup> “A Vida que Ninguém Vê” traz textos publicados no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS). “O Olho da Rua” é uma coletânea de textos publicados originalmente na Revista Época, de circulação nacional.

<sup>18</sup> Publicado originalmente em um caderno especial do Jornal do Commercio, de Recife (PE).

## 7 METODOLOGIA

A presente dissertação utiliza uma abordagem multimetodológica para alcançar o objetivo geral da pesquisa: analisar como pessoas retratadas em perfis jornalísticos se veem representadas nos textos publicados sobre si. Em um primeiro momento, foi utilizada a pesquisa bibliográfica para elaborar os cinco capítulos de revisão teórica que nos permitiram, pela ordem, dissertar sobre a conceituação de alteridade, a construção do Outro no jornalismo, modelos e propostas alternativas para um jornalismo mais afeito à alteridade, a representação do Outro e o formato jornalístico perfil.

Para a coleta dos dados analisados nesta pesquisa, foi utilizado o método entrevista em profundidade, que foi aplicado a fontes de reportagens do gênero perfil. Para tal, foram selecionados personagens de perfis que compõem o especial *Singular*, publicado no jornal *Zero Hora*, que será apresentado a seguir. Essas entrevistas foram transcritas na íntegra e, sobre elas, aplicada a Análise de Discurso francesa (AD), objetivando investigar se o sujeito perfilado se reconhece e se vê representado na reportagem. Ou seja, a AD é utilizada para a análise das entrevistas com os perfilados e não dos perfis em si.

### 7.1. Objeto de pesquisa

O objeto de estudo desta pesquisa é a representação que perfilados do especial *Singular* fazem de si próprios.

O especial *Singular* consiste em uma série de 98 reportagens publicadas em edições semanais pelo jornal *Zero Hora* e pelo site *GaúchaZH* entre fevereiro de 2017 e fevereiro de 2019. Sob o subtítulo "Um olhar sobre o Rio Grande", o veículo se propôs com o especial a contar histórias de personagens e locais únicos e diferenciados, singulares, de diversas cidades do Rio Grande do Sul. A página de apresentação do especial *Singular*<sup>19</sup> trazia a seguinte descrição: "A cada fim de semana, ZH vai revelar aos leitores pessoas e lugares do Estado muito especiais e pouco conhecidos".

No impresso, o texto acompanhado de fotos ocupava um espaço de duas a cinco páginas do caderno de fim de semana DOC. No online, o material era acompanhado por vídeos. Durante a primeira parte do especial, foi mantido um mapa interativo<sup>20</sup> que indicava as cidades pelas quais a reportagem do jornal já havia passado e agrupava todo

---

<sup>19</sup> Disponível em: [especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/](https://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/) Acesso em: 15/02/2020.

<sup>20</sup> Ibidem.

material já publicado. Com a mudança gráfica do site de *Zero Hora*<sup>21</sup>, o mapa deixou de ser atualizado e não conta com todas as reportagens publicadas no escopo do especial.

Em artigo publicado em 28 de janeiro de 2017<sup>22</sup>, o editor do caderno DOC, Ticiano Osório, explica que, inicialmente, os critérios de seleção dos personagens e locais a serem retratados eram o ineditismo, leveza da pauta, atrativo estético, a possibilidade de desvendamento de uma lenda, além de critérios logísticos. *Zero Hora* também aceitou sugestões de leitores sobre personagens e locais a serem explorados.

Os primeiros trabalhos são assinados pelos repórteres Itamar Melo e Bruna Scirea e pelos fotógrafos Carlos Macedo e Tadeu Vilani. Posteriormente, o projeto passou a envolver mais profissionais e contou, no fim da série, com pelo menos 22 assinaturas diferentes.

A análise preliminar das 98 reportagens publicadas revelou que 38 delas contam a história de uma pessoa, enquanto as demais são focadas em grupos ou, principalmente, em locais. Dessas, 24 podem ser consideradas perfis de personagens, uma vez que o foco é a vida dos entrevistados, enquanto 14 têm como principal foco o local ou o empreendimento no qual este personagem está envolvido. Das 24, 22 foram produzidas a partir do que se considera nesta pesquisa uma entrevista aprofundada com o próprio personagem principal da reportagem. As outras duas contam a história de pessoas já falecidas.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o *corpus* da análise foi amostral. Foram feitas entrevistas com cinco perfilados, selecionados por meio de sorteio (entre as 22 reportagens com pessoas vivas) para evitar que o processo fosse tendencioso. Essas cinco entrevistas realizadas, então, compõem o corpus de pesquisa que possibilitou a análise efetuada nesta dissertação desta dissertação.

## **7.2. Entrevista em profundidade**

Duarte (2006) destaca que a entrevista passou a ser utilizada como técnica metodológica de obtenção de informações nas ciências sociais na década de 1930, no âmbito da assistência social americana. A partir da década seguinte, seria também

---

<sup>21</sup> Em setembro de 2017, os sites do jornal Zero Hora e da Rádio Gaúcha foram unificados, passando a ser [gauchazh.com](http://gauchazh.com).

<sup>22</sup> Disponível em: [gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/bastidores-da-redacao/noticia/2017/01/um-conteudo-singular-9637587.html](http://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/bastidores-da-redacao/noticia/2017/01/um-conteudo-singular-9637587.html). Acesso em: 16/02/2020.

utilizada nos estudos sobre psicoterapia orientada para o paciente e, após a Segunda Guerra Mundial, passaria a seguir orientações metodológicas próprias.

O autor classifica a entrevista como um recurso que busca “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2006, p.62). Caracteriza-a ainda como um método voltado não apenas para a coleta de dados, mas em que também são aplicados os processos de interpretação e reconstrução pelo pesquisador.

[...] As perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhe, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (DUARTE, 2006, p.63).

Duarte afirma também que o método da entrevista não é voltado para o teste de hipóteses, tampouco para dar tratamento estatístico ou para descobrir as causas de um *fenômeno*, mas volta-se à compreensão de como o fenômeno é percebido pelo conjunto de entrevistados. Opera, portanto, no sentido de oferecer elementos para a compreensão de um problema. Com esse método, explica, a hipótese da pesquisa é substituída por pressupostos, “um conjunto de conjecturas antecipadas que orienta o trabalho de campo” (DUARTE, 2006, p.63). E complementa:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou este envolvido (DUARTE, 2006, p.64).

Segundo ele, a entrevista científica se aproxima da entrevista jornalística, pois ambas compartilham a característica de buscarem a extração de informações por meio de uma conversação orientada. Mas distinguem-se pelo fato de a primeira exigir a elaboração e a explicitação de seus procedimentos metodológicos, tais como o marco conceitual do qual se originam, os critérios de seleção de fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações obtidas (DUARTE, 2006, p.64).

De acordo com Rosa e Arnoldi (2008), as entrevistas podem ser classificadas de acordo com a estruturação e com o roteiro das questões utilizadas. Assim, podem ser estruturadas, semiestruturadas e livres. As entrevistas estruturadas são aquelas em que o pesquisador aplica o mesmo questionário padrão para todos os entrevistados e espera obter informações que podem ser comparadas entre si e tabuladas estatisticamente. As

semiestruturadas são aquelas que permitem que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos. É feita a partir de questionamentos mais profundos e subjetivos. Ela ainda exige que seja feito um roteiro de tópicos a serem abordados, mas comporta uma formulação flexível das questões. Já as entrevistas livres são aquelas em que não há uma lista de perguntas a serem feitas, que aplica questionamentos diferentes para cada entrevistado, de acordo com as suas características próprias.

Nesta dissertação, com o objetivo de investigar como os perfilados da série *Singular* se veem representados – e alcançar o objetivo geral de analisar as representações do “outro” em textos do gênero perfil jornalístico –, foram comparadas as respostas dos entrevistados em busca de padrões que pudessem emergir entre as diferentes entrevistas. No entanto, como eles foram questionados sobre as reportagens em que foram perfilados, fez-se necessária a aplicação de perguntas específicas para cada um, além de perguntas comuns a todos. Desse modo, o tipo de entrevista requerido foi o “semiestruturado”. Este estudo também utilizou a chamada “entrevista em profundidade”, que busca extrair dados biográficos do entrevistado, permitindo tanto questionamentos organizados com antecipação como outros que surjam durante a realização da entrevista (ROSA e ARNOLDI, 2008, p.33-34).

Rosa e Arnoldi (2008) destacam que as entrevistas só podem ser preparadas a partir dos objetivos da pesquisa e dos pressupostos levantados. Quanto à análise, elas podem ser separadas em dois tipos principais: qualitativas e quantitativas. Como esta pesquisa buscou obter respostas subjetivas de seus entrevistados sobre a forma como eles se veem representados nos perfis, o método de análise foi qualitativo.

Quanto à validade e confiabilidade das entrevistas, Duarte (2006) aponta três critérios relacionados a serem observados: a) os entrevistados devem ter capacidade de responder à questão da pesquisa; b) os procedimentos adotados devem garantir que as respostas sejam confiáveis e reproduzíveis; c) os resultados devem ser descritos de maneira a articular consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível. Considera-se que esta pesquisa observa todos esses parâmetros.

O autor sugere que os questionários das entrevistas semiabertas tenham entre “quatro a sete questões” pré-formuladas, o que pode ser considerado o núcleo de questionamentos, que depois serão desdobradas e aprofundadas a partir de cada resposta do entrevistado, o que ele compara à imagem de um funil, até que esse núcleo seja satisfatoriamente esgotado e se passe para o próximo. “Cada questão torna-se como um

tema de pesquisa que exige um quadro de referência e conhecimento anterior que permita aprofundar o tópico” (DUARTE, 2006, p.66). O pesquisador diz que este modelo permite a criação de uma estrutura de comparação entre as respostas obtidas de diferentes fontes.

Para realizar essa comparação e analisar as entrevistas com os perfilados foi utilizada, como já foi dito, a Análise do Discurso, tema da próxima seção.

### **7.3 Análise de discurso**

A Análise do Discurso francesa (AD) se origina a partir de Michel Pêcheux. Orlandi (2000) afirma que, apesar de ter sua origem na década de 1960, a AD é precedida por diversos estudiosos que se preocuparam com a estrutura de um texto, buscando uma lógica interna. A autora distingue a AD da Análise de Conteúdo, dizendo que a primeira não considera a linguagem como algo transparente, e está preocupada com a forma como o texto significa. A AD opera, assim, um deslocamento da questão “o quê” para “como”. Ela produz o conhecimento a partir do próprio texto.

Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra do discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2000, p.15).

A autora explica que a AD tem origem na relação de três domínios disciplinares distintos: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Da Linguística, traz a consideração de que a linguagem tem o seu objeto próprio, a língua, e que esta tem sua ordem própria. A não-transparência da língua advém do fato de que considera que a relação linguagem/pensamento/mundo não é uma relação direta que se faz termo a termo, isto é, passa diretamente de um a outro, pois cada termo tem sua especificidade (ORLANDI, 2000, p.19). Da mesma forma, traz do materialismo histórico o pressuposto de que o homem faz história, mas isto também não ocorre de forma transparente. “Reunindo estrutura e acontecimento, a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 2000, p.19). Da Psicanálise, traz o deslocamento da noção de homem para a de sujeito.

Na sua definição, a AD visa compreender a língua fazendo sentido. Isto é, não trabalha com seu caráter abstrato, mas com a sua aplicação no mundo, com a aplicação dos sentidos por seus falantes.

Levando em conta o homem em sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise

da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade (ORLANDI, 2000, p.16).

No campo do jornalismo, Benetti (2007) destaca que a AD é um método efetivo para dois tipos de estudo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos. O primeiro é destinado a identificar o caráter polifônico de um texto. O que interessa no presente projeto de dissertação é, em um primeiro momento, identificar os sentidos percebidos pelos entrevistados em seus perfis. Com o auxílio da AD, pretende-se analisar, a partir de suas respostas, se eles se sentem representados ou não. Dessa forma, pode-se perceber, também, em que trechos dos perfis suas vozes estão ou não efetivamente presentes. Posteriormente, visa-se identificar sentidos que emergem e se repetem nas falas dos cinco entrevistados.

Benetti compreende o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. “De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares” (BENETTI, 2007, p.107).

Se toda a linguagem é dialógica (BAKHTIN apud BENETTI, 2007), a AD está preocupada em estudar dois planos desse dialogismo: a interdiscursividade – a relação entre sentidos de discursos; e a intersubjetividade – a relação entre sujeitos. A autora afirma que é essa relação entre sujeitos, que faz com que discursos não existam por si mesmos, que leva à conclusão de que um discurso não contém uma “verdade intrínseca” ou uma “literalidade”. Isto é, um discurso depende tanto de quem o enuncia – no caso do jornalismo, o autor (ou autores) de um texto –, quanto de quem o lê. Para Benetti (2007), o jornalista pode, no máximo, direcionar a leitura para um sentido, mas não tem garantia ou controle de que o leitor o interpretará da forma pretendida.

Orlandi (1996) destaca como uma característica do estudo da linguagem o deslocamento do dado para o fato, que coloca a AD no campo do acontecimento linguístico e do funcionamento discursivo. Um campo que promove uma ruptura com a epistemologia positivista e adere a uma epistemologia histórica, suprimindo a separação entre objeto/sujeito, exterioridade/interioridade, concreto/abstrato, origem/filiação, evolução/produção. Ela afirma que a AD trabalha com a materialidade da linguagem ao considerar que os aspectos linguísticos e históricos são indissociáveis do processo de



produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O sujeito é, então, um *lugar de significação* historicamente constituído (ORLANDI, 1996, p.37).

A autora afirma ainda que, para a AD, o discurso não pode ser considerado um dado, porque ele resulta de uma construção que envolve um gesto teórico. A AD não opera, portanto, no campo das ciências positivistas, onde seria possível analisar o discurso como um dado autônomo. “[...] Em Análise de Discurso não se trabalha com as evidências, mas com o processo de produção de evidências” (ORLANDI, 1996, p.44).

A AD também vai romper com o esquema linguístico de emissor, receptor, código, referente e mensagem, em que o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor em um determinado suporte (código) que se refere a um elemento da realidade (referente). Para a AD, não há uma linearidade no processo comunicacional.

Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica, etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 2000, p.21).

A autora acentua também a ideia de que as palavras não pertencem a um indivíduo, pois são significadas a partir da história e da língua. Dessa forma, o próprio sujeito que enuncia uma palavra não seria capaz de compreender por si só os sentidos que atravessam essa palavra. “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2000, p.32). Todo *dizer* está localizado e retira seus sentidos da confluência entre a memória (constituição) e a atualidade (formulação). É pela forma como os discursos se relacionam (interdiscurso) que a exterioridade é suprimida no *dizer* para ser inscrita no interior da textualidade. “Para que as minhas palavras façam sentido, é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2000, p.33).

A AD preocupa-se em compreender *como* objetos simbólicos produzem sentidos. No entanto, não existe uma *chave* para interpretação de discursos. A tarefa do analista é constituir um método e um dispositivo teórico que permita interpretar um discurso de forma que possa explicitar como o texto “organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (ORLANDI, 2000, p.27). Uma análise nunca será igual a outra, porque o pesquisador irá sempre conduzir a sua investigação sobre um texto a partir do seu *problema* e irá mobilizar conceitos diferentes. Assim, um mesmo texto permite

que diferentes analistas façam distintos recortes e obtenham resultados distintos. “O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2000, p.27).

Alicerçada em Foucault, Orlandi explica que o sujeito discursivo opera desde uma posição que ocupa e se relaciona com os outros. Uma posição que está impregnada por uma exterioridade que não lhe é acessível. Por exemplo, quando uma mãe fala “*Issso são horas?*”, ela fala de uma posição que a significa, que lhe dá identidade. O mesmo ocorre com a fala de uma professora, de uma atriz, de um jornalista, etc. Dessa forma, uma mesma palavra pode ter um significado diferente dependendo da posição que o seu enunciador ocupa e da formação discursiva<sup>23</sup> em que está inscrito. Nesse sentido, aproxima-se de Goffman (1975) quando este diz que o indivíduo irá exercer um papel social dependendo da situação que tem pela frente.

Orlandi elenca ainda três mecanismos que regulam o funcionamento dos discursos. O primeiro deles é o de que não existe discurso que não se relaciona com outros. “Todo discurso é visto como um estado de um processo contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso” (ORLANDI, 2013, p.39).

O segundo diz que os discursos operam pelo mecanismo da antecipação, o que significa que um sujeito vai modular a sua fala pelo efeito que pensa produzir em seu interlocutor. A autora diz que o discurso ainda é constituído pela relação de forças, isto é, pelo lugar a partir do qual o enunciador fala. “Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno” (ORLANDI, 2013, p.39). Como a sociedade é hierarquizada, a fala do professor vale mais que a do aluno, diz a autora.

Orlandi explica que à lógica pela qual operam esses mecanismos de funcionamento do discurso se dá o nome de “formações imaginárias”.

(...) Não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (ORLANDI, 2013, p.40).

---

<sup>23</sup> O conceito de formação discursiva será apresentado no segmento 7.3.1

Orlandi destaca ainda que o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, tanto do locutor, quando do interlocutor, e do objeto do discurso dentro de uma conjuntura sócio-histórica. São essas imagens que constituem as diferentes posições que podem ser ocupadas pelos sujeitos.

"E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. Daí que, na análise, podemos encontrar, por exemplo, o operário falando no lugar do patrão" (ORLANDI, 2013, p.40).

A autora afirma que é através da identificação do imaginário que condiciona os discursos dos sujeitos que é possível compreender melhor o que está sendo dito.

É função do analista, pois, identificar essas diferenças a partir de dispositivo que conjugue descrição e interpretação. Esse dispositivo deve ser imbuído de uma carga teórica que permitirá ao analista produzir um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação. "Esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação" (ORLANDI, 2000, p.61).

Orlandi (2000) diz que a AD não é um processo que se pretende exaustivo, uma vez que todo discurso se relaciona com um discurso anterior e aponta para outro. O que ele faz, portanto, é um recorte e uma análise de um estado do processo discursivo. A própria construção do *corpus*, por si só, já passa pela seleção das propriedades discursivas a serem analisadas.

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para 'reger' a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação (ORLANDI, 2000, p.64).

Benetti (2007), por sua vez, destaca que toda metodologia deve ser condizente com a lógica de uma perspectiva teórica. Portanto, a reflexão sobre a Análise de Discurso deve partir de uma teoria sobre o jornalismo. A autora circunscreve a metodologia à perspectiva construcionista, que considera toda representação uma construção subjetiva da realidade.

De acordo com Benetti (2007), o jornalismo se caracteriza por construir sentidos sobre a realidade, em um processo contínuo e de mútua interferência. Apoiada em Traquina, a pesquisadora aponta a existência de seis condições que afetam a construção de uma notícia: a realidade, ou os aspectos manifestos do acontecimento; os constrangimentos organizacionais; as narrativas que orientam o texto jornalístico; as

rotinas de trabalho; os valores-notícia; as identidades das fontes e seus interesses. “A compreensão dessas condições não é acessória, e sim um pressuposto para qualquer estudo do jornalismo” (BENETTI, 2007, p.111).

A análise dos sentidos do discurso jornalístico busca compreender a estrutura de um texto a partir do que vem “de fora”, sendo o texto apenas a parte visível de um processo que se inicia em “outro lugar” – na sociedade, na cultura, na ideologia ou no imaginário. O papel do pesquisador que adota essa metodologia, segundo Benetti (2007), é o de perceber a dupla camada que compõe um texto: a discursiva e a ideológica. Esta segunda camada é, segundo ela, externa e anterior ao texto, mas responsável por determinar a produção do discurso.

### 7.3.1 Formações Discursivas

O primeiro passo a ser dado pelo analista do discurso é identificar as formações discursivas (FDs) no seu *corpus*, o que Benetti (2007) define como uma *região de sentidos*. Isso significa fazer um mapeamento de sentidos que deverá resultar no agrupamento de significados que compartilham um “sentido nuclear”, comum.

A autora destaca que, pela lógica da AD, um sentido é aquilo que pode ser dito em um contexto específico, por um sujeito em particular e direcionado por uma ideologia. O que leva à conceituação formulada por Pêcheux de uma FD como “aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito” (BENETTI, 2007, p.112).

Orlandi (2000) explica que, para a AD, as palavras isoladamente não têm sentido, pois o sentido deriva das formações discursivas inscritas no texto, sendo objetivo do estudo do discurso explicitar como linguagem e ideologia se articulam em um determinado texto. Orlandi (2000, p.43), a partir de Pêcheux, explica que “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Pelo conceito de formações discursivas, é possível compreender o funcionamento de um discurso. Dessa forma, palavras diferentes podem ter o mesmo significado porque se inserem em uma mesma FD, enquanto palavras iguais podem ter significados diferentes quando se inscrevem em FDs diferentes.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto da interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca de subjetivação e, ao mesmo tempo,

o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2000, p.47).

Borges (2013) situa a origem do conceito de formação discursiva nos estudos de Foucault. De acordo com Gregolin (2007), ele observa, no entanto, que Foucault nem sempre esteve de acordo com as abordagens da AD francesa que se origina em Pêcheux. Em Foucault, as *formações discursivas* são constituídas por grupos de enunciados que se relacionam entre si. Borges assinala que o interesse de Foucault era pelas *regularidades* do discurso. “O conceito de formação discursiva empresta ao estudo do discurso uma orientação fundamental no sentido de compreender fenômenos, indicando origens, preexistências, num ‘feixe complexo de relações’” (BORGES, 2013, p.82-83).

Essa percepção vai contra a caracterização de que discursos possam ser absolutos, tampouco de que existe um *texto ideal*, pois a AD considera que as formações são sempre mutáveis. Não param no tempo, mas são resultado de uma série de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Borges (2013) destaca que, em fase tardia, Pêcheux vai se aproximar de Foucault sobre os processos de formação discursiva, enfatizando seus mecanismos de interação, mudança e consolidação.

Ao buscar Maingueneau, Borges (2013) assinala que há um constante processo de negociação no encontro de formações discursivas, em que a presença do Outro terá participação essencial no que se forma a partir desse diálogo. Encontros que possibilitariam a aparição de um discurso provido de alteridade, mas que guarda consonâncias e divergências com os discursos que o originaram. Essa relação entre discursos, a *interdiscursividade*, é o que faz com que no seu objeto de estudo, o Jornalismo Literário – já comentado nesta dissertação e relacionado com o perfil –, estejam presentes elementos tanto do jornalismo quanto da literatura.

Um dos discursos pode até preponderar sobre o outro, soterrar algumas de suas características, promover mudanças profundas em vários de seus elementos, mas o conceito de formação discursiva apresentado por Foucault não autoriza a afirmar que haja o desaparecimento completo de um discurso em prol do outro. O que pode acontecer é o surgimento de uma terceira formação, híbrida e mais voltada para um dos discursos que vieram a constituí-la (BORGES, 2013, p.87-88).

Para efeito de análise de um texto jornalístico, Benetti (2007) recomenda que o pesquisador elabore um quadro de FDs, justificado explicitamente pelo próprio texto e que esteja de acordo com os objetivos da análise. Uma vez identificadas, pelo padrão, as

FDs devem ser numeradas ou nomeadas, com o seu sentido nuclear identificado. A autora ressalta que a análise sempre é feita a partir do problema que a pesquisa se dispõe a estudar. Portanto, como primeiro passo, cabe ao pesquisador “localizar as marcas discursivas do sentido rastreado, ressaltando as que o representam de modo mais significativo” (BENETTI, 2007, p.113). Posteriormente, continua, deve agrupar os sentidos que se aproximam em formações discursivas mínimas e identificar, fora do texto, os discursos – a camada ideológica – que atravessam o discurso jornalístico. A análise desses sentidos será feita a partir de trechos recortados de um texto, as chamadas sequências discursivas (SDs), que consistem em trechos “(...) que arbitrariamente recortamos para análise e depois utilizamos no relato de pesquisa” (BENETTI, 2007, p. 113). As SDs devem estar diretamente relacionadas com os sentidos que o analista pretende descobrir a partir de seu objetivo de pesquisa e, por padrão, devem ser numeradas.

### **7.3.2 Paráfrase e polissemia**

Na dinâmica que compreende a formação discursiva, há um jogo, segundo Borges (2013), entre o já dito e o que ainda não foi dito, que possibilita tanto a sua repetição quanto a ruptura. Um movimento de idas e vindas que trabalha com os conceitos de paráfrase e polissemia. A paráfrase pode ser considerada como aquilo que se repete no discurso, algo que já está consolidado, pontos de uma formação anterior em outra que está se construindo. Já a polissemia é o que há de novo, de original, em um discurso que se constitui.

Orlandi (2000) afirma que os processos parafrásticos decorrem do fato de que todo *dizer* é afetado por algo que se mantém: o dizível, a memória. “A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer” (ORLANDI, 2000, p.36). A autora afirma que todo discurso opera na tensão entre o mesmo (parafrástico) e o diferente (polissêmico), o que faz com que nenhum sujeito ou sentido esteja acabado, podendo sempre ser outro. A AD considera que a paráfrase – os sentidos que se repetem – é a matriz do sentido, enquanto a polissemia é a fonte criativa da linguagem.

Borges (2013) ressalta, contudo, que a paráfrase não pode ser considerada mera repetição textual, tampouco a polissemia como ruptura ou refutação gratuitas.

No discurso, paráfrase e polissemia compartilham o mesmo espaço para que, conjugadas, possam explicitar sentidos. Essa espécie de reciclagem discursiva, em que o reaproveitamento do já utilizado serve de alavanca para se construir algo novo, aponta

caminhos diferenciados para os discursos numa aparente antinomia (BORGES, 2013, p.109).

Utilizando como exemplo o estudo de Borges (2013), pode-se dizer que o Jornalismo Literário é parafrástico, porque carrega discursos fundadores tanto do jornalismo quanto da literatura, e ao mesmo tempo pode ser polissêmico quando apresenta elementos originais.

Ao adotar a AD como método de análise das entrevistas feitas com personagens da série *Singular*, esta pesquisa busca identificar sentidos que se repetem nas falas das fontes (paráfrases). É preciso salientar que, se considerarmos que todo o discurso é atravessado por outros discursos, necessariamente devemos descartar a ideia de que um discurso possa ser exclusivo a um indivíduo. Portanto, a alteridade que se está buscando aqui não é a compreensão do Outro por um discurso que lhe seria único, mas por aquilo que o diferencia daquele lugar padronizado que o jornalismo lhe atribui pela adoção de estereótipos. Compreende-se, assim, que o exercício da alteridade no jornalismo caminha em direção à abertura para uma multiplicidade de discursos, e não para a pretensão de captar o Outro em uma suposta essência individual. Além disso, pretende-se identificar se esses perfilados podem ser considerados o Outro no jornalismo, ou, como já foi dito, o Outro desviante da norma.

No próximo capítulo, são apresentados os procedimentos de análise e a análise realizada a partir de entrevistas feitas com os cinco perfilados sorteados da série *Singular*, de *Zero Hora*.

## 8 ANÁLISE

Ao combinar as metodologias de entrevista e de Análise de Discurso, este capítulo tem como objetivo identificar as formações discursivas que aparecem nas falas de entrevistados para perfis jornalísticos da série *Singular*, de *Zero Hora*, e analisar se elas permitem dizer se as fontes se sentiram representadas ou não nos textos biográficos dos quais são os personagens principais. É importante deixar claro que não são os textos dos perfis que são analisados e sim as falas das entrevistas concedidas para esta pesquisa.

### 8.1. Procedimentos de análise

A análise preliminar de todas as 98 reportagens publicadas na série *Singular* revelou que 38 delas contam histórias de trajetórias pessoais, enquanto as demais são focadas em grupos ou, principalmente, em locais. Das 38, 24 podem ser consideradas perfis de personagens, uma vez que o foco é a vida dos entrevistados, enquanto 14 têm como principal foco o local ou o empreendimento no qual o personagem está envolvido. Dos 24 perfis, 22 foram produzidos a partir do que se considera entrevista aprofundada com o próprio personagem da reportagem. As outras duas contam a história de pessoas já falecidas.

Por essa razão, foram consideradas, num primeiro momento, essas 22 reportagens, para, posteriormente, serem selecionados cinco personagens para serem entrevistados para esta pesquisa com o objetivo de tentar compreender como eles se veem representados nos textos publicados. Considerou-se que esse seria um número significativo para perceber paráfrases de sentidos.

Previamente à etapa da qualificação, foi realizada uma entrevista-piloto com o perfilado da reportagem “Valdomiro está sempre correndo”. O critério de escolha para este entrevistado foi a proximidade geográfica com o pesquisador, visto que a maioria dos perfilados em *Singular* é de moradores do interior do Estado<sup>24</sup>. Decidiu-se manter esta primeira entrevista dentro do *corpus* definitivo.

O passo seguinte foi definir um critério de seleção para os outros quatro entrevistados, o que resultou na escolha do método de sorteio. Contudo, por questões logísticas e dificuldade de contato, o perfilado da reportagem “O país de um homem só”, que mora em uma região muito afastada, foi excluído do sorteio. Por se tratar de uma

---

<sup>24</sup> Ver Tabela 1.



pesquisa que exige um exercício de memória, também foram excluídos do sorteio três perfilados que já passaram dos 80 anos, das reportagens “Segredos do Papai Noel”, “A benzedeira de São Borja” e “A caminhoneira de Não-Me-Toque”. Restaram, então, 18 perfis, dos quais quatro seriam sorteados.

A cada um desses 18, foi atribuído um número (ver tabela 1) e foi realizado um sorteio eletrônico por meio de um website<sup>25</sup>. Inicialmente, foram sorteados, pela ordem, os números 9, 10, 17 e 8.

**Tabela 1: Perfilados na série Singular**

Nome	Título	Idade	Cidade	Por que foi considerado singular	Raça	Gênero	Profissão
1) Eliane Portella	A mulher que mora perto do sol	67	Caxias do Sul	Mora no apartamento mais alto do RS	Branca	Mulher	Médica
Hamilton Coelho <sup>26</sup>	O país de um homem só	Não diz	Barra do Chuí	Faz esculturas com ossos de animais marinhos e destroços de embarcações	Branco	Homem	Artista Plástico
2) Vanderlei Holz Lermen	Entre a roça e o face	26	Boa Vista do Buricá	Agricultor do interior do RS que virou comunicador, poeta e faz sucesso na internet	Branco	Homem	Agricultor
3) João Paulo Denardi	Professor Pardal de dois Lajeados	38	Dois Lajeados	Inventor que criou um parque turístico	Branco	Homem	Inventor

<sup>25</sup> Website: <https://sorteador.com.br/>. Acessado em 20 de novembro de 2019.

<sup>26</sup> Retirado do sorteio por questões logísticas.

Nilo Laschuk <sup>27</sup>	O possante gaúcho	Morto	Porto Alegre	Criador do carro Miúra	Branco	Homem	Empresário
Nahyra Schwanke <sup>28</sup>	A caminhoneira de Não-Me-Toque	86	Não-Me-Toque	Mais antiga motorista de caminhão do Brasil	Branca	Mulher	Caminhoneira
4) Leoni Dorneles da Silva	O missivista compulsivo	64	Santana da Boa Vista	Escreve dezenas de cartas por dia para pessoas conhecidas e desconhecidas	Branco/pardo	Homem	Comerciário, empresário, agricultor
5) Chico Polanski	A oficina da arte	38	Giruá	Luthier que ganha a vida consertando e construindo instrumentos em pequena cidade do interior	Branco	Homem	Luthier/ Músico
6) Patrícia Ramanauskas	A piloto precoce do Alegrete	24	Alegrete	Uma de 29 mulheres piloto de mais de 3 mil no Brasil/Pilota desde os 15	Branca	Mulher	Piloto de avião
7) Lorena Eltz	O mundo de Lorena	17	Gravataí	Portadora da Doença de Crohn que virou youtuber	Branca	Mulher	Estudante
8) Dauri Dilso Klein	Doutor do tempo	61	Marques de Souza	Único profissional capacitado para consertar relógios	Branco	Homem	Empresário/ Relojoeiro/ Consertador de relógios

<sup>27</sup> Falecido.

<sup>28</sup> Retirada do sorteio pelo critério de idade.

				públicos em toda a região sul do Brasil			
9) Gislane de Bem	Cachorrada reunida	59	Arroio dos Ratos	Cuida de 329 animais abandonados em sua propriedade rural	Branca	Mulher	Psicóloga/ Empresária/ Protetora de animais
Ivo Rodrigues <sup>29</sup>	Ivo Rodrigues, trans de Uruguiana	Morto	Uruguiana	Uma das primeiras personalidades transexuais do RS	Branca	Mulher trans	Proprietária de um bordel
Valdomiro Siegieniuk	Valdomiro está sempre correndo	78	Porto Alegre	Corre maratonas na terceira idade	Branco	Homem	Técnico em manutenção de aeronaves aposentado
10) Édison Hüttner	Conheça o irmão marista que é um caçador de histórias perdidas	51	Camaquã	Dedica-se a localizar e buscar a identificação de peças históricas e raras	Branco	Homem	Irmão Marista e pesquisador
11) Iris Govea Brede	A dona do campo	75	Piratini	Destaca-se pela vitalidade e força para tocar a rotina do campo aos 75 anos	Branca	Mulher	Produtora rural
12) Hernán Mostajo	O ufólogo arrependido	50	Itaara	Fundador do Museu Internacional de Ufologia, História e	Branco/ pardo	Homem	Ufólogo

<sup>29</sup> Falecido.

				Ciência de Itaara			
13) João Alfredo Dresch	A história de uma obsessão	72	Lajeado	Construiu um carro elétrico nacional	Branco	Homem	Empresário
14) Neimar Marcos da Silva	Homem que escolheu virar Ninguém	35	Alpestre	Trocou a carreira universitária por uma vida dedicada à espiritualidade e à permacultura	Pardo	Homem	Formado em filosofia, definido como Xamã e especialista em permacultura
Florentina dos Santos Marques <sup>30</sup>	A benzedeira de São Borja	80	São Borja	Conhecida em São Borja por fazer previsões, bençãos e preces	Branca	Mulher	Benedeira
15) Rogers Junior Consul Silveira	Papelão, mangueira e seringas	10	Glorinha	Criou uma armadura hidráulica usando materiais recicláveis	Branco	Homem	Estudante
16) Marcelo Tcheli	Teatro de bonecos em caixa de fósforo	42	Maquiné	Criador de um teatro de bonecos itinerante	Branco	Homem	Artista/ Bonequeiro
17) Armando Azambuja	Armando o tempo	64	Bagé	Meteorologista informal que percebe as mudanças de temperatura pelo movimento de	Branco	Homem	Corretor rural

<sup>30</sup> Retirada do sorteio pelo critério de idade.

				animais e de instrumentos rústicos			
Erny Hennig <sup>31</sup>	Segredos do Papai Noel	87	Porto Alegre	Um dos papais noéis de shopping e comerciais mais longevos do RS	Branco	Homem	Empresário/ Aposentado

Os sorteados foram então contatados para que fossem realizadas, preferencialmente, entrevistas presenciais. Foram agendadas entrevistas presenciais com os sorteados de números 9, 10 e 8, realizadas ao longo do mês de dezembro de 2019. No mesmo período, entrou-se em contato com o quarto sorteado, de número 17. Por dificuldades logísticas e de data para a entrevista, foi agendada uma conversa em vídeo, adiada em mais de uma oportunidade. Diante de recorrentes desencontros, foi sorteado um novo número, 13, que resultou na quinta e última entrevista, realizada também presencialmente no mês de janeiro de 2020.

Os cinco entrevistados para esta pesquisa, então, foram, pela ordem, os seguintes: Valdomiro Siegieniuk, Édison Hüttner, Gislane de Bem, Dauri Dilso Klein e João Alfredo Dresch.

Ao primeiro entrevistado, que deu origem à entrevista-piloto, foi apresentado um roteiro que, inicialmente, previa 30 perguntas, divididas em três grupos: informações gerais sobre o entrevistado, familiaridade com o jornalismo e opiniões sobre o perfil publicado. Ao final, foram lidos para o entrevistado sete trechos retirados do texto da reportagem “Valdomiro está sempre correndo” e o entrevistado foi questionado sobre se concordava ou não com o que estava escrito.

Para as quatro entrevistas da segunda etapa, o questionário foi reelaborado<sup>32</sup>, passando a ficar com a seguinte organização: Item 1) Perguntas Gerais – quatro perguntas de identificação do entrevistado; Item 2) Familiaridade com o jornalismo – 22 perguntas a respeito da familiaridade com o jornalismo, com *Zero Hora* e com os autores da

<sup>31</sup> Retirado do sorteio pelo critério de idade.

<sup>32</sup> Ver apêndice A.

reportagem de *Singular*; Item 3) Perguntas sobre a reportagem - 23 perguntas diretamente relacionadas com a reportagem de *Singular* em questão; e Item 4) Perguntas sobre trechos do perfil – um número variável de perguntas em que era lida uma frase, ou sequência de frases, ao entrevistado e se pedia para ele dizer se concordava ou discordava delas.

Como se trabalhou com a entrevista do tipo semiestruturada, foram acrescentadas questões ao longo das conversas e suprimidas outras que se considerou que, ou já haviam sido respondidas previamente, ou não se aplicavam ao perfil em questão. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra<sup>33</sup>, mantendo sua forma original. A partir daí, fez-se a identificação das sequências discursivas (SDs) a serem analisadas neste trabalho. Ou seja, foram identificadas todas as sequências discursivas que, na fala dos perfilados, traziam algum sentido sobre a percepção de representação (ou não) deles em seus perfis.

Um pressuposto inicial desta pesquisa, considerando seu objetivo geral, foi identificar sentidos que poderiam ser agrupados em duas formações discursivas (FDs): FD de Representação (FDR) e FD de Não Representação (FDNR). A FDR é formada por sentidos que identificam que esses entrevistados se sentiram representados em seus perfis em *Singular*. A segunda engloba os sentidos que mostram que esses perfilados não se sentiram representados nas reportagens.

Nessa primeira etapa, no entanto, foi possível perceber que havia outras duas formações discursivas que apareciam ao longo das entrevistas e que mereciam atenção na presente pesquisa. A primeira foi a Formação Discursiva das Percepções dos Entrevistados sobre Jornalismo (FDJ). A FDJ agrupa sequências discursivas em que os entrevistados expressam opiniões sobre o jornalismo que não estão diretamente relacionadas com a reportagem de *Singular* na qual eles foram perfilados, mas que, considera-se aqui, contribuem para a pesquisa no sentido de que ajudam na compreensão de como as fontes compreendem o jornalismo. Portanto, elas determinam o que, sob o ponto de vista dessas fontes, pode e deve ser dito sobre o jornalismo.

A outra FD identificada foi denominada de FD da Não Representação do Outro Divergente (FDNROD). Nela foram agrupadas sequências discursivas que acabaram por demonstrar que o Outro, entendido como aquele que é normalmente excluído pelo jornalismo (HALL, 1997; MIGUEL e BIROLI, 2010; RESENDE, 2004) não está

---

<sup>33</sup> Ver apêndice B.

representado nos cinco personagens entrevistados. Não foram encontradas sequências discursivas que indicassem que esses perfilados representam um outro previamente excluído do jornalismo.

A primeira parte deste capítulo analítico aborda as duas primeiras FDs, pois são essas formações que ajudam a responder o objetivo principal da presente pesquisa. As demais serão trabalhadas ao final deste capítulo.

Foram identificadas, então, duas Formações Discursivas<sup>34</sup> nas falas dos entrevistados consideradas pertinentes ao objetivo principal desta pesquisa:

1) FDR – Formação Discursiva de Representação

2) FDNR – Formação Discursiva de Não Representação

O primeiro desafio de análise foi encontrar os sentidos que se repetem – as paráfrases discursivas – em sequências discursivas que estão nas cinco entrevistas que compõem o *corpus* empírico da presente dissertação.

A partir da análise das cinco entrevistas, as sequências destacadas foram agrupadas em sentidos dentro destas duas FDs. Os sentidos percebidos foram os seguintes:

1) FDR – Formação Discursiva de Representação:

\* Sentido de Extensão – quando o entrevistado diz se sentir representado no perfil pelo tempo que o repórter e o fotógrafo permaneceram com ele durante a produção da reportagem e pelo espaço destinado para a publicação no jornal.

\* Sentido de Reconhecimento – quando o entrevistado diz se sentir representado no perfil porque se sentiu reconhecido ou sentiu que o que faz foi reconhecido.

\* Sentido de Fidelidade – quando o entrevistado diz se sentir representado no perfil porque o repórter foi fiel ao seu relato.

\* Sentido de Proximidade – quando o entrevistado diz se sentir representado no perfil porque o repórter e/ou o fotógrafo ficaram muito próximos dele deixando-o à vontade para falar de sua vida.

2) FDNR – Formação Discursiva de Não Representação:

---

<sup>34</sup> As quatro FDs serão detalhadas adiante.

\* Sentido de Imprecisão – quando o entrevistado aponta informações que não foram colocadas de forma precisa em seu perfil.

\* Sentido de Exclusão – quando o entrevistado aponta informações importantes que não foram incluídas em seu perfil.

Ao todo, foram identificadas 144 SDs nestas duas primeiras FDs, sendo 125 enquadradas na FDR – 51 SDsR de Fidelidade, 47 SDsR de Reconhecimento, 17 SDsR de Extensão e 10 SDsR de Proximidade; e 19 enquadradas na FDNR –, 10 SDsNR de Imprecisão e 9 SDsNR de Exclusão. É importante destacar que mesmo que uma SD pudesse ser enquadrada em mais de um sentido, optou-se por deixá-la apenas no sentido que foi considerado como dominante.

A distribuição por entrevista pode ser vista na tabela abaixo<sup>35</sup>.

**Tabela 2: Quadro numérico de SDs**

Entrevistados	FDR – Representação				FDNR – Não Representação		Total SDs
	SDsR Reconhecimento	SDsR Extensão	SDsR Fidelidade	SDsR Proximidade	SDsNR Exclusão	SDsNR Imprecisão	
1) Valdomiro	8	4	7	1	--	--	20
2) Édison	15	4	19	--	6	1	45
3) Gislane	7	4	10	9	1	--	31
4) Dauri	16	5	7	--	2	8	38
5) João Alfredo	1	--	8	--	--	1	10
Total	47	17	51	10	9	10	144

A distribuição por entrevista, em porcentagem, pode ser vista na tabela a seguir:

**Tabela 3: Quadro percentual de SDs<sup>36</sup>**

Entrevistados	FDR – Representação				FDNR – Não Representação		Total SDs
	SDsR Reconhecimento	SDsR Extensão	SDsR Fidelidade	SDsR Proximidade	SDsNR Exclusão	SDsNR Imprecisão	
1) Valdomiro	5,55%	2,77%	4,87%	0,69%	0	0	13,88%
2) Édison	10,41%	2,77%	13,19%	0	4,16%	0,69%	31,25%
3) Gislane	4,87%	2,77%	6,94%	6,25%	0,69%	0	21,52%
4) Dauri	11,11%	3,47%	4,87%	0	1,38%	5,55%	26,38%
5) João Alfredo	0,69%	0	5,55%	0	0	0,69%	6,94%
Total	32,63%	11,8%	35,41%	6,94%	6,25%	6,94%	100

<sup>35</sup> No Apêndice B, que traz a íntegra das entrevistas, estão marcadas com sublinhado todas as SDs encontradas com suas identificações.

<sup>36</sup> Todos os valores da tabela são percentuais em relação ao número total de SDs identificadas: 144.



Dentro da FD de Representação (FDR), destaca-se que foram identificadas SDs nas falas de todos os entrevistados que puderam ser enquadradas nos sentidos de Fidelidade e Reconhecimento, os dois sentidos que aparecem em maior número nesta FDR.

A primeira e a última entrevistas são aquelas nas quais foi identificado o menor número de SDs. A primeira, como já dito, foi realizada a partir de um questionário menor por ser a entrevista piloto. O mesmo ocorreu com a última, mas por motivo diferente. O último entrevistado deixou claro que não se recordava o suficiente da reportagem sobre ele publicada em *Singular* para responder uma parte dos questionamentos presentes no formulário, mesmo que tenha sido solicitado previamente que ele lesse a reportagem em questão. Por esse motivo, as perguntas do Item 3<sup>37</sup> não puderam ser feitas.

As SDs dos sentidos de Proximidade, na FDR, e de Exclusão e Imprecisão, na FDNR, se caracterizam por estarem concentradas cada uma em uma das entrevistas, respectivamente a terceira (abriga 90% das SDsR de Proximidade), a segunda (66% das SDsNR de Exclusão) e a quarta (80% das SDsNR de Imprecisão). As demais SDs estão distribuídas de forma mais equânime entre todas as entrevistas, o que indica que são sentidos que se repetem com maior frequência entre os entrevistados.

Considerando todas as 144 SDs identificadas, foram encontradas, então, as seguintes porcentagens em cada FD:

FDR – 86,8%

FDNR – 13,19%

## 8.2 Os perfilados por *Singular*

Como já dito, das 98 reportagens publicadas no âmbito de *Singular*, 24 foram consideradas do gênero perfil. Esse critério foi adotado por se considerar que apenas esse gênero de texto poderia ser caracterizado como biográfico sobre uma – única – pessoa viva, famosa ou não, como define Villas-Boas (2014).

Antes de avançar para a apresentação dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, consideram-se importantes alguns breves apontamentos sobre o conjunto desses 24 perfis. Entre os 21<sup>38</sup> personagens vivos cuja idade é informada nas reportagens, a média de idade,

---

<sup>37</sup> Ver Apêndice B.

<sup>38</sup> Uma das reportagens não informa a idade do perfilado.

considerando o momento da publicação, era de 53,5 anos. O entrevistado mais novo era um estudante de 10 anos. O mais velho um indivíduo que atuava como Papai Noel em shoppings centers de Porto Alegre, de 87 anos – outras duas pessoas também já haviam superado os 80 anos. De forma geral, os perfis trataram de personagens espalhados por diversas regiões do Rio Grande do Sul, com Porto Alegre sendo a cidade mais representada, mas identificada apenas três vezes como a cidade do personagem da reportagem.

Dos 24 personagens, 8 eram mulheres (33%), sendo uma delas uma mulher trans, mas já falecida, com a reportagem contando apenas com trabalho de pesquisa e depoimentos de outras fontes. Essa personagem é a única claramente identificada como divergente do padrão hétero-cis-normativo.

A partir da análise das imagens que acompanharam as reportagens, apenas um dos entrevistados foi claramente identificado como pardo. Não foi possível precisar se outros dois personagens eram brancos ou pardos. Todos os demais são aqui considerados como brancos. Não havia nenhum negro entre os perfilados. Nenhum deles é identificado como estrangeiro.

Entre as profissões indicadas nos textos, sete dos personagens são apresentados como empresários<sup>39</sup> (29%) e quatro como agricultores ou produtores rurais (16%). Entre os demais, há uma variedade de ocupações, que incluem: médica, artista plástico, inventor, caminhoneira, piloto de avião, luthier<sup>40</sup>, estudante, relojoeiro, cuidadora de cães, proprietária de um bordel, pesquisador no campo da arqueologia, técnico em manutenção de aeronaves, ufólogo, xamã, benzedeira e bonequeiro.

Diante dessas constatações, o perfil médio de um personagem de *Singular* seria o de um homem branco, com mais de 50 anos, heterossexual, com um padrão de vida que pode ser considerado de classe média ou alta. Portanto, os perfilados não podem ser considerados como divergentes socialmente, com a exceção da personagem apresentada como mulher trans e proprietária de um bordel. Contudo, importante ressaltar que há, entre as mulheres, pioneiras em alguns campos que se pode considerar que rompem com estigmas de profissões eminentemente masculinas e de faixa etária, como uma jovem piloto de avião e uma idosa caminhoneira.

---

<sup>39</sup> Há casos em que o perfilado é apresentado com mais de uma ocupação.

<sup>40</sup> Profissional que constrói e/ou faz reparos em instrumentos musicais.

É possível também observar que o que é considerado como singular por *Zero Hora* nesta série não é a pessoa em si, mas principalmente o que ela faz, a sua ocupação, que é o *gancho* das reportagens, o que motivou as entrevistas com elas. Essa priorização da profissão do sujeito em seu perfil permite dizer que os textos não têm a preocupação de serem composições polissêmicas, a que alude Maia (2013)<sup>41</sup>, e que, diante do questionamento de Villanueva Chang (2010) sobre o que define uma pessoa ser o que ela diz, o que ela esconde ou o que ela faz, a resposta para *Singular* seria a última possibilidade. No mesmo sentido, pode-se também inferir que a ausência de indivíduos pertencentes a camadas sociais marginalizadas ou desprivilegiadas ocorre porque este indivíduo marginalizado não “faz algo” que seja merecedor de ser considerado singular.

Por outro lado, vale retomar aqui o argumento de Arendt (2007) de que é uma "impossibilidade filosófica chegar a uma definição do homem" e que as interpretações sobre quem é um sujeito se dão pelas características que compartilha com outros ou por sua diferença específica. Nesse sentido, poderia se dizer que o possível em um perfil jornalístico seria caracterizar os indivíduos pelo que eles fazem, como ocorre em *Singular*.

Levando em consideração apenas os cinco selecionados para serem entrevistados, todos são brancos, há quatro homens e uma mulher, sendo quatro deles casados (ou separados) em um relacionamento heterossexual e um deles sacerdote católico. Todos os entrevistados tinham mais de 50 anos no momento da entrevista, sendo o mais novo de 51 anos e o mais velho de 78 anos.

As cidades referidas nas reportagens como a localidade do personagem são (pela ordem de entrevistas da pesquisa): Porto Alegre, Camaquã, Arroio dos Ratos, Marques de Souza e Lajeado. As ocupações pelas quais eles são apresentados, também pela ordem de entrevista, são: técnico em manutenção de aeronaves aposentado, arqueólogo, cuidadora de cães, relojoeiro e inventor. A partir do contato presencial durante as entrevistas, foi constatado que todos gozavam de um padrão financeiro e social que os identificaria como classe média ou alta no Brasil.

Uma reflexão que pode ser feita a partir do perfil médio dos personagens, que será aprofundada posteriormente na análise da FDNROD, é a de que eles não poderiam ser considerados como o Outro marginalizado do qual falam autores como Traquina (2012),

---

<sup>41</sup> Ver subcapítulo 6.1.

Miguel e Biroli (2010), Lago (2010), Resende (2004), Freitas (2017) e Guimarães e Lima (2007). Pelo contrário, há um perfil médio bastante semelhante e que se enquadra em uma posição elevada, social e financeiramente, cujo acesso aos meios de comunicação sempre foi facilitado na comparação com populações que, de fato, são marginalizadas.

A singularidade apontada pela série de *Zero Hora* para cada personagem se dá, na maioria dos casos, por alguma característica apresentada como incomum do trabalho ou ocupação de lazer dos indivíduos. Em outros, no entanto, se dá por características insólitas, ainda que até mesmo triviais, como o caso da perfilada por morar no prédio mais alto do Rio Grande do Sul<sup>42</sup>. É possível dizer que, de alguma forma, todos os perfilados se enquadram nos critérios que os jornalistas observam para definir se um fato é noticiável ou não.

Traquina (2008) diz que existem valores notícia que determinam se um fato pode virar notícia ou não. Para o autor<sup>43</sup>, os valores notícia são divididos em dois grupos: os de seleção e os de construção. Os valores de seleção se referem aos critérios que os jornalistas utilizam na hora de escolher um acontecimento para ser noticiado e eles se dividem em critérios substantivos e contextuais. Os primeiros referem-se à primeira análise do acontecimento, isto é, à decisão do que seria considerado relevante de ser reportado. Nele se enquadrariam a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo (atualidade), a notabilidade, o inesperado, o conflito (ou controvérsia), a infração e o escândalo. Os critérios contextuais referem-se ao contexto da produção da notícia. Nele estariam a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso. Já os valores notícia de construção referem-se à apresentação do material. Nesse caso, a elaboração da notícia segue os critérios de simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico; isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor-notícia' (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Cada um dos perfilados de *Singular* se enquadra em diferentes critérios de noticiabilidade, mas pode-se dizer que todos eles estão dentro do critério de

---

<sup>42</sup> Ver tabela 2.

<sup>43</sup> Traquina parte de uma distinção elaborada anteriormente por Wolf (2003).

personalização do valor notícia de construção. Ou seja, a história contada, por ser um perfil, se foca em apenas uma pessoa, chamando a atenção do leitor. A partir da classificação proposta por Ferrari e Sodré (1986)<sup>44</sup>, pode-se dizer que os perfis dos cinco entrevistados s˜o do tipo personagem-caricatura, que fala de pessoas com comportamentos inesperados, transgressores ou peculiares.

A seguir, s˜o apresentados de forma resumida os entrevistados selecionados para a presente pesquisa, com informa es e frases retiradas das transcri es<sup>45</sup>, na ordem cronológica das entrevistas feitas para esta pesquisa.

### 8.2.1 Valdomiro

O primeiro entrevistado foi Valdomiro Siegieniuk, 80 anos, personagem da reportagem “Valdomiro est˜ sempre correndo”<sup>46</sup>, publicada na série *Singular* em março de 2018. A publica o online da reportagem<sup>47</sup> n˜o est˜ assinada, mas ela   de autoria de Mariana Fritsch<sup>48</sup>.

A conversa com Valdomiro teve por objetivo se tornar a entrevista-piloto desta pesquisa. Após um contato por meio de aplicativo de mensagens eletr nicas, a entrevista foi marcada para o dia 9 de agosto de 2019 e realizada no sagu˜o do edifício em que o entrevistado reside, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. Inicialmente, foi apresentado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, posteriormente assinado, padr˜o que se seguiu nas demais entrevistas. Seguiu-se ent˜o a realiza o da entrevista-piloto desta pesquisa a partir de um roteiro pré-estabelecido, com perguntas abertas, com outras questões adicionadas ao longo da conversa, que durou 36 minutos.

Após a transcri o, foram identificadas 20 sequências discursivas (APÊNDICE C) pertinentes ao objetivo principal da pesquisa, todas elas enquadradas em FDR. Nesta primeira entrevista, o número de perguntas feitas foi menor do que nas demais, o que também justifica o segundo menor número de SDs identificadas. As 20 SDsR foram divididas em: 8 SDsR de Reconhecimento, 7 SDsR de Fidelidade, 4 SDsR de Extens˜o e 1 SDR de Proximidade.

---

<sup>44</sup> Ver capítulo 6.

<sup>45</sup> As entrevistas foram transcritas nas íntegras, mantidos erros e vícios de linguagem.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/portoalegremaratonista/>. Acessada pela última vez em 26.01.2020.

<sup>47</sup> Conforme consultado em diversas oportunidades e, pela última vez, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>48</sup> A informa o foi confirmada durante a elabora o desta pesquisa por um editor de *GaúchaZH*.

É importante destacar que o entrevistado afirmou que já conhecia a repórter, que também é corredora, e já tinha dado uma entrevista a ela, por e-mail, para um blog pessoal. Além de Valdomiro, foram entrevistados pela repórter de *Zero Hora* para a produção do perfil a esposa dele, o treinador e duas companheiras de corrida.

Questionado se estava familiarizado com o termo perfil jornalístico, o entrevistado disse que “não muito” e que não saberia explicar o que seria o formato: “Porque nunca ninguém me fez essa pergunta”. O entrevistado confirmou que releu a reportagem antes da entrevista para a presente pesquisa.

### 8.2.2 Édison

Édison Hüttner, 53 anos, professor de Arqueologia da PUCRS e morador de Porto Alegre, foi entrevistado para esta pesquisa no dia 5 de dezembro, no espaço reservado ao professor dentro do programa de Arqueologia da PUCRS, em Porto Alegre. Édison foi o personagem principal da reportagem “Caçador de Histórias Perdidas”<sup>49</sup>, publicada em *Zero Hora* em junho de 2018 e assinada pela repórter Aline Custódio. A conversa seguiu o roteiro pré-estabelecido, com algumas alterações em relação à primeira entrevista – e que se tornou padrão para as demais entrevistas –, foi inteiramente gravada e durou 1h16min.

Questionado se estava familiarizado com o termo perfil jornalístico, respondeu que não. Por outro lado, demonstrou bastante familiaridade com a produção jornalística. Afirmou que já tinha sido entrevistado em diversas oportunidades anteriormente por *Zero Hora*, inclusive pela própria Aline Custódio, em uma matéria publicada pelo outro jornal do grupo *RBS* em Porto Alegre, o *Diário Gaúcho*. Na ocasião do perfil analisado nesta pesquisa, disse que foi contatado pela repórter pelo telefone.

Ao todo, foram identificadas 45 SDs (APÊNDICE D) pertinentes ao objetivo principal da pesquisa na entrevista transcrita de Édison, o maior número entre todas as entrevistas realizadas para a presente pesquisa. As SDs foram enquadradas como SDsR-Fidelidade (19), SDsR-Reconhecimento (15), SDsR-Extensão (4), SDsNR-Exclusão (6) e SDsNR- Imprecisão (1). Não houve nenhuma SD identificada na FDR no sentido de Proximidade.

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/06/conheca-o-irmao-marista-que-e-um-cacador-de-historias-perdidas-cjhv6sctp0ct301qoacbyqri2.html>. Acessado pela última vez em 26.01.20.

Questionado sobre o motivo por que acreditava ter sido escolhido para a reportagem, destacou justamente esse histórico de entrevistas. "Porque eu já tenho uma tradição de pesquisas com Zero Hora. Eu, para mim, Zero Hora é um jornal que tem uma repercussão e eles sempre confiaram no meu trabalho", disse. Mais adiante, complementou: "E me procuraram, também, porque o jornal está acompanhando as coisas. Então, o que eles estão fazendo, do meu ponto de vista, é fazendo um álbum, na prática".

Édison explicou que a produção da reportagem envolveu uma série de entrevistas, realizadas em instalações da PUCRS e na Igreja das Dores, no Centro de Porto Alegre, onde à época realizava uma de suas pesquisas sobre artefatos históricos. "Foi uma hora e meia aqui na minha sala. Depois, nós fomos lá também na tomografia, fomos lá no hospital. Eles me acompanharam. Eu acredito que isso aí, ao todo, deu umas cinco ou seis horas, por ali. Somando aqui na PUCRS, lá no hospital, lá no Instituto do Cérebro, e depois lá [na Igreja], acho que deu umas oito, nove horas, de acompanhamento, com fotos", disse. Além dele, foram entrevistados para a produção da reportagem um casal que o conheceu por meio da imprensa e pediu a Édison auxílio para identificar a origem de um artefato de 150 anos.

### **8.2.3 Gislane**

Gislane de Bem, 61 anos, moradora de Arroio dos Ratos – cidade a 55 quilômetros de Porto Alegre –, foi entrevistada no dia 10 de dezembro de 2019. Cuidadora de mais de 300 cães à época – já passavam de 600 quando entrevistada para esta pesquisa –, ela foi perfilada na reportagem “Cachorrada Reunida<sup>50</sup>”, publicada em novembro de 2017 e assinada pela repórter Larissa Roso. A entrevista foi realizada em uma clínica de fisioterapia canina, em Porto Alegre, enquanto Gislane aguardava pelo tratamento de alguns dos cães que moram em seu sítio.

Gislane disse não estar familiarizada com o termo perfil jornalístico. Ao ser instigada a tentar descrever o que seria o formato, respondeu: "Perfil seria algo de alguém, ou de alguma coisa, ou de algum grupo. Tu seguir algo". Na sequência, o pesquisador fez uma breve explicação do termo, ao que Gislane respondeu: “O que a Larissa fez comigo”.

Ao ser indagada sobre como ocorreu o contato da reportagem que antecedeu à publicação, afirmou que um jornalista de *Zero Hora* já a conhecia, pois era padrinho de

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/arroiodosratos/>. Acessado pela última vez em 26.01.20.

um dos cães que abriga em seu sítio na localidade de Arroio dos Ratos, que foi o tema principal do perfil. "Eu tenho um pai de um cachorro que é o Alfredo Fedrizzi, que eu acho que ele também é repórter da Zero Hora"<sup>51</sup>.

Indicou ainda que Fedrizzi, que não foi o autor da reportagem da série *Singular*, conheceu o sítio, "se apaixonou" pelo espaço, onde centenas de cães convivem ao ar livre, e, pelo que imagina, sugeriu que uma reportagem fosse feita com a temática. Gislane afirmou que não conhecia a repórter Larissa Rosso antes da produção da reportagem. Além dela, foram entrevistados por Larissa para compor o perfil de Gislane um ajudante do sítio e um médico-veterinário.

Questionada por que imaginava ter sido escolhida para ser personagem principal de um perfil de *Singular*, respondeu: "Por ser diferente, por ser diferente. Por haver essa diferenciação incomum, porque eu não vi ninguém igual a mim ainda". Na sequência, foi solicitado que ela explicasse o que quis dizer com o termo incomum, ao que respondeu: "Liberdade. Liberdade, vida e matilha, eles poderem conviver em harmonia, o que também não é muito comum".

A entrevistada informou que as entrevistas para a reportagem de *Singular* foram feitas em diferentes pontos do sítio e que, ao todo, o processo durou cerca de seis horas. A repórter esteve acompanhada de um repórter fotográfico, que captou imagens e fez vídeos da entrevista. "Nós ficamos acho que uma manhã até metade da tarde", disse.

Ao todo, foram identificadas 31 SDs (APÊNDICE E) pertinentes ao objetivo principal da pesquisa na entrevista transcrita de Gislane. As sequências discursivas foram enquadradas da seguinte forma: SDsR-Fidelidade (10), SDsR-Reconhecimento (8), SDsR-Proximidade (9), SDsR-Extensão (4) e SDsNR-Exclusão (1). Nenhuma SD foi enquadrada como SDNR-Imprecisão.

#### **8.2.4 Dauri**

Dauri Dilso Klein, 64 anos, foi entrevistado no dia 12 de dezembro em sua casa na cidade de Marques de Souza, no interior do Rio Grande do Sul. Dauri foi o personagem principal da reportagem "Doutor do tempo"<sup>52</sup>, publicada em setembro de 2017 na série

---

<sup>51</sup> Pai de cachorro é a expressão utilizada por Gislane para se referir aos padrinhos que adotam um ou mais cães de seu sítio, apoiando financeiramente. Fedrizzi é colunista de GaúchaZH.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/marques-de-souza/>. Acessado pela última vez em 26.01.20.



*Singular* e de autoria de Aline Custódio. A entrevista foi gravada e teve 1h21min de duração.

Ao ser questionado se saberia o que é um perfil jornalístico, respondeu que não. Posteriormente, foi apresentada a ele uma breve explicação e, na sequência, Dauri foi questionado sobre como achava que um perfil seria produzido, ao que respondeu: "Bom, eu entendo, assim, como se escreve, teria que conhecer primeiro o personagem, a pessoa que está sendo focada, conhecer o passado, o que que faz, como faz, e aí, em cima disso, divulgar, tentar registrar o que deu para captar dessa pessoa".

A respeito do processo de produção da reportagem, afirmou que as entrevistas foram realizadas ao longo de um dia, em mais de um local, e que, além da repórter, havia uma fotógrafa. Não ficou claro se havia também um cinegrafista ou se a fotógrafa também fez esse trabalho. Nenhuma outra fonte é citada na reportagem.

Questionado sobre qual acreditava ter sido o motivo para ter sido escolhido como personagem da reportagem, respondeu: "Por ser um trabalho importante que eu faço e por ser raro, eu penso, assim, que eu fui escolhido porque é uma opção para a própria repórter que fez o serviço também ganhar os pontos dela na profissão dela. Porque ela conseguiu fazer um trabalho que interessa para o leitor, para as pessoas".

Ao todo, foram identificadas 38 SDs (APÊNDICE F) pertinentes ao objetivo principal da pesquisa na transcrição da entrevista de Dauri, o segundo maior número entre os cinco entrevistados. Do total, 28 SDs foram enquadradas na FDR, sendo 16 delas como SDR-Reconhecimento, 7 como SDR-Fidelidade e 5 como SDR-Extensão. Nenhuma SD foi enquadrada na SDR-Proximidade. Destaca-se também o número expressivo – na comparação com as demais entrevistas – de SDs enquadradas na FDNR, 8 como SDNR-Imprecisão e 2 como SDNR-Exclusão. Isso ocorre porque Dauri foi o entrevistado que apontou o maior número de divergências com o texto da reportagem de *Singular*.

### **8.2.5 João Alfredo**

João Alfredo Dresch foi entrevistado em sua casa de veraneio, em Capão da Canoa – no litoral gaúcho –, no dia 11 de janeiro de 2020. O perfil "A história de uma obsessão: como surgiu, em Lajeado, o primeiro carro elétrico emplacado do Brasil"<sup>5354</sup>, também

---

<sup>53</sup> Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/09/a-historia-de-uma-obsessao-como-surgiu-em-lajeado-o-primeiro-carro-eletrico-emplacado-do-brasil-cjmkvfc4d00az01rx3t9j5saq.html>: Acessado pela última vez em 26.01.20.

<sup>54</sup> Manchete da publicação online. O texto original da versão impressa não foi identificado.

assinado por Aline Custódio, foi publicado em setembro de 2018. João Alfredo é a única fonte citada na reportagem de *Zero Hora*.

A entrevista para a presente pesquisa foi inteiramente gravada e durou 42 minutos. De antemão, solicitou-se que o entrevistado lesse o perfil publicado em *Zero Hora* antes da entrevista, o que ele não fez. João Alfredo atribuiu à agenda atribulada pelo lançamento de seu novo carro elétrico o fato de não ter se dedicado à leitura da reportagem.

Ao todo, foram identificadas 10 SDs pertinentes ao objetivo principal da pesquisa na entrevista de João Alfredo, o menor número dentro do *corpus* empírico. Isso ocorreu porque o entrevistado disse não se lembrar da entrevista que concedeu para a reportagem publicada na seção *Singular*, bem como não saber diferenciar a matéria em questão de outras das quais foi fonte. Após ficar claro que ele não conseguiria responder as perguntas do item 3, referentes ao conteúdo da reportagem, decidiu-se suprimir parte do questionário. No entanto, como no item 4 foram lidas, durante a entrevista, frases da reportagem, ele expressou algumas percepções sobre o conteúdo do perfil.

A partir das perguntas que puderam ser feitas, as SDs identificadas (APÊNDICE G) foram enquadradas como SDR-Fidelidade (8), SDR-Reconhecimento (1) e SDNR-Imprecisão (1). Não foram identificadas sequências discursivas passíveis de serem enquadradas como SDR-Extensão, SDR-Proximidade e SDNR-Exclusão.

Considerou-se importante o fato de que, ao contrário dos demais selecionados para a presente pesquisa, João Alfredo não achava a reportagem publicada na série *Singular* mais relevante ou tendo maior impacto em sua vida do que outras matérias das quais foi fonte. Durante a entrevista, ele, inclusive, foi capaz de recordar outras produções jornalísticas que tiveram maior repercussão em sua vida e das quais conseguia citar detalhes.

### **8.3 Formação discursiva de Representação (FDR)**

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que as entrevistas com personagens centrais de perfis publicados na seção *Singular* de *Zero Hora* poderiam contribuir para a compreensão dos motivos que levam os indivíduos a se sentirem representados ou não por um perfil jornalístico.

De maneira geral, os quatro primeiros entrevistados, ao serem questionados diretamente se se sentiam representados ou não por seus perfis, disseram que sim – a exceção é João Alfredo, que não se recordava da reportagem publicada na série *Singular*.

Um exemplo de resposta neste sentido é a de Valdomiro. Ao ser questionado se se sentia representado no texto final da reportagem, respondeu: “Aquilo que está escrito, é como eu realmente sou”.

A mesma pergunta foi feita para os demais entrevistados e o tema foi trabalhado também em outros questionamentos. A partir da transcrição das entrevistas, foram identificados quatro sentidos que permitem dizer os motivos pelos quais eles se sentiram representados e que são enquadrados nesta análise dentro da Formação Discursiva da Representação (FDR): Extensão (17 SDsR), Reconhecimento (47 SDsR), Fidelidade (51 SDsR) e Proximidade (10 SDsR). No total, foram 125 SDsR identificadas na FDR.

### 8.3.1 Sentido de Extensão

O primeiro sentido enquadrado na FDR diz respeito a elementos relacionados com a produção da reportagem. Em quatro das cinco entrevistas, foram identificadas SDs em que os entrevistados afirmaram que o tempo de entrevista e o espaço da reportagem foram elementos que os levaram a dizer que se sentiam representados. Ao todo, foram atribuídas 17 SDs a esse sentido (APÊNDICE H).

Um primeiro grupo de SDs identificadas diz respeito ao tempo em que a reportagem de *Zero Hora* esteve com eles para a produção do material. Destaca-se que foram consideradas como SDs aqui apenas as sequências em que eles expressam que a duração das entrevistas para os perfis fez com que se sentissem representados ou que, na percepção deles, o tempo foi mais longo do que esperavam<sup>55</sup>. As SDs a seguir fazem parte desse grupo:

*Foi praticamente a manhã. Eles estiveram aqui em casa antes das seis da manhã. Tomei café, eles acompanharam. Depois nós fomos pro Marinha. Ali nós fizemos a reportagem, a filmagem. Depois fomos para a Orla, onde eu tava correndo e o fotógrafo tava filmando do veículo. Depois fomos até o Iberê, e ali ele filmou, do Marinha filmou também, do drone. Então, foi bastante tempo. (SDR1-Valdomiro)*

*Foi um longo tempo, porque fomos fazer o trabalho na igreja (SDR89-Dauri)*

---

<sup>55</sup> Há uma série de outros momentos das entrevistas em que os perfilados relatam o processo de produção das reportagens, tal como: “Foi praticamente a manhã. Eles estiveram aqui em casa antes das seis da manhã” – trecho retirado da primeira entrevista (Valdomiro). Quando a sequência discursiva foi uma mera descrição de procedimentos, ela não foi enquadrada dentro do sentido de Extensão porque os perfilados não fizeram, na entrevista, uma relação direta dessas práticas com o fato de se sentirem representados nos perfis.

*Para essa reportagem, foi num dia. Foi, assim, bastante extenso. Veio o filmador, a fotógrafa, tudo. Se eu não me engano, foi quase um dia inteiro, porque a gente foi lá na igreja fazer esse trabalho de descida de rapel. Foi durante um dia (SDR90-Dauri).*

Um segundo elemento diz respeito ao fato de que todos os personagens foram entrevistados para outras produções jornalísticas, em diferentes oportunidades, antes ou depois da publicação de seus perfis no *Singular*. Este fato permitiu que eles comparassem esses perfis com outras matérias e concluíssem que as entrevistas para a seção foram mais longas e mais específicas que as demais e, por isso, nesta eles se sentiram mais representados.

*Essa foi mais específica e a outra era mais do tempo. (SDR4-Valdomiro)*

*Era rápido, porque o tempo deles era curto (SDR5-Valdomiro)*

*Às vezes, tem certas entrevistas que a pessoa fala 10 minutos e sai um minuto só. Principalmente na TV, ao vivo. E aqui, no meu caso, não. Tudo que foi perguntado, que eu disse, foi escrito (SDR14-Valdomiro).*

Na SD acima, Valdomiro demonstra não compreender exatamente a prática jornalística, pois faz uma confusão entre o que é uma entrevista para a televisão e o que é uma entrevista ao vivo, considerando ambas como sinônimos. No caso, ele estava se referindo a situações em que era abordado pela reportagem de uma emissora quando estava se encaminhando para sua corrida matinal e era convidado a falar sobre o tempo ou outro assunto do cotidiano, o que não necessariamente ia ao ar ao vivo, como ele dá a entender.

Abaixo, trechos em que outros três entrevistados comparam a entrevista para o perfil de *Singular* com experiências anteriores ou posteriores com a imprensa.

*Essa aqui foi a primeira vez. Até porque, nas outras vezes, não dava tempo, não era o foco (SDR31-Édison).*

*Tu imagina, seis horas do lado de uma pessoa. A gente falou tanto, tanto, tanto, mas é que a essência é isso. Ela conseguiu captar exatamente a essência do sítio e transcrever em palavras. Lindas palavras, sabe. Simples, na linguagem popular, que todo mundo entende, sem frescura. Eu achei linda a reportagem (SDR75-Gislane).*

*Isso aí a gente entrou no antes, tanto que ele cita o período da escola na reportagem, isso a gente falou bastante também. Por isso que eu te digo que foi feito...A Gi veio desde o começo, só faltou vir na infância. (SDR84-Gislane)*

*Porque foi extenso, foi falado de muita coisa, de muitos fatos (SDR100-Dauri).*

*Acredito que sim, porque foi extensa, bem ampla, bem completa (SDR101-Dauri).*

Outro elemento destacado por três dos cinco entrevistados foi o espaço concedido, em termos de páginas, dentro de *Zero Hora* para os perfis.

*Mas eu não esperava que ia ser tanta folha assim, né? (SDR24-Édison)*

*As outras reportagens, no máximo, é duas páginas, né. Então, eu fiquei muito impressionado. Puxa, seis páginas (SDR44-Édison).*

*'Pô, contracapa, cinco páginas dentro'. Isso aí é uma coisa que foi bem diferenciado (SDR45-Édison).*

*Na época, eu me lembro que eu fui buscar o jornal, eu me sentei no chão do posto de gasolina e me desabei a chorar, porque eu jamais pensei que fossem quatro, cinco páginas dum jornal, sabe. Digamos, o melhor jornal do sul. Eu achei inacreditável. Eu não esperava que tivesse sido uma reportagem tão grande assim. E, na época, a gente conseguiu bastante padrinhos para os cães abandonados até (SDR65-Gislane).*

*Essa aqui foi além das minhas expectativas. Eu imaginei uma reportagenzinha, jamais imaginei isso aqui, foi além das minhas expectativas, sabe (SDR79-Gislane).*

*Foi diferente porque foi mais ampla, porque aquilo foi um trabalho geral, não só de um serviço pontual. Foi feito para um pacote de trabalhos que ela juntou para fazer essa matéria. Então, ela foi ampla (SDR92-Dauri).*

Ressalta-se que o tempo de produção e o espaço concedido para uma reportagem não necessariamente significam aprofundamento em termos jornalísticos, mas se trata da percepção dos entrevistados de que as reportagens de *Singular* se distinguem de outras por esses elementos e por isso elas os representam melhor.

A relação entre tempo, espaço e produção jornalística já foi objeto de reflexões de diversos teóricos e correntes teóricas de estudos do jornalismo. Tuchman (1978) relaciona a rotina profissional e a necessidade de "colocar ordem" no tempo e no espaço como alguns dos principais elementos que influenciam a produção da notícia. Miguel e Biroli (2010) também defendem a ideia de que as rotinas de produção impõem determinadas práticas e visões de mundo como aceitáveis, moldando assim o discurso jornalístico padrão.

Por outro lado, como já foi visto no sexto capítulo, Villanueva Chang (2010) destaca que o perfil é um formato jornalístico que exige um trabalho superior ao de qualquer outro, levando o jornalista a incorporar técnicas de diversos outros campos do conhecimento para compô-lo. Para que o jornalista possa fazer um texto mais aprofundado, é necessário que ele tenha mais tempo para a apuração e que tenha mais espaço para seu texto. Essas características foram percebidas pelos entrevistados, mesmo que, em geral, não soubessem o que é exatamente um perfil.

Vilas-Boas (2014) considera que um perfil não deve ser construído apenas com a fala do próprio perfilado e que, mesmo que ele seja o centro da atenção, outras fontes devem ser ouvidas na construção dessa reportagem. Das cinco reportagens de *Singular* produzidas sobre os entrevistados desta pesquisa, duas não citam nenhuma outra fonte: as de Dauri e João Alfredo. Os perfis de Édison e Gislane creditam falas a outras duas fontes e a reportagem sobre Valdomiro é aquela com o maior número de fontes com fala: quatro pessoas além do personagem central.

### **8.3.2 Sentido de Reconhecimento**

O segundo sentido, na FDR, identificado a partir das respostas dos entrevistados foi classificado como de Reconhecimento. Para este sentido, foram atribuídas 47 SDs (APÊNDICE I).

Um primeiro elemento percebido neste sentido é o reconhecimento pessoal do entrevistado na reportagem que advém do fato de ele dizer que gostou do resultado final e de ter se enxergado visualmente nas imagens que acompanharam a publicação, seja nas fotografias da versão impressa ou nos vídeos na versão online.

*E fiquei muito contente, muito feliz mesmo. Até eu fui depois, no outro ano, à Polônia, que eu tenho um amigo lá, e levei esse caderno do DOC para ele. Mesmo ele não falando português, mas eu traduzi, tem a foto. Então, gostei, fiquei contente com essa reportagem mesmo. (SDR20-Valdomiro)*

*Achei muito bonito. Aquela parte que foi filmada do drone e eu vi no face. Foi bonita aquela reportagem (SDR15-Valdomiro).*

*As fotos também foram excelentes, valorizaram também a pesquisa que estava sendo feita na hora (SDR29-Édison).*

*Eles trabalharam muito com fotografia, foi o fotógrafo junto. Eu percebi que, realmente, o cara era muito bom na fotografia. A imagem é tudo. Imaginem aí uma reportagem dessas sem imagem? (SDR33-Édison)*

Um segundo elemento identificado neste sentido diz respeito ao fato de os entrevistados expressarem o sentimento de terem sido valorizados com a publicação dos perfis.

*Olha, eu achei que foi maravilhosa. Seis páginas...foi bom, né. Eu senti que Zero Hora investiu, valorizou (SDR28-Édison).*

*Do meu ponto de vista, foi perfeito. Valorizou (SDR49-Édison).*

*Com certeza, isso aí é um selo, é uma carta, faz história, né, Eduardo. Então, para mim, mudou muito. Puxa, singular, né. Algumas pessoas são escolhidas para fazer e tu faz parte. Quem é que a reportagem vai convidar? Quem, de repente, eles conhecem e poderia, sabia que tinham elementos para valorizar. Então, eu me senti assim muito orgulhoso. Singular, né, saiu (SDR50-Édison).*

*Sabe que, para mim, isto é muito importante para o meu trabalho, para o meu ramo, porque aí divulga o meu trabalho, né. Para mim, sempre é interessante, como profissional, mas eu achei, assim, a reportagem, além da repórter ser muito simpática, uma pessoa legal, então, a reportagem eu achei muito boa. Até por eu morar aqui no interior, cidade pequena, onde todo o povo se conhece, no momento quando sai uma matéria no jornal, aquilo todo mundo vem cumprimentar, vem falar e tal. Legal e tal. Então, com isto, eu me projetei na profissão, tanto é que eu estou aposentado e continuo nessa função, porque eu realmente gosto (SDR91-Dauri).*

Outro elemento citado pelos entrevistados Édison e Dauri é o fato de seus perfis terem valorizado suas trajetórias profissionais.

*Mas aí eu percebi que a Zero Hora, eles captaram isso aí. Aí, eles começaram a olhar as pesquisas deles, papapapa. ‘Mas esse aí tá merecendo uma coisa, né’ (SDR51-Édison).*

*Eu me dei conta que o pessoal já está nos conhecendo (SDR53-Édison).*

*Foi muito importante a imprensa colocar isso porque foi aí que começou. Aí foi o primeiro olhar. Então, eu senti que eles pegaram logo a ideia de saber onde que é eu comecei (SDR57-Édison).*

*Eu me senti representado como profissional (SDR95-Dauri).*

*Elas me veem como um profissional, como uma pessoa que faz um serviço útil, necessário (SDR111-Dauri).*

*Eles veem em mim uma pessoa capaz, me elogiam, vem falar. ‘Ah, o único relojoeiro’. Então, para mim, é importante (SDR112-Dauri).*

Destaca-se na fala de Gislane que a publicação da reportagem concretizou um desejo que ela tinha em relação a uma atividade profissional que exerceu anteriormente. Com a publicação do perfil, sua atuação atual como cuidadora de cães foi valorizada.

*Quando eu era mais jovem, era. No tempo da minha escola, eu sonhava com algo assim, que divulgasse a escola, porque naquele tempo não tinha internet, que divulgasse, que aparecesse. A gente tentou várias vezes, nunca consegui (SDR87-Gislane).*

Édison, Gislane e Dauri também expressaram terem se sentido valorizados pelo fato de a reportagem destacar aspectos pessoais deles.

*Eu fiquei muito impressionado porque ela conseguiu, do meu ponto de vista, e vi que ela preparou também, conseguiu desencadear, a partir das pesquisas que já estavam sendo feitas, desencadear também aspectos pessoais, de sentimentos (SDR25-Édison).*

*Eles queriam saber quem era eu. Ouviram a minha história, onde que eu nasci, então foi muito importante isso. É a minha identidade (SDR32-Édison).*

*E como é tão diferente eu sempre achei importante que as pessoas soubessem que é possível (SDR61-Gislane).*

*Por ser diferente, por ser diferente. Por haver essa diferenciação incomum, porque eu não vi ninguém igual a mim ainda (SDR62-Gislane).*



*Eu me senti muito feliz em poder mostrar que eu sou uma pessoa de coragem (SDR97-Dauri).*

*Eu me representei como profissional e como corajoso, como persistente. Eu sou assim, a minha vida sempre foi assim (SDR98-Dauri).*

*Para mim, foi uma honra poder fazer isto, mostrar o que eu sou, o que eu faço (SDR102-Dauri).*

Dauri disse que a forma como enxerga a si próprio foi modificada a partir da publicação da reportagem de *Singular*.

*Eu me vejo diferente, bastante valorizado. Prestigiado, valorizado, respeitado, vamos dizer, em partes. Porque eu não tive o prazer de estudar no colégio como muita gente tem e tinha a oportunidade de estudar. Então, se hoje eu tenho dificuldade em falar, em me expressar, às vezes, é porque eu não estudei (SDR106-Dauri).*

O terceiro elemento deste sentido de Reconhecimento é externo, diz respeito à reação de outras pessoas à reportagem e como elas interagiram com os entrevistados após a publicação. Valdomiro, por exemplo, destacou que a reportagem o fez ser reconhecido na rua. Também saudou o fato de que a sua “força de vontade” foi reconhecida e serviu de incentivo para outras pessoas. Édison, o Dauri e João Alfredo disseram coisas com sentido semelhante.

*Fiquei mais conhecido. Muita gente me procurando. Com isso, incentivei muitos jovens também a correrem, né. Porque até então sempre se dizia, ‘ah, tá tarde demais’, ‘não tenho tempo’, e além da reportagem eu fui mostrando que é possível, né, começar tarde, porque, como diz na reportagem, a primeira maratona eu fiz com 50 anos (SDR6-Valdomiro).*

*Então, com isso fiquei mais conhecido. Fez bem para a minha pessoa, estima. Valeu (SDR7-Valdomiro).*

*Com certeza, porque sem essas reportagens de jornal, TV e rádio, enfim, as outras pessoas que estão um pouco distantes de mim não iam ficar sabendo (SDR108-Dauri).*

*E importante porque essas igrejas que têm relógio na torre e o relógio deles tem problema, então eles ficam sabendo através dessas reportagens (SDR109-Dauri).*

*O jornal foi uma alavanca muito importante para mim (SDR110-Dauri).*

*Bah, coisa lógica. Uns chegaram a ficar mais meus amigos. 'Pô, João', vinham e apertavam a mão, 'Meus parabéns, cara, tu fez uma coisa inédita no Brasil, no mundo todo'. (SDR117-João Alfredo)*

Tuchman (1993) e Traquina (2012) falam do "saber do reconhecimento" como um "poder do jornalismo". Este saber está relacionado aos profissionais da área. Os autores estão falando do poder dos jornalistas de saber reconhecer o que tem relevância para ser informado para o público. No caso dos entrevistados, eles mostram que se sentiram pessoalmente reconhecidos, mas também demonstram entender que, se eles foram escolhidos por um jornalista para a produção de um perfil, significa que esse jornalista os reconheceu – ou reconheceu o que eles fazem – como digno de ser divulgado.

Grohmann (2009) caracteriza o papel da imprensa em definir quem será entrevistado, quem terá a voz reconhecida, em que condições, como o "poder simbólico de nomear". Portanto, o fato de uma pessoa "sair no jornal" – e aqui é importante levar em conta que *Zero Hora* é o jornal de maior circulação e relevância no Estado em que mora o entrevistado –, está relacionado às ações ou trajetórias reconhecidas como relevantes perante a sociedade.

É interessante destacar também que Valdomiro foi escolhido para ser um perfilado da série *Singular* por algo que ele “faz na rua”, que é correr. Como vimos, Resende (2004) diz que a rua é uma metáfora para a eclosão de narrativas extraoficiais, que não são normalmente visibilizadas pelo jornalismo. Lago (2010), por sua vez, afirma que os moradores “propriamente ditos”, que dão vida à cidade a partir de suas sociabilidades, estilos de vida, deslocamentos e conflitos, também pouco aparecem nos jornais. Nesse sentido, o fato de Valdomiro ser personagem central de uma reportagem – no caso, um perfil – simplesmente por ser um idoso que corre pelas ruas das cidades chama atenção. Tanto que o próprio perfilado se sentiu valorizado e reconhecido pelo que faz ao ler sua história no principal jornal de sua cidade. Os demais entrevistados também representam suas cidades e sentem-se felizes por serem reconhecidos pelos demais moradores. Por outro lado, não se pode dizer que os cinco entrevistados representem a “busca da rua” a que Resende (2004) se refere, pois suas histórias não representam narrativas ausentes ou de conflitos em relação ao *status quo*.

### 8.3.3 Sentido de Fidelidade

O terceiro sentido da FDR é relacionado às respostas que os entrevistados deram a perguntas a respeito da fidelidade do texto final da reportagem às entrevistas que concederam aos repórteres de *Zero Hora*. Foram identificadas 51 SDs que se enquadram neste sentido (APÊNDICE J).

Um primeiro conjunto de respostas diz respeito aos momentos em que os entrevistados confirmaram que o que foi apresentado coincide com o que disseram na entrevista original.

*Porque ali eu disse a verdade como eu sou. Então, aquilo que está escrito, é como eu realmente sou (SDR9-Valdomiro).*

*Foi. 100%. Não houve maquiagem, como se diz. Concordei com tudo que estava ali (SDR10-Valdomiro).*

*Sim. Realmente foi aquilo que eu disse, a Mari botou (SDR13-Valdomiro).*

*Tudo que ela me perguntou, e eu respondi, foi colocado na reportagem (SDR13-Valdomiro).*

*Ela fala ali que 'Ele ri', e realmente eu ri (SDR26-Édison).*

*Não, tudo que eu relatei foi colocado (SDR42-Édison).*

*Eu recebi essa carta mesmo. Então, ela colocou assim, 'Puxa, ele também tem uma relação lá com Arquivos Secretos do Vaticano'. E eu fui mesmo lá. E, realmente, na época, essa carta abriu os caminhos lá para eu fazer a pesquisa no arquivo (SDR43-Édison).*

*Porque a essência foi falada (SDR80-Gislane).*

*Perfeito, porque foi fiel (SDR81-Gislane).*

*É porque a repórter, ela divulga o que eu falo e eu então sou o responsável dessa matéria (SDR96-Dauri)*

É interessante perceber na SDR9 e na SDR96 que os entrevistados aparentam não distinguir na reportagem, em certos momentos, as suas falas da fala das repórteres. Indicam acreditar que tudo o que está na reportagem é verdadeiro por terem sido verdadeiros em suas respostas, como se não existisse a participação de outro sujeito entre eles e o texto final, que poderia modificar os sentidos do que foi dito na entrevista.

Esse mesmo sentido confirmatório da fidelidade dos textos de *Singular* apareceu no momento da entrevista quando foram lidos para os entrevistados alguns trechos selecionados dos perfis.

*É, é verdade (SDR17-Valdomiro).*

*Aí revelou mesmo, né, Eduardo. E o interessante é que o pessoal lá da RBS foi junto nesses três dias de barco (SDR54-Édison).*

*O pessoal viu o que era o espírito aventureiro porque o pessoal da RBS tava junto na viagem de barco (SDR55-Édison).*

*É a realidade, foi o que aconteceu (SDR88-Gislane).*

*É exatamente isso, como eu falei antes ali. (SDR114-Dauri)*

*Correto. É o que eu faço (SDR115-Dauri).*

*Com certeza, né. Eu falo isso porque é verdade e não é invenção nenhuma. (SDR116-Dauri)*

*É assim que eles me chamavam lá. É assim mesmo. (SDR119-João Alfredo)*

*Tá tudo aí, cara. (SDR122-João)*

*É a real, é a real, pode botar isso aí. Isso não tem erro. (SDR125-João Alfredo)*

Um segundo elemento dentro deste sentido surgiu quando os entrevistados foram questionados se mudariam alguma coisa no texto da reportagem e responderam que não fariam alterações, como vemos nas SDs abaixo.

*Nada (SDR16-Valdomiro).*

*Não, não mudaria nada nela. Para mim, ela foi bem feita. Num sentido, se fosse mais páginas, teria mais coisas, né. Mas eu acho que foi bem feito. Muito bem feito, com certeza (SDR46-Édison).*

Foi possível perceber também que eles relacionam a fidelidade da reportagem à precisão das informações, como já foi observado na formação discursiva que tratou da percepção dos entrevistados sobre o jornalismo (FDJ).

*Não teve assim alguma coisa 'Bah, não era para ter colocado' (SDR41-Édison).*

*Foi, sim. Até como eu já mencionei, muito pouco erro, porque acontece muito erro de nome ou de número, às vezes ano, idade, coisas que tem muitos que erram, e eu não lembro nenhum momento (SDR99-Dauri).*

Um terceiro elemento deste sentido é o fato de que os entrevistados relacionam a fidelidade e a veracidade da reportagem a características e valores pessoais deles terem sido apresentados no texto.

*Pela proximidade da reportagem. Não foi alguém que estava julgando, nem dizendo se eu estava certo ou errado. Tava dizendo o que estava acontecendo. E essa reportagem mostrou quem era eu. Sou eu lá. Minhas palavras, são as pesquisas. Pela coerência da reportagem. A coerência da reportagem mostrou a identidade e realmente era isso (SDR35-Édison).*

*Sim. Uma parte deles [refere-se aos seus valores pessoais], a grande parte deles, 99%. Com certeza (SDR36-Édison).*

*Vai. Do meu ponto de vista, sim. Tá bem explicado ali, a identidade, quem é, as pesquisas (SDR47-Édison).*

*Cada vez que eu leio, eu me apaixono. Porque, assim, realmente, é a minha fala ali. Sabe, na boca da Larissa, porque ela contou a história e eu achei muito linda a forma como ela contou a história, sabe. Como se a gente estivesse vivendo aquele momento de novo, sabe (SDR64-Gislane).*

*Com certeza, porque tudo está escrito ali. A imagem mostra o meu perfil, a minha idade, o meu nome, data de nascimento, enfim. Então, com certeza vai me identificar, é tudo sobre o meu trabalho (SDR103-Dauri).*

Um quarto elemento deste sentido diz respeito à fidelidade com o local. Como vimos no sentido anterior, de Reconhecimento, uma característica comum aos entrevistados é que eles se identificam pela prática profissional – de lazer, no caso do primeiro entrevistado, mas que se tornou sua atividade principal após a aposentadoria – que foi destacada na reportagem. Com isso, um elemento que emergiu ligado à fidelidade é o fato de as equipes de reportagem os terem acompanhado no exercício dessas atividades. Eles utilizam essa presença dos jornalistas em seus ambientes de trabalho como um elemento de validação das reportagens.

*O que eu mais gostei foi a foto mostrando e que diz que eu levanto cedo. Realmente, eu levanto às 4 da manhã, 4h30 (SDR19-Valdomiro).*

*Para mim, a parte mais interessante foi aquela... como tava acontecendo no momento, já não era das outras coisas, né. Tava acontecendo lá na Igreja Nossa Senhora dos Passos. Foi naquele momento ali que eu estava olhando as imagens, tava vendo se não tinha outra, e realmente pode ter uma missioneira lá. Aí eu fui lá para pesquisar mesmo. Então, foi um momento que me chamou a atenção quando eles mostraram a imagem de eu vendo, com o binóculo, dentro da igreja. Quem é que vai olhar com um binóculo dentro da igreja para ver qual é o santo? Ninguém olha. Então, isso é uma coisa que tem que olhar, para saber o que é, quem é que tá ali (SDR38-Édison).*

*A imagem lá, caminhando com a pasta, com os óculos, descendo, vendo, eles estão vendo que eu estou analisando os santos ali. E eu realmente tava (SDR39-Édison).*

*E foi bem interessante que ela veio no lugar onde eu trabalho (SDR21-Édison)*

*Quanto mais a imprensa puder estar junto, acompanhar mesmo o que está acontecendo, eles vão saber realmente como fazer o texto e pegar o espírito da coisa. Uma coisa é no telefone, né, a outra coisa é estar junto (SDR56-Édison)*

*Ela foi até o local, que tu tem uma segunda visão, porque uma coisa é o que a gente fala, outra coisa é o que é. Circulou por tudo, pode visualizar (SDR59-Gislane).*

*Primeiro houve todo o esgotamento da parte fala, de eu me apresentar, de ela se apresentar, de eu apresentar o espaço, e depois houve a constatação, entendeste, de como era realmente o espaço. E aí veio a conclusão dela, que foi perfeita, não tinha o que dizer ali que tivesse não sendo fidedigno. Me representa, a Larissa me representa (SDR60-Gislane).*

*Ela fala exatamente o que é o sítio. Ela sentiu o sítio (SDR68-Gislane).*

*Isso eu digo sempre. 'Há de se fincar os pés no chão para não ser levado pelo redemoinho'. (risadas). Eu achei fantástica essa fala dela (SDR70-Gislane).*

Rodrigues (1988) afirma que a fidelidade aos fatos narrados por uma fonte faz parte do discurso jornalístico e que está ligado a uma estratégia de credibilidade relacionada ao

valor jornalístico da objetividade. O autor ressalta, contudo, que a escolha dos termos, a ordem da sua apresentação e a seleção dos fatos que são narrados na reportagem pressupõem a existência de juízos de valor por parte do jornalista, valores estes que estão ligados à comunidade profissional. A partir das entrevistas, percebe-se que os entrevistados, de maneira geral, compreendem a existência desse trabalho de seleção por parte do jornalismo, mas, ainda assim, consideram que o repórter pode ser fidedigno às suas falas e até mesmo a seus valores.

A crença de que o jornalismo precisa "falar a verdade" é um dos pilares das primeiras teorias a respeito da liberdade da imprensa. Medina (2008) avalia que o jornalismo atual ainda carrega a crença na possibilidade de alcançar uma verdade dos fatos que seja única, pois segue sob a influência de valores iluministas e positivistas de acordo com os quais há verdades absolutas que podem ser mensuradas, testadas e comprovadas empiricamente. Ao tratar de uma proposta de jornalismo "humanizado", isto é, que não faça julgamentos, respeite a diversidade e não trate sujeitos e objetos com preconceito, Ijuim (2012) defende que o jornalista passe a buscar "versões verdadeiras" oferecidas pelas fontes, e não mais as verdades absolutas.

#### **8.3.4 Sentido de Proximidade**

O quarto sentido da FDR é, na verdade, um desdobramento do sentido anterior, de Fidelidade, mas foi feita a opção de apresentá-lo separadamente porque ele se refere a outro elemento importante, que é o fato de que a condição em que os perfilados concederam as entrevistas originais fez com que eles se sentissem à vontade para falar. A proximidade que tiveram com o repórter na hora da entrevista fez com que o relato de suas vidas fosse, no ponto de vista deles, mais fiel à realidade. Este sentido apareceu em 10 SDs de duas entrevistas, mas principalmente na conversa com Gislane (APÊNDICE L).

*Eu me senti à vontade. Isso é uma grande coisa. Me senti à vontade com as perguntas, com a entrevista. Respondia sempre espontaneamente. Não fiquei encabulado. Não fiquei com vergonha de dizer até umas coisas que eu botei ali, que expliquei, que foram cômicas, aconteceram realmente. Não escondi. Então, eu acho que, repetindo, me senti à vontade (SDR11-Valdomiro).*

*A Larissa é uma pessoa muito querida, ela me deixou bastante à vontade (SDR71-Gislane).*

*Ela me deixou bastante à vontade, como se eu tivesse com uma amiga, não com uma repórter ali. Me senti bastante à vontade de estar do lado dela, de mostrar tudo para ela. Não me senti, em nenhum momento, constrangida ou 'ah, isso aqui eu não vou mostrar'. Sabe, é como se eu estivesse com uma amiga (SDR72-Gislane).*

*Às vezes eu acho que as pessoas devem se sentir um pouco constrangidas, mas eu não me senti nem por um momento (SDR73-Gislane).*

*Não sei se é porque eu estou acostumada a me relacionar com as pessoas, não sei. Não me senti, não me senti envergonhada, não me senti constrangida, não sei. Ou ela me deixou muito à vontade (SDR74-Gislane).*

Gislane também destaca o fato de ter se sentido à vontade não apenas no caso da entrevista para *Singular*, mas em outros momentos em que se relacionou com a imprensa.

*É diferente, mas eu me senti também extremamente à vontade, como se a televisão fizesse parte da minha vida (SDR76-Gislane).*

*Porque tanto a Larissa, quanto o Evandro, tanto os rapazes que foram fazer foto e coisa, são pessoas que nem a gente, deixam a gente super à vontade. (SDR78-Gislane)*

*Eu não sei se eu virei uma velha exibida, até bem mais à vontade do que no clipe que eu vi, porque o clipe era eu e aquela câmera. Apesar da Larissa estar ali, era eu e a câmera. Eu não falei tão à vontade como eu falei no outro (SDR77-Gislane).*

A própria entrevistada relaciona o fato de se sentir à vontade com a possibilidade de ser verdadeira em sua fala para a imprensa.

*É que eu já falo demais por natureza, então eu me sinto à vontade. Não me sinto constrangida (SDR66-Gislane).*

*Eu sou tão autêntica, cara. Eu sou o que eu tenho que ser, na hora que eu tenho ser e digo o que eu tenho dizer na hora que eu tenha que dizer (SDR83-Gislane).*

Na reflexão teórica apresentada anteriormente, foi tratada a questão de que nem sempre o próprio entrevistado estará confortável o suficiente para expor sua subjetividade para o entrevistador. Ao falar sobre representação, Robert Ezra Park (apud GOFFMAN, 1975) afirma que toda a pessoa utiliza uma máscara, isto é, está a todo momento, mais ou



menos conscientemente, representando um papel. Goffman (1975) diz que essas máscaras são papéis sociais que o indivíduo exerce dependendo da situação que tem pela frente. Segundo ele, os indivíduos têm tendência a uma representação idealizada de si mesmos e, para isso, tendem a incorporar valores oficialmente reconhecidos pela sociedade. Isso significa que uma pessoa irá moldar seu comportamento para se adequar ao que acredita ser a expectativa da sociedade para uma situação determinada. No caso de uma entrevista, o entrevistado irá agir como acredita que uma pessoa na mesma situação deverá se portar diante de um entrevistador e de acordo com a maneira que ele imagina que o repórter queira que ele se comporte. Nesse sentido, podemos dizer que os entrevistados operam pelo que Orlandi (2013) chama de mecanismo da antecipação, pelo qual um sujeito vai modular a sua fala pelo efeito que pensa produzir em seu interlocutor. Isto é, o entrevistado modula seu discurso pela imagem que faz do jornalista e o mesmo ocorre com o jornalista, que irá inscrever este entrevistado em uma formação imaginária previamente formulada.

Como já foi visto, Lago (2010) afirma que é uma impossibilidade estrutural do jornalismo apreender e acolher o Outro em toda sua alteridade, sem reducionismos e estereótipos. No entanto, a autora diz que é possível torná-lo permeável a pontos de vista, ângulos, vivências e à possibilidade de o jornalista ser afetado pelo Outro quando se substituem as regras normativas da profissão por um olhar descentrado. Portanto, é possível afirmar que os repórteres de *Zero Hora* não poderiam ter acesso aos seus entrevistados em suas totalidades, já que todos somos compostos por várias fachadas, não havendo uma fachada “mais verdadeira” do que as outras. Por outro lado, os entrevistados dizem que se sentiram representados em seus perfis em parte pela capacidade de os repórteres terem sido afetados por eles.

É possível afirmar, então, que foi graças a uma fachada específica que os entrevistados desta pesquisa tiveram suas histórias transformadas em pauta para a série *Singular*. Pela ordem de entrevistados: “o maratonista idoso”, “o caçador de relíquias”, “a cuidadora de 600 cães”, “o relojoeiro de relógios gigantes” e o “inventor do carro elétrico”. De alguma forma, é por essa fachada que eles também se reconhecem e se sentiram representados nas reportagens.

Em reflexão sobre o tema da alteridade, Moraes (2018) destaca que produzir um jornalismo que ambicione representar o Outro em suas características próprias passa por uma mudança de lógica. Ela propõe a substituição da prática em que o jornalista, ao falar

DE – isto é, falar sobre alguém –, fala PELO entrevistado, por outra em que ele fala COM este entrevistado, o que ocorre quando há uma "divisão de palco" entre os dois. Como destaca Medina (2008), uma entrevista se torna um diálogo quando repórter e fonte colaboram para trazer à tona uma verdade a respeito da pessoa do entrevistado.

Nesse sentido, o sentir-se confortável apontado pelos entrevistados pode ser compreendido como uma abertura na conversa com as repórteres para adotar uma posição menos reativa às expectativas da situação e mais condizente com as “suas verdades”, ou com as “suas versões verdadeiras” para os fatos que vivenciaram. A forma como o primeiro entrevistado se refere à repórter na SDR13<sup>56</sup> – “a Mari” – demonstra a proximidade que se criou entre os dois e que fez com que a entrevista se aproximasse do diálogo proposto por Medina. O mesmo ocorre quando o segundo entrevistado fala que, para ele, *Zero Hora* é “quase uma família”<sup>57</sup>.

### 8.3.5 Considerações sobre a FDR

A metodologia adotada permitiu identificar sentidos que se repetem – ou as paráfrases discursivas – nas falas dos cinco perfilados da série *Singular* que foram questionados sobre a representação nas reportagens publicadas.

Foi possível perceber que há diferentes elementos que levam os personagens a dizer por que se sentiram representados nos perfis. O agrupamento de SDs no primeiro sentido, de Extensão, permite perceber que um tempo maior de contato entre repórter e fonte e o espaço concedido ao texto da reportagem foram identificados pelos entrevistados como importantes para se sentirem representados.

Outro conjunto de respostas, atribuídas ao sentido de Reconhecimento, indica que a publicação dos perfis fez com que eles se sentissem valorizados, o que se deu por diferentes formas. Para alguns, essa valorização estava atrelada à profissão, mas outras respostas também indicam que os entrevistados perceberam que suas características e valores pessoais foram valorizados pelas reportagens.

O terceiro sentido aqui apontado, de Fidelidade, indica que os entrevistados acreditam que os perfis conseguiram ser fiéis às suas trajetórias de vida, o que passa pela fidelidade do texto ao relato que fizeram. Destaca-se também o fato de que alguns dos entrevistados creditaram a presença de repórteres em um momento em que realizavam

---

<sup>56</sup> Do sentido de Fidelidade.

<sup>57</sup> Ver SDNR14.

suas atividades como um elemento que contribuiu para que pudessem considerar as reportagens como fidedignas.

Da mesma forma, dois entrevistados relacionaram o fato de terem se “sentido à vontade” como um elemento essencial que lhes permitiu se abrirem às entrevistas que concederam à *Zero Hora*, isto é, compartilharem suas subjetividades. Este último grupo de respostas foi enquadrado no sentido de Proximidade, que permite dizer que a relação construída entre repórter e fonte nesses dois casos foi importante para que eles tenham dito que se sentiram representados.

#### **8.4 Formação discursiva de Não Representação (FDNR)**

Para além de compreender os sentidos pelos quais os entrevistados disseram sentirem-se representados, as entrevistas também buscavam compreender os sentidos pelos quais eles poderiam expressar que não se sentiram representados. Ao serem questionados diretamente sobre a forma como as reportagens de *Singular* os representaram e se havia divergências com os textos, todos os entrevistados expressaram opiniões positivas. No entanto, sequências discursivas identificadas nas transcrições indicam elementos de divergência em trechos das reportagens lidos durante a entrevista – ou que foram citados durante respostas a outras perguntas – e que podem ser considerados relevantes. Estas SDs foram enquadradas em dois sentidos: Imprecisão (com 10 SDsNR) e Exclusão (com 9 SDsNR). No total foram 19 SDsNR. Nota-se que há bem menos SDs na FDNR do que na FDR, que conta com 125 SDs.

##### **8.4.1 Sentido de Imprecisão**

O primeiro sentido enquadrado na FDNR é o de “Imprecisão” e refere-se a momentos das entrevistas em que as fontes apresentaram discordâncias com a forma como uma informação sobre elas foi apresentada na reportagem. Esse sentido foi identificado em 10 SDsNR (APÊNDICE M). As duas SDs a seguir demonstram o sentido. Elas foram extraídas de respostas dadas durante o último item do questionário, quando os entrevistados ouviam a leitura de trechos dos seus perfis e deveriam dizer se concordavam ou não com o texto. A primeira SD diz respeito ao trecho da reportagem que diz que Édison cultivou amizades importantes ao longo da sua carreira, entre elas a do Papa Bento XVI<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> Ver Apêndice B.

*Ela colocar 'amigo do Papa', eu achei interessante, né. Eu não sou amigo do Papa, mas talvez para valorizar a coisa (SDNR15-Édison).*

A segunda SD está relacionada ao momento em que a reportagem diz que em uma oportunidade em que foi a São Paulo comprar uma máquina, João Alfredo, ao vê-la desmontada, “pensou que poderia produzir uma semelhante”<sup>59</sup>. Após ouvir esse trecho, o entrevistado disse:

*Não, eu fabriquei a máquina melhor do a que eu tinha visto, que era uma máquina italiana que tinha em São Paulo na época. (SDNR53-João Alfredo)*

Pode-se considerar que os casos acima referem-se a detalhes na informação que os entrevistados apontaram não estar totalmente correta. Já Dauri apresenta uma discordância sobre a forma como uma situação foi apresentada na reportagem, como se pode verificar na sequência abaixo.

*Eu acho que ali foi um pouquinho distorcido (SDNR35-Dauri).*

*Talvez, eu me expressei um pouco mal na época, depende a maneira de me expressar (SDNR36-Dauri).*

*Ali, ela expressou um pouco diferente. Para quem lê, vai entender, parece que eu fabriquei um fole para matar formigas (SDNR37-Dauri).*

*Mas o que eu quis dizer, porque o meu vô materno era ferreiro e ele, a ferraria usa um fole grandão para assoprar o carvão para fazer a brasa, para assoprar o fogo (SDNR38-Dauri).*

*Então, ali que ela distorceu, que ela não entendeu o sentido. Eu usei um fole de formiga para fazer a ferraria e ela, pelo que eu entendi ali, fala como se eu tivesse fabricado um fole para matar formiga. Mas eu usei o fole para fazer a ferraria. É uma coisa que me chamou a atenção quando eu li a matéria antes (SDNR39-Dauri).*

Chama a atenção na SDNR36 que Dauri faz questão de dizer que a responsabilidade da imprecisão deve ter sido dele, entrevistado, e não da repórter. Ou seja, parece que o fato de ele estar satisfeito com o resultado final da reportagem e se sentir valorizado por ter sido escolhido faz com que ele minimize o erro. Há ainda um segundo momento, na mesma entrevista, em que o entrevistado expressa discordância com o texto da reportagem. Essa situação ocorre quando o texto diz que ele pensou em desistir de seu

---

<sup>59</sup> Ver Apêndice B.

trabalho como relojoeiro em razão de um incêndio que atingiu a casa em que mora e que também funciona como estabelecimento comercial e oficina de trabalho.

*Não, eu nunca pensei em desistir (SDNR40-Dauri).*

*Então, perdemos muita coisa, mas nunca pensei em desistir. Ali foi um detalhe que, talvez, ela não entendeu bem (SDNR41-Dauri).*

Nesse caso, o entrevistado não chama para si a responsabilidade do erro pois, para ele, não parece ser apenas um detalhe errado na informação – mesmo que ele chame de “detalhe”. Dizer que ele pensou em desistir da profissão parece significar uma mudança importante em relação a como ele se vê representado.

#### **8.4.2 Sentido de Exclusão**

O segundo sentido enquadrado na FDNR é o de Exclusão, que diz respeito a momentos em que os entrevistados indicam que temáticas que consideram relevantes para a compreensão de suas histórias de vida e personalidades não foram abordados em seus perfis. Foram encontradas 9 SDsNR neste sentido (APÊNDICE N).

*Sim, teria mais coisas para colocar ali (SDNR18-Édison).*

*O lado empresa ficou meio para trás (SDNR33-Dauri).*

*Também talvez porque eu não falei ou ela não perguntou. Realmente, esse é um caso que não foi mencionado, mas não tô culpando ninguém, eu não sei por que não (SDNR34-Dauri).*

Mais uma vez, o entrevistado Dauri faz questão de dizer que não está “culpando” a repórter por ter deixado de fora informações que ele considera importantes. É possível perceber que isso ocorre, em parte, porque ele e os demais entrevistados têm uma percepção de que essas temáticas podem não ter entrado no texto por limitações de espaço das reportagens que, como Édison salienta, já eram por eles consideradas como “longas”.

*Quem viu essa reportagem percebeu que, com certeza, teria mais coisas, mas foi um portal (SDNR17-Édison).*

*Poderia ser algo assim, mas vejo que, também, aí seria tanta coisa.*

*Mas quem entende, talvez... eles souberam disso aqui. Talvez, o jornalista que entende do espaço, para não ficar tão cheio de coisas também (SDNR16-Édison).*

Da mesma forma, Édison percebe que outras temáticas que ele acredita serem importantes sobre a biografia não entraram porque não se enquadravam no “foco” da reportagem.

*O tema aqui é arte sacra, são descobertas. Então, essa foi a temática colocada aqui. Não misturou outras coisas, não foram tantas, foi uma só. Por exemplo, a deusa Niba, que é mais africana. Então, foi realmente o principal (SDNR19-Édison).*

*Onde é que eu estudei e coisas assim, mas não foram muitas, não, né, Eduardo. Foi mais vinculado mais ao tema. Nada fora, assim... o que tu gosta de comer? Isso também não era o foco (SDNR20-Édison).*

Há ainda uma avaliação dos próprios perfilados de que foi uma opção positiva da reportagem não aprofundar determinadas temáticas.

*Eles não colocaram isso e eu achei interessante não colocar para não entrar no mundo muito místico, não era a coisa mística aqui, eu entendi. E, se fosse, não estaria nesse texto, estaria em uma outra versão, que também poderia ter o espaço aqui, para ver a questão mística das coisas, do sagrado, e assim por diante, do movimento das pessoas (SDNR23-Édison).*

*Não entrou muito porque é um lado meio complicado (SDNR26-Gislane).*

É possível relacionar o sentido de Exclusão com o processo jornalístico de seleção dos fatos. Maia (2013) pondera que um dos desafios do perfil se dá na apresentação, por meio de um recorte, de sujeitos que sofrem interferências simultâneas de variadas mediações, não sendo expostos a apenas uma comunidade de princípios e ideias de cada vez. Estes indivíduos são, portanto, multifacetados, não são apenas "uma coisa". No entanto, o processo de seleção dos fatos narrados e de escolha de como eles serão apresentados é uma das tarefas básicas do ofício do jornalista. Reginato (2016) aponta que, entre as finalidades do jornalismo, estão as de interpretar e analisar a realidade, fazer a mediação entre os fatos e o leitor e selecionar o que é relevante.

Vilas-Boas (2014) argumenta que um perfil "funciona" quando as pessoas percebem que o "processo de seleção e recorte" feito pelo jornalista resultou em um texto que apresentou "as partes reveladoras do Eu Essencial do personagem". "[...] A ideia de singularidade em um texto-perfil não tem a ver somente com a individualidade alheia. A

singularidade é importante também no que tange ao(s) encontros(s) do autor com seu personagem" (VILAS-BOAS, 2014, p.274).

Como já dito na seção 8.4.3, percebe-se, a partir da fala dos entrevistados, que eles reconhecem a existência desse processo de seleção. Contudo, as SDs enquadradas em Exclusão indicam que algumas características pelas quais se identificam acabaram não entrando nos perfis, ainda que eles próprios indiquem que poderia não ser o “foco” e evitem tecer críticas. Porém, infere-se, a partir de algumas falas, que eles também as consideram como relevantes e que poderiam, ao menos em parte, terem sido mencionadas nos perfis.

#### **8.4.3 Considerações sobre a FDNR**

De maneira geral, não é possível dizer que os entrevistados nesta pesquisa não se sentiram representados pelos perfis publicados por *Zero Hora* na série *Singular*. Sempre que questionados diretamente, afirmaram que tinham sido bem representados. No entanto, algumas divergências apareceram quando a conversa versou sobre trechos específicos das entrevistas ou sobre características pessoais que ficaram de fora do texto da reportagem final. Esses dois sentidos foram identificados nesta pesquisa como Imprecisão e Exclusão.

Foi perceptível, além disso, que os entrevistados evitaram criticar diretamente a matéria ou o repórter, ainda que pudessem ter algumas críticas a fazer. Mesmo quando apontaram eventuais divergências com o conteúdo das reportagens, optaram por não criticá-las. Pode-se dizer, então, que os sentidos de não representação puderam ser percebidos, ainda que não expressados diretamente.

Esses sentidos foram enquadrados na Formação Discursiva de Não Representação porque se considerou que não foram meros detalhes – como erros de nomes ou de dados – ou omissões de características menores ou até mesmo banais dos entrevistados, mas elementos que podem mudar a percepção que se tem sobre os entrevistados.

No sentido de Imprecisão, uma fala destacada de Dauri indica que ele se sentiu incomodado com o trecho de seu perfil que diz que pensou em desistir, pois considera que isso não só não é uma forma precisa de definir o que aconteceu, como não seria de seu caráter desistir. Já no sentido de Exclusão, percebe-se que Édison, por exemplo, dá importância para o que chama de “mundo místico” e, mesmo que concorde com a decisão da repórter de não incluir essa temática no perfil, acredita que também poderia ter havido espaço para ela.

## 8.5 Formação discursiva de percepções dos entrevistados sobre o jornalismo (FDJ)

Depois de feitas e transcritas as entrevistas, foi possível perceber que os entrevistados, estimulados pelas perguntas, compartilharam impressões sobre o jornalismo e sobre como se relacionam com a imprensa. Essas respostas foram consideradas importantes, pois ajudam a compreender a dinâmica repórter/fonte a partir do olhar da fonte. Dessa forma, complementam a compreensão sobre a forma como esses indivíduos se veem representados.

Para enquadrar as respostas que dizem respeito à percepção que os entrevistados têm sobre o jornalismo e que não estão diretamente relacionadas às reportagens nas quais eles foram perfilados, foi criada uma formação discursiva à parte, a FDJ. É importante pontuar que, quando a sequência discursiva extraída das entrevistas envolveu a percepção sobre o jornalismo diretamente relacionada o perfil de *Singular*, a SD foi enquadrada dentro das FDs R ou NR.

Foram identificadas 87 SDs (APÊNDICE O) que puderam ser enquadradas dentro desta formação discursiva, sendo 41 delas na segunda entrevista, 15 na terceira, 20 na quarta e 11 na quinta – nenhuma na primeira entrevista. Foi possível perceber claramente que há sentidos que se repetem nas diferentes entrevistas, mas, no caso desta FD, optou-se por não fazer uma separação de sentidos interna à FDJ, como foi feito com a FDR e a FDNR, para as quais se considerou que a separação de sentidos seria necessária para responder ao questionamento principal da presente pesquisa: se os entrevistados se sentem representados e por quê. No caso da FDJ, entende-se que as sequências discursivas identificadas ajudam a compreender a percepção que as fontes têm do jornalismo como profissão.

Um primeiro elemento a ser mencionado é que, de maneira geral, há um reconhecimento pelos entrevistados do papel prestado pelo jornalismo para a sociedade, como pode ser conferido nas sequências discursivas a seguir:

*A função do jornalismo é trazer para a gente a paisagem do que está acontecendo na sociedade. Eu respeito muito o jornalismo, porque, se nós unirmos todos os jornais de cada dia, nós vamos ter a história mais completa do Rio Grande do Sul (SDJ1-Édison).*



*Se tu quer saber mesmo o que tava funcionando no dia, eu acredito que é até muito mais importante que um livro de História, porque traz muitas informações (SDJ2-Édison).*

*O jornalismo sempre é importante, porque sempre a notícia do dia, toda a notícia, os acontecimentos do dia, desde notícias ruins até as notícias boas, alguém precisa divulgar, né. Então, o jornalismo, a imprensa, divulga isso dessa maneira, tanto a imprensa falada, escrita, né. Então, eu acho super importante, porque, sem notícias, nós estaria parados no tempo, como há 100, 200 anos atrás, que não existia, talvez... (SDJ58-Dauri).*

*Sem o jornalismo nós estamos ferrados, né cara. Jornalismo é tudo no Brasil e no mundo hoje. Se não tiver informação, nós estamos mortos. E a tecnologia está muito grande, se tu não acompanhar, tu tá ferrado (SDJ77-João Alfredo).*

Reginato (2016) destaca que há uma vertente dentro dos estudos do campo dedicada a estudar o papel e a finalidade do jornalismo para a sociedade. Ela propõe 12 finalidades que o jornalismo tem a cumprir: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade. É interessante perceber a partir da análise das SDs desta dissertação que os entrevistados, ainda que empiricamente, se aproximam de definições formuladas por autores do campo.

Como os entrevistados já haviam sido fonte para outras reportagens, também se percebe que eles desenvolveram uma compreensão sobre o “funcionamento” do jornalismo, passando a se relacionar com a imprensa a partir do que eles entendem como a lógica da prática jornalística. As SDs a seguir são exemplos disso:

*Porque, na reportagem, tu fala a tua parte. E aí a imprensa também fala com outros para ver se realmente é verdade. Então, eu acho muito legal isso e a gente fica muito mais tranquilos, porque a outra pessoa que participou da pesquisa vai ter a sua liberdade para falar sem a minha interferência, né, então isso foi excelente (SDJ7-Édison).*

*Essa aqui, como eu estou falando, eu já sabia que ia ser um álbum, alguma coisa assim de 'agora vamos fazer uma reflexão sobre todas' (SDJ8-Édison).*

*A gente sabe que esse pessoal da imprensa fica numa tensão muito grande de terminar pautas, etc., etc. Então, eu já sei disso e, para mim, é muito natural (SDJ18-Édison).*

*Então, várias coisas podem vir depois, mas qual é o foco? O foco é na descoberta. Tá aqui. A reportagem depois pode girar ao redor (SDJ29-Édison).*

Édison demonstra perceber a importância das rotinas profissionais na produção jornalística, temática que é amplamente discutida nos estudos sobre o jornalismo e que foi apresentada nesta dissertação a partir de autores como Miguel e Biroli (2010) e Benetti (2007) como um elemento central da construção de uma notícia. Miguel e Biroli (2010) defendem, por exemplo, a ideia de que as rotinas vão moldar o discurso jornalístico ao impor previamente quais práticas e visões de mundo são consideradas como aceitáveis. Nesse sentido, Édison usa o conhecimento sobre o impacto das rotinas na produção jornalística para moldar a forma como se relaciona com jornalistas.

Outro elemento que surge, desta vez na fala de Dauri, é a percepção de que há práticas jornalísticas que buscam “impressionar” os leitores e espectadores, exagerando os fatos para além do que considera necessário.

*Eu sempre digo assim que o jornal e a TV não querem só divulgar notícias ruins, que é o que mais tem, é assalto, é morte, é acidente de trânsito. E, essas notícias do meu trabalho, eu acho que deve ser, pelo menos para muita gente, uma notícia gostosa de ler, interessante para ler e para ver, quando alguém faz alguma coisa boa (SDJ62-Dauri).*

*A tendência é, para chamar a atenção, eles até usam expressões fortes assim, não erradas, mas para chamar a atenção para a imprensa (SDJ70-Dauri).*

*Para impressionar, muitos têm essa tendência. Não é todos, mas tem várias que eles, às vezes, querem chamar mais a atenção do que realmente é. Então, acho que não fica bem, porque, como entrevistado, eu não tenho interesse em fazer sensacionalismo, querer aumentar, mentir, e também não quero*

*enganar. Então, eu acho que a verdade, a realidade, é sempre o que vale (SDJ73-Dauri).*

Amaral (2005) afirma que o termo "sensacionalismo" era usualmente empregado em relação ao conteúdo dos chamados jornais populares. Contudo, diz que o conceito acabou se ampliando na medida em que se popularizou e acabou por sofrer um deslocamento, tornando-se o que ela chama de uma "categoria flácida, sem fronteiras e sem vigor". "Rotular um jornal de sensacionalista é enfatizar, de uma maneira geral, que ele se dedica a provocar sensações, prática hoje generalizada" (AMARAL, 2005, p.2). A autora destaca ainda que é um equívoco pressupor que haveria na atualidade um único conceito para se referir às estratégias empregadas pelo jornalismo para gerar sensações. A partir de Sobrinho (1995) e Pedroso (2001), ela postula que o sensacionalismo se refere, então, a adotar um tom exagerado, escandaloso, para fatos que não mereceriam tal tratamento, acabando por superdimensioná-los. Parece que é esta a dimensão do conceito que os entrevistados desta pesquisa utilizam.

Outro elemento deste sentido foi percebido quando João Alfredo expressou a compreensão de que fatos que podem ser considerados como “novidades” conseguem alcance facilitado junto à imprensa. Dessa forma, mostrou compreender, mesmo que empiricamente, que esse é um dos critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas (TRAQUINA, 2008).

*Então, falar em carro elétrico todo mundo pulava em cima, queria ver. E a Globo também fazendo pressão em cima, querendo lançar o carro (SDJ78-João Alfredo).*

Quando questionado se achava que era o fato de o carro elétrico que fabricara ser uma novidade no Brasil o que chamou a atenção da imprensa, respondeu:

*Na época, sim. Hoje tem carro elétrico a dá com um pau por aí já. Tem umas coisas que fabricam e chamam de carro elétrico, mas tudo bem, funcionam (SDJ79-João Alfredo).*

Pelo fato de já terem sido entrevistados em outras oportunidades, os perfilados também passaram a criar estratégias próprias sobre como lidar com o jornalismo, o que passa por priorizar um veículo ou “saber a hora certa” para divulgar uma informação, como demonstram as SDs a seguir:

*Eu primeiro comunico sempre pro Zero Hora porque eu percebo que eles sempre dão atenção, não desmerecendo (SDJ21-Édison).*

*Alguém me disse que é errado isso, né. ‘Não, tu tem que fazer uma pauta para mandar para todos’. Como eu não entendo... como eu sei que, o Zero Hora, eles vão fazer uma grande reportagem, vão aproveitar bem. Porque outros eu já passei e fizeram uma coisinha desse tamanho, né (SDJ22-Édison).*

*Eu estou com uma pesquisa nova, agora, mas eu estou vendo o momento para lançar. Como agora está no final no ano, tu tem o momento, né, Eduardo (SDJ24-Édison).*

*Então, como é que eu faço para divulgar a pesquisa? Primeiro, eu tenho que ter um relatório. Eu tenho que ter um relatório comprovando a pesquisa. Porque aí, quando a imprensa vem, ‘olha, eu tenho a pesquisa, a pesquisa é essa, eu vou mandar o relatório para vocês’. Eu mando sempre por e-mail, em PDF, os relatórios (SDJ25-Édison).*

Tuchman (1993) compreende a objetividade como um “ritual estratégico” adotado pela comunidade jornalística para assegurar uma credibilidade como parte não interessada e para se proteger contra eventuais críticas ao seu trabalho. A autora elenca as seguintes estratégias adotadas pelo jornalista nesse ritual: 1) o uso de múltiplas fontes, para garantir que “os dois lados da questão” foram ouvidos na produção da reportagem; 2) a apresentação de provas auxiliares para comprovar os testemunhos apresentados; 3) o uso judicioso de aspas, para que o jornalista não participe da notícia e deixe os “fatos falarem”; 4) a estruturação da informação numa sequência apropriada, isto é, o estabelecimento de uma hierarquia em que a informação mais importante é apresentada no primeiro parágrafo. É o domínio desta quarta estratégia que permite ao jornalista reivindicar o “saber de reconhecimento”, uma vez que domina a técnica que lhe permite definir qual é a informação mais importante.

Em suas respostas, Édison deixa claro que compreende ao menos alguns desses mecanismos, como a necessidade de apresentar elementos complementares à sua fala para comprovar seus relatos – como é o caso dos relatórios de pesquisa. Na SD abaixo, ele, inclusive, demonstra que utiliza a compreensão que tem das técnicas jornalísticas para garantir mais espaço na mídia. João Alfredo demonstra a mesma compreensão na SD logo a seguir.

*Só que eu não disse a cidade. Eles perguntaram. Eu disse: ‘A cidade eu não vou dizer agora, só vou dizer quando tiverem me entrevistando. Então, ‘Bah, nós vamos acreditar em ti, tu falou em múmia, vamos aí’ (SDJ26-Édison).*

*Mas aí diz ela assim: ‘Mas o carro novo eu quero fazer mais um lançamento por intermédio da Quatro Rodas, sem custo nenhum, mas eu acho que vou mandar a reportagem da Quatro Rodas aí para Lajeado para fazer uma filmagem do carro. Nós temos muito interesse’. Eles vão vir, o carro tá pronto. Eu nem mandei a fotografia do segundo carro para ela. Não mandei nada. Vou deixar primeiro em cima do muro porque eu quero primeiro entrar com entrevista com a UPF de Passo Fundo, que eu tenho compromisso com eles (SDJ86-João Alfredo).*

É bastante evidente também que os entrevistados compreendem que existe um jogo de interesses na prática jornalística que é relevante tanto para o entrevistado como para o entrevistador. Por um lado, há a percepção de que uma reportagem pode ser uma “propaganda” para eles enquanto fontes. Inclusive, parece não estar claro para eles a diferença entre jornalismo e publicidade/propaganda, como vemos nas SDs abaixo. Por outro lado, eles também creem que se trata de uma relação da qual o jornalista extrai proveito profissional. Este interesse ainda pode ser o “prazer” em colaborar com o jornalismo.

*Então, não é nem pela propaganda, porque isso não é necessário, é para que as pessoas saibam que é possível fazer algo diferente, basta querer (SDJ52-Gislane).*

*Cada reportagem que sai de jornal é uma propaganda de graça, mas acho que eu também contribuo para o jornal e para todos (SDJ74-Dauri).*

*Eu queria divulgar o nome também, né (SDJ81-João Alfredo).*

*Imagina, fazer uma coisa nova, que é novidade até hoje no Brasil e no mundo todo, o carro elétrico. Imagina se não ia ajudar, claro que ajudaram, ajudaram muito (SDJ84-João Alfredo).*

*Claro que é importante, toda divulgação é importante, né (SDJ87-João Alfredo).*

*O meu interesse não é só o que é bom para mim, eu gosto de colaborar (SDJ61-Dauri).*

*Por ser um trabalho importante que eu faço e por ser raro, eu penso, assim, que eu fui escolhido porque é uma opção para a própria repórter que fez o serviço também ganhar os pontos dela na profissão dela. Porque ela conseguiu fazer um trabalho que interessa para o leitor, para as pessoas (SDJ76-Dauri).*

Em artigo sobre fontes interessadas, Gomis (2004) destaca que o fornecimento de informações de fontes para jornalistas se baseia em uma espécie de acordo sobre o que é notícia e o que precisa ser noticiado. Um acordo entre o meio que precisa de notícias e a fonte que deseja que se saiba algum fato. Por isso, nem as fontes cobram por contar determinados fatos, nem os meios por publicá-los. “Aquele fato tem que ser notícia. Se o é, a fonte interessada presta um serviço ao público ao torná-lo conhecido e faz um favor ao meio, posto que lhe oferece informação, que é do que o meio de comunicação vive” (GOMIS, 2004, p.103). Esse acordo implícito é percebido pelos entrevistados.

*Todo mundo ganha, né, Eduardo. O repórter que fez para a história dele, para mim, para a imprensa, para todos que veem (SDJ15-Édison).*

A partir das respostas dos entrevistados, destaca-se que outro elemento que eles consideram importante para estabelecer um relacionamento mutuamente benéfico é a confiança, que, reconhecem, envolve esforços das duas partes.

*Eu vejo assim que, às vezes, tu partilha uma descoberta e a imprensa lá, eles vão ver, ‘mas será que dá para ir mesmo?’ Se o jornalista, foi ele quem fez a ponte, o jornal acredita nele. Então, eu percebo para nós, quando a gente faz a entrevista, a responsabilidade é muito grande. Tu tá lidando com a confiança do jornalista, da imprensa toda, da instituição (SDJ27-Édison).*

*Então, eu percebo assim que, hoje, existe uma proximidade mais com o jornal, com o jornalista, para ti explicar com calma o que é. Eles mesmo vão fazer entrevistas lá depois, onde é que foi, etc. E, depois, quando tu tem o documento científico, comprovou que é, deu (SDJ28-Édison).*

*Essa relação de confiança é importante para se estabelecer um diálogo. Tu dá a informação e eu não sei o que está acontecendo, o que será que vai dar.*

*A confiança vai dizer assim: 'Puxa, o jornalista, ele vai saber que eu quero saber mais como é que vai ser a reportagem' (SDJ31-Édison).*

*Você hoje está aqui, é uma pessoa estranha e, se você for uma pessoa correta, honesta e simpática, você já entra na minha família aqui, onde eu posso ter confiança (SDJ67-Dauri).*

Nas SDs acima, percebe-se a ênfase que os entrevistados dão para a credibilidade jornalística, destacando, inclusive, que ela afeta a maneira como se relacionam com um jornalista, como a preocupação que Édison demonstra em comprovar o que diz. Para Sílvia Lisboa, a credibilidade é entendida como um elemento da confiança, resultado de uma percepção da qualidade do testemunho, realizada pelo interlocutor a partir de indicadores e situações. “Uma avaliação positiva da credibilidade da fonte é capaz de gerar confiança” (LISBOA, 2012, p.8).

Ao serem questionados sobre quais consideravam ser os valores que um jornalista deveria carregar e o que consideravam um bom repórter, os entrevistados destacaram a importância de elementos como “verdade”, “correção”, “honestidade”, etc.

*Passar informação. Real. Julgamento, faz cada um. Eu, tu, de acordo com a minha verdade, com a tua verdade (SDJ46-Gislane).*

*O cara passa a informação. Informação da direita, digamos. Aí passa a informação da esquerda e tu cria o teu critério. Mas ele passou as duas visões. Entendeste? Aí tu tira a tua conclusão, sabe (SDJ47-Gislane).*

*O que diz a verdade (SDJ53-Gislane).*

*Eu acho que o repórter deve ser simpático, deve ser honesto e correto, porque ele é uma pessoa estranha da casa (SDJ66-Dauri).*

*Eu acho que tem que ser muito correto. Eu percebo que, muitas vezes, os repórteres exageram, aumentam um pouco. Ou é o perigo, ou o tamanho ou a beleza. Então, tem alguns que, às vezes, fazem de uma pulga um elefante, porque eles querem impressionar, talvez (SDJ69-Dauri).*

*Eu acho que o bom repórter deve ser correto, deve ser honesto, tem que ficar na verdade, não aumentar e não precisa nem esconder algum fato grave (SDJ71).*

*Um bom repórter é o que bota as coisas certas, né, cara. Não inventa mais coisas, nem nada, bota a real. Não inventa muita coisa, não enrola muito. Porque, hoje, com a internet, ninguém mais é enrolado. Tendo uma coisa mais ou menos com convicção, deu. Esse é o bom jornalismo (SDJ86-João).*

Verificar a veracidade das informações é uma das finalidades do jornalismo apontadas por Reginato (2016). A partir de Chaparro (2001), ela afirma que é a investigação jornalística que permite ao profissional atribuir sentidos "intelectualmente honestos" aos seus relatos e garantir "precisão e veracidade" a eles. Mais uma vez, pelas SDs, percebe-se uma aproximação da visão que os entrevistados têm do jornalismo com conceitos do campo.

Por outro lado, Gislane expressou preocupação com o estado atual do jornalismo por considerar que há uma perda de valores que ela relaciona como importantes ao jornalismo, notadamente a “imparcialidade”.

*Eu sou Bolsonaro e não estou muito satisfeita, nem com Globo, nem com G1. Eu não entro e simplesmente bloqueio a minha televisão nesses canais (SDJ42-Gislane).*

*Hoje em dia, chega tanta informação errada que tu não sabe aonde te fixar. Não tem um porto seguro, porque tu não vê mais seriedade nas coisas. Tu não vê, é uns querendo engolir os outros. É a esquerda engolindo a direita e a direita engolindo a esquerda. Então, não existe mais uma verdade, é a minha verdade, é a tua verdade, é a verdade de cada um (SDJ43-Gislane).*

*E não há uma imparcialidade mais. Tu não vê mais essa imparcialidade e tu vê muita injustiça, sabe (SDJ44-Gislane).*

*De dizer o que não é verdade. De fantasiar as coisas. De ir além daquilo que realmente. De mostrar a tua verdade, o teu parecer, o parecer do teu grupo e não o que realmente é o interesse das pessoas ou o interesse coletivo. A imparcialidade, na realidade. Por que o que deveria ser o jornalismo? A imparcialidade (SDJ45-Gislane).*

*Eu era apaixonada pelo Boechat, né. Aquele cara, eu era apaixonada. Que sirva de exemplo para todos nós. Ele era um cara fantástico, não tinha...ele era imparcial, ele debochava de tudo e todos. Ele era uma pessoa verdadeira.*



*Eu achava ele excelente. Assistia todas. De lá para cá, muito pouco, porque ninguém substituiu ele a altura (SDJ49-Gislane).*

Como veremos adiante ao abordarmos a FDNR, os entrevistados apontaram poucas críticas e divergências com relação aos perfis publicados sobre si. No entanto, da mesma forma como eles consideram a “correção” como um elemento importante do jornalismo, também é perceptível uma preocupação com o erro factual e de informação.

*Mas, em geral, o pessoal passa o texto e eu reviso também. Às vezes, quando não passa o texto ou coloca online, no online dá para arrumar, né, já aconteceu casos... ‘meu nome falta uma letra’. Isso, às vezes, acontece, né, Eduardo. Isso, para mim, não é o problema. Pode arrumar. E mesmo se for errado depois, quem lê o jornal não vai se preocupar se faltou uma perninha ou não. Claro que não é o ideal, se faltou um ‘y’, se faltou um trema, etc, ou esqueceu de colocar o nome de alguém (SDJ16-Édison).*

*Se lá naquele jornal ali tivesse saído uma coisa errada. Pedir desculpa, não, tudo bem. Só que nós vamos ter que arrumar e no impresso não dá mais. Não aconteceu isso, mas eu diria: ‘Bom, agora nós podemos arrumar lá no online’ (SDJ36-Édison).*

*Não pode ter coisa errada. Se tivesse uma informação errada, que interferisse aqui, eu falaria para eles: ‘Olha, nós vamos ter que mudar lá na página, porque não é isso aí. Se não eu vou dizer na imprensa que não é e vai ficar mais chato’ (SDJ37-Édison).*

*Às vezes é um erro de número, por exemplo. Acontece muito. Por exemplo, se hoje você me perguntar quantos relógios eu já consertei, então eu digo que estou chegando perto de 100. Relógios de igreja, só relógios grandes, gigantes. Eu não tenho o número exato. Tenho tudo registrado, mas nunca me dei o trabalho e o tempo de contar. Mas, aí quando eu falo em 100, alguns já falam em mais de 100 relógios consertados (SDJ72-Dauri).*

*Eu nem sou tão exigente também a ponto de querer reclamar se alguma coisa saiu do jeito que eu achei, do jeito que eu pensei. A não ser quando é um erro (SDJ75-Dauri).*

Considera-se a partir da análise das sequências discursivas enquadradas na FDJ, portanto, que os entrevistados possuíam, anteriormente à publicação das reportagens na série *Singular*, conhecimento e expectativas prévias sobre o jornalismo, o que ajudou a moldar a forma como se relacionam com a imprensa. Desta forma, não se pode desconsiderar esta significação prévia por parte dos entrevistados na análise das respostas que deram ao serem questionados se haviam sido bem representados pelas reportagens de *Singular*.

## **8.6 Formação discursiva de Não Representação do Outro Divergente (FDNROD)**

Além das percepções dos entrevistados sobre o jornalismo, enquadradas em FDJ, e das SDs que identificaram elementos que os levaram a dizer se se sentiram representados por seus perfis em *Singular* – enquadradas em FDR e FDNR –, emergiu das entrevistas uma quarta formação discursiva que dialoga com o tema central desta dissertação, a representação do Outro. Ao longo dos capítulos teóricos, e deste próprio capítulo analítico, discutiu-se a questão de quem é o Outro do jornalismo e se os perfilados na série analisada preencheriam esse papel ou representariam o Mesmo, isto é, um semelhante ao jornalista, com quem compartilham valores e visões de mundo. Essa formação discursiva identificada foi nomeada como FD da Não Representação do Outro Divergente, com um sentido que será apresentado a seguir.

### **8.6.1 Sentido de Recorrência**

Autores como Hall (1997) destacam que os jornalistas empregam estratégias para separar o que é normal e aceitável do que é anormal e inaceitável. As fontes recorrentes seriam aquelas que se enquadram dentro desse padrão do aceitável, o que lhes garantiria espaço na mídia, ao contrário do inaceitável, que seria invisibilizado e marginalizado. Para Miguel e Biroli (2010), o desafio de um jornalismo que se abre para a alteridade é justamente oferecer condições para que agentes sociais marginalizados possam expressar valores que rompam com expectativas padronizadas.

Não é o objetivo aqui afirmar que os entrevistados ocupam o papel de fontes aceitáveis ou inaceitáveis. No entanto, a partir da análise das entrevistas, percebeu-se que todos os entrevistados afirmaram já ter sido fontes de produções jornalísticas antes da publicação das reportagens de *Singular* ou que foram posteriormente. Foram identificadas, então, 36 sequências discursivas enquadradas como pertencentes ao sentido de Recorrência (APÊNDICE P), o único identificado como pertencente à FDNROD. A seguir, alguns exemplos.

*Como eu treino sempre de manhã, uns bons anos atrás, a RBS sempre fazia a reportagem do tempo ao vivo e embaixo do viaduto aqui da José de Alencar com a Borges. Como é o meu trajeto de ir para a Orla e voltar, eu encontrava o pessoal e volta e meia eles me entrevistaram, direto, ao vivo, naquele programa do tempo da RBS (SDNROD2-Valdomiro).*

*Desde 2004, 2005, acredito que umas 20 reportagens, mais ou menos (SDNROD8-Édison).*

*A primeira foi em 2004. Se eu não me engano, não sei se foi na Band, foi sobre cultura indígena. Foi na televisão. A primeira vez foi em 2004. (SDNR09-Édison)*

*Para dizer a verdade, até um dia eu estava cansado de dar tanta entrevista (SDNR011-Édison).*

*Duas. Aí foi reportagem na Band. Foi TV (SDNROD18-Gislane).*

*A primeira da Band era mais ou menos o que eu esperava, a segunda foi além da minha expectativa, pela quantidade de repercussão que teve. Ali sim teve uma repercussão enorme (SDNROD20-Gislane)*

*Para TV, desde a época...deve ser umas cinco ou seis reportagens de TV, que saiu já desse meu trabalho. Muitos programas de rádio, onde me convidam para participar, para conversar, para dialogar, para debater, enfim. E jornal, então, foi o maior número. Quantidade, eu poderia dizer assim...olha, devia ser assim...eu tenho quase tudo guardado, uma parte me sumiu, nós fizemos mudança, então alguma parte de recorte de jornal eu perdi, mas devia ser umas 20 a 30 reportagens nesses anos todos (SDNROD26-Dauri).*

*Entrevistas de rádio, para Passo Fundo, tem cinco emissoras ali. Ali foi as cinco. Depois, em Carazinho, também dei. Depois, dei palestra em Carazinho para os alunos, incentivar a gurizada, né. (SDNROD29-João Alfredo)*

*Mais de 30 entrevistas eu dei, né. O começo foi em 2011, 2012, 2013, 2014 (SDNROD30-João Alfredo).*

Nos casos de Édison e Dauri, a recorrência não está atrelada a um fato específico que houvesse chamado a atenção da imprensa, como é o caso de João Alfredo, que se tornou fonte de diversas reportagens na ocasião do lançamento do carro elétrico artesanal. Édison e Dauri são entrevistados frequentes porque suas

ocupações são incomuns – arqueólogo e técnico em relógios antigos. Por isso, várias matérias foram feitas sobre eles em momentos diferentes de suas carreiras, a ponto de o primeiro dizer que, para ele, o jornal *Zero Hora* era “quase uma família”.

*Porque eu já tenho uma tradição de pesquisas com Zero Hora. Eu, para mim, Zero Hora é um jornal que tem uma repercussão e eles sempre confiaram no meu trabalho (SDNR4-Édison).*

*Então, eles me procuraram porque já sabiam que tinha uma grande... já faz mais de 20 anos, né, que a gente está pesquisando isso. E me procuraram, também, porque o jornal está acompanhando as coisas. Então, o que eles estão fazendo, do meu ponto de vista, é fazendo um álbum, na prática (SDNR5-Édison).*

*Já tenho até uma tradição com Zero Hora. É quase uma família, por um lado, com essa imprensa (SDNR14-Édison).*

*Em cada cidade que eu chego, é feita alguma reportagem, porque o meu trabalho é um trabalho em extinção, então os jornais, a imprensa em si, se interessa para fazer matérias (SDNROD21-Dauri).*

Valdomiro, Édison e Dauri expressaram, inclusive, que já conheciam as jornalistas que fizeram suas reportagens.

*Eu, correndo, encontrei ela correndo. Como eu gosto de fazer amizades, perguntei se eu podia acompanhá-la. Ela disse que sim. Aí ela disse que era jornalista, né, e ela depois pediu pelo e-mail se ela podia fazer uma entrevista pro blog dela. Aí ela mandou as perguntas e eu escrevi, respondi as perguntas. Assim que começou a nossa amizade (SDNR1-Valdomiro).*

*A Aline me telefonou, que gostaria de fazer uma reportagem sobre as minhas pesquisas. Uma reportagem especial. E como eu conheço ela, se eu não engano foi de uma outra entrevista, agora eu não me lembro, ela veio aqui nesta sala, com um fotógrafo, e essa entrevista que nós estamos vendo aqui, Singular (SDNR3-Édison).*

*A Aline, a Bruna, e outros ali. Então, eu já conheço eles. Em geral, eles têm mandado repórteres que me conhecem (SDNROD16-Édison).*

*Eu já conhecia ela antes através de uma outra reportagem. (SDNROD22-Dauri)*

Gislane não conhecia a repórter que a entrevistou, mas já tinha relações com outro jornalista de *Zero Hora*, como já foi dito.

*Eu tenho um pai de um cachorro que é o Alfredo Fedrizzi, que eu acho que ele também é repórter da Zero Hora (SDNROD17-Gislane).*

Após a publicação de seu perfil em *Zero Hora*, ela deu duas entrevistas para reportagens sobre o sítio que foram veiculadas pela TV Bandeirantes. No caso de João Alfredo, ele já havia sido entrevistado em tantas oportunidades por veículos jornalísticos que não era capaz de recordar em qual momento havia concedido a entrevista que seria transformada na reportagem de *Singular*.

*Eu nem me lembro mais. (SDNROD27-João Alfredo)*

*Ah, eu não me lembro mais. Eu tenho mais de 200 páginas, uns 50 jornais lá em casa, tudo programado, tudo com nome, direitinho lá tudo. As fotografias, as entrevistas que fizeram comigo. (SDNROD28-João Alfredo)*

*Não me lembro, cara. Não me lembro mais. Tem tanta. (SDNROD32-João Alfredo)*

Como se antecipou na Introdução desta dissertação, esta pesquisa ambicionava ser um estudo sobre a representação do Outro no jornalismo, não qualquer “outro”, mas aquele normalmente ausente das narrativas jornalísticas.

Miguel e Biroli (2010) destacam que, no processo de escolha de fontes jornalísticas, a reivindicação de valores como objetividade e imparcialidade tende a priorizar opiniões que possam ser consideradas como “técnicas” e enquadradas dentro de um padrão esperado: de um homem, branco, heterossexual e que segue determinado padrão científico. No entanto, diante do fato de que a própria série de reportagens *Singular*, em sua apresentação, era descrita como um material jornalístico que tinha por objetivo contar histórias de personagens e locais únicos e diferenciados, singulares, a expectativa era de que os entrevistados poderiam revelar personalidades dissonantes desse padrão de fontes.

Na seção 8.2, destacou-se que os perfilados da série *Singular* não podem ser considerados o “Outro” no jornalismo por suas características, mas aqui interessa destacar que esta singularidade também é questionada pelo fato de que as histórias contadas na série são de fontes recorrentes no jornalismo. Portanto, esses entrevistados não são o Outro no jornalismo, no sentido que apontam Veiga (2015 e 2016), Lago (2010) e França (2001), e sim os Mesmos. O fato de todos eles terem sido entrevistados tantas vezes

mostra que o jornalismo pauta o jornalismo. As fontes se repetem não só em matérias que exigem a voz de um especialista, mas também em perfis como esses que se apresentam como singulares. Como já foi dito, não foi identificada uma Formação Discursiva da Representação do Outro.

### 8.6.2 Considerações sobre a FDNROD

O sentido de Recorrência nos leva a formular o seguinte questionamento: que singularidade é essa que *Zero Hora* tentou apresentar com esta série de reportagens? Como destacado na apresentação do objeto de pesquisa<sup>60</sup>, o texto de descrição que precedeu a publicação das reportagens de *Singular* indicava que o objetivo da série era "revelar aos leitores pessoas e lugares do Estado muito especiais e pouco conhecidos", bem como declarava que o ineditismo dos personagens era um critério de seleção relevante para a escolha dos sujeitos a serem perfilados. A partir da análise dos cinco perfis selecionados nesta pesquisa, não é possível dizer que três deles se enquadrariam nesse critério e que seriam "pouco conhecidos". Édison e Dauri eram fontes recorrentes de veículos de imprensa estaduais e João Alfredo, além disso, também já havia ganho notoriedade nacional.

Por sua vez, Valdomiro não havia sido fonte principal de uma reportagem, mas já conhecia a repórter que escreveu o seu perfil. Já Gislane era conhecida de um colunista *Zero Hora*, mas não da jornalista que escreveu seu perfil. Ainda assim, pode-se considerar que os dois últimos, na época da publicação de seus perfis, atendiam o critério de ineditismo e suas histórias eram pouco conhecidas – as reportagens da TV Bandeirantes que tiveram Gislane como fonte principal foram ao ar depois da publicação de seu perfil em *Singular*. Os cinco são indivíduos “anônimos”, pois são pessoas comuns e não celebridades, mas possuem notoriedade em suas comunidades e têm suas histórias conhecidas por pessoas que vão além de círculos de familiares e amigos.

Evidentemente, as histórias contadas retratam indivíduos cujas ações se destacam por serem consideradas como “diferentes”, ou seja, por se enquadrarem em critérios de noticiabilidade já comentados (TRAQUINA, 2008). Como foi apontado anteriormente, as 24 reportagens de *Singular* consideradas por esta pesquisa como perfis indicam que o perfilado “médio” da série era um homem branco, com mais de 50 anos, heterossexual,

---

<sup>60</sup> Ver subcapítulo 7.1.

com um padrão de vida que pode ser considerado de classe média ou alta. Este perfil médio também se revela nos selecionados para serem entrevistados nesta pesquisa.

Por outro lado, destacou-se nas falas de Dauri e João Alfredo que eles tiveram uma infância pobre, ou ao menos não tiveram oportunidade de concluir seus estudos, como nos trechos destacadas abaixo:

*Olha, eu tenho que dizer que eu sou uma pessoa que sempre sonhei, desde criança, desde jovem, eu tinha as minhas ideias, o que eu pensei em ser, o que eu queria ser na vida. Quando a pessoa não tem estudo, não tem faculdade, tu aprende o teu jeito. Então, eu tenho que confessar que eu nunca sonhei alto, que eu quero chegar lá (Dauri).*

*Todo mundo sabia que eu não nasci em berço de ouro, né. Ninguém ganha nada de presente de ninguém. Hoje em dia, se tu não te virar, tu tá ferrado (SD-João Alfredo).*

*Sabe o que que é? Eu sempre fui muito curioso. Eu só tenho o ginásio, sabia? Tenho a quinta série, na época. Mas eu sempre fui curioso, sempre gostava de ver as coisas, queria saber o porquê dos porquês (João Alfredo).*

Em ambos os casos, ao desenvolverem uma atividade profissional que os diferenciou de um padrão esperado, esses indivíduos se tornaram dignos de reconhecimento e de terem suas histórias apresentadas como singulares pelo jornalismo várias vezes.

Como vimos no quarto capítulo, França (2001) argumenta que é uma prática comum no jornalismo destacar histórias de sucesso de indivíduos que pertencem a algum segmento marginalizado da população para reforçar uma narrativa de que a condição de miserabilidade é resultado da falta de esforço individual. A autora destaca que falar sobre o Outro não significa romper com o caráter normatizador e hierarquizante do jornalismo. Pelo contrário, o jornalismo que destaca as histórias de sucesso de populações marginalizadas também pode reforçar estereótipos, como, por exemplo, as narrativas que sugerem que o subalterno que “venceu na vida” é aquele que se esforçou. Esse tipo de narrativa reforça a ideia de que a condição de miserabilidade dos indivíduos é resultado da sua falta de esforço, o que é popularmente conhecido como a “defesa da meritocracia”.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação partiu de uma inquietação sobre as possibilidades do exercício da alteridade no jornalismo e sobre a capacidade de narrativas jornalísticas de caráter biográfico serem representativas da visão de mundo de um entrevistado. No entanto, ela não teve o objetivo de investigar um texto jornalístico em si, mas sim compreender a percepção de entrevistados sobre textos que narram parte de suas histórias.

O objetivo geral perseguido foi, portanto, *Analisar como pessoas retratadas em perfis jornalísticos se veem representadas nos textos publicados sobre si*. Para isso, foram propostos como objetivos específicos os seguintes: identificar e analisar as percepções desses personagens sobre a prática jornalística; identificar que formações discursivas e sentidos emergem do discurso desses perfilados sobre seus perfis; e verificar se esses perfilados podem ser considerados o Outro no jornalismo, sendo o Outro aquele desviante da norma.

Ao longo da discussão teórica, buscou-se discutir o exercício da alteridade no jornalismo, o que é considerado aqui como o diálogo entre entrevistador e entrevistado em que há a possibilidade de emergir a narrativa do segundo. O conceito de alteridade foi fundamentado na teoria da representação social, a partir de autores como Jodelet (2001), Arruda (1998) e Jovchelovitch (1998).

Nos demais capítulos, foram discutidas quais são as possibilidades que o jornalismo tem de promover esse encontro com a alteridade e quais seriam os formatos e as práticas jornalísticas que permitiriam isso. Acredita-se aqui que, para isso, é necessário um jornalismo que vá além da prática rotineira, balizada por normas e regras previamente estabelecidas, que impõe uma relação entre jornalista e entrevistado marcada pela objetividade. Ao contrário, essa prática precisa ser permeada pela subjetividade dos sujeitos. Sem a pretensão de esgotar o tema, foram trazidos aqui diversos autores que abordam as possibilidades de textos e narrativas jornalísticas mais afeitos à subjetividade, como Brum (2006, 2008), Freitas (2017), Miguel e Biroli (2010), Medina (2003, 2008), Guimarães e Lima (2007), Ijuim (2008, 2012), Resende (2004), Lago (2010), Girardi (2000), Moraes (2018) e Veiga (2016).

Por ser uma pesquisa de caráter exploratório, a construção do *corpus* foi resultado de uma busca por uma série de reportagens que pudessem ser consideradas perfis e cujos perfilados fossem pessoas possíveis de serem entrevistadas. Esse critério foi identificado



no especial *Singular*, série de 98 reportagens publicadas dentro do caderno *Doc de Zero Hora* entre 2017 e 2019, das quais 24 foram consideradas aqui como perfis.

Uma análise preliminar feita a partir da leitura das 24 reportagens identificou que o padrão médio de um personagem de *Singular* seria o de um homem branco, com mais de 50 anos, heterossexual, com um padrão de vida que pode ser considerado de classe média ou alta. Ou seja, percebeu-se que os perfilados da série não representam o Outro do jornalismo, considerando esse outro como o desviante do padrão. Os perfis dos cinco perfilados selecionados para a pesquisa revelam esse padrão não desviante.

Como metodologia, a pesquisa utilizou-se da entrevista aprofundada para a coleta de dados e da Análise de Discurso (AD) francesa para a análise propriamente dita. Dessa forma, a opção foi focar a fala dos sujeitos e não o texto original das reportagens.

É importante salientar que a pesquisa levou em consideração o alerta feito por Freitas (2017) de que o Outro é sempre reconfigurado no texto e que, ao ser narrativizado, sua identidade também passa a ser essencialmente narrativa. Ainda assim, como destaca a mesma autora, o texto sempre trará traços de singularidade dos sujeitos que busca representar e é a partir desses traços que a questão foi trabalhada nesta dissertação.

A proposta de compreender a percepção que um perfilado tem sobre a forma como ele é representado em um texto jornalístico é exploratória, visto que não foram encontradas pesquisas que pretenderam alcançar os mesmos objetivos. Dessa ausência decorre, em certa medida, o caráter inovador da pesquisa.

A partir das entrevistas realizadas com os cinco perfilados selecionados para a pesquisa, buscou-se verificar se seria possível identificar sentidos repetidos na fala de cada um dos indivíduos em resposta a um roteiro de perguntas semiestruturado. Ou seja, foram perseguidas as paráfrases discursivas. Percebeu-se, então, que há uma série de elementos que emergiram das entrevistas que podem ajudar a compreender como um entrevistado se vê representado e quais são as percepções que eles têm sobre a prática jornalística. Os sentidos identificados em seus discursos foram agrupados em diferentes Formações Discursivas que puderam ser, então, avaliadas.

No processo de análise das cinco entrevistas, foram extraídas 267<sup>61</sup> sequências discursivas que foram enquadradas em quatro formações discursivas: FDR – Formação Discursiva de Representação, FDNR – Formação Discursiva de Não Representação, FDJ

---

<sup>61</sup> Ver tabela 2, no item 8.1.

- Formação Discursiva das Percepções dos Entrevistados Sobre o Jornalismo e FDNROD
- Formação Discursiva de Não Representação do Outro Divergente.

Consideramos que as duas primeiras formações, que somam 144 SDs, são pertinentes ao objetivo principal da presente pesquisa e, por isso, foram o foco principal do capítulo analítico. Contudo, ainda que as duas últimas FDs, que somam 123 SDs, possam ser consideradas como de caráter complementar, acredita-se que trazem achados importantes para a compreensão de como perfilados percebem a prática jornalística.

Quantitativamente, a principal formação identificada nesta pesquisa foi a FD de Representação (FDR), que abriga as falas que indicam os motivos pelos quais os entrevistados se sentiram representados em seus perfis de *Singular*. Com 125 SDs, a FDR abarca 86,8% das sequências consideradas como pertinentes ao objetivo principal. Pode-se afirmar, portanto, que os perfilados se sentiram representados nas reportagens que têm suas vidas como foco. Foi possível também descobrir as razões pelas quais eles se sentiram representados a partir da identificação de sentidos que compunham essa FD. Foram percebidos nessa FD, por meio da fala dos cinco entrevistados, quatro sentidos: Extensão, Reconhecimento, Fidelidade e Proximidade. Destaca-se que foi possível perceber claramente sentidos que se repetem nas falas dos cinco entrevistados – as paráfrases.

O sentido mais recorrente na FDR foi o de Fidelidade, com 35,41% de ocorrência. Portanto, o que mais fez com que esses entrevistados se sentissem representados foi o fato de os repórteres escreverem em seus textos exatamente o que eles disseram durante as entrevistas. Em alguns casos, houve até uma espécie de negação, por parte dos entrevistados, da presença da voz do jornalista no texto. Foi o caso, por exemplo, de Valdomiro, que, na SDR9, disse: *“Porque ali eu disse a verdade como eu sou. Então, aquilo que está escrito, é como eu realmente sou”*.

O segundo sentido que apresentou mais sequências discursivas na FDR foi o de Reconhecimento, com 32,63%. Ficou evidente que os perfilados se sentem gratos por terem seus feitos reconhecidos. Ou seja, o perfil acaba sendo um reconhecimento de que o que eles fazem é socialmente importante e por isso foram escolhidos pelos jornalistas. Tanto que isso acaba fazendo com que eles evitem criticar a reportagem, já que esse reconhecimento compensa qualquer tipo de erro que possa ser cometido.

O sentido de Extensão, que se refere àquelas falas em que os entrevistados dizem terem sido bem representados pelo tempo de entrevista que precedeu à reportagem e pelo

espaço concedido ao texto publicado, repetiu-se na fala dos quatro primeiros entrevistados, representando 11,8% das SDs. Esteve ausente apenas na fala do último, que, como foi explicado, não se recordava de seu perfil em *Singular*. Por fim, o sentido que menos apareceu foi o de Proximidade, com 6,94% das SDs, que se referiam ao fato de os entrevistados se sentirem confortáveis com a interação com o repórter e o fotógrafo que produziram seus perfis.

Em relação à FD de Não Representação, que tem sentidos opostos à anterior, foram identificadas apenas 19 SDs, o que representa 13,2% do total de sequências pertinentes ao objetivo principal. Destaca-se novamente que, durante as entrevistas com os cinco personagens de perfis de *Singular*, ficou evidente que eles evitaram fazer críticas às reportagens, seja por terem se sentido plenamente contemplados pelos textos publicados em *Zero Hora*, seja por acreditarem que eventuais problemas que pudessem identificar seriam questões menores. Isto ficou bastante claro na fala em que Dauri, mesmo discordando pontualmente de um trecho de seu perfil, evita dizer que foi um erro da repórter, optando por dizer que poderia ter sido uma falha de comunicação ou que ele próprio teria se expressado mal.

O que se pode concluir a partir destas 19 SDs é que elas não indicam que os perfilados não se sentiram representados pelos textos, mas sim que eles apresentaram divergências com determinados trechos nos quais, pontualmente, acreditavam não terem sido bem representados. O que esta FDNR oferece são pistas de quais poderiam ser as razões pelas quais fontes de perfis poderiam não se sentir representadas, o que necessitaria de uma pesquisa mais ampla. Uma dessas pistas é dada em um fala de Édison enquadrada no sentido de Exclusão em que ele, um missionário católico, fala que o "lado místico" é um componente importante de sua personalidade e que acabou não sendo abordado em seu perfil. No entanto, ele mesmo faz a ressalva de que achava que não precisaria ter entrado, também pelo fato, como já foi dito, de que não parecia estar confortável para tecer críticas à reportagem e à autora.

Freitas (2017), como foi visto, diz que o Outro para o jornalista é tanto a fonte quanto o objeto de seu discurso narrativo. Nesse sentido, se considerássemos a fonte como o outro na série *Singular*, poderíamos dizer que as cinco fontes entrevistadas para esta dissertação se sentiram representadas, pois a presença da FDR foi bem maior do que a de FDNR no discurso desses entrevistados. Entretanto, é importante lembrar que a autora diz que no mundo do texto esse outro é reconfigurado e passa a ser uma identidade

essencialmente narrativa. Portanto, mesmo que os textos da série resguardem aspectos da singularidade desses ‘outros’ – e que são reconhecidas por eles –, já não são eles mesmos, como pessoas corporificadas, que se apresentam, “(...) mas um ‘outro’ do e no texto – o ‘outro’ ideal e mimetizado pelo jornalismo” (FREITAS, 2017, p.50). Certamente, há também a interferência do autor da pesquisa durante a coleta das entrevistas, o que sempre contribui para direcionar, de alguma forma, o resultado final. Pode-se especular, por exemplo, que os sujeitos desta pesquisa evitaram fazer críticas ao trabalho dos repórteres que assinam seus perfis diante de um terceiro, também jornalista.

Além disso, vale ressaltar que há ainda um último processo a ser considerado, que é a interpretação desses outros pelos leitores, que vão ter acesso a eles na narrativa a partir da reconfiguração feita pelo jornalista. Cabe lembrar também que existe a interferência do imaginário de todos os sujeitos que participam dessa troca de discursos, uns em relação aos outros.

Se as duas primeiras FDs nos ajudaram a entender os mecanismos pelos quais entrevistados disseram se sentir bem representados ou não por um texto jornalístico, esta pesquisa só pode ser compreendida em sua totalidade pela adição das duas FDs complementares.

As 87 SDs atribuída à primeira delas, a Formação Discursiva das Percepções dos Entrevistados Sobre o Jornalismo (FDJ), foram provocadas pelas perguntas feitas durante as entrevistas, pois existia o objetivo específico de compreender a percepção que os perfilados tinham sobre o jornalismo. Não foram atribuídos múltiplos sentidos para essas SDs, ainda que fosse possível agrupar falas com sentido aproximado e diferenciá-las de outras com sentido mais distante. A identificação de sentidos foi uma opção nas FDs de Representação e de Não Representação porque, nesses casos, o objetivo era compreender as razões que os levavam a dizer que haviam sido bem representados ou não.

A partir da análise das sequências discursivas enquadradas na FDJ, chamou a atenção como valores reivindicados pela prática jornalística são absorvidos e reafirmados pelos entrevistados. Ou seja, os entrevistados têm percepções empíricas sobre a profissão que se assemelham ao que os teóricos do jornalismo discutem em seus estudos. Dessa forma, elementos como “verdade”, “correção” e “honestidade” foram citados como sinônimos de bom jornalismo, enquanto, de outro lado, a falta de imparcialidade foi citada pela entrevistada Gislane como motivo para desacreditar a imprensa brasileira atual. Destaca-se também que esta alegada falta de imparcialidade é percebida por alguém que

se declara eleitora do presidente Jair Bolsonaro e está ligada ao fato de considerar que a imprensa não o trata com a imparcialidade que desejaria.

Os entrevistados conseguem compreender também que os perfis têm focos específicos em um recorte da vida do entrevistado, como aponta Vilas-Boas (2014). Portanto, eles sabem que não seria possível incluir no perfil toda a trajetória de vida de uma pessoa. Eles também identificam que, às vezes, pode haver um certo exagero em destacar pontos que podem ser interessantes para o leitor. É o caso de Édison, que, na SDNR15, disse: *“Ela colocar ‘amigo do Papa’, eu achei interessante, né. Eu não sou amigo do Papa, mas talvez para valorizar a coisa”*.

Mais interessante, contudo, foi perceber que os entrevistados, provavelmente por já terem sido fontes de diversas matérias jornalísticas, têm um elevado grau de compreensão sobre como funcionam as rotinas jornalísticas, sobre o que faz com que uma pessoa seja digna de ser entrevistada e como poderiam usar isso a seu favor para terem o seu trabalho divulgado nas páginas de *Zero Hora*. Isto foi perceptível especialmente nas falas de Édison, Dauri e João Alfredo. O primeiro e o último deixaram claro, por exemplo, que compreendiam os mecanismos de que a "novidade" é um elemento importante para um fato ser noticiável, ao mesmo tempo que afirmaram ter desenvolvido técnicas próprias para terem acesso facilitado à imprensa. Isto aparece na fala de Édison, por exemplo, quando ele diz que "precisa ter um relatório" sobre suas pesquisas e que o usa para atribuir fidedignidade ao seu trabalho e para comunicar a jornalistas que possui algo que gostaria de ser divulgado.

Na análise das cinco entrevistas, apareceu ainda um sentido que reafirmou que esses cinco entrevistados não poderiam ser considerados o “Outro desviante” do qual tratamos nos capítulos teóricos. Foi identificada, então, uma última FD, a de Não Representação do Outro Divergente, com um sentido apenas, o de Recorrência.

O sentido de Recorrência refere-se ao fato de que os entrevistados já haviam sido fontes de matérias jornalísticas em múltiplas oportunidades. Isso somado ao fato de que eles se enquadram em um padrão socialmente aceito, faz com que eles não possam ser considerados o "Outro divergente" conceituado e abordado na discussão teórica aqui apresentada, aquele indivíduo que costumeiramente não tem espaço na imprensa. Um deles, Édison, já havia sido entrevistado em tantas oportunidades que afirmou que *Zero Hora* era quase como parte de sua família e que considerava o seu perfil como um "álbum", isto é, uma coleção de todas as suas contribuições anteriores ao jornal.

É importante também destacar que o sentido de Recorrência agrupou SDs que não estavam diretamente ligadas aos perfis de *Singular*. Essas SDs não continham a percepção dos entrevistados de não terem sido representados em seus perfis na série. A relação do sentido da Recorrência com a Não Representação do Outro Divergente foi deduzida e interpretada por este pesquisador. Foi possível por suas falas concluir que esses entrevistados têm características que já despertaram diversas vezes o interesse de jornalistas. Esses cinco entrevistados foram fontes que tiveram seus discursos repetidos diversas vezes em matérias jornalísticas, mostrando que até o “singular” é percebido da mesma forma por diferentes jornalistas, o que transforma o singular no Mesmo.

É possível, então, a partir dos resultados da análise feita nesta dissertação, concordar com Freitas (2017) quando ela diz que a narrativa jornalística reduz a identidade do Outro – a outridade – a certos enquadramentos ideológicos e culturais para que sua compreensão seja facilitada.

FDJ e FDNROD foram essenciais para a resposta do terceiro objetivo específico desta pesquisa, que era analisar se os perfilados poderiam ser considerados como o Outro “desviante” ou “divergente” e, dessa forma, representando um enquadramento ideológico e cultural que saísse do que é comumente apresentado no jornalismo. Ou seja, era necessário descobrir se o outro entendido dessa forma estava representado nos perfis da série *Singular*.

Já na análise preliminar de todos os perfilados da série foi possível perceber que esse grupo não era formado por esse Outro – com poucas exceções –, já que a maioria dos entrevistados era de homens brancos heterossexuais com boas condições de vida. Os perfilados, de um modo geral, se enquadram no que se pode considerar como o outro que é comumente apresentado pelo jornalismo, ou, no caso, um Mesmo, que compartilha as mesmas origens, valores e posição social tanto do jornalista que produz o perfil quanto do leitor que irá lê-lo em *Zero Hora*.

Como foi visto, Freitas (2017) diz que a palavra alteridade é formada pelo termo em latim *alter*, que significa outro, e pelo sufixo *dade*, que a substantiva e designa o estado ou a qualidade daquilo que é outro em relação a um semelhante. O que torna o outro “singular” é sua diferença em relação a um Eu. Portanto, pode-se dizer que as fontes da série aqui estudada se sentiram representadas, mesmo que, no texto, elas sejam um outro já narrado. Visto dessa forma, os repórteres conseguiram ter alteridade. Entretanto, além de selecionarem pessoas para serem entrevistadas que se encaixam num padrão

social normalmente aceito e que se aproxima tanto dos jornalistas quanto dos leitores de um jornal como ZH, eles entrevistaram pessoas que normalmente são vistas – principalmente pelo que fazem – como singulares por diversos jornalistas, tornando o sentido de singularidade como algo que se repete, ou seja, o Mesmo, e não o diferente. Dessa forma, a não alteridade já aparece no início do processo de produção dos perfis.

Por fim, vale ressaltar que esta pesquisa teve caráter exploratório e não teve a pretensão de esgotar o tema. Para estudos futuros, acredita-se que seria interessante buscar um *corpus* de pesquisa selecionado a partir de reportagens que, de fato, falem sobre indivíduos que fujam do padrão social dos jornalistas que as produziram e dos leitores do veículo em que ela foi publicada. Dito de outra forma, que sejam feitas entrevistas com indivíduos que sejam o Outro e não o Mesmo. Com isso, acredita-se que seria possível validar os sentidos identificados nesta pesquisa e/ou identificar outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intertexto, Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.13, p.1-13, julho/dezembro 2005.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Armed, 2009 (Coleção Pesquisa Qualitativa, coordenada por Uwe Flick).
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10. ed., 2007.
- ARRUDA, Angela. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1998.
- BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. BORDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário – análise do discurso**. Série Jornalismo a Rigor. V.7. Florianópolis: Insular, 2013.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- CONDE, M.R.B. **A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação**. In: A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2 /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In. Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação - 2ªed. Jorge DUARTE e Antonio BARROS (Orgs.). São Paulo: Atlas, 2006.
- FRANÇA, Vera. **Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 7, p. 1-10, julho/dezembro 2001.
- FREITAS, Camila. **Alteridade e jornalismo: a outridade na editoria mundo da Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017.



- FREITAS, Camila; SOUZA, Kátia Regina. **Jornalismo e Literatura: A construção de perfis de celebridade na revista Rolling Stone**. Revista Letras Escreve. Macapá, v.9, m. 1. 1 sem, 2018.
- GIRARDI JR., Liraucio. **A reportagem como experiência etnográfica**. Anuário do Jornalismo, 2000.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 10<sup>a</sup> ed. 2002.
- GOMIS, Lorenzo. **Os interessados produzem e fornecem os fatos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. I N° 1 - 1º Semestre de 2004.
- GROHMANN, R.N. **Pierre Bordieu e a Sociologia Crítica do Jornalismo**. 6º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), 2009, Lisboa. 6º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), 2009.
- GUIMARÃES, César; LIMA, Cristiane da Silveira. **A ética do documentário: o Rosto e os outros**. Universidade Federal de Minas Gerais. Contracampo, 2007.
- HALL, Stuart. **The spectacle of the “other”**. In: HALL, Stuart (ed.) Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (ed.) Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática. V.7. n.2, p-117-137, maio/ago. 2012.
- JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In Denise. Jodelet (Org.), As representações sociais (L. Ulup, trad., pp. 17-44). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- JODELET, Denise. **A alteridade como produto e processo psicossocial**. In: ARRUDA, Angela (Org.). Representando a alteridade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p.47-67, 1998.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Re(des)coabrindo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais**. In: ARRUDA, Angela, (ed.) Representando a Alteridade. Petrópolis: Vozes, p.69-82, 1998.

- LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LAGO, Claudia. **Ensinaamentos Antropológicos: a possibilidade da apreensão do outro no jornalismo**. Brazilian Journalism Research, V.6, n.1, p.164-178, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós. Ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2014.
- LIPPMANN, Walter. **A natureza da notícia**. In: A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2 /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LIPPMANN, Walter. **Notícia, verdade e uma conclusão**. In: A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2 /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LIPPMANN, Walter. **O leitor constante**. In: A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2 /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LIPPMANN, Walter. **O público comprador**. In: A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2 /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2012.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **A produção da imparcialidade – A construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalísticas**. RBCS Vol25 nº 73, junho/2010.
- MAIA, Marta Regina. **Perfil: a composição textual do sujeito**. In: A revista e seu jornalismo. Orgs Frederico de Mello B. Tavares; Reges Schwab. Porto Alegre: Penso, 2013.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MORAES, F. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e personagem.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana. **Pode a subalterna a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas.** Estudos em jornalismo e Mídia, Vol. 15, Nº 1, Janeiro a Junho de 2018.

NEVEU, Erik. **Novos Jornalismo Investigativos e Ciências Sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações.** Parágrafo. JAN/JUN.2016 V. 4, N. 1, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis (RJ):Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas (SP): Pontes, 2000, 2ª edição.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas (SP): Pontes, 2013, 11ª edição.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

RESENDE, Fernando. **Ausências na comunicação social e no jornalismo: A lógica da rua.** Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2004.

RESENDE, Fernando. **A Narratividade do discurso jornalístico – a questão do outro.** Revista Rumores – Edição 6, volume 1, Setembro-Dezembro de 2009.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento.** Reedição de: Revista de Comunicação e Linguagens (Vol.8, 1988). In: Jornalismo: Questões, Teorias e ‘Estória’. Org. Nelson Traquina. Lisboa: Vega, 2. ed., 1999.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica,2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem - Notas Sobre a Narrativa Jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular, 2012, 3ª Edição.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalísticas/uma comunidade interpretativa internacional**. Florianópolis: Insular: 2008, 2ª Edição.

TUCHMAN, Gaye (1978). *Making News*. New York e London: The Free Press (1ª edição paperback: 1980).

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teoria e estórias*. Lisboa. Vega. 1993. p. 74 a 90.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas: aproximações de pesquisa**. In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Palhoça, 2016.

VILAS-BOAS, Sergio. **A Arte do Perfil. In: Perfis: o Mundo dos Outros/22 Personagens e 1 Ensaio**. Manole, 2014, 3ª Edição revista e ampliada, p.271-287.

VILAS-BOAS, S. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

VILLANUEVA CHANG, J. **O crítico de pessoas**. Globo, 2010. Disponível em: [oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/07/03/o-critico-de-pessoas-305126.asp](http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/07/03/o-critico-de-pessoas-305126.asp)  
Acesso em: 7/8/2019.

ZASK, J. **Lippmann: jornalista ou filósofo**. In: *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa volume 2* /orgs. Christa BERGER e Beatriz MAROCCO. Porto Alegre: Sulina, 2008.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A: Roteiro para as entrevistas**

### **Item 1: Perguntas gerais**

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual a sua profissão?
- 4) Onde o senhor mora?

### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

- 1) O senhor é um leitor frequente de veículos de comunicação?
- 2) Quais os veículos o senhor costuma ler?
  - 2.1) Para o senhor, qual é a função do jornalismo?
- 3) O senhor está familiarizado com o formato perfil jornalístico?
  - 3.1) O senhor poderia dizer como o senhor descreveria um perfil jornalístico?
  - 3.2) Como o senhor imagina o processo de escrita de um perfil, do início até a publicação?
- 4) Como foi o contato da reportagem de Zero Hora com o senhor?
  - 4.1) Por que o senhor acha que foi escolhido?
  - 4.2) O senhor conhecia a repórter antes das entrevistas que concedeu para aquela reportagem?
  - 4.3) O senhor se recorda quanto tempo passou com a repórter para a realização dessa reportagem?
  - 4.4) O que o senhor achou das perguntas que foram feitas pela repórter?
  - 4.5) Quantas entrevistas o senhor concedeu a ela (pessoalmente ou de outra forma)?
- 5) O senhor leu a reportagem de Zero Hora antes desta entrevista?
- 6) O que o senhor achou da reportagem?
  - 6.1) Como o senhor se sentiu durante a entrevista?
- 7) O senhor já havia sido entrevistado antes ou foi entrevistado depois?

- 7.1) Quantas vezes?
- 7.2) O senhor conseguiria apontar diferenças entre as entrevistas?
- 7.3) O senhor se sentiu representado pelas outras reportagens?
- 8) Qual a repercussão dessas reportagens (incluindo a de ZH) na sua vida?
- 9) Para o senhor, o que seria um bom repórter?
- 9.1) Que valores (ou imagem) o senhor associa ou que o senhor acha que um bom repórter deve ter?

### **Item 3: Perguntas sobre a reportagem**

- 1) Se o senhor tivesse que definir a si mesmo, como o faria?
- 2) O senhor se sentiu representado pela reportagem?
  - 2.1) Por quê?
  - 2.2) O senhor se emocionou em algum momento da entrevista?
- 3) O senhor acredita que os seus valores foram representados na reportagem?
- 4) Quais os elementos utilizados na reportagem o levam a dizer isso?
  - 4.1) Com qual momento da reportagem o senhor mais se identifica?
- 5) O texto da reportagem é fiel ao seu relato?
  - 5.1) O senhor se recorda de algo que tenha ficado de fora?
- 6) Há divergências entre a sua expectativa e o texto do repórter?
  - 7.1) Quais os elementos divergentes?
- 8) O senhor sabe como foram escolhidas as outras pessoas que foram entrevistadas para a reportagem?
  - 8.1) O senhor acha que faltou entrevistar alguém que o senhor julgava importante para a reportagem?
  - 8.2) O senhor sabe o que essas pessoas entrevistadas acharam da reportagem?

- 9) O que o senhor achou do vídeo da reportagem de GaúchaZH?
- 10) Se pudesse, o senhor mudaria alguma coisa na reportagem?
- 11) Quem ler a reportagem vai saber quem é você?
- 12) O que não está nessa reportagem que diz quem você é?
- 13) Foram feitas perguntas para você para além do tema principal da reportagem?
- 14) A sua vida mudou depois da publicação da reportagem?
- 15) O modo como o senhor se vê mudou depois disso?

#### **Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas**

Senhor [...] a partir de agora eu vou ler algumas frases e o senhor e peço para que me diga se concorda ou discorda delas:

[Etapa que variava a cada entrevista].



## **APÊNDICE B: Entrevistas analisadas**

### **Entrevista 1**

**Perfil de *Singular*:** Valdomiro está sempre correndo

**Autora:** Mariana Fritsch

**Entrevistado:** Valdomiro Siegieniuk

**Data de publicação:**Março de 2018

**Data da entrevista:** 09/08/2019

*A entrevista foi feita no hall de entrada do prédio em que Valdomiro mora, em Porto Alegre. Ele sentou-se em um sofá e o pesquisador em outro. Um gravador foi colocado ao seu lado e o pesquisador leu o termo de consentimento e pediu para que o entrevistado também o fizesse. O entrevistado assinou o termo, garantindo o consentimento, e a entrevista foi iniciada. O pesquisador partiu de um roteiro pré-estabelecido e foi adicionando perguntas no decorrer da entrevista, que durou 36 minutos.*

#### **Item 1: Perguntas gerais**

1) Qual o seu nome?

Valdomiro Siegieniuk

2) Qual a sua idade?

Oitenta anos e um mês.

3) Qual a sua profissão?

Eu sou formado em Ciências Contábeis, mas me aposentei pela Varig como técnico em manutenção.

4) Onde o senhor mora?

Porto Alegre.

#### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

1) O senhor é um leitor frequente de veículos de comunicação?

Eu sou assinante de Zero Hora e gosto de ler livros. Eu e a minha mulher estamos sempre comprando livros. Sempre estamos lendo.

2) Além da Zero Hora, quais os veículos o senhor costume acessar?

A Internet, computador, tanto o computador quanto o celular. E também a TV, gostamos muito, tanto eu, quanto a minha mulher, de ver aqueles programas da National Geographic.

2.1) O senhor assina alguma revista?

Não, de momento, não. A não ser a Contra o Relógio, que é uma revista de corredores.

2.2) O senhor está familiarizado com esse veículo mais específico para corredores.

Exatamente.

3) O senhor está familiarizado com o formato perfil jornalístico?

Não muito. Teria que me explicar. Eu acompanho todos os jornalistas, mas...

3.1) O que o senhor entende se eu falar de formato de texto perfil jornalístico? O que o senhor acha que é?

Pois é, aí fica difícil dizer, porque nunca ninguém me fez essa pergunta. Então, não saberia dizer.

3.2) Perfil jornalístico é basicamente um texto biográfico focado em um personagem. É diferente de uma biografia porque ela tenta traçar a trajetória inteira de uma pessoa. Um perfil geralmente pega um extrato. Então, a gente pode considerar a reportagem fez com o senhor como perfil, porque ela pega um aspecto da sua vida. É um texto biográfico, porque é sobre o senhor, compõe com outras entrevistas, mas o assunto principal era um personagem central, que era o senhor. Isso é um perfil.

4) O senhor se recorda quanto tempo passou com a repórter para a realização dessa reportagem?

Foi praticamente a manhã. Eles estiveram aqui em casa antes das seis da manhã. Tomei café, eles acompanharam. Depois nós fomos pro Marinha. Ali nós fizemos a reportagem, a filmagem. Depois fomos para a Orla, onde eu tava correndo e o fotógrafo tava filmando do veículo. Depois fomos até o Iberê, e ali ele filmou, do Marinha filmou também, do drone. Então, foi bastante tempo. (SDR1 – Extensão)

4.1) A repórter correu com o senhor?

Não, ela não correu.

4.2) Ela só acompanhou?

Só acompanhou junto com o fotógrafo.

4.3) E a entrevista mesmo, foi aqui na sua casa?

Foi em casa, dentro de casa. Primeiro ela veio com o fotógrafo, me apresentou e ali me entrevistou. Depois veio só o fotógrafo.

4.4) O senhor se lembra quanto tempo de entrevista foi?

Olha, acho que ela ficou uma hora, porque ela também pediu a opinião da minha mulher sobre as coisas. Ficou mais do que uma hora.

4.5) Depois ela complementou a entrevista de alguma forma?

Primeiro, ela tinha feito perguntas pela internet, pelo e-mail. E aí ela apresentou no serviço e gostaram. Porque era para ser só dela, pela internet só, no blog dela era para ser. Aí que ela apresentou no serviço e o pessoal gostou da matéria. Aí ela me perguntou se poderia fazer uma reportagem. Eu disse que sim. Aí que ela veio em casa e completou a reportagem, né.

4.6) Ela acompanhou as corridas ou foi só o fotógrafo?

É assim, ó. Como é que eu conheci a Mari [*repórter*]. Eu, correndo, encontrei ela correndo. Como eu gosto de fazer amizades, perguntei se eu podia acompanhá-la. Ela disse que sim. Aí ela disse que era jornalista, né, e ela depois pediu pelo e-mail se ela podia fazer uma entrevista pro blog dela. Aí ela mandou as perguntas e eu escrevi, respondi as perguntas. Assim que começou a nossa amizade.(SDNROD1)

5) O senhor leu a reportagem “Valdomiro está sempre correndo” antes desta entrevista?

Li também agora. [*Valdomiro guarda o caderno Doc do dia em que a entrevista foi publicada*].

6) O que o senhor achou da reportagem?

Olha, eu achei muito interessante (SDR2 – Reconhecimento). E muita gente que não me conhecia, como eu treino ali no Beira-Rio, na Orla, me encontrava e diziam: ‘Ó, li a sua

reportagem'. Fiquei conhecido, muita gente que não tinha nada a ver, não corriam, se apresentavam dizendo que leram a reportagem. Achei muito bonito isso. Teve um amplo, foi divulgado mesmo (SDR3 – Reconhecimento).

7) O senhor já havia sido entrevistado antes ou foi entrevistado depois, para outros veículos?

Assim. Como eu treino sempre de manhã, uns bons anos atrás, a RBS sempre fazia a reportagem do tempo ao vivo e embaixo do viaduto aqui da José de Alencar com a Borges. Como é o meu trajeto de ir para a Orla e voltar, eu encontrava o pessoal e volta e meia eles me entrevistaram, direto, ao vivo, naquele programa do tempo da RBS. (SDNROD2)

7.1) Mas sobre a sua vida, não?

Mais ou menos. Que era corredor, isso ou aquilo, nesses termos.

7.2) Mas outros veículos, outros lugares, nunca?

Não.

7.3) O que o senhor acha que foi de diferente dessa reportagem para aquelas outras entrevistas que o senhor dava para a TV?

Essa foi mais específica e a outra era mais do tempo.(SDR4 – Extensão) ‘Ah, tá frio e mesmo assim correndo’. Ou com chuva, né. Era rápido, porque o tempo deles era curto(SDR5 – Extensão), então não houve muita...mas era muito divulgado porque era direto, ao vivo, na RBS.

7.4) Qual foi a repercussão da reportagem da Zero Hora na sua vida?

Fiquei mais conhecido. Muita gente me procurando. Com isso, incentivei muitos jovens também a correrem, né. Porque até então sempre se dizia, ‘ah, tá tarde demais’, ‘não tenho tempo’, e além da reportagem eu fui mostrando que é possível, né, começar tarde, porque, como diz na reportagem, a primeira maratona eu fiz com 50 anos (SDR6 – Reconhecimento). Sem preparo nenhum, simplesmente botei na cabeça que eu vou fazer. Com um tênis, ainda naquela época, Ki-Chute, com aquelas travas. Então, com isso fiquei mais conhecido. Fez bem para a minha pessoa, estima. Valeu (SDR7 – Reconhecimento).

7.5) O senhor acha importante ter contado a sua história? Ter ela registrada nesse texto?

Eu acho que sim, porque eu gostei de falar aquilo que eu sabia, que era o que tinha me acontecido. E achei, então, que isso foi interessante, tanto para mim, como para quem leu. Porque isso foi um incentivo para muitos(SDR8 – Reconhecimento). E muitos realmente me disseram: ‘Olha, gostei porque foi um incentivo para mim, porque eu vou começar também a praticar, né’.

*[O pesquisador explica que está entrando em uma nova fase da entrevista sobre a reportagem em si. É explicado ao entrevistado que, por questão de padronização da pesquisa, algumas perguntas podem ser repetidas ou que não se encaixem ao caso dele, bem como que ele pode responder da maneira que lhe convier ou mesmo não responder se assim desejar].*

### **Item 3: Perguntas sobre a reportagem**

1) O senhor se sentiu representado pela reportagem? Aquilo que está na reportagem é uma representação realista do senhor?

Sim, sim. Porque ali eu disse a verdade como eu sou. Então, aquilo que está escrito, é como eu realmente sou (SDR9 – Fidelidade).

2) O senhor acredita que os seus valores foram representados na reportagem?

Foi. 100%. Não houve maquiagem, como se diz. Concordei com tudo que estava ali(SDR10 – Fidelidade).

3) Quais os elementos utilizados na reportagem, do texto ou da própria entrevista, que o levam a dizer que representado?

Eu me senti à vontade. Isso é uma grande coisa. Me senti à vontade com as perguntas, com a entrevista. Respondia sempre espontaneamente. Não fiquei encabulado. Não fiquei com vergonha de dizer até umas coisas que eu botei ali, que expliquei, que foram cômicas, aconteceram realmente. Não escondi. Então, eu acho que, repetindo, me senti à vontade (SDR11 – Proximidade).

4) O texto da reportagem é fiel ao seu relato?

Sim. Realmente foi aquilo que eu disse, a Mari botou(SDR12 – Fidelidade).

4.1) O senhor se recorda de algo que tenha ficado de fora?

Não.

4.2) Tudo o que senhor disse de relevante foi para o texto?

Foi. Tudo que ela me perguntou, e eu respondi, foi colocado na reportagem(SDR13 – Fidelidade).

5) Há divergências entre a sua expectativa e o texto do repórter?

Não. Porque, às vezes, tem certas entrevistas que a pessoa fala 10 minutos e sai um minuto só. Principalmente na TV, ao vivo. E aqui, no meu caso, não. Tudo que foi perguntado, que eu disse, foi escrito (SDR14 – Extensão).

5.1) O espaço foi condizente com o tempo de entrevista?

Foi.

6) O senhor sabe como foram escolhidas as outras pessoas que foram entrevistadas para a reportagem?

*[Valdomiro leva um tempo para lembrar que, além de sua esposa, ao menos duas colegas de corrida foram entrevistadas e tem aspas creditadas na reportagem].*

Teve, depois, certas pessoas que ela me perguntou, e amigos, que eu disse, e eles aí confirmaram. Isso teve realmente.

Ela me perguntou se eu tinha amigos corredores. Eu disse que tem um professor do meu grupo de corridas, o técnico, e outros. Ela entrevistou, fez as perguntas, e eles confirmaram.

6.1) O senhor foi entrevistado primeiro?

Sim.

6.2) Todo mundo que o senhor indicou de relevante foi entrevistado?

Sim.

7) O senhor chegou a ver o vídeo da reportagem?

Sim.

7.1) O que o senhor achou?

Achei muito bonito. Aquela parte que foi filmada do drone e eu vi no face. Foi bonita aquela reportagem (SDR15 – Reconhecimento).

8) Se o senhor pudesse mudar alguma coisa na reportagem, o que o senhor mudaria?

Nada(SDR16 – Fidelidade).

#### **Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas**

Senhor Valdomiro, a partir de agora eu vou ler algumas frases e o senhor e peço para o senhor me dizer se concorda ou discorda delas:

1) Eu só pensei nas minhas pernas: “Se o carro me pega, não vou mais poder correr”.

Sim. Eu estava me preparando para a maratona de Punta Del Este, isso era agosto, porque Punta Del Este é em setembro. Eu vinha na frente, o meu amigo vinha atrás. Naquela época, a Borges ainda era mão dupla, não tinha essas duas pistas. Nós vínhamos do Gasômetro em direção ao riacho. O meu amigo vinha atrás e eu, louco, correndo na frente, e os carros, para dobrar à esquerda, estavam parados. Porque ali, para dobrar à esquerda, tinha uma sinaleira. Eu olhei para trás, não vinha nenhum carro, do Gasômetro em direção ao Iberê, zona sul. Aí eu atravessei aqueles carros que estavam parados para dobrar à esquerda. Só que eu não me dei conta que tava aberto da zona sul em direção ao Gasômetro, tava aberto aquele trânsito. Aí, quando eu atravessei no meio dos carros, quando eu cheguei na outra pista, eu vi um carro a uns cinco metros. E aí realmente me passou pela cabeça, pela memória, ‘minhas pernas, não vou mais poder correr’. Porque estava tão perto o carro, a tendência é pegar as pernas. Quando eu me acordei, eu estava no chão, fracturei a clavícula, esfolei todo o braço, tenho asfalto na testa até hoje, e as pernas nada. O que aconteceu? Eu devo ter pulado em cima do capô, não sei. Realmente, não sei, mas não aconteceu nada nas pernas. Usei a tipoia, porque foi a fratura, e dois meses depois fui correr a Super de Rio Grande, com 70 anos.

1.1) O senhor voltou a correr quanto tempo depois?

Eu fiquei um mês com a tipoia, aí já comecei a treinar. Dezembro treinei. Fevereiro foi a de Rio Grande, 50 km. Eu tenho um amigo corredor que é traumato, ele que me cuidou. ‘Mas tu vai a Rio Grande?’ ‘Vou, comemorar os meus 70 anos, mas vou correr de leve’. De leve para corredor. Consegui, realmente, terminar tudo. Fui primeiro na minha faixa etária.

2) Valdomiro nunca havia mentido para ela.

É. Eu tava com o meu amigo, esse corredor, aí chamaram a Samu. O motorista do carro que me atropelou parou. Veio a Samu para me levar para o Pronto Socorro e o meu amigo pergunta: ‘aviso a Iara?’ Que é minha mulher e ele conhecia. ‘Avisa’. ‘O que eu digo?’ ‘Diz que eu tropecei e me machuquei, tive que ir para o Pronto Socorro’. ‘Ela vai acreditar?’ ‘Vai’. Realmente, ele telefonou ‘ó, Iara, o Valdomiro tropeçou e tiver que levar...’ ‘Mas tropeçou e foi parar no Pronto Socorro?’ ‘Sim, tropeçou, bateu feio’. Ele veio aqui com o carro, pegou a minha mulher, foi com ela até o Pronto Socorro. Quando ela me viu deitado na maca, o braço todo ensanguentado, bah, ficou num desespero. ‘Como é que tu fosse cair?’ ‘É, cai, bati e tudo bem’. Chegamos em casa, o meu amigo nos trouxe. Fui para o banho e tudo. Ela telefonou para os irmãos dela. ‘Ah, o Valdomiro tropeçou, se machucou’. De tarde, nós estamos fazendo um lanche em casa, toca o telefone. ‘Poderia falar com o Seu Valdomiro?’ Minha mulher, com toda a educação, que é professora: ‘Quem gostaria?’ ‘Eu sou o motorista que atropelou o Seu Valdomiro’. ‘O senhor tá enganado, é outro Valdomiro, porque o meu Valdomiro não foi atropelado, ele tropeçou e caiu’. ‘Não, fui que eu atropeliei’. Aí, sim, aí caiu a ficha. Aí tive que prometer que nunca mais ia mentir para ela. Foi essa frase. Eu nunca tinha mentido. (risadas)

3) Difícil é Valdomiro falar de uma prova sem emendar histórias que revelam que o esforço vale a pena.

Hoje em dia, já estou correndo mais com as pessoas mais lentas, principalmente gurias, porque, na minha idade, já não tem mais quase ninguém. Poucos têm, não vou dizer que não têm, mas, os guris mais jovens, é lógico que eu já não consigo mais acompanhar. Isso faz parte. Então, quando eu acompanho algumas gurias, eu fico contando histórias. Todo mundo fica admirado que eu consigo correr e contar histórias ainda. Aí eu conto histórias das maratonas, dessas corridas todas, porque o pessoal pergunta ‘qual é a corrida melhor’. Daí eu explico, comento, então, se é a essa pergunta que tu te referes, eu sempre corro e fico comentando, né, nas provas.

*[A entrevista é interrompida brevemente para que Valdomiro, síndico do seu prédio, possa receber uma encomenda].*

4) No entanto, ele acredita que não tenha existido uma maratona tão árdua e inesquecível quanto a de Chicago, em 2014, até porque tantos infortúnios pré-competição fariam muitos atletas embarcarem para os Estados Unidos apenas para turistar.



É. Então o que aconteceu? Eu frequento a academia do Grêmio Náutico Gaúcho, no Praia de Belas. E sempre a orientação dos professores de Educação Física, principalmente os de corrida, reforçar a musculatura. Só que eu sou meio afobado. Aí eu disse ‘ah, eu vou fazer agachamento com uma barra’. E tinha uma guria fazendo. Ela terminou e a orientação é que tirem, quando terminar, tirar as argolas, os pesos. Aí eu pensei assim: ‘se a guria fez com tantos quilos, o veinho também pode fazer’. ‘Pode deixar que eu vou fazer também’. Só que a musculação, o agachamento, não é só força, tem que ter também a técnica. E eu peguei aquela barra, no primeiro agachamento que eu fiz, senti uma fisgada na coluna. Já larguei aquela barra e já terminei o exercício. Não fiz mais nada e vim para casa. No outro dia, era uma sexta, sábado, eu fui treinar. Na primeira batida que eu dei no chão, senti. Refletiu na coluna. Mas daqui a pouco, eu fui devargazinho, devargazinho, isso tudo é força de vontade, aqueceu e eu não senti mais nada. Eu fiz 15 km. Parei lá nas Cuias, que lá muitos grupos de corrida fazem encontro. Parei, conversei com a turma, e disse: ‘bom, agora eu vou troteando para casa’. Esfriou o corpo. Na primeira batida que eu dei no chão, senti. Já vim para casa todo curvado. Segunda-feira fui no Centro Clínico, na parte de fisioterapia. O médico já me atendeu, me conhece. Examinou. Apertou. ‘Dói?’ ‘Não, não dói’. ‘Então, deve ser uma luxação. Vamos fazer fisioterapia’. Fiquei fazendo uma semana a fisioterapia, mas cada vez que eu saía da fisioterapia doía mais ainda. Aí fui num amigo, tenho um amigo que é traumato da coluna, fui, Dr. Diniz. ‘Que que houve véio?’ Ele brinca comigo. ‘Ah, eu tô sentindo aqui uma dor’. Pediu o raio-X. Fratura L1. ‘Bah, e agora, o que eu faço?’ ‘Três meses de colete’. Isso era outubro. Eu disse: ‘bah, mas já tô escrito para Chicago’. Ia ser no outro ano, em outubro. Eu pensei assim: ‘três meses? Dezembro eu já estou livre, janeiro vou treinar’. Três meses, eu só tirava para o banho, dormia com o colete e tudo. Três meses. Dezembro voltei, pediu um raio-X. ‘Tá, cicatrizou. Volta devagarzinho agora’. Voltei devargazinho. Daqui a pouco, batia no chão, doía. Voltei. ‘Ué, o que houve?’ ‘Pois é, bato no chão, né, a pisada, e dói’. Raio-X: T8, fratura, que é bem em cima [*apontou para as costas durante a entrevista*]. ‘Por que será?’ Ele foi sincero: ‘olha, vou ser sincero, eu não sei, vamos pesquisar’. ‘Então, vamos’. Primeira coisa, oncologista, se não é câncer. Não, não é câncer. Reumatologista. Nem osteopenia não tem. Por quê? E agora? Três meses de colete e dois meses só caminhando. Puta merda, foi até junho. Eu disse: ‘bom, tem junho, julho, agosto e setembro, tem três meses para treinar até outubro, não tem problema’. Fiquei três com colete, dois meses caminhava na orla. Todo mundo me perguntava: ‘o que houve? Não tá correndo, só caminhando?’ Tá. Chegou julho, agosto, voltei. ‘Posso voltar a correr?’

‘Volta devagarzinho’. Voltei devagarzinho, batia no chão, doía. Voltei nele. Pediu raio-X: T7. Uma do lado da outra. Outra fratura. E agora? ‘Agora, três meses colete e um ano só caminhando. Tu vais a Chicago só a passear’. Eu disse: ‘não, essa comigo, não. Então tu não me conheces’. Setembro, três meses, voltei. Raio-X tava ok. Um mês para Chicago. Ele disse: ‘tu vais só passear’. ‘Vou só passear, sim’. Em setembro dei umas corridinhas, caminhava, corria, olhava no relógio, vai dar para fazer. E fui para Chicago. Minha mulher dizia (eu fui sozinho, né): ‘se não der, tu para’. ‘É lógico, se não der, eu vou parar’. Corri 11 km. Bah, não deu mais, parei. Fiz 42 menos 11, falta ainda 31 km. ‘Mas não vou para casa sem essa medalha’. E fui. E corria, caminhava. Corria, caminhava, corria. Eu sempre corro com uma camiseta com a bandeira do Brasil. Passavam brasileiros por mim: ‘vamos lá’. ‘Vou, sim, eu vou chegar’. E assim eu fui indo, e assim eu fui indo. Só que eu cometi um erro, que não é um erro propriamente dito. Aonde tinha a hidratação, tomei muito Gatorade. Faltando uns 10 km, mais ou menos, começou a me dar dor de barriga. E agora? Eu não enxergava banheiro nenhum. Cidade que eu não conheço, não vou parar atrás de uma árvore. E assim eu fui com aquele passinho curtinho, e fui indo, fui indo. Cheguei dentro do tempo, que eles dão um tempo. Peguei a medalha no pescoço, tirei uma foto que aparece no meu Face, ainda peguei um copo, que ficam aquelas mesas compridas com chopp, né, cerveja. Peguei aquele copão e fui bebendo para o banheiro. Então, aquilo que eu digo, é força de vontade. Consegui terminar, peguei a medalha, tá lá pendurada a medalha, telefonei já para a minha mulher, dizendo que consegui. Quando eu voltei, aí eu fui nos médicos todos. Mostrava a medalha e todo mundo ficava admirado, realmente, porque viram que não era a mentira. Eu tinha feito essas fraturas e consegui. Realmente, não foi fácil, mas mostrei que tudo é força de vontade.

5) Na Europa, concluiu os estudos, tornou-se técnico em mecânica e se descobriu apaixonado pelo atletismo.

É. Na Europa, é muito popular o atletismo. Como eu morei desde o guri, colégio, era muito popular entre as escolas e eu sempre gostei de correr, só que eu nunca tive uma orientação de, assim, persistência, de alguém pegar e botar no caminho certo. Como, e isso eu não tenho vergonha de dizer, polonês gosta de beber, né, então, a gurizada sempre estava no meio, nunca levei a sério. Mas sempre gostei de atletismo. Acompanhava, sempre sabia todos os recordes, tempos, né. Até hoje eu sei quais mais ou menos os tempos de cada disciplina.

6) Nada disso chega perto de sua maior ambição: seguir correndo até seus últimos dias de vida.

É. Por exemplo, como eu assino a revista *Contra o Relógio*, quando eu leio que um cidadão no mundo com idade X, 90 anos, fez uma maratona, então eu botei a cabeça: ‘eu vou fazer a maratona com 90 anos’. Correr é outra coisa, mas a maratona com 90 anos eu quero fazer. Então, tô fazendo de tudo para correr até onde dá, até os últimos minutos da vida eu quero correr e não ficar sentado.

7) Nas ruas de Porto Alegre, Valdomiro já é uma espécie de celebridade. Como bom ídolo, arrasta uma multidão de fãs por onde passa.

É, é verdade. (SDR17 – Fidelidade) Tanta gente passa por mim, cumprimentam, e chamam por nome, uns Valdomiro, outros Seu Valdomiro, eu respondo tudo, mas eu não posso me lembrar de todos (SDR18 – Reconhecimento). Não me lembro nomes. Então, eu brinco, por exemplo, quando estou com alguém, se estou com uma guria, vamos supor, e vem algum rapaz e cumprimenta, aí eu brinco: ‘é com vocês’. Se é uma guria, eu já digo: ‘é para mim que cumprimentou’. Eu fico contente com isso, eu conheço tanta gente e tanta gente me conhece. Hoje, por exemplo, já vinha para casa, ali do lado do campo do Colorado, aquela rua e o Marinha, vinha correndo e uma guria, caminhando, corredora. Até parei para conversar com ela. E eu disse assim: ‘teu nome é?’. ‘É Luíza, nós somos amigos no Face’. ‘Bom, não posso me lembrar’. E ela disse: ‘é, realmente, são muitas pessoas’.

7.1) O senhor treina todos os dias?

Hoje já não são todos os dias. Por exemplo, amanhã eu vou na academia. Mas, terça-feira, eu fiz 17 km. Quarta, eu fiz 18. Hoje eu queria fazer 19, mas senti um pouco o cansaço, fiz só 15. Então, são três dias consecutivos. Amanhã eu vou na academia, mas sábado e domingo eu vou correr. Então, não são todos os dias. Mas houve época em que treinava seis dias e descansava segunda. Isso eu corria sem orientação. Por exemplo, o meu melhor tempo que eu fiz, com 60 anos, eu peguei a revista *Contra o Relógio* e ali tinha tabelas. Dizia assim: se tu quer fazer um tempo, vamos supor, em duas horas e meia, a letra A, e vinha todo o treinamento. Segunda, descanso. Terça isso, quarta aquilo. Eu peguei uma letra, não me lembro agora qual era, tipo B, C, que dizia assim: maratona, para concluir de 3h20 a 3h30. E eu disse: ‘eu vou fazer por essa tabela’. Sem orientação nenhuma, eu que botei na cabeça. Tiros de mil, aonde eu vou fazer tiros de mil? Então, eu contava

tantos postes, mais ou menos, na orla e fazia. Naquela época não tinha Garmin, GPS, então era só no relógio. E assim eu fiz. Treinamento de três meses. Fiz em 3h20. Então, fiz a melhor maratona e consegui o índice para Boston pela minha idade. Treinava seis dias por semana. Hoje, não.

8) O senhor destacaria um trecho específico da reportagem que o senhor tenha gostado ou não gostado. Poderia explicar por quê?

Não gostado, não achei nenhum trecho que eu não tenha gostado. O que eu mais gostei foi a foto mostrando e que diz que eu levanto cedo. Realmente, eu levanto às 4 da manhã, 4h30 (SDR19 – Fidelidade). Hoje, por exemplo, levantei às 4h. Tomo café, a fruta, com toda a calma. E saio às 6h para correr. No verão, por exemplo, eu até estava saindo às 5h, por causa do sol. Eu sofro muito com calor. Então, eu prefiro correr no frio, no inverno. Minha mulher diz assim: ‘pô, mas tá frio, seis graus, cinco graus’. Pois aí que eu gosto. Então, na reportagem foi essa parte, ali acompanhando eu tomando café 5 da manhã. O rapaz veio às 5 da manhã, uma coisa assim, para fazer a reportagem.

9) Então, o senhor se sentiu representado pela reportagem?

Sim. E fiquei muito contente, muito feliz mesmo. Até eu fui depois, no outro ano, à Polônia, que eu tenho um amigo lá, e levei esse caderno do Doc para ele. Mesmo ele não falando português, mas eu traduzi, tem a foto. Então, gostei, fiquei contente com essa reportagem mesmo.(SDR20 – Reconhecimento)

*[Encerramento da entrevista].*

## **Entrevista 2**

**Perfil de Singular:** Conheça o irmão marista que é um caçador de histórias perdidas  
[*manchete online*]

**Autora:** Aline Custódio

**Entrevistado:** Édison Hüttner

**Data de publicação:** Junho de 2018

**Data da entrevista:** 05/12/2019

*A entrevista com Édison Hüttner foi realizada na manhã do dia 5 de dezembro, no espaço reservado ao professor dentro do programa de Arqueologia da PUCRS, em Porto Alegre. A conversa foi inteiramente gravada e durou 1h16min. O pesquisador partiu do roteiro pré-estabelecido com algumas alterações em relação à primeira entrevista.*

### **Item 1: Perguntas gerais**

1) Qual o seu nome?

Edson Hüttner

2) Qual a sua idade?

53

3) Qual a sua profissão?

Professor

4) Onde o senhor mora?

Em Porto Alegre, na PUCRS.

### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

1) O senhor é um leitor frequente de veículos de comunicação?

Sim. De jornais, principalmente temas que me chamam a atenção, eu paro para ler.

2) Quais os veículos o senhor costuma ler?

Os jornais aqui de Porto Alegre. Zero Hora, O Sul, Correio do Povo. E regionais também, quando é na área onde eu trabalho. Rádio, também. Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba. Jornal

Nacional muito raro eu assistir. Band e outros meios. De modo especial quando tem algo a ver com a pesquisa que eu faço.

#### 2.1.) Internet?

Internet, direto. Os meios de comunicação, documentários, vídeos, artigos científicos também. Comparação com outras interpretações de jornais que tiveram o mesmo tema, eu sempre gosto de ver como é explicado isto, como é que a linguagem de cada jornal sobre o mesmo tema.

#### 3) Para o senhor, qual é a função do jornalismo?

Olha, no meu ponto de vista, a função do jornalismo é trazer para a gente a paisagem do que está acontecendo na sociedade. Eu respeito muito o jornalismo, porque, se nós unirmos todos os jornais de cada dia, nós vamos ter a história mais completa do Rio Grande do Sul (SDJ1). Se tu quer saber mesmo o que tava funcionando no dia, eu acredito que é até muito mais importante que um livro de História, porque traz muitas informações (SDJ2). Sobre a cidade de Porto Alegre, por exemplo, tu vai ver um livro, mas, se tu pegar todos os jornais que falam sobre Porto Alegre, tu vai ter mais informações. Então, eu acredito assim que o jornal traz um contexto muito mais abrangente do Rio Grande do Sul, do País. É muito rico, com imagens também, né. É muito importante o jornalismo, por isso que eu também, quando vem falar comigo, eu tenho uma grande satisfação. Porque vão construindo esse cotidiano. Independente do certo e do errado, está dizendo o que está acontecendo. (SDJ3)

#### 4) O senhor está familiarizado com o formato perfil jornalístico? O senhor sabe o que é um perfil jornalístico?

Não. Eu sei que tem pessoas que são indicadas para me entrevistar, eu também não pergunto para eles, não entro muito nessas questões.

#### 4.1) Como o senhor definiria um perfil jornalístico?

Como eu definiria?

#### 4.2) O que senhor imagina que seja um perfil jornalístico?

Eu imagino que seja, assim, pessoas que têm, do meu ponto de vista, o jornalista bom é aquele que sabe escrever bem (SDJ4). E, no meu ponto de vista, o perfil do jornalismo é

o jornalista, por exemplo, indicado para alguma área que a administração desse jornal sabe que ele tem um dom, por exemplo, para fazer isso daí, do meu ponto de vista.

5) Quais são os valores que o senhor acha que um bom jornalista deve ter?

O jornalista tem que ir a campo, né? O jornalista tem que ir a campo, tem que ter uma afinidade e um conhecido também sobre o tema, um conhecimento de quem é entrevistado e de todo o contexto. E escrever bem, do meu ponto de vista, e saber dialogar com quem é entrevistado, confiar nele e fazer o feedback, mostrar para quem é entrevistado se está bom o texto (SDJ5). Pode ocorrer de dizer o que não é. Corre o risco, né? No meu caso, por exemplo, eu admiro muito o jornalista... ‘Professor, Edson, por gentileza, dê uma olhada no texto’. ‘Tá muito, aham, isso é realmente o que aconteceu’.

6) Como foi o contato da reportagem de Zero Hora com o senhor? O senhor se lembra?

Me lembro. A Aline me telefonou, que gostaria de fazer uma reportagem sobre as minhas pesquisas. Uma reportagem especial. E como eu conheço ela, se eu não engano foi de uma outra entrevista, agora eu não me lembro, ela veio aqui nesta sala, com um fotógrafo, e essa entrevista que nós estamos vendo aqui, Singular (SDNROD3) [Hüttner guarda a entrevista com as folhas plastificadas junto à sua mesa de trabalho na PUCRS], esta entrevista começou nessa sala. Então, ela trouxe um celular para gravar e começou a fazer as perguntas. E foi bem interessante que ela veio no lugar onde eu trabalho (SDR21 – Fidelidade) e, justamente, eu estava descobrindo esta peça aqui [aponta para outra matéria de jornal], que é de São Pedro. Então, eu disse para a Aline: ‘Que bom que tu veio no nosso processo’ (SDR22 – Fidelidade). Ela entrou dentro do barco, nós já tínhamos outras coisas acontecendo para o futuro. Então, disse assim: ‘Que bom que tu entrou e é o momento agora, também, de divulgar isso já contigo’. Então, assim começou. Começou em dois processos. Além das informações que eu passei para ela das pesquisas, sempre a gente dá relatórios, científicos, né, ela me perguntou se teria outro lugar interessante em que a gente pudesse fazer uma entrevista, por exemplo. Eu disse assim: ‘Aqui na Igreja das Dores, né’. Então, ela foi lá, junto com um fotógrafo, fazer a reportagem. Então, para mim, foi um método muito interessante, que ela colocou um mapa para colocar os conceitos, porque, às vezes, a gente tem muito informação, mas não tem o mapa. O mapa, no caso aqui, é a imagem. Então, tá lá a figura e eu tô fazendo o meu trabalho cotidiano (SDR23 – Reconhecimento). Ela traz o meu cotidiano com aquela perspectiva sempre de

que pode acontecer algo a mais. Então, foi assim que começou. Mas eu não esperava que ia ser tanta folha assim, né? (SDR24 – Extensão)

7) Por que o senhor acha que foi escolhido para fazer essa reportagem?

Porque eu já tenho uma tradição de pesquisas com Zero Hora. Eu, para mim, Zero Hora é um jornal que tem uma repercussão e eles sempre confiaram no meu trabalho (SDNROD4). Desde 2004, 2005, com aquela a reportagem da cruz e outras, mesmo essa da múmia [aponta para outra reportagem que tem guardada em sua sala]. Então, eles me procuraram porque já sabiam que tinha uma grande... já faz mais de 20 anos, né, que a gente está pesquisando isso. E me procuraram, também, porque o jornal está acompanhando as coisas. Então, o que eles estão fazendo, do meu ponto de vista, é fazendo um **álbum**, na prática.(SDNROD5)

8) O senhor conhecia a repórter antes das entrevistas que concedeu para aquela reportagem?

Sim, já conhecia (SDNROD6). Conhecia assim....Se eu não me engano, foi naquele outro jornal da Zero Hora, mais local.

8.1) O Diário Gaúcho.

Ela trabalhava lá no Diário Gaúcho e lá tinha uma colega dela que um dia disse: ‘Seria interessante um dia fazer uma reportagem só sobre você’ (SDNROD7). E talvez isso passou por lá. Então, e foi na época que eu estava pesquisando São Nicolau, esse aqui [aponta para outra reportagem], que saiu lá no Diário Gaúcho. Se eu não me engano, foi ela quem fez, mas ela estava dentro desse contexto. E aí ela veio. Acredito que foi através dessas várias informações, né.

9) O senhor se recorda quanto tempo passou com a repórter para a realização dessa reportagem?

Foi uma hora e meia aqui na minha sala. Depois, nós fomos lá também na tomografia, fomos lá no hospital. Eles me acompanharam. Eu acredito que isso aí, ao todo, deu umas cinco ou seis horas, por ali. Somando aqui na PUCRS, lá no hospital, lá no Instituto do Cérebro, e depois lá [na Igreja], acho que deu umas oito, nove horas, de acompanhamento, com fotos. Por ali, rapaz.

9.1) Foram umas quatro ou cinco entrevistas diferentes?



Foram uma, duas, três entrevistas, em locais diferentes. Aqui na sala da Arqueologia, a outra lá no hospital da PUC e a outra lá na Igreja das Dores, ali na Andradas.

10) O que o senhor achou das perguntas que foram feitas pela repórter?

Eu fiquei muito impressionado porque ela conseguiu, do meu ponto de vista, e vi que ela preparou também, conseguiu desencadear, a partir das pesquisas que já estavam sendo feitas, desencadear também aspectos pessoais, de sentimentos. (SDR25 – Reconhecimento) Ela fala ali que ‘Ele ri’, e realmente eu ri (SDR26 – Fidelidade). Então, eu achei que foi muito importante isso aí, esses aspectos. As perguntas foram muito boas, porque valorizaram uma vida, valorizam a pesquisa e valorizam também entrar no discurso de uma descoberta que estava sendo feita (SDR27 – Reconhecimento). Esses três aspectos.

11) O senhor leu a reportagem de Zero Hora antes desta entrevista?

Sim.

12) O que o senhor achou da reportagem? Quais as suas impressões?

Olha, eu achei que foi maravilhosa. Seis páginas...foi bom, né. Eu senti que Zero Hora investiu, valorizou (SDR28 – Reconhecimento). Eu escutei muita coisa de pessoas, aqui mesmo da Ascom da PUC, disseram assim: ‘Olha, eu não parei de ler’. Foi muito bom o texto. Então, para mim, foi maravilhoso. As fotos também foram excelentes, valorizaram também a pesquisa que estava sendo feita na hora. (SDR29 – Reconhecimento) Os instrumentos que eu estava utilizando, colocaram, lá no Icer, ali na frente da Igreja. Eu fiquei muito admirado com essa pesquisa. O binóculo também foi algo importante. E, na versão online, também tem e tem outras fotos. Então, tanto na versão impressa, quanto na versão online, para mim, foi uma coisa assim...E eles fizeram um catálogo, ali, das descobertas que estavam sendo feitas. E depois também, no final, a Aline colocou assim: ‘Olha lá, novas descobertas estão vindo aí’. Eu já sabia o que que era, mas eu não podia falar, né, porque não estava sendo comprovada ainda.

13) O senhor já havia sido entrevistado antes ou foi entrevistado depois?

Com a Aline?

13.1) Não, em geral.

Com outras? Sim, várias reportagens. Desde 2004, 2005, acredito que umas 20 reportagens, mais ou menos (SDNROD8).

13.2) O senhor lembra quando foi a primeira?

A primeira...na época eu não pesquisava as missões ainda, as reduções jesuíticas e a arte sacra, eu trabalhava mais com a cultura indígena. Mas, com a cultura indígena eu cheguei na arte sacra, porque ela também era feita por índio, né. Então, a primeira foi em 2004. Se eu não me engano, não sei se foi na Band, foi sobre cultura indígena. Foi na televisão. A primeira vez foi em 2004.(SDNROD9) Eu não estou conseguindo resgatar mais aquele vídeo, eu não achei na internet. Então, a primeira vez foi ali. Depois vieram outras. Sobre a cruz lá de São Miguel. Tinha aquele canal lá da RBS que não tem mais. TVCom, né. Outras entrevistas também na Band, Band nacional, lá em Alegrete, RBSTV, várias que vieram. Foram bem feitas as entrevistas (SDNROD10). A última agora foi esse ano, que deu uma repercussão muito grande, que foi sobre a descoberta da múmia. Para dizer a verdade, até um dia eu estava cansado de dar tanta entrevista (SDNROD11). Veio as emissoras aqui, SBT, veio todas, Record, etc. E saiu em rede nacional. Eu até fiquei muito admirado. E esse ano foi especial, porque eu também não estava preparado. Cada ano tem surpresas, como é a pesquisa. Então, esse foi a maior repercussão de todas no jornalismo. De fora também. Saiu reportagens na Folha de São Paulo, aquela lá [aponta], depois linkou com outros jornais. Eu fiquei muito impressionado que essa aqui [aponta], fez uma menina lá de São Paulo, ‘Religioso caça peças roubadas no Rio Grande do Sul’, foi a Priscila, ela me telefonou lá de São Paulo. Então, essa aqui saiu acho que nuns 50 jornais. (SDNROD12)Eu não pensava que ia ter tanta repercussão assim, essa minha página, né. Então, isso foi uma coisa importante que aconteceu (SDR30 – Reconhecimento). Aqui também [aponta para outra], essa foi muito importante, lá em Alegrete. Nós fizemos uma tomografia e a RBS foi lá em Alegrete fazer a entrevista. Não comigo, no caso, porque eu fiz aqui. Eles fizeram com outros que participaram. Essa aqui foi em 2016. Aqui também [aponta para outra] foi muito importante, lá na Cruz de São Miguel, a RBS, o Bruno Fellin, no caso foi o fotógrafo. Ele foi lá em Camaquã tirar foto. Eles vieram de carro aqui, nós fomos até Camaquã. Também essa aqui da deusa Nimba foi em 2018. Eles vieram aqui de novo fazer a entrevista. Outra que foi importante também foi sobre São Nicolau, né, que nós encontramos lá em Santa Maria, que tinha sido roubado de São Nicolau. Então, saiu várias reportagens e entrevistas, e eles foram fazer toda uma história.(SDNROD13) Eles foram lá em Santa Maria, a RBS de Santa Maria foi lá no

colégio onde é que estava, no porão, a imagem. Depois, foram lá em São Nicolau fazer a reportagem. Depois, vieram aqui em Porto Alegre, fizeram aqui. Então, o que eu vi na pesquisa de São Nicolau é que todo mundo ajudou um pouco na sua área. O pessoal que tava lá em Santa Maria, o pessoal da reportagem daquela região de São Nicolau, fizeram vários quadros. Então, me chamou a atenção essa interação da imprensa, que viu que era uma coisa boa...agora um repórter vai fazer lá, outro vai fazer aqui, nós vamos fazer aqui em Porto Alegre, onde o São Nicolau está exposto. Aí, depois lá, quando o São Nicolau voltou, fizeram uma festa lá, então fizeram toda a cobertura (SDJ6). Eu vejo, assim, que foi algo muito importante nessas reportagens, né. E você é uma pessoa, né? Porque, na reportagem, tu fala a tua parte. E aí a imprensa também fala com outros para ver se realmente é verdade. Então, eu acho muito legal isso e a gente fica muito mais tranquilos, porque a outra pessoa que participou da pesquisa vai ter a sua liberdade para falar sem a minha interferência, né, então isso foi excelente (SDJ7).

14) O senhor conseguiria apontar diferenças entre as entrevistas que o senhor deu para essa reportagem para as outras? Tem alguma diferença que o senhor consegue identificar?

Tem sim. Essa aqui, como eu estou falando, eu já sabia que ia ser um álbum, alguma coisa assim de ‘agora vamos fazer uma reflexão sobre todas’ (SDJ8). ‘A imprensa está aí para valorizar isso aí, então vou caprichar’. Eu percebi que teve um método mais pensado, não é (SDJ9). Mesmo a imprensa já veio certinha do que ia fazer. Em outros casos, não sabem o que vão fazer porque não sabem o que está acontecendo (SDJ10). Então, já vieram certos. Quem fez a descoberta, no caso, foi eles, a reportagem. Então, a diferença dessa aqui é que ela foi muito mais organizada, porque a imprensa já veio com uma pauta pronta, né. Outras não, outras foram para ver o que era. ‘Mas será que é mesmo? Então vamos lá fazer a entrevista’. E aí, depois da entrevista, eles voltam para ver os dados, os relatórios. Essa foi a diferença. Essa aqui teve um método, foi muito bem pensada, estruturada(SDJ11).

15) Essa foi a primeira vez que o senhor respondeu perguntas mais pessoais, sobre a sua vida, ou nas outras também já tinha respondido?

Essa aqui foi a primeira vez. Até porque, nas outras vezes, não dava tempo, não era o foco. (SDR31 – Extensão) Tu tava tão interessado na pesquisa, né, para comprovar. Eles não se perguntavam muito como você tá se sentindo. Às vezes, eu mesmo me dizia: ‘Tô me sentindo tão satisfeito com essa pesquisa, né’. Mas não era o foco o meu sentimento,

como eu estava me sentindo, era a coisa fluindo em si, era o que tava acontecendo (SDJ12).

15.1) Essa também valorizou os seus sentimentos?

Essa sim, porque eles queriam saber quem era eu. Ouviram a minha história, onde que eu nasci, então foi muito importante isso. É a minha identidade (SDR32 – Reconhecimento). E a foto maravilhosa da Igreja lá foi excelente. Eles trabalharam muito com fotografia, foi o fotógrafo junto. Eu percebi que, realmente, o cara era muito bom na fotografia. A imagem é tudo. Imaginem aí uma reportagem dessas sem imagem? (SDR33 -- Reconhecimento) E quem leu percebeu, do meu ponto de vista, que a entrevista foi feita me acompanhando, além dos meus dados pessoais (SDR34 – Fidelidade). Mas quem jogou isso foi a própria imprensa. ‘Agora nós vamos lá’. ‘Agora nós vamos ali’. Outra vez eu dizia: ‘Agora, nós vamos ter que ir lá’. Tudo foi muito organizado, nessa perspectiva.

16) O senhor se sentiu representado pelas outras reportagens?

Eu percebo que alguns jornais, às vezes, até não coloca o nome, só a pesquisa. Por exemplo, aqui num jornal sobre a múmia, agora ultimamente, nesse jornal aqui, Gazeta, eles colocaram que a PUC fez a descoberta. Tá bom, mas se sabe que fui eu. (SDJ13) E aqui num outro jornal, o Variedades, lá de Cerro Largo, eles colocam assim: ‘O professor Edson fez a pesquisa...’ Então, para mim, o jornal importante é aquele que valoriza a instituição e a pessoa. Não é aquela coisa ‘o município fez’. Então, eu percebo que existe isto...é muito raro aparecer, mas algum jornal aparece quem fez a descoberta foi a PUC, mas não coloca os indivíduos. Para mim, é um erro muito grande e o pessoal, do meu ponto de vista, lê essa informação ‘mas então tá, foi’. (SDJ14)

### **Item 3: Perguntas sobre a reportagem**

1) Se o senhor tivesse que definir a si mesmo, como o faria?

A partir da reportagem?

1.1) Não, a partir do senhor mesmo.

Como assim?

1.2) Se o senhor tivesse que definir em palavras quem é o professor Edson Hüttener, como definiria a si mesmo?

Eu me definiria assim: eu sou um pesquisador por essência. Gosto de pesquisar, de descobrir, de ir atrás, um feeling para algumas coisas, e presto atenção para o momento. Eu gosto de fazer mapas culturais para colocar os conceitos, porque eu sei que tem muitas informações, etc, histórias, mas falta, do meu ponto de vista... eu gosto de fazer mapas. São Nicolau? Sim, mas onde é que está São Nicolau? Tá lá. Quantos quilômetros têm? É ali que eu tenho que ir, a partir dali, do mapa. E eu me defino assim. Hoje, eu estou fazendo arte sacra, nos últimos anos. Anos atrás, eu pesquisava mais sobre índios, mas uma coisa levou a outra. Cada época tem o seu momento. Agora, está surgindo um outro momento, por exemplo, que surgiu uma múmia. Tá, mas por que a gente conseguiu fazer uma pesquisa da múmia agora com um grupo novo criado? Porque nós temos um método de pesquisa. Então, eu me considero assim, vamos dizer assim, realista, né, nas atividades e esse modo de ser, realista, pode levar a muitas coisas. Mais adiante, podem vir outras coisas. Talvez até, eu tenho pistas até de um avião nazista, né. Já ouvi falar, mas tu tem que ir lá ver. De repente é, de repente é bobagem.

2) O senhor se sentiu representado pela reportagem?

Com certeza. Com certeza.

2.1) Por quê?

Uma, pela proximidade da reportagem. Não foi alguém que estava julgando, nem dizendo se eu estava certo ou errado. Tava dizendo o que estava acontecendo. E essa reportagem mostrou quem era eu. Sou eu lá. Minhas palavras, são as pesquisas. Pela coerência da reportagem. A coerência da reportagem mostrou a identidade e realmente era isso (SDR35 – Fidelidade). É claro que precisaria ter mais páginas para colocar, porque tem bastante coisas, ô, Eduardo. A própria Aline me disse: ‘A gente não tem mais páginas, porque eu queria colocar mais páginas ainda’. Porque o texto é dela, né, Eduardo. Então, ela se sentiu bem também com isso daí. Todo mundo ganha, né, Eduardo. O repórter que fez para a história dele, para mim, para a imprensa, para todos que veem. Acho que o jornal faz isto, por isso acho que representou (SDJ15).

2.2) O senhor se emocionou em algum momento da entrevista?

Sim. Quando eu falei de algumas pesquisas, porque a gente volta atrás. Eu, para dizer a verdade, já tenho até uma tradição com Zero Hora. É quase uma família, por um lado, com

essa imprensa (SDNROD14). Correio do Povo também, etc. Então, com certeza, me emocionei em várias partes.

3) O senhor acredita que os seus valores foram representados na reportagem?

Sim. Uma parte deles, a grande parte deles, 99%. Com certeza (SDR36 – Fidelidade).

4) Quais os elementos utilizados na reportagem o levam a dizer isso?

As perguntas, né. As perguntas feitas sobre a identidade, sobre ‘como é que você estava se sentindo’, ‘como é que foi naquele momento’, ‘quais são os instrumentos que você usa para trabalhar’, então, por isto (SDR37 – Fidelidade).

5) Com qual momento da reportagem o senhor mais se identifica? Algum trecho específico?

Para mim, a parte mais interessante foi aquela... como tava acontecendo no momento, já não era das outras coisas, né. Tava acontecendo lá na Igreja Nossa Senhora dos Passos. Foi naquele momento ali que eu estava olhando as imagens, tava vendo se não tinha outra, e realmente pode ter uma missioneira lá. Aí eu fui lá para pesquisar mesmo. Então, foi um momento que me chamou a atenção quando eles mostraram a imagem de eu vendo, com o binóculo, dentro da igreja. Quem é que vai olhar com um binóculo dentro da igreja para ver qual é o santo? Ninguém olha. Então, isso é uma coisa que tem que olhar, para saber o que é, quem é que tá ali (SDR38 – Fidelidade).

5.1)) Essas imagens ajudaram a mostrar para os leitores quem o senhor é?

Com certeza. Absolutamente. A imagem lá, caminhando com a pasta, com os óculos, descendo, vendo, eles estão vendo que eu estou analisando os santos ali. E eu realmente tava (SDR39 – Fidelidade). E vou lá agora depois dessas festas, do Carnaval, eu vou lá. Eu desconfio que tem uma escultura missioneira lá em cima que precisa ser analisada. Eu vejo de longe, né. Então, tem uma museóloga lá, eu falei com ela. ‘Olha, eu acho que aquela lá em cima tem a potencialidade’. Só que eu preciso comprovar isso, né, Eduardo.

6) O texto da reportagem é fiel ao seu relato?

É. É fiel (SDR40 – Fidelidade). Não teve assim alguma coisa ‘Bah, não era para ter colocado’. (SDR41 – Fidelidade) Se fosse....eu não sei se ela passou para mim esse aqui, eu acho que sim, para eu dar uma olhada, se não tinha alguma coisa.

7) O senhor se recorda de algo que tenha ficado de fora?

Vamos ver aqui.

7.1) Que o senhor tenha relatado e ficou de fora?

Não, tudo que eu relatei foi colocado (SDR42 – Fidelidade). Talvez, eu não me lembrasse, né, Eduardo, de algumas coisas, mas foi tudo colocado. Inclusive, aquela ida ao Museu do Vaticano, aquela carta do Papa, que, na época, foi algo assim muito importante. Ela colocar ‘amigo do Papa’, eu achei interessante, né. Eu não sou amigo do Papa, mas talvez para valorizar a coisa(SDNR1 - Imprecisão).Eu recebi essa carta mesmo. Então, ela colocou assim, ‘Puxa, ele também tem uma relação lá com Arquivos Secretos do Vaticano’. E eu fui mesmo lá. E, realmente, na época, essa carta abriu os caminhos lá para eu fazer a pesquisa no arquivo (SDR43 – Fidelidade).

8) Há divergências entre a sua expectativa e o texto do repórter?

Não. Na verdade, as outras reportagens, no máximo, é duas páginas, né. Então, eu fiquei muito impressionado. Puxa, seis páginas (SDR44 – Extensão). E com uma mostrando a pesquisa. Me surpreendeu, ô Eduardo. Muita gente, ‘Pô, contracapa, cinco páginas dentro’. Isso aí é uma coisa que foi bem diferenciado (SDR45– Extensão).

8.1) Mas, em outras oportunidades, o senhor teve alguma divergência entre o que relatou e o que foi publicado? Não necessariamente de Zero Hora só, mas de outros veículos também. O senhor consegue lembrar de algum momento que falou alguma coisa e achou que não foi bem isso que disse? O que não gostou do jeito como foi apresentado?

Deixa eu me lembrar aqui. Não algo que foi aquela coisa de conceitual, mas, de repente, alguma data. Já aconteceu. ‘Não, não é essa data aí’. Eu telefono. ‘Tem que arrumar’. Mas, em geral, o pessoal passa o texto e eu reviso também. Às vezes, quando não passa o texto ou coloca online, no online dá para arrumar, né, já aconteceu casos... ‘meu nome falta uma letra’. Isso, às vezes, acontece, né, Eduardo. Isso, para mim, não é o problema. Pode arrumar. E mesmo se for errado depois, quem lê o jornal não vai se preocupar se faltou uma perninha ou não. Claro que não é o ideal, se faltou um ‘y’, se faltou um trema, etc, ou esqueceu de colocar o nome de alguém (SDJ16). Isso é uma coisa que eu cuido muito, sempre coloco quem participa, até o motorista. Tem que estar todo mundo. Então, isso é uma coisa que eu cuido muito. Claro, já aconteceu, sim, de uma letra, uma data,

mas isso não era o problema. Para mim, o texto sempre está em construção. E assim por diante (SDJ17).

8.2) Por que o senhor acha que alguns erros acontecem algumas vezes sim e em outras não?

Eu não sei qual é a dinâmica de um jornal lá dentro, o nível de trabalho, ou de estresse que o pessoal, às vezes, tem, de ter que terminar ligeiro a pauta. Eu falo de fora, eu não sei como é o ambiente interno. A gente sabe que esse pessoal da imprensa fica numa tensão muito grande de terminar pautas, etc, etc. Então, eu já sei disso e, para mim, é muito natural (SDJ18). Digo só: ‘João, Roberto, dá uma olhadinha só naquela data’. Eu não vou ficar mais estressado com isso. Até porque é uma coisa que faz parte.

9) O senhor foi a única pessoa entrevistada para essa reportagem?

Sim.

9.1) O senhor acha que faltou entrevistar alguém que o senhor julgava importante para a reportagem?

Olha, assim, se eles quisessem o depoimento de alguém, teria. Talvez eu acho que ficaria muita reportagem, muita página. Por exemplo, em cada pesquisa que eu tive, eu me envolvi com pessoas. O prefeito lá de São Nicolau, colegas lá de São Jerônimo, lá em Alegrete, o responsável lá pelo museu, eles poderiam ter dado um depoimento. Por exemplo: ‘O professor Edson teve aqui, papapa’. Mas eles focaram na primeira pessoa (SDJ19). E, se eles fizessem isso, talvez com um, e os outros? Então, eles pegaram um foco só. Acho que ficou legal, nesse sentido.

10) Se pudesse, o senhor mudaria alguma coisa na reportagem?

Não, não mudaria nada nela. Para mim, ela foi bem feita. Num sentido, se fosse mais páginas, teria mais coisas, né. Mas eu acho que foi bem feito. Muito bem feito, com certeza(SDR46 – Fidelidade).

11) Quem ler a reportagem vai saber quem é você?

Vai. Do meu ponto de vista, sim. Tá bem explicado ali, a identidade, quem é, as pesquisas (SDR47 – Fidelidade).

11.1) Por quê?



É por causa que está ali as informações (SDR48 – Fidelidade).

12) O senhor falou antes que 99% está ali. Tem alguma coisa da sua vida não está nessa reportagem que diz quem você é?

Talvez até poderia entrar aí essa carta do Papa, mas não sei se era o foco. Talvez a carta ia ficar mais central. Essa carta saiu numa revista de São Paulo. Talvez alguma coisa do arquivo secreto ou, por exemplo, uma fichinha minha. [Levanta para pegar algo na prateleira dá um exemplo] Poderia ser algo assim, mas vejo que, também, aí seria tanta coisa. Mas quem entende, talvez... eles souberam disso aqui. Talvez, o jornalista que entende do espaço, para não ficar tão cheio de coisas também. (SDNR2 – Exclusão) Quem viu essa reportagem percebeu que, com certeza, teria mais coisas, mas foi um **portal** (SDNR3 – Exclusão), né, Eduardo, do meu ponto de vista. Isso aí foi uma coisa... sim, teria mais coisas para colocar ali (SDNR4 – Exclusão).

12.1) Mas o recorte que foi feito, o senhor acha que foi o correto?

Do meu ponto de vista, foi perfeito. Valorizou (SDR49 – Reconhecimento). O tema aqui é arte sacra, são descobertas. Então, essa foi a temática colocada aqui. Não misturou outras coisas, não foram tantas, foi uma só. Por exemplo, a deusa Niba, que é mais africana. Então, foi realmente o principal (SDNR5 – Exclusão).

13) Foram feitas perguntas para você para além do tema principal da reportagem?

Onde é que eu estudei e coisas assim, mas não foram muitas, não, né, Eduardo. Foi mais vinculado mais ao tema. Nada fora, assim... o que tu gosta de comer? Isso também não era o foco. (SDNR6 – Exclusão)

14) A sua vida mudou depois da publicação da reportagem?

Com certeza, isso aí é um selo, é uma carta, faz história, né, Eduardo. Então, para mim, mudou muito. Puxa, singular, né. Algumas pessoas são escolhidas para fazer e tu faz parte. Quem é que a reportagem vai convidar? Quem, de repente, eles conhecem e poderia, sabia que tinham elementos para valorizar. Então, eu me senti assim muito orgulhoso. Singular, né, saiu (SDR50 – Reconhecimento). Eu já tinha ouvido de outros repórteres, ‘mas por que é que não fizeram uma reportagem ainda sobre você?’ Até mesmo aqui na Ascom. ‘Pois é’. Eu não vou falar que tem que fazer. É importante, eu acho. Mas aí eu percebi que a Zero Hora, eles captaram isso aí. Aí, eles começaram a olhar as pesquisas deles, papapapa. ‘Mas esse aí tá merecendo uma coisa, né’ (SDR51 – Reconhecimento). E o

interessante é que envolveu o que aqui? Envolveu o pessoal, envolveu o sair para fora, envolveu também uma pesquisa que foi lançada. Essa reportagem lançou uma pesquisa também. Isso foi um fator diferencial, né(SDR52 – Reconhecimento). Então, foi importante. Eu mesmo disse assim: ‘Olha, eu acredito que seja o momento agora de aproveitar para anunciar essa pesquisa de São Pedro’.

15) O modo como o senhor se vê mudou depois disso?

Sim. Eu me dei conta que o pessoal já está nos conhecendo (SDR53 – Reconhecimento). Então, tu já tem uma postura. Eu já vi muitas citações de ‘caçador de relíquias’, de ‘Indiana Jones do Pampa’. Eu achei interessante os vários títulos que foram colocando. Me chamou a atenção isso. Ou o outro pesquisador lá do Código Da Vinci. Porque a imprensa gosta de chamar a atenção do leitor, então eu achei que foi legal isso (SDJ20). Eu não vou dar título, né. Então, tem que deixar a coisa, o próprio senso comum, mas eles sabem que eu sou pesquisador e sigo por uma ética de mostrar os relatórios. Então, é uma coisa assim... Esse aqui é o relatório do pós-doutorado [tinha se levantado para pegar], está tudo isso aí. Tá tudo isso aí, pesquisas, tudo. E tem pesquisa que eu não lancei ainda, né, que agora eu estou vendo para quem eu vou falar agora. Eu primeiro comunico sempre pro Zero Hora porque eu percebo que eles sempre dão atenção, não desmerecendo (SDJ21). Depois, eu falo para os outros. Alguém me disse que é errado isso, né. ‘Não, tu tem que fazer uma pauta para mandar para todos’. Como eu não entendo...como eu sei que, o Zero Hora, eles vão fazer uma grande reportagem, vão aproveitar bem. Porque outros eu já passei e fizeram uma coisinha desse tamanho, né. (SDJ22) Eu não estou falando por mim, estou falando para a população entender. O Correio do Povo também tem valorizado muito. Então, e eu percebi uma coisa interessante, já fiz reportagem em jornal de Pelotas, de Santa Maria, eu percebi que os jornais de lá já querem fazer uma coisa grande também. Me chamou a atenção isso. Tem jornais de Santa Maria que fizeram a reportagem sobre o sino, então eu vejo que eles estão pegando o padrão um pouco de Zero Hora de fazer uma coisa grande (SDJ23), porque isso aí são coisas – isso aqui são as antigas [levantou para procurar outros recortes de jornais], essa aqui é a Gazeta, já estão colocando na capa --, então eu estou percebendo que eles aumentaram mais a reportagem sobre as minhas pesquisas, acredito que tendo em vista o padrão de Zero Hora, que faz sempre uma reportagem grande, uma página, duas. Isso eu estou percebendo bastante. (SDNROD15)

Eu estou com uma pesquisa nova, agora, mas eu estou vendo o momento para lançar. Como agora está no final no ano, tu tem o momento, né, Eduardo. (SDJ24) Então, como é que eu faço para divulgar a pesquisa? Primeiro, eu tenho que ter um relatório. Eu tenho que ter um relatório comprovando a pesquisa. Porque aí, quando a imprensa vem, ‘olha, eu tenho a pesquisa, a pesquisa é essa, eu vou mandar o relatório para vocês’. Eu mando sempre por e-mail, em PDF, os relatórios (SDJ25). Por exemplo, esse foi o relatório lá da múmia, eu mandei pro Zero Hora, em PDF, mas, quando o Zero Hora veio fazer a entrevista sobre ela, eles tiveram que deixar outra entrevista. Mas será que eles vão fazer comigo? ‘Mas é mesmo, tu tem certeza?’ ‘Porque eu vou arriscar, de repente, até o meu nome, porque estou largando alguma coisa e dizendo que é a múmia. Sim, mas, múmia? Múmia, múmia?’ Só que eu não disse a cidade. Eles perguntaram. Eu disse: ‘A cidade eu não vou dizer agora, só vou dizer quando tiverem me entrevistando. Então, ‘Bah, nós vamos acreditar em ti, tu falou em múmia, vamos aí’. (SDJ26) Aí, vieram também aqui, fazer a entrevista, a Aline e o fotógrafo, um outro, para entrevistar sobre a múmia. Aí eu contei a história, disse que tinha enviado, por exemplo, um documento lá para os Estados Unidos com o dente da múmia para fazer o Carbono 14 e, falei para eles, e eles assim ‘Tomara que dê certo’, veio o resultado. Carbono 14, aqui o documento, tudo assinado. Tem mais de dois mil anos. Então, esse foi o documento principal. Eu vejo assim que, às vezes, tu partilha uma descoberta e a imprensa lá, eles vão ver, ‘mas será que dá para ir mesmo?’ Se o jornalista, foi ele quem fez a ponte, o jornal acredita nele. Então, eu percebo para nós, quando a gente faz a entrevista, a responsabilidade é muito grande. Tu tá lidando com a confiança do jornalista, da imprensa toda, da instituição (SDJ27). Mas é claro que, quando o jornal recebe a informação, os dados, com relatório, tudo, eles vão analisar também, né, Eduardo, lá. Então, eu percebo assim que, hoje, existe uma proximidade mais com o jornal, com o jornalista, para ti explicar com calma o que é. Eles mesmo vão fazer entrevistas lá depois, onde é que foi, etc. E, depois, quando tu tem o documento científico, comprovou que é, deu (SDJ28). Outras informações podem vir depois, (inaudível), mas isso tudo vem a agregar depois. O importante é dizer o que que é. É múmia, tá comprovado. ‘Ah, mas não foi o tio, foi o avô que trouxe’. Ah, que bom, agora a gente acrescenta. ‘Não foi doado, foi emprestado’. Que bom, isso acrescenta também. Então, várias coisas podem vir depois, mas qual é o foco? O foco é na descoberta. Tá aqui. A reportagem depois pode girar ao redor. (SDJ29) ‘Agora tivemos uma outra informação que não veio do Rio de Janeiro’ – porque tudo são relatos orais – ‘Veio de um nazista que estava preso’. Isso a gente nunca vai comprovar, porque não tem registro, são dados

gerais. Então, o foco é a pesquisa, os relatos orais ao redor. Mas a imprensa também pode valorizar outros relatos mesmo que não sejam verdade, mas o ponto, a tese, está confirmada (SDJ30).

16) Qual é a importância dessa relação de confiança que o senhor falou?

Essa relação de confiança é importante para se estabelecer um diálogo. Tu dá a informação e eu não sei o que está acontecendo, o que será que vai dar. A confiança vai dizer assim: ‘Puxa, o jornalista, ele vai saber que eu quero saber mais como é que vai ser a reportagem’ (SDJ31). Por isso que, aqui, eles me mandaram o texto. ‘Edson, confirma os dados’. ‘Sim, pode tacar’. Então, isso aí é importante. Porque, numa reportagem, não é só pegar a informação e sair correndo. É até ela ficar bem feita, né, Eduardo (SDJ32). Eu vejo que, com a imprensa, em geral, isso tem acontecido hoje.

16.1) Como fonte de entrevistas, o que o senhor acha que precisa para estabelecer uma relação de confiança com o repórter?

Precisa um relatório, um dado científico (SDJ33).

16.2) Eu digo do repórter com o senhor, para o senhor confiar.

Tu vai ver a instituição, tu vai ver o tipo de perguntas. Em geral, são repórteres que eu já conheço. (SDJ34) A Aline, a Bruna, e outros ali. Então, eu já conheço eles. Em geral, eles têm mandado repórteres que me conhecem (SDNROD16).

17) O senhor acha que isso é melhor? O senhor se sente mais tranquilo para dar uma entrevista, sente mais confiança nos repórteres que já conhece?

Com certeza, né. Por exemplo, aquela lá da Folha de S. Paulo, eu sei que ela é uma gaúcha, né. E ela colocou mesmo a reportagem como eu falei para ela. Ela não mandou o texto para mim revisar, com certeza, né. Ali eu confiei, assim, porque, conforme o diálogo que ela teve comigo, eu senti no diálogo que dava para confiar, até porque eu coloquei coisas que não poderiam dar desconfiança lá fora. Todo o meu diálogo... e tudo eu deixo gravado, né, Eduardo. (SDJ35) esquema ali que tu grava, então isso fica um registro sempre. Vamos, por exemplo, Eduardo, se lá naquele jornal ali tivesse saído uma coisa errada. Pedir desculpa, não, tudo bem. Só que nós vamos ter que arrumar e no impresso não dá mais. Não aconteceu isso, mas eu diria: ‘Bom, agora nós podemos arrumar lá no online’.(SDJ36) Não pode ter coisa errada. Se tivesse uma informação errada, que

interferisse aqui, eu falaria para eles: ‘Olha, nós vamos ter que mudar lá na página, porque não é isso aí. Se não eu vou dizer na imprensa que não é e vai ficar mais chato’. (SDJ37)

18) O modo como as outras pessoas veem o senhor, isso mudou de alguma forma depois dessa reportagem?

Com certeza. Com certeza, Eduardo. Ontem mesmo, estava aqui num jantar o secretário de Turismo do Estado. Tava na mesa. Então, eles sabem que eu pesquiso. Inclusive, a partir daí, eu comecei a dar algumas ideias também sobre cultura no Estado. Como a gente já conhece um pouco. Eu disse assim: ‘Isso aí é muito importante, por exemplo, fizemos o sino, fizemos lá aquela vez, pesamos o sino de São Miguel, né’. Eu disse: ‘Ó, seria importante colocar aquilo sino para soar novamente, né’. O grande sino lá de São Miguel. Como eu analiso muito as imagens do Rio Grande do Sul, por exemplo, do meu ponto de vista, o Rio Grande do Sul já está precisando construir uma outra, não que o laçador não seja importante, ô Eduardo. É importante, mas, para mim, é pouco para o Rio Grande do Sul. Tem um amigo, ‘Ah, tu vai levar o quê de imagem, a cuia, o chimarrão?’. ‘Tá, mas isso tem na Argentina’. O laçador também tem. Então, no meu ponto de vista, eu partilhei com o secretário, em vista da repercussão dessas coisas, que aí ele fica escutando, acho que já tá na hora do Rio Grande do Sul fazer uma exposição de arte moderna gaúcha. Eu não sou artista, né, vai aparecer alguém. O Rio Grande do Sul, com certeza, do meu ponto de vista, precisa de uma nova. Porque tudo isso aqui também foi novo na época. Nós estamos tratando de coisas do passado que, na época, eram novas, né. E faz parte da tradição. Então, do meu ponto de vista, eu não discuti isso em pauta ainda, talvez eu pudesse sugerir, qual é a imagem, qual é a identidade do Rio Grande do Sul, o que que nós podemos construir como identidade? Para não ficar só no passado. Em Paris, fizeram a Torre Eiffel, que ficou para sempre e para nós também. Mas o que que nós construiríamos em Porto Alegre. Nós temos o Gasômetro ali e papapapa, mas talvez precisasse construir algo. Mas isso é com o artista. Então, como eu trabalho com esse mundo de imagem e pesquisa, que eu vi tanta coisa, eu penso assim que já tá na hora de construir um outro mapa com um símbolo que talvez nem eu sei o que seja, porque aí tem que ter o artista inspirado. Acho que tá no momento de abrir essa oportunidade para criar uma arte que simbolize mais ainda...só para abrir um parêntese. Então, eu vejo que isso também me abriu outros diálogos, o pessoal fica escutando e tu pode dar uma sugestão. Como tu já trabalho com aquela imagem, com o sino, com não sei mais o que lá. Então, na minha visão, se tu tem um conhecido estrangeiro que vem visitar o Rio Grande do Sul,

tu vai dar para ele o quê para lembrar o Estado? O laçador? Sim, tá. A cuia? Tá. Cuia tem. Mas eu, no meu ponto de vista, já está na hora de criarmos um símbolo em Porto Alegre. No Rio de Janeiro, tem o Cristo Redentor. Eu não sei o quê. Olha, como a gente trabalha muito com imagens e com o significado de coisas do Estado, eu visito algumas aldeias indígenas, né. ‘Pessoal, vamos construir, aqui na beira da estrutura, uma casa de forneiro gigante, de dois metros de altura ou três’. Isso faz a diferença, alguém fez? Não. Olha como isso seria interessante isso para a educação e assim por diante. Então, além de eu analisar coisas do passado, isso eu vou aprendendo. Mas, ao mesmo tempo, tá me dando um feedback também para mim dizer para a imprensa agora como refletir a nova cultura, como dar oportunidade para pessoas que queiram desenvolver a arte hoje, né, ou a nova arquitetura (SDJ38). Então, isso está sendo muito bom, né, Eduardo.

19) É importante para o senhor ter esse reconhecimento externo a partir dessas reportagens?

Com certeza. O pessoal vê. Eu só professor aqui na pós-graduação em História. Eu percebo que, quando os alunos vêm visitar aqui, ‘bah, eu quero uma foto também’. (SDJ39) uma expedição agora para São Miguel, para a região lá, então eu vi que a expectativa da turma era ter uma imagem no jornal da expedição, mas isso não dependia de mim, né. Eu também não tive tempo para mandar para a imprensa. Eu falei para a imprensa que o grupo ia estar ali, mas eu não vi tanto interesse da imprensa (SDJ40), nesse caso, pela expedição, pelos alunos. Do meu ponto de vista, seria importante isso. Claro que eu não vou dizer ‘tem que fazer’. Nunca digo isso. Tem que fazer. A minha parte é só para tirar o que está acontecendo. Mas, quando eu fui nessa expedição, a imprensa disse assim: ‘Edson, se tu encontrar alguma coisa, tu nos fale’. É assim, né. Então, agora [inaudível] ... a repercussão dessa reportagem. Não só da reportagem, mas dos livros publicados ali. Isso também dá...tem artigo internacional na revista da Unesco. Então, o pessoal assim: ‘Mas tu escreve, tu tem artigo científico?’ Tenho, né. O pessoal vê isso também. A imprensa, etc, eles querem ver o teu currículo, científico, CNPq, etc. Aí o pessoal começa a ver ali, aí, opa, essas reportagens, essas reportagens estão tudo online ali no meu currículo Lattes, né, Eduardo. Ali também é uma referência se quiser entrar. Todas as reportagens com a imprensa, tá tudo lá. Tem bastante.

#### **Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas**

Senhor Edson, a partir de agora eu vou ler algumas frases e o senhor e peço para que me diga se concorda ou discorda delas:

1) Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Arte Sacra Jesuítico-Guarani da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o pesquisador é conhecido nos meios acadêmico e religioso pela dedicação ao localizar e buscar a identificação de peças históricas e raras.

Tá certo, tá muito legal. Hoje, por exemplo, essa informação já está nova, né. Agora já é grupo e entrou luso-brasileiro também. Isso veio a acrescentar depois, não é que está errado aqui. Então, agora já está entrando....Ah, Eduardo, uma outra coisa está surgindo. Porque agora nós temos um grupo de arte sacra jesuítico-guarani e luso-brasileiro. O que aconteceu? Essas imagens vieram no período, depois, com o tempo, foram sendo roubadas e assim por diante, e aí vieram as imagens portuguesas e luso-brasileiras, que foram feitas aqui na Bahia. Mas essas imagens não foram valorizadas ainda, por incrível que pareça. Aqui, no Rio Grande do Sul, não. Eu sei de várias igrejas que elas têm lá. Então, logo, logo, nós vamos estar lançando a imagem, tá lá o documento, que veio de Portugal. Só que isso, no nosso imaginário aqui, ele é muito mais jesuítico, contra o português, né. Aqui, no Rio Grande do Sul, tem essa ideia, o bandeirante que veio e roubou. Mas, não, tem arte sacra aqui também que veio depois. O problema não está com as imagens ou com os santos, o problema está nas circunstâncias, né. Uma vez perguntaram lá na Argentina a crise do gado, né, por que a Argentina está com a crise do gado? Foram perguntar para um fazendeiro lá, tava na beira da mangueira. ‘Olha, o problema não está com os bois, né, os bois tão aí na mangueira, o problema é fora’.

2) A fala mansa e o bom humor são outras características do pesquisador. É comum que faça uma piada em meio à conversa. Entre os mais próximos, já foi comparado a personagens da literatura e do cinema, como o professor de iconografia religiosa e simbologia Robert Langdon, criado por Dan Brown para os romances O Código Da Vinci e Anjos e Demônios, entre outros. Ele nega qualquer semelhança, mas acha graça das comparações.

Eu achei graça. Por quê? Porque a repórter também ria, né. Ela falava de tal forma, de um jeito, brincando, que eu não tinha como não rir, né. Não tinha como não achar engraçado, Mas não era só eu, era todo mundo. Então, isso assim, ela tava rindo também, eu tavarindo também, né. Não era só eu, era todo mundo que tava achando engraçado. E ela falou a

verdade mesmo. Eu sou muito brincalhão, né, Eduardo. Eu gosto muito de piadas, etc, e assim por diante. Eu até, ‘puxa, ela tá gravando, espero que algumas coisas ela até nem coloque’.

3) O espírito aventureiro de Hüttner o levou a uma viagem de barco de três dias pela Laguna dos Patos para colocar um marco no meio e no fundo do espelho d’água – localizado por GPS [Aqui eu pergunto desse trecho que fala em espírito aventureiro].

Aí revelou mesmo, né, Eduardo. E o interessante é que o pessoal lá da RBS foi junto nesses três dias de barco (SDR54 – Fidelidade). O Fabrício e aquele outro que sempre está filmando o jogo, da RBS. Eu disse para o Fabrício, lá em Santa Maria: ‘Olha, Fabrício, nós estamos fazendo uma expedição na Lagoa e vou dizer qual é o objetivo. Nós vamos colocar um marco na parte mais funda da Lagoa dos Patos, o que nunca foi colocado’. E isso é muito importante, eu falei para ele, esse marco. [interrupção da gravação] Essa da Lagoa dos Patos é uma coisa que revelou mesmo. O pessoal viu o que era o espírito aventureiro porque o pessoal da RBS tava junto na viagem de barco (SDR55 – Fidelidade). E essa viagem de barco já fazia um ano que eu estava programando o momento certo, vendo como é que eu poderia filmar lá embaixo, quando que era melhor e assim por diante. E aí eu falei para o Fabrício, que tava lá em Santa Maria, ‘olha, Fabrício, nós vamos colocar um marco lá na parte mais funda da Lagoa dos Patos porque nunca foi colocado e até hoje ninguém fez um marco e colocou alguma coisa na parte mais funda da Lagoa, que é só oito metros’. Isso foi muito importante, do meu ponto de vista, porque simbolizou. Colocamos, sim, tinha gente ali, o coronel aposentado, todo mundo já aposentado. Tinha um que tinha sido tenente da Marinha. Outro tinha sido chefe aqui da Brigada Militar. E era gente que, realmente, estava engajada na coisa. Era uma coisa assim, o barco era um corpo todo. Aquilo ali foi um negócio. E a onda vinha, tava muito alta a onda, eu pensei que o barco ia virar. Foi muito bom aquilo ali. Então, eu percebi que o repórter que tava lá percebeu que não era brincadeira a coisa, não era ‘tá se fazendo’, ‘agora vamo lá’. Eu disse: ‘Tomara que dê certo, mas não sei se vai dar certo’. E o pessoal disse que, mesmo se não desse certo, serial legal. Então, esse negócio do espírito aventureiro a Aline já pegou uma informação, eu tenho quase certeza, de um outro grupo que foi, porque não foi ela que fez essa coisa do barco. E aí, assim, eu vejo assim, quanto mais a imprensa puder estar junto, acompanhar mesmo o que está acontecendo, eles vão saber realmente como fazer o texto e pegar o espírito da coisa. Uma coisa é no telefone, né, a outra coisa é estar junto (SDR56 – Fidelidade), ô Eduardo. E,



abrindo um parêntese aqui, para mim, a Lagoa dos Patos precisa de mais reportagens. Colocam lá que o barco passou, aí tão na beira da praia e não sei o que lá. A gente não conhece a Lagoa dos Patos, diga-se de passagem. Então, quando eu sei que agora a parte mais funda da Lagoa dos Patos é aqui, em direção à Itapuã, para mim é diferente. Agora, eu estou lá em Arambaré, eu sei que ali é só três, quatro metros, no máximo. Então, muda a cabeça. Não, a parte mais funda é lá. Então, eu, na minha cabeça já mudou, porque eu estou lá em Arambaré e eu pensava que tinha 70 metros de fundura e ali adiante e não é. Então, a reportagem, nesse sentido, ela coloca uma outra visão. E essa outra visão que saiu nessa reportagem sobre a água foi falar sobre a água, o que tem embaixo da Lagoa dos Patos. Isso é uma coisa, né, Eduardo, do meu ponto de vista, que eu acho que a imprensa, algumas universidades, cada um na sua área, evidente, ninguém vai responder tudo, até porque são vários aspectos, não é...A Lagoa dos Patos, para mim, é uma coisa, assim, maravilhosa e nós precisamos de imagens debaixo dela, andar mais na Lagoa. Eu morei dois anos na Amazônia, lá no Alto Solimões. Eu andei muito de barco lá. Então, eu vi que aqui, no Rio Grande do Sul, antigamente se andava muito de barco, porque não tinha as estradas. Aqui no Mercado Público era que nem Manaus hoje. Essa tradição do barco nós perdemos, só ficou o pôr-do-sol do Guaíba. E, agora, graças a deus, que veio aquela baita construção e todo mundo está gostando de estar lá. O ideal era Porto Alegre ter um submarino para fazer viagens, para ver. Nós não conhecemos embaixo d'água. Em geral, no Brasil não. Mesmo no Alto Solimões, lá na Amazônia. A não ser o Jacques Costeau, quando estava lá nos anos 70. Então, fica aqui um depoimento nesse sentido.

4) Filho de agricultores, impressionou-se com a imponência da estrutura histórica que um ano antes havia sido reconhecida como patrimônio mundial pela Unesco. O jovem curioso, mesmo sem qualquer conhecimento científico, dedicou as horas da visita a analisar cada detalhe dos restos do prédio. Entre os objetos históricos, o sino foi o que mais o impactou.

Aí começou tudo. Foi muito importante a imprensa colocar isso porque foi aí que começou. Aí foi o primeiro olhar. Então, eu senti que eles pegaram logo a ideia de saber onde que é eu comecei (SDR57 – Reconhecimento). Eu comecei numa excursão ali, uma excursão da escola, lá de Camaquã. Me chamou muito a atenção, isso aí em 84, né, que lá em Camaquã é tudo plano e terra preta, não tem mais árvores, cortaram tudo para plantar arroz. Então, quando eu sai a primeira vez, em 84, naquela região das missões, eu vi muita árvore e aquela terra vermelha. ‘Puxa, mas como é que plantam aqui nessa terra

vermelha?’ Para mim, terra vermelha não dava planta, porque aqui só tem preta, né. E aí quando eu vi aquele sino, puxa, nunca tinha visto um sino de perto. Então, aquilo foi uma coisa que ficou a imagem. É aquele lá, ô Eduardo [aponta para uma foto do sino de São Miguel], que depois saíram três ou quatro reportagens sobre o sino de São Miguel. É ali que começou com a imprensa. Me chamou a atenção que, naquela época, eles não me conheciam ainda. Eles acreditam no trabalho, não tinha uma tradição, eu recém tinha começado a fazer pesquisa. O que eles viram? Eles viram que o processo da pesquisa era de verdade, mesmo sem ter uma tradição, lá que começou. Então, depois, a gente pesou, a gente tem o som dele gravado também, existe projeto de colocar na torre ou no lado, para simbolizar. Esse foi o discurso agora com o secretário da Cultura aqui. Ele disse: ‘Não, nós temos que fazer isso aí, para frente, né’. Então, foi muito importante relatar quando começou. E, depois de vários anos, aqui na universidade, a gente pesou ele.

5) Sempre contando com a memória afiada, a curiosidade incessante e a fé inabalável, Hüttner desvenda novos achados e faz amizades importantes. Entre essas, está a do Papa Bento XVI, que o ajudou a abrir portas liberadas para poucos – as do Arquivo Secreto do Vaticano.

Eu achei muito interessante essa questão deles colocar o amigo do papa. Claro que eu não sou, assim, amigo do papa. Mas, talvez, pelo fato dele ter enviado essa carta oficial pela Secretário de Estado do Vaticano, eles colocaram essa ideia do amigo e eu achei interessante, do meu ponto de vista, para agradar os leitores (SDR58 -- Reconhecimento). Essa questão...como ele é amigo do papa, ele tem tudo lá. Eu achei interessante porque a carta mesmo abriu o caminho. No Arquivo Secreto, tinha que usar três chaves, todos os dias, para abrir. Eu contava até os degraus para entrar lá dentro. Então, por que eles colocaram amigo do papa? Porque, puxa, para entrar no Arquivo Secreto do Vaticano, tem que ter alguma coisa especial. Foi essa carta que ajudou bastante e parece que tudo se sincronizou, até porque o tema aí, o pano de fundo, é a Igreja Católica, são as simbologias. Então, essa questão da fé, também, foi importante. Eles não colocaram ali, porque senão vão pensar que eu sou espírita, mas, com certeza, cada pesquisa dessas aí com um santo...Mas quem é o santo, é o Santo Antônio? Mas o que significa esse santo? É o casamenteiro? Quais são as características desse santo? A identidade desse santo? Então, tu reaviva, querendo ou não, como eu sou da tradição católica, essa fé, tem que ter. Do meu ponto de vista, isso é uma coisa que funciona muito. Cada imagem, cada pesquisa, tem algo especial por trás, ô, Eduardo. Talvez a imprensa não colocou isso...eu

falei para eles que tenho algumas visões de fé, fortes, como se tivesse aparecendo. Mas isso são fantasias, né. Eles não colocaram isso e eu achei interessante não colocar para não entrar no mundo muito místico, não era a coisa mística aqui, eu entendi. E, se fosse, não estaria nesse texto, estaria em uma outra versão, que também poderia ter o espaço aqui, para ver a questão mística das coisas, do sagrado, e assim por diante, do movimento das pessoas (SDNR7 – Exclusão). E eu percebi, nas reportagens, as outras, que eles pegaram depoimento também do que as outras pessoas estavam sentindo com aquilo que estava sendo pesquisado. Então, eu achei muito importante colocar essa figura da fé, da questão da carta do papa. Puxa, receber uma carta do papa já é diferente a coisa, um pouquinho, né. Eu nem esperava receber essa carta. Então, eles perceberam que eles tinham que pontuar isso. Até já saiu uma vez no Correio do Povo um negocinho desse tamanho. Eu também não mandei para imprensa assim: ‘Olha, saiu a carta do papa, veio a carta’. E, diga-se de passagem, que eu saiba, no Brasil, é a primeira carta que veio oficialmente do Vaticano por causa de um livro, que foi esse aqui [se levanta para pegar um exemplar de um livro]. Foi esse aqui, né, Eduardo. Eu levei oito anos para escrever. Essa aqui é a primeira versão ainda, a outra veio melhor, né. Levei seis anos para escrever e um cara lá de Vila Velha levou mais oito meses para fazer os ícones. Por isso que ele... e aqui no livro do Rosário tem a imagem da cruz de São Miguel e os anjos. São os dois anjos [aponta para outra reportagem guardada] que eu identifiquei em 2006, logo depois do sino, que foi uma das primeiras pesquisas de santo que aconteceu. Foi essa aqui, esses dois anjos. Jornal do Comércio e depois veio a Silvana Castro, do Zero Hora. Então, os anjos estão ali e tudo. O livro faz parte também da pesquisa. Essa aqui depois também saiu... Me chama muito a atenção nessa foto do Jornal do Comércio que, quem vê a foto daqui, não sabe que é anjo, pensa que é pedra, né? [Trecho suprimido a pedido do entrevistado] Nesse época de 2005, de 2006, não tinha no jornal descobertas de peças sacras. Talvez aí tenha sido o começo também. Depois, as imagens foram ficando melhores, que eu percebi na imprensa sobre arte sacra. Essa aqui é desse ano, saiu no Correio do Povo. Essa é de São José. Por quê? Essa não fui eu que mandei, foi o município de Santo Cristo que mandou para o Correio do Povo. Eles nem me entrevistaram, no caso. Foi eles que mandaram com a minha pesquisa. Essa aqui foi uma pesquisa diferente. Foi o município que mandou, dizendo que eu estava fazendo uma pesquisa. Interessante, isso aqui foi diferente. Então, é assim, cada peça, cada imagem, cada pesquisa, tem uma particularidade. Às vezes muda o texto, vai depender muito das circunstâncias. Mas, como eu falei para ti, tem algum jornal que não coloca o nome do pesquisador, coloca a

instituição. Isso está errado, do meu ponto de vista. Tem que colocar como é que foi. O pesquisador descobriu, tá. Do meu ponto de vista, assim, as universidades ou mesmo o livro são plataformas para dizer qual é a pesquisa (SDJ41). Aí depois vem a PUC, papapapa, e assim por diante.

[Encerramento].

### **Entrevista 3**

**Perfil de *Singular*:**Cachorrada reunida

**Autora:** Larissa Roso

**Entrevistado:**Gislane de Bem

**Data de publicação:**Novembro de 2017

**Data da entrevista:**10/12/2019

*A entrevista foi realizada em uma clínica de fisioterapia canina, em Porto Alegre, enquanto Gislane aguardava pelo tratamento de alguns dos cães que moram no sítio. A conversa foi inteiramente gravada e teve 55 minutos de duração.*

#### **Item 1: Perguntas gerais**

1) Qual o seu nome?

Gislane Bem.

2) Qual a sua idade?

61

3) Qual a sua profissão?

Cuidadora de cães

4) Onde a senhora mora?

Arroio dos Ratos.

#### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

1) A senhora é uma leitora frequente de veículos de comunicação?

Mais via internet. E o jornal que eu recebo e às vezes vejo uma chamada interessante, eu dou uma lida. Não sou muito adepta.

1.1) A senhora assina a Zero Hora?

Assino a Zero Hora.

1.2) Mas não costuma ler?

Não.

2) Quais veículos a senhora costuma ver? Vê televisão?

Vejo mais filmes.

2.1) Noticiário?

Muito pouco. Ultimamente muito pouco.

2.2) E na Internet, que veículos a senhora costuma olhar?

O próprio Facebook, tudo. Na internet, tudo. Instagram.

2.3) Mas a senhora não costuma entrar em um site? Por exemplo, da Folha, do G1, da Zero Hora, a senhora vai pelas redes sociais?

Tu quer que eu te diga sinceramente?

2.4) Diga.

Eu sou Bolsonaro e não estou muito satisfeita, nem com Globo, nem com G1. Eu não entro e simplesmente bloqueio a minha televisão nesses canais (SDJ42).

2.5) A senhora vai mais pelo que tu vê nas redes sociais mesmo.

Mais ou menos. Mas tem determinados canais que eu bloqueio de vez. Nem liga a minha televisão nesses canais.

2.6) Mas o que a senhora olha para se informar nas redes sociais?

O jornal, mas não aquele. O jornal normalmente do governo ou fora. Existem outros jornais que não sejam esses. Então, normalmente é onde eu recorro. A Band, eu assisto. A Record, eu assisto. Com uma certa crítica, mas para ver o que está acontecendo, o que não está. Porque, hoje em dia, chega tanta informação errada que tu não sabe aonde te fixar. Não tem um porto seguro, porque tu não vê mais seriedade nas coisas. Tu não vê, é uns querendo engolir os outros. É a esquerda engolindo a direita e a direita engolindo a esquerda. Então, não existe mais uma verdade, é a minha verdade, é a tua verdade, é a verdade de cada um (SDJ43). Entendeste? E não há uma imparcialidade mais. Tu não vê mais essa imparcialidade e tu vê muita injustiça, sabe (SDJ44). Então, isso está levando, não só a mim, a muitas pessoas a parar de ver esse tipo de imprensa.

2.7) Em que sentido a senhora diz injustiças?

De dizer o que não é verdade. De fantasiar as coisas. De ir além daquilo que realmente. De mostrar a tua verdade, o teu parecer, o parecer do teu grupo e não o que realmente é o interesse das pessoas ou o interesse coletivo. A imparcialidade, na realidade. Por que o que deveria ser o jornalismo? A imparcialidade (SDJ45).

3) Para a senhora, qual é a função do jornalismo?

Para mim, seria informativo. Passar informação. Real. Julgamento, faz cada um. Eu, tu, de acordo com a minha verdade, com a tua verdade (SDJ46). Por exemplo, tem um jornal que, se eu não me engano, é da Record. Parece que é o Ponto a Ponto, que eles fazem... o cara passa a informação. Informação da direita, digamos. Aí passa a informação da esquerda e tu cria o teu critério. Mas ele passou as duas visões. Entendeste? Aí tu tira a tua conclusão, sabe (SDJ47). Então, ultimamente está muito complicada essa história da imprensa. Bastante complicado (SDJ48). Eu era apaixonada pelo Boechat, né. Aquele cara, eu era apaixonada. Que sirva de exemplo para todos nós. Ele era um cara fantástico, não tinha...ele era imparcial, ele debochava de tudo e todos. Ele era uma pessoa verdadeira. Eu achava ele excelente. Assistia todas. De lá para cá, muito pouco, porque ninguém substituiu ele a altura (SDJ49).

4) A senhora está familiarizada com o formato perfil jornalístico? O tipo de reportagem.

Não.

4.1) Se eu perguntar, como a senhora descreveria um perfil jornalístico, o que imaginaria que é?

Perfil seria algo de alguém, ou de alguma coisa, ou de algum grupo. Tu seguir algo (SDJ50).

4.2) É, exatamente isso, perfil é uma reportagem que é feita sobre uma pessoa, um recorte temporal...

O que a Larissa fez comigo (SDJ51).

4.2.1) Exatamente. Esse é o tipo de formato que eu estou estudando.

4.3) Como a senhora imagina o processo de escrita de um perfil, do início até a publicação?

Olha, eu acredito que foi mais ou menos o que foi feito lá comigo. Ela foi. Primeiro nós conversamos por telefone, que tu tem uma visão. Aí depois, ela foi até o local, que tu tem uma segunda visão, porque uma coisa é o que a gente fala, outra coisa é o que é. Circulou por tudo, pode visualizar (SDR59 – Fidelidade). Antes de ela entrar, nós conversamos. Então, primeiro houve todo o esgotamento da parte fala, de eu me apresentar, de ela se apresentar, de eu apresentar o espaço, e depois houve a constatação, entendeste, de como era realmente o espaço. E aí veio a conclusão dela, que foi perfeita, não tinha o que dizer ali que tivesse não sendo fidedigno. Me representa, a Larissa me representa (SDR60 – Fidelidade).

5) Como foi o contato da reportagem de Zero Hora com a senhora?

Eu tenho um pai de um cachorro que é o Alfredo Fedrizzi, que eu acho que ele também é repórter da Zero Hora (SDNROD17). Pelo menos, ele é colunista, que eu saiba, o Alfredo Fedrizzi. E ele é pai do Rodolfo, que é lá do sítio. E quando ele foi lá conhecer o sítio, ele se apaixonou pelo sítio. Se encantou. E, realmente, é um espaço diferente, diferente e diferenciado, porque todos os cães são livres, não tem jaula, convive desde o pinscher até o fila, tudo junto. É uma matilha, sabe. Uma matilha. Como se consegue? Não sei, acho que Deus deve ter três mãos e quatro anjos, sei lá eu quanto, para que aquilo tudo se torne possível, fora a liderança que a gente com relação a eles. Mas ele se encantou achou que valeria a pena as pessoas conhecerem, porque não é comum no meio animal. As pessoas, normalmente, veem naquele mesmo padrão, jaula, gaiola. Se é para deixar sem liberdade, deixa na rua, porque até morto é melhor, né. Até morto é melhor do que tu não ter liberdade, viver num cubículo, sozinho, dia e noite. Cachorro não foi feito para isso. Para isso, ele é o melhor amigo do homem. Então, não faz sentido. E como é tão diferente eu sempre achei importante que as pessoas soubessem que é possível (SDR61 – Reconhecimento). Porque todo mundo diz que é impossível. Não, é possível, são 600 cães convivendo juntos. Então, não é nem pela propaganda, porque isso não é necessário, é para que as pessoas saibam que é possível fazer algo diferente, basta querer (SDJ52).

6) Por que a senhora acha que foi escolhida para virar uma reportagem?

Por ser diferente, por ser diferente. Por haver essa diferenciação incomum, porque eu não vi ninguém igual a mim ainda (SDR62 – Reconhecimento).

6.1) Incomum em que sentido?



Liberdade. Liberdade, vida e matilha, eles poderem conviverem em harmonia, o que também não é muito comum. Tem pessoas que tem cinco ou seis cachorros e eles não conseguem conviver entre si. Brigam, se matam. Aí tem que deixar um do lado, outro do outro. Então, é incomum.

7) A senhora conhecia a repórter antes das entrevistas que concedeu para aquela reportagem?

Nem sonhava (SDR63 – Reconhecimento).

8) A senhora recorda quanto tempo passou com a repórter para a realização dessa reportagem?

Ah, nós ficamos acho que uma manhã até metade da tarde.

8.1) Mais ou menos umas seis horas?

Por aí.

8.2) Ela chegou que horas? A senhora se lembra?

Em torno de 8 e pouco, 9 horas. E saiu por volta das duas, três horas, da tarde.

8.3) E aí como é que foi?

Primeiro, a gente ficou sentadas lá em casa. Antes, nós tínhamos falado por telefone. Depois, nós ficamos sentadas lá em casa. Mais ou menos, eu dei uma pincelada para ela das coisas como é que eram. Aí depois a gente fez um momento em que o rapaz ficou gravando as perguntas que eles iam me fazendo e eu respondendo. Aí depois entramos para conhecer. E aí ela fez a montagem do vídeo, do clipe e tudo.

8.4) Então, quantas entrevistas foram? Por telefone e pessoalmente.

Uma, duas, umas três.

9) A senhora leu a reportagem de Zero Hora antes desta entrevista?

Sim. Li ontem.

10) O que a senhora achou da reportagem?

Cada vez que eu leio, eu me apaixono. Porque assim, realmente, é a minha fala ali. Sabe, na boca da Larissa, porque ela contou a história e eu achei muito linda a forma como ela

contou a história, sabe. Como se a gente estivesse vivendo aquele momento de novo, sabe (SDR64 – Fidelidade). Na visão dela, que é diferente da nossa, que está acostumada a aquele dia a dia. Eu achei muito legal. E, para mim, foi assim, na época, eu me lembro que eu fui buscar o jornal, eu me sentei no chão do posto de gasolina e me desabei a chorar, porque eu jamais pensei que fossem quatro, cinco páginas dum jornal, sabe. Digamos, o melhor jornal do sul. Eu achei inacreditável. Eu não esperava que tivesse sido uma reportagem tão grande assim. E, na época, a gente conseguiu bastante padrinhos para os cães abandonados até (SDR65 – Extensão).

11) Como a senhora se sentiu durante a entrevista? Lembra?

Bem. É que eu já falo demais por natureza, então eu me sinto à vontade. Não me sinto constrangida (SDR66 – Proximidade), nem.

12) A senhora já havia sido entrevistada antes ou foi entrevistada depois?

Nunca. Depois sim, mas antes não.

12.1) Foi a primeira vez, então?

Foi a primeira vez.

12.2) E depois, quantas vezes?

Duas. Aí foi reportagem na Band. Foi TV (SDNROD18).

12.3) As duas foram na Band?

Foram as duas na Band.

13) A senhora conseguiria apontar diferenças entre as matérias da Band e aquela da Larissa?

O visual. Apesar de que teve o clipe também, mas em nenhum momento aparece a Larissa. A Larissa fica por de trás. A Larissa é a minha porta-voz, digamos assim. E ali o porta-voz é o Evandro (SDR67 – Fidelidade).

12.1) Mas de produção da reportagem, no processo?

Não vi diferença. Porque também foi feito o clipe, não vi muita diferença, não. A não ser naquela interação, porque, por exemplo, a Larissa fez as perguntas e o rapaz ficou

gravando a mim, não houve eu e ela, ou a gente conversando. Não, ele ficou gravando a mim. Na outra foi diferente, porque gravou os dois conversando, tu entedeste?

13) A senhora se sentiu representada pelas outras reportagens?

Também.

14) Qual a repercussão dessas reportagens (incluindo a de ZH) na sua vida?

Olha, a Zero Hora, na época, me trouxe vários padrinhos novos, porque é uma coisa muito volátil isso. Assim como tu tem hoje, amanhã tu não tem, entendesse? E eu tenho 80 cães abandonados lá, que são protetoras que levam para lá e acabam abandonando os bichos lá, não sustentando e nem ajudando. E esses bichinhos sempre vivem com apadrinhamento, nem que seja da alimentação dele. E qualquer uma delas foi, para nós, importantíssima. Sendo que a última, que foi feita praticamente em cima dos deficientes físicos, tá com mais de 3 milhões de visualizações.

15) Para a senhora, o que seria um bom repórter?

O que diz a verdade (SDJ53).

15.1) Tem mais algum elemento que a senhora associaria?

Acho que tudo que tu faz na vida, filho, tu tem que ter paixão. Aquele encantamento. O encantamento de ser o repórter, o encantamento de ser a Vovó Gi, o encantamento de cuidar de cães (SDJ54). Fazer as coisas com amor, tu já é um diferente. Independente de qualquer coisa, sabe. Tu gostar da tua profissão. É tu vivenciar ela, tu criar o teu perfil, tu criar a tua vontade, tu criar o quê que tu quer mostrar, o que tu quer...sabe. Eu acho que o bom repórter é aquele que consegue ser ele mesmo. Criar o seu perfil, criar, entedeste (SDJ55). E fazer com paixão. Tudo que tu faz com paixão pelo que tu faz, dá certo.

### **Item 3: Perguntas sobre a reportagem**

1) Se a senhora tivesse que definir a si mesma, como o faria?

Olha, se eu tivesse que me definir, eu te diria que eu sou uma pessoa dinâmica, ativa, criativa, persistente, gosto do que faço, só faço o que gosto, embora às vezes tu tenha que fugir um pouquinho disso aí, mas, normalmente, eu não fujo disso. Até porque eu já estou numa fase de vida que eu não preciso mais responder, nem para ti, nem para ninguém. Eu preciso responder para mim mesmo. Então, tu já te sente mais à vontade de ser aquilo que

tu realmente é. Eu sempre fui diferente. Sempre fui diferente. Em que sentido? Sempre fui uma cabeça mais aberta, apesar de muito tradicional ao mesmo tempo. Mas sempre pensei para sempre. Eu tive uma escola infantil e eu te garanto que foi a melhor escola infantil que já esteve aqui. Criei meus filhos dentro dela. Hoje, meus filhos são todos independentes, todo mundo se vira. Então, é sinal de que a forma de educar deu certo. E a forma de educar da minha escola e da minha família era a mesma. O filtro era o mesmo. Então, apesar das dificuldades que eu via na minha escola, financeiras e coisas assim, é porque eu administrava com o coração e tinha pouca maturidade. Mas ela foi o meu veículo de evolução, de crescimento e de aprendizado, o que me levou a Vovó Gi de hoje. Mais pé no chão, não tão buscando lá em cima as coisas, mais racional, não tão espiritualizada ao completo. Porque, para mim, era muito complicado, eu tava experienciando uma espiritualidade latente e, ao mesmo tempo, eu tinha que ser empresária, e as duas coisas não combinavam na minha cabeça. Então, era muito confuso. Até um dia que eu ouvi aquela vozinha que diz assim: ‘Vive no céu o que é do céu, e vive na terra o que é da terra’. Naquele dia, as coisas para mim começaram a entrar em sintonia.

2) A senhora acha que isso foi representado na reportagem da Larissa?

Creio que sim. Porque ela fala exatamente o que é o sítio. Ela sentiu o sítio (SDR68 – Fidelidade). Tanto que eu disse para ela: ‘Larissa, quando tu for fazer a reportagem, a gente senta, se tu quiser, toma um whyskizinho, respira fundo e sente’. Porque é sentir. O sítio da Vovó Gi é um espaço que tu tem que sentir.

3) A senhora se emocionou em algum momento da entrevista?

Mais ou menos, porque foram perguntas mais formais, mais a nível da lida, mais...sabe. Eu me sinto mais na interação eu e ela, no meio dos bichos, lá, na hora da filmagem. Aí, sim. Mas, nesse momento da entrevista, era eu, a câmera na minha frente, então é diferente, sabe. (SDR69 – Reconhecimento)

4) A senhora acredita que os seus valores foram representados na reportagem?

Sem dúvida.

4.1) Quais os elementos utilizados na reportagem que te permitem dizer isso? A senhora consegue apontar alguma coisa que ela fez ou que escreveu que te leva a dizer que isso te representou?

Isso eu digo sempre. ‘Há de se fincar os pés no chão para não ser levado pelo redemoinho’. (risadas). Eu achei fantástica essa fala dela (SDR70 – Fidelidade).

5) Com qual momento da reportagem a senhora mais se identifica? É esse?

É. E a forma como ela diz, que ela diz que eu fixava muito, e realmente, eu fixava ‘Venham com roupa velha’. E ela pode ver porque eu dizia aquilo, porque eles saíram de lá imundos. [risadas].

5.1) Tem algum elemento do processo que ela fez que a senhora acha que permitiu que ela te compreendesse? Dessa relação que ela estabeleceu contigo naquelas horas, algum elemento a senhora acha que permitiu essa...

Olha, eu acho que tudo em si, sabe. A Larissa é uma pessoa muito querida, ela me deixou bastante à vontade (SDR71 – Proximidade). Aquele rapaz que fez a parte de cinegrafia, não tem nada específico, é ela em si. Ela me deixou bastante à vontade, como se eu tivesse com uma amiga, não com uma repórter ali. Me senti bastante à vontade de estar do lado dela, de mostrar tudo para ela. Não me senti, em nenhum momento, constrangida ou ‘ah, isso aqui eu não vou mostrar’. Sabe, é como se eu estivesse com uma amiga (SDR72 – Proximidade). Não sei isso é de mim, se normalmente é assim. Às vezes eu acho que as pessoas devem se sentir um pouco constrangidas, mas eu não me senti nem por um momento. (SDR73 – Proximidade)

5.2) E por que a senhora acha que não se sentiu constrangida?

Não sei se é porque eu estou acostumada a me relacionar com as pessoas, não sei. Não me senti, não me senti envergonhada, não me senti constrangida, não sei. Ou ela me deixou muito à vontade (SDR74 – Proximidade).

6) O texto da reportagem é fiel ao seu relato?

Sim.

6.1) A senhora se recorda de algo que tenha ficado de fora?

A gente falou tanto. Tu imagina, seis horas do lado de uma pessoa. A gente falou tanto, tanto, tanto, mas é que a essência é isso. Ela conseguiu captar exatamente a essência do sítio e transcrever em palavras. Lindas palavras, sabe. Simples, na linguagem popular, que todo mundo entender, sem frescura. Eu achei linda a reportagem (SDR75 – Extensão).

7) Quando a Band te entrevistou, também ficaram um bom tempo contigo, não é?

Sim. É diferente, completamente diferente. Porque ali a gente às vezes voltava gravava de novo, sabe. Fazia outra forma, para depois escolher. Então, é diferente, mas eu me senti também extremamente à vontade, como se a televisão fizesse parte da minha vida (SDR76 – Proximidade). Eu não sei se eu virei uma velha exibida, até bem mais à vontade do que no clipe que eu vi, porque o clipe era eu e aquela câmera. Apesar da Larissa estar ali, era eu e a câmera. Eu não falei tão à vontade como eu falei no outro (SDR77 – Proximidade). Por exemplo, tu perguntaste da questão da emoção. Ali eu chorei – na Band. Porque nós estávamos falando dos deficientes, eu falando naquele envolvimento com os cães e eu fiz um comparativo entre os cães e o ser humano. Ali eu chorei.

7.1) A câmera estática no clipe [o vídeo que acompanha a matéria do Singular] te deixou um pouco desconfortável?

Se tu olhar na minha fala, eu estou olhando para a câmera, estou olhando...isso me chamou atenção, ontem assistindo, eu estou olhando o vazio. Eu ainda pensei assim: ‘por que eu não olhei para a câmera?’ Talvez por ter sido a primeira vez...porque às vezes tu vai tirar foto e te esquece de olhar para a coisinha, entendeste? E isso é diferente. Na outra, eu já sabia que eu tinha para a câmera, então eu olhava, ou olhava para ele, sabe. Então, já pega a prática (risadas) (SDNROD19).

7.2) Quando a senhora conversou com eles pessoalmente, sentiu-se mais à vontade? A senhora acha que olhar para a pessoa...

Eu me senti à vontade igual, sabe. Porque tanto a Larissa, quanto o Evandro, tanto os rapazes que foram fazer foto e coisa, são pessoas que nem a gente, deixam a gente super à vontade. (SDR78–Proximidade) E o Evandro também, se apaixonou pelo local, porque não tava programada essa reportagem. Eles foram fazer uma reportagem da Lebes, porque nós ganhamos um prêmio da Lebes de melhores clientes aquele ano e eles foram nos entregar a premiação e ele deparou com o sítio. Foi diferente. E ele não queria sair, tanto que a primeira reportagem que saiu, ele fez naquele dia mesmo. Depois ele voltou para fazer outra.

8) Tem alguma diferença na expectativa que a senhora tinha para essa reportagem e do texto do repórter?

É que o escrito fica para sempre. O escrito fica para sempre, mas os dois falaram fielmente aquilo que a gente tava conversando, mas é diferente (SDJ56).

8.1) Eu digo da expectativa que a senhora tinha antes da reportagem da Larissa.

Essa aqui foi além das minhas expectativas. Eu imaginei uma reportagenzinha, jamais imaginei isso aqui, foi além das minhas expectativas, sabe (SDR79 – Extensão). A primeira da Band era mais ou menos o que eu esperava, a segunda foi além da minha expectativa, pela quantidade de repercussão que teve. Ali sim teve uma repercussão enorme (SDNROD20. Não sei se é porque o Evandro disse: ‘Gi, na primeira hora tu passa para todo mundo que tu puder’, e aí foi aquele pau. Todo mundo passando, as mães, os pais, todo mundo passando. Era um passando pro outro, passando, passando, e aquilo foi. Tanto que hoje está aí, 3 milhões e tanto.

9) Tem alguma coisa que a senhora divirja dessa reportagem?

Nada.

10) A senhora sabe como foram escolhidas as outras pessoas que foram entrevistadas para a reportagem?

Eu acho que pela oportunidade de estarem ali na volta

10.1) A senhora acha que faltou entrevistar alguém que o senhor julgava importante para a reportagem?

Não, porque a **essência** foi falada (SDR80 – Fidelidade).

10.2) A senhora sabe o que essas pessoas entrevistadas acharam da reportagem?

Nunca perguntei.

11) O que a senhora achou do vídeo da reportagem de GaúchaZH?

Perfeito, porque foi fiel (SDR81 – Fidelidade). Eles simplesmente criaram...Claro que foi filmado horrores e foi feito com as melhores partes, né. Mas é que é o local, é assim. Não foi nada fantasiado (SDR82 – Fidelidade).

12) Quem ler a reportagem vai saber quem é você?

Sem dúvida.

13) Tem alguma coisa que não está nessa reportagem que diz quem você é? Outra faceta da sua pessoa?

Eu sou tão autêntica, cara. Eu sou o que eu tenho que ser, na hora que eu tenho ser e digo o que eu tenho dizer na hora que eu tenha que dizer (SDR83 – Proximidade). Então, acho que não.

14) Foram feitas perguntas para você para além do tema principal da reportagem? Da sua vida fora desse ambiente?

A gente falou bastante do tempo da escolinha também, do tempo da escola, do que me levou aquilo ali. Como é que eu fui parar em Arroio dos Ratos, sabe. Isso aí a gente entrou no antes, tanto que ele cita o período da escola na reportagem, isso a gente falou bastante também. Por isso que eu te digo que foi feito...A Gi veio desde o começo, só faltou vir na infância. (SDR84 – Extensão)

15) A sua vida mudou depois da publicação da reportagem? Para além da questão dos padrinhos, que já falamos.

Eu acho que não, porque em termos de ser conhecida, eu já era conhecida. De ter vários amigos, eu já tinha vários amigos. Para mim, não. Fora os padrinhos, que era o meu objetivo mesmo, não vi diferença nenhuma do antes e do depois. Só isso, tu passa a ser mais conhecida, tu vê: ‘Ah, a Vó Gi’, ‘Ah, já ouvi falar’. Tem gente que já ouviu falar. Alguém já ouviu falar (SDR85 – Reconhecimento).

16) O modo como a senhora se enxerga mudou depois dessa reportagem?

Não.

17) A senhora acha que o modo como as outras pessoas lhe enxergam mudou?

Talvez sim. Talvez sim, porque eu vi muita gente dizer ‘ah, a reportagem na Zero Hora’. É aquela história, é a Zero Hora, um jornal importante, a quantidade de páginas. ‘Como é que ela conseguiu?’ Então, fica aquela coisa, né, mais por trás (SDR86 – Reconhecimento).

17.1) Então, a senhora diz que mudou tanto positiva, quanto negativamente?

Tanto faz. Para mim, tanto faz, porque o meu foco é os padrinhos, entendeste? Eu não fico visando me tornar conhecida, apesar de ser uma assanhada. Eu tô sempre me



divulgando, dou risada com essas coisas, porque eu me divirto mesmo. Eu boto cada coisa ali na minha página, então eu me divirto nessa interação. Porque eu vivo muito isolada, muito só. E de noite é como se eu estivesse cercada de pessoas, porque eu fico na internet, eu converso com um, bato papo com outro, mando uma mensagem, eu ligo. Eu não sou muito adepta do dedo, sou mais de conversar contigo. E eu gosto de me relacionar com as pessoas, eu gosto de conversar com as pessoas. Então, apesar de ser meia antissocial e de viver no mato, eu sou bastante sociável com as pessoas.

18) Para a senhora, é importante o reconhecimento externo, de outras pessoas?

Quando eu era mais jovem, era. No tempo da minha escola, eu sonhava com algo assim, que divulgasse a escola, porque naquele tempo não tinha internet, que divulgasse, que aparecesse. A gente tentou várias vezes, nunca consegui (SDR87 – Reconhecimento). Com os cachorros, eu nunca nem pensei, nem desejei. Pelo contrário, eu não fazia questão de ser conhecida, porque sempre tem aquele medo do abandono. ‘Ah, agora eu vou divulgar, vou dizer onde eu tô, vão começar a levar cachorro para lá’. Mas, não, não acontece. Eles não levam o cachorro para lá porque eu divulguei o lugar, que é um medo que o meu filho sempre tem. Eu perdi esse medo, porque eu sei que nada acontece sem que teje programado em algum lugar.

18.1) A senhora é uma pessoa muito espiritualizada, né?

Sim. Bastante.

18.2) Talvez esse lado não tenha entrado muito na reportagem, né?

Não entrou muito porque é um lado meio complicado (SDNR8 – Exclusão). Tu quer ver, vou te contar uma. Eu fui num curso agora na semana passada e eu vim aqui na mesma terça-feira, porque eu tinha psoríase, nas mãos, nos joelhos, desde os 16 anos de idade. E tava os veterinários tudo ali em cima rindo porque era aquela terapia holística, falando de Reiki, benzedura, uma série de coisas assim. Terapias alternativas, apesar de que, hoje em dia, o meu filho trabalha com Ozônio, trabalha com acupuntura, mas ficou uma gozação em cima da benzedeira. E os veterinários: ‘Ah, porque todo mundo vai sair desse curso e vai querer benzer, vai querer benzer’, e ficou aquela gozação em cima da benzedeira. Fui pro curso. Ela fez a palestra e tudo, e perguntou se a gente queria que ela nos benzesse. Todo mundo disse que sim. E ela benzeu coletivamente e me curou da psoríase. Acabou. Não tenho mais.

18.3) Quanto tempo a senhora teve? Durante quantos anos?

Desde os 16 anos de idade.

18.4) Até quando?

Até o dia da benzedura.

18.5) Que foi quando?

Sábado agora, no curso. Então, por que eu estou te contando isso? Porque isso não serviu para mim só, serviu para o meu filho. Tu pode não ter o dom de benzer, mas alguém tem. Alguém tem. E isso não é muito ciência, não é? Só que, hoje em dia, as coisas estão voltadas para esse lado. Por exemplo. Eu tenho curado cães, pelo menos, se eu não curei, estacionou, do câncer com bicarbonato de sódio. Tente, invente, faça diferente. Sabe, então eu ouço muito a minha intuição. Não dá para dizer que é uma voz, não dá para dizer que eu vejo, porque eu não vejo. Eu sou uma pessoa comum, não vejo nada demais, mas eu tenho dentro de mim umas certezas que não me interessa da onde vem, eu sei que eu tenho. E elas vêm. E eu deixo vir. Eu não importo o que tu vai achar, o que o outro vai achar. Em algum momento, o nosso caminho se cruza, que foi o que aconteceu ali. Hoje, eu cheguei ali, depois desse dia, eu digo: ‘Tá, e aí, vocês continuam rindo da benzedeira?’ (risadas) ‘Vocês podem rir, mas eu me curei’.

#### **Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas**

Gislane, a partir de agora eu vou ler algumas frases e peço para que a senhora me diga se concorda ou discorda delas:

1) Formada em Psicologia, Gislane manteve uma escola de Educação Infantil na Capital por 25 anos. Era um lugar de crianças e também de animais – os pequenos conviviam com coelho, tartaruga, periquito, todos soltos. De família de fazendeiros, ela sempre nutriu o gosto pela bicharada. Desgostosa com a rotina de educadora e a sensação de impotência diante de situações envolvendo as famílias que atendia, além de ter o desafio de manter a instituição viável financeiramente, resolveu encerrar as atividades.

É a realidade, foi o que aconteceu (SDR88 – Fidelidade). Na realidade, eu vendi a escola. Eu encerrei a minha parte e vendi a empresa em si. Mas, isso aí é o que realmente aconteceu. Só não sabia o que ia vir depois. Nem imaginava o que viria depois.

2)Gislane não tinha dinheiro para comprar o sítio quando a oferta surgiu, mas uma série de eventos que lhe abriu os caminhos até a assinatura do contrato a levou a crer que estava predestinada àquele lugar. Ricardo, um de seus quatro filhos, formando-se, depois, em Medicina Veterinária e se especializou em Fisioterapia.

Isso entra a espiritualidade. Eu tinha um apartamento em Porto Alegre que era um cubículo. Mas era meu. E eu queria morar no campo, porque, realmente, na minha escola tinha coelho, tinha periquito, sem jaula, os periquitos subiam e desciam na árvore, tinha cordinha, balancinho, eles eram livres também. A gente cortava as asinhas para eles não irem muito longe, mas eram livres. Tinha coelhinho, tinha garnizé, tinha cachorrinho, tinha gatinho, que a Secretaria da Saúde não nos ouça, porque não podia, mas, como nunca houve fiscalização, também ficava por isso mesmo. Então, esse lado natureza, animais...aquilo gritava cada vez mais forte dentro de mim, sabe. Eu queria campo, eu queria ir pro campo, porque eu sempre criei os meus filhos, chegava sexta-feira, eu me ia embora para o mato, ia pro sítio. Qualquer oportunidade, eu estava no sítio. Mas não era esse que hoje eu vivo. Na época, eu digo, ‘bah, guris, vamos embora, vamos embora’. E nós não tínhamos nenhum tostão e começamos a olhar sítios. Todos os finais de semana, nós entrávamos no carro e íamos olhar sítio. Primeiro, para os lados de Viamão, depois Águas Claras, para aqueles lados, e nada daquilo eu gostava. Até que um dia eu liguei para um senhor que estava anunciando várias terras para o outro lado de lá e disse: ‘olha, nós estamos procurando um sítio, mais ou menos de seis hectares, que tenha árvores, que tenha casa’. ‘Ah, para aí que eu tenho um mais ou menos dentro daquilo que tu queres. Eu vou ver se ainda tá a venda e te retorno’. Isso num domingo. E tava. ‘Tu queres ir lá amanhã ver?’ ‘Sim’. Sem um tostão. E nós fomos. No outro dia, às oito da manhã, nós estávamos lá. Quando eu virei a esquina da minha casa, eu olhei aquele pórtico, eu digo: ‘é aqui que eu quero morrer’. ‘Vai ser aqui’. ‘Esse é o meu lugar’. Eu já tinha certeza. E aí nós voltamos para Porto Alegre e eu fui, na mesma hora, botar o anúncio do meu apartamento. O anúncio do meu apartamento saiu no domingo seguinte, na quinta-feira o apartamento estava vendido. Na quarta-feira, fiz o meu irmão me emprestar o dinheiro para assinar o arras, sem saber o que ia acontecer dali para frente e o apartamento estava no nome dos meus filhos, menor de idade, que iam demorar ainda para autorizar. E tudo eu fiz acontecer. Tudo aconteceu, inclusive de me plantar do lado do juiz e dizer: ‘Assina isso já’ (risadas). E ele assinou. Só que eu nem sonhava que isso tudo ia acontecer, porque a vida no campo é muito difícil. Arroio dos Ratos é difícilimo, é uma cidade esquecida,

devagar, parada. Não é nem devagar quase parando, é devagar parada. Não tem trabalho. Quem mais gera trabalho lá sou eu. Então, não tem trabalho. Eu com 45 anos de idade, pensa, quem é que vai te dar trabalho? Ninguém.

2.1) Quando a senhora foi para lá, não tinha ideia do que fazer com o sítio?

Eu fui com uma mão na frente e a outra atrás. Só sabia que eu queria morar no mato. O que ia ser do sítio? Não sei. Nossas primeiras coisas foi vendendo lixo do próprio sítio. Compramos dois porquinhos, aí os dois porquinhos viraram dez porquinhos e aí foi indo. Daqui um pouco, nós já tínhamos uma vaquinha, a vaquinha dá leite, a galinha põe ovo. Aí tu vendia ovo, vendia leite, mas nada disso te sustenta. Nada disso te sustenta. Aí, eu virei marceneira. Sem saber pregar um prego, eu virei marceneira, porque eu me lembrava de Gramado, daqueles enfeites de madeira. O pessoal pintava muito pano de prato e eu olhava aquele pessoal pintando pano de prato, cada um mais horroroso que o outro, e eu pensava assim: ‘Não, se eles conseguem viver pintando esses panos de prato, o que eu posso fazer que nessa cidade não tem para mim....’. Aí virei marceneira. Fazia casinha de correio, casa de passarinho em cima da casa de correio, guirlanda de botar na porta, tudo em madeira. Virei pintora, virei artesã, virei tudo. Aí eu vivia do artesanato. Até o meu filho se formar. Quando ele se formou, que ele disse assim: ‘Mãe, eu vou ser fisioterapeuta veterinário’. Eu disse: ‘Ai, Ricardo, que coisa mais chifrim’ (risadas). Eu achei estranho, nem imaginava o que seria. Aí ele abriu a clínica. Quando ele abriu a clínica e eu vi o que era o trabalho dele, sabe, dum cãozinho entrar de arrasto e sair dali andando, eu achei aquilo tão fantástico, quase um milagre. Na minha cabeça, era um milagre. E eu ele nos digladiávamos na época, porque ele era ciência e eu espiritualidade. Ele em cima da ciência e eu em cima do milagre (risadas). Bah, como nós brigávamos. Hoje, ele faz acupuntura, ozônio, mas, na época, nós nos digladiávamos. E eu comecei a me apaixonar pelos cachorros deficientes e vi que eles precisavam do espaço para se reabilitar que não fosse uma jaulinha, que não fosse um quadrado, que não fosse um cubículo. Aí comecei a levar. Um, dois, três, quatro, cinco e hoje...

2.2) Quanto tempo foi entre a senhora comprar o sítio e começar a trabalhar com os cães?

Eu fui para o sítio em 2003, em 2010. Fui massoterapeuta, fui artesã, fui de tudo um pouco.

2.3) A senhora vendeu a escolinha em 2002?

2003.

2.4) No mesmo ano que a senhora vendeu a escolinha, foi para o sítio?

Fui para o sítio. O (inaudível) já estava no sítio quando eu vendi a escola. A escola foi a última coisa. E tudo foi assim, eu anunciei o apartamento no domingo, o apartamento tava vendido na quinta. Eu anunciei a escola, jamais pensei, a escola tava vendida. Tudo em uma semana. Tudo conspirou para mim ir parar lá. E eu sempre me perguntando, 'eu sei que eu tenho alguma coisa para fazer'. Mas eu não sabia o que era. Aí como eu era massoterapeuta, eu achava que era massoterapia. Não, mas eu sabia que não era, eu tinha alguma coisa, alguma coisa faltando. Hoje eu entendo o que era. Tudo conspirou para chegar onde eu cheguei. Tudo aquilo que eu tentei me livrar voltou. Não tenho empresa, mas não deixo de ter. Não tenho funcionário, voltei a ter. Tudo aquilo que eu fugi, voltou.

2.5) Mas agora a senhora acha que está no lugar certo?

Agora eu tô. Agora eu tô.

3) Gislane convida para conhecer o açude. No verão, os cães têm trânsito livre até a água, podendo nadar a qualquer momento do dia. A líder segura um pedaço de pau comprido, uma espécie de cajado para impor respeito. Os latidos ecoam pelo mato. Ela se emociona quando vê a correria da multidão avançando.

Sim. O cajado, realmente, alguma coisa de diferente acontece. Tu pega aquele cajado, pode ser um cabo de vassoura, pode ser qualquer pedaço de pau que tu pegue, eles já te olham de outra forma, seja o que for. Eles já te olham de outra forma. E, realmente, é muito bonito de ver, porque vem aquela cachorrada toda de arrasto, tu entendeste? A maioria é deficiente físico e eles não tão nem aí para aquela falta de perna, se tem perna, se não tem perna. E, realmente, tu pega o vídeo e olha eles se jogando no açude, aquele outro da Band tu vê melhor, porque fica bem eles pulando, saltando, se jogando, filma mais tempo eles no açude, entendeste? É muito lindo de tu ver, é muito lindo de tu ver. O jeito que eles andam juntos, sem briga, sem conflito, se implicando, vão até lá se implicando, aí tu xinga um. São umas crianças, não muda muito, não diferencia muito da creche, só que são quatro patas. Mas a essência é a mesma. Eles são tão medonhos quanto, são arteiros iguais, desobedientes iguais, obedecem quando querem, fazem tudo para chamar a atenção. Eu acho emocionante de ver, sabe, essa cachorrada toda junto, eu acho muito lindo de ver. A forma como eles vivem, como eles interagem. Aí dá um conflito

aqui, eles mesmo já procuram resolver, um vai em cima do que tá brigando, outro vai em cima do que apanhando e eles mesmo se resolvem, independente de ti, eu acho lindo essa tipo de coisa. Eu acho linda a natureza, essa essência divina que tem nela, isso me motiva, sabe. E com as pessoas também, pelo fato de estar gerando trabalho. A pessoa que constrói todas as pessoas de madeira que tu vê no meu sítio não tem as pernas. É um paraplégico, que antes era um bêbado e, hoje, um marceneiro, que faz tudo aquilo que tu vê lá dentro. Sabe, esse tipo de coisa, esse pessoal que tinha lá. A Ju, que é meu braço direito, o esquerdo e o avesso, eu ajudei a criar os quatro filhos dela. Era uma pessoa que não tinha nem onde morar, não tinha casa, não tinha comida, não tinha nada. Hoje, são uns meninos direitos, sabe, os dois estão no quartel, estão saindo agora. O outro já tem um bebezinho. Todo mundo trabalha lá, sabe. São pessoas direitas. A irmã dela também, é quase uma grande família lá. E gera trabalho para 17 pessoas, né

[*Encerramento*].

## **Entrevista 4**

**Perfil de *Singular*:** Doutor do tempo

**Autora:** Aline Custódio

**Entrevistado:** Dauri Dilso Klein

**Data de publicação:** Setembro de 2017

**Data da entrevista:** 12/12/2019

*Dauri Dilso Klein, 64 anos, foi entrevistado no dia 12 de dezembro em sua casa na cidade de Marques de Souza, no interior do Rio Grande do Sul. A entrevista foi gravada e teve 1h21min de duração.*

### **Item 1: Perguntas gerais**

1) Qual o seu nome?

Dauri Dilso Klein.

2) Qual a sua idade?

64 anos.

3) Qual a sua profissão?

Aposentado, continuou exercendo até várias funções, mas o carro-chefe é técnico-relojoeiro de relógios antigos.

4) Onde o senhor mora?

Moro em Marques de Souza, é um município novo, no interior. Município que pertencia a Lajeado. Há 20 anos desmembrado de Lajeado, lugar pequeno, cidade pequena, de quatro mil e poucos habitantes.

### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

1) O senhor é um leitor frequente de veículos de comunicação?

É, devido à minha função, o meu trabalho que eu exerço, como técnico-relojoeiro em relógios de igrejas, antigos, que é a função que eu mais exerço, então, em cada cidade que eu chego, é feita alguma reportagem, porque o meu trabalho é um trabalho em extinção, então os jornais, a imprensa em si, se interessa para fazer matérias (SDNROD21).

1.1) Mas o que o senhor costuma ler de notícias?

Eu leio muito pouco, porque eu não dou muito tempo de ler. Nós temos assinaturas de dois jornais.

1.2) Quais?

O Informativo, de Lajeado, e a Hora, também de Lajeado. A minha esposa que lê todos os dias e, as notícias mais interessantes, ela me passa, aí eu leio também. Mas eu procuro mais, enquanto eu estou trabalhando, eu sou uma pessoa aposentada, mas dificilmente eu paro, eu não tenho muita paciência de ler jornal, então eu gosto muito mais de escutar notícia de rádio, então, vem a notícia, vem o que eu preciso saber.

1.3) Que rádios o senhor escuta?

Eu escuto muito a Rádio Independente, de Lajeado. É uma rádio muito dinâmica, muita correta.

1.4) E televisão? O senhor assiste?

Televisão, eu gosto só o horário noturno que eu assisto o noticiário, gosto de telejornal. Em conjunto, a gente assiste, então, SBT, o noticiário de noite, e também na Globo, que é o jornal da noite.

2) Para o senhor, qual é a função do jornalismo?

Olha, a função, eu, como já mencionei antes, não tenho faculdade, sou um simples profissional, mas a minha faculdade, eu digo sempre, é a faculdade da vida, né (SDJ57).  
A gente luta trabalhando e se aperfeiçoando. Mas, o jornalismo sempre é importante, porque sempre a notícia do dia, toda a notícia, os acontecimentos do dia, desde notícias ruins até as notícias boas, alguém precisa divulgar, né. Então, o jornalismo, a imprensa, divulga isso dessa maneira, tanto a imprensa falada, escrita, né. Então, eu acho super importante, porque, sem notícias, nós estaria parados no tempo, como há 100, 200 anos atrás, que não existia, talvez... (SDJ58)

3) O senhor está familiarizado com o formato perfil jornalístico?

Eu tenho um pouco de dificuldade nessa parte. Perfil seria....depende em que sentido?

É o jeito de divulgar, eu penso assim. O perfil é a maneira de como transmitir a notícia, fazer tanto o leitor, como o ouvinte, a entender e receber as novidades, as notícias.



3.1) O perfil jornalístico seria uma reportagem focada, digamos assim, na história de vida de uma pessoa. É um recorte biográfico que vai contar um pouco da história de uma pessoa, que é justamente o que Zero Hora fez com o senhor no caso da entrevista para o Singular. O Singular era uma série de perfis. Isso que se chama de perfil, reportagens construídas a partir de entrevistas aprofundadas com alguma pessoa e vai contar a história de vida dessa pessoa.

3.2) Como o senhor imagina o processo de escrita de um perfil, do início até a publicação?

Bom, eu entendo, assim, como se escreve, teria que conhecer primeiro o personagem, a pessoa que está sendo focada, conhecer o passado, o que que faz, como faz, e aí, em cima disso, divulgar, tentar registrar o que deu para captar dessa pessoa (SDJ59). Não é muito o meu forte, então a gente tem um pouco de dificuldade nessa parte para tentar explicar.

4) Como foi o contato da reportagem de Zero Hora com o senhor?

Eu lembro, sim. Às vezes, a gente mistura um pouco porque já foram várias matérias de jornal, quase em cada serviço que eu faço, fora do Estado também. Mas aquela, do que eu lembro, foi a Aline Custódio que fez a reportagem. Eu lembro que ela me contatou, descobriu desse meu trabalho, contatou através de um telefone que ela havia conseguido, na época acredito que era só telefone celular, não lembro ao certo de que maneira ela falou, mas não existia o WhatsApp na época. Acho que por e-mail ela também perguntou. E a gente foi marcando um dia e ela veio aqui. Marcamos aqui em casa, foi um longo tempo, porque fomos fazer o trabalho na igreja (SDR89 -- Extensão), e desta maneira foi a comunicação. Mas era por telefone que ela me pesquisou.

5) O senhor conhecia a repórter antes das entrevistas que concedeu para aquela reportagem?

Eu acho que só de nome, porque eu não tenho certeza se essa foi a primeira vez que ela me entrevistou. Eu já conhecia ela antes através de uma outra reportagem(SDNROD22).

5.1) Ela já tinha entrevistado o senhor antes?

Eu não tenho muita certeza, mas eu lembro...porque ela me procurou através...agora eu não tenho toda a certeza.

5.2) Mas o senhor já tinha dado entrevista para Zero Hora antes?

Antes, foi. Não tenho certeza se foi com a Aline, porque, para Zero Hora, foi várias, várias reportagens. Em muitos lugares onde eu trabalhei, onde eu fiz serviço, a Zero Hora fez reportagem e Aline, em cima dessas entrevistas todas, dessas reportagens, ela então quis fazer, aproveitou e fez esse trabalho mais completo(SDNROD23).

5.3) O senhor já era conhecido, então, pelo pessoal da Zero Hora?

Sim, a Zero Hora já me conhecia (SDNROD24).

6) Quantas entrevistas o senhor concedeu para essa reportagem?

Para essa reportagem, foi num dia. Foi, assim, bastante extenso. Veio o filmador, a fotógrafa, tudo. Se eu não me engano, foi quase um dia inteiro, porque a gente foi lá na igreja fazer esse trabalho de descida de rapel. Foi durante um dia (SDR90 – Extensão).

6.1) O senhor conversou com ela aqui, depois lá na igreja. Como é que foi?

Isto. Primeiro, ela veio aqui, ela gravou a entrevista, depois mais o complemento na igreja.

6.2) O senhor se lembra, mais ou menos, quanto tempo de conversa foi?

Olha, eu acredito que, no total, conversa direto mesmo, duas ou três horas certo. Foi o dia todo, mas no meio de...

7) O senhor leu a reportagem de Zero Hora antes desta entrevista?

Eu lembro que, na época, depois que saiu a matéria, eu li com certeza. Só que, hoje de manhã, eu li a matéria, até muita coisa eu tinha esquecido, é tudo sempre uma coisa diferente, e até não me lembrei. Eu tenho bastante recortes de jornal, que eu sempre guardo, de todas as matérias que sai (SDNROD25), mas me parece que, nessa que veio aqui, veio mais, talvez o que eu nem tinha lido no jornal na época [*fala sobre a versão para internet, que foi a que releu antes da entrevista para a presente pesquisa*].

[*Conversa breve entre pesquisador e entrevistado sobre a diferença entre a edição imprensa e a versão online*].

Tem detalhes que eu já havia esquecido, que eu já nem me lembrava mais. Mas, de qualquer maneira...

8) O que o senhor achou da reportagem?

Sabe que, para mim, isto é muito importante para o meu trabalho, para o meu ramo, porque aí divulga o meu trabalho, né. Para mim, sempre é interessante, como profissional, mas eu achei, assim, a reportagem, além da repórter ser muito simpática, uma pessoa legal, então, a reportagem eu achei muito boa. Até por eu morar aqui no interior, cidade pequena, onde todo o povo se conhece, no momento quando sai uma matéria no jornal, aquilo todo mundo vem cumprimentar, vem falar e tal. Legal e tal. Então, com isto, eu me projetei na profissão, tanto é que eu estou aposentado e continuo nessa função, porque eu realmente gosto (SDR91 – Reconhecimento).

9) Como o senhor se sentiu durante a entrevista?

Para mim, sempre é um prazer, é muito legal, porque o meu interesse não é só meu. (SDJ60) No caso, o achar bom não é porque eu estou no foco, porque eu vou me promover com isso, o que eu gosto, assim você veio e eu fiz o possível para a gente se encontrar, eu poderia dizer ‘não, eu tenho que fazer serviço’ – na verdade, tenho muita coisa para fazer --, mas o meu interesse não é só o que é bom para mim, eu gosto de colaborar (SDJ61). Colaborar com tudo para que você, como aluno, como..., se saia bem na sua matéria, para ter uma nota boa. Quando é uma entrevista, o jornal também precisa disto, porque o jornal vive das notícias. Eu sempre digo assim que o jornal e a TV não querem só divulgar notícias ruins, que é o que mais tem, é assalto, é morte, é acidente de trânsito. E, essas notícias do meu trabalho, eu acho que deve ser, pelo menos para muita gente, uma notícia gostosa de ler, interessante para ler e para ver, quando alguém faz alguma coisa boa (SDJ62). Então, isto que eu senti, assim, que, na reportagem, ela fez o trabalho dela, na verdade, é o ganha pão dela, e o jornal precisa, e eu, então, achei muito bom, ótimo.

10) O senhor já havia sido entrevistado antes ou foi entrevistado depois?

Sim, muitas vezes.

10.1) O senhor se lembra, mais ou menos, quantas vezes? Foi só para jornal ou para rádio e televisão também?

Para TV, desde a época...deve ser umas cinco ou seis reportagens de TV, que saiu já desse meu trabalho. Muitos programas de rádio, onde me convidam para participar, para conversar, para dialogar, para debater, enfim. E jornal, então, foi o maior número. Quantidade, eu poderia dizer assim...olha, devia ser assim...eu tenho quase tudo guardado,

uma parte me sumiu, nós fizemos mudança, então alguma parte de recorte de jornal eu perdi, mas devia ser umas 20 a 30 reportagens nesses anos todos (SDNROD26).

11) O senhor conseguiria apontar diferenças essa reportagem que a Aline fez contigo e as outras?

Ah, ali entra o profissionalismo de cada um. Eu já fiz muitas reportagens de jornais pequenos, de jornal do interior, que apenas é um jornal local, então o próprio repórter ou entrevistador tem mais dificuldade. Às vezes, a imagem ou as fotos não ficam tão boas. Mas, quando se fala de uma imprensa forte que nem a Zero Hora é um profissionalismo bom, eu acho que ótimo, sem dúvida nenhuma (SDJ63). O que acontece muitas vezes, por isso nos últimos tempos eu estou até tentando corrigir algumas coisas, muitas vezes, não estou falando especificamente dessa matéria que a Aline escreveu – o que eu li até agora [ele não chegou a reler toda a reportagem antes da entrevista], eu não lembro nada de grande erro --, mas a maioria comete erros. Eles fazem a entrevista, escutam, mas a histórias às vezes muda um pouco, mas isto é normal. A Aline acho que não aconteceu quase nada. Ela é profissional, sem dúvida nenhuma (SDJ64).

11.1) O tipo de reportagem foi diferente ou não?

Foi diferente porque foi mais ampla, porque aquilo foi um trabalho geral, não só de um serviço pontual. Foi feito para um pacote de trabalhos que ela juntou para fazer essa matéria. Então, ela foi ampla (SDR92 – Extensão). Mas, eu não posso dizer que estava ruim ou faltou coisa, porque eu acho que ela foi profissional.

12) Para o senhor, o que seria um bom repórter?

Olha, bom é a capacidade de perguntar, entrar a fundo na questão, perguntar detalhes do que se quer divulgar e... bom é aquele profissional que tem capacidade fácil de se expressar (SDJ65). Acho que é por aí.

13) Que valores o senhor associaria a um bom repórter? Que valores pessoais que ele deve ter?

Bom, eu acho que o repórter deve ser simpático, deve ser honesto e correto, porque ele é uma pessoa estranha da casa (SDJ66). Por exemplo, você hoje está aqui, é uma pessoa estranha e, se você for uma pessoa correta, honesta e simpática, você já entra na minha família aqui, onde eu posso ter confiança (SDJ67). Agora, se é um repórter que tu tem que desconfiar, ‘Pô, mas ele entrou na minha casa, será que eu posso confiar? Será que

ele é do bem ou não?’ Então, o valor do repórter é a capacidade que ele usa, que ele sabe, para fazer a matéria e não cometer erros (SDJ68), mas é muito difícil de acontecer porque, quem faz o trabalho, eu não tenho nenhuma queixa de nenhum lado.

14) Como o senhor acha que o repórter pode ganhar ou até perder a confiança do entrevistado?

Primeiro, eu acho que tem que ser muito **correto**. Eu percebo que, muitas vezes, os repórteres exageram, aumentam um pouco. Ou é o perigo, ou o tamanho ou a beleza. Então, tem alguns que, às vezes, fazem de uma pulga um elefante, porque eles querem impressionar, talvez (SDJ69). Então, eu acho que não deve ser assim. Não estou criticando ninguém. A tendência é, para chamar a atenção, eles até usam expressões fortes assim, não erradas, mas para chamar a atenção para a imprensa (SDJ70).

14.1) Meio sensacionalista.

Isto. Então, eu acho que o bom repórter deve ser correto, deve ser honesto, tem que ficar na verdade, não aumentar e não precisa nem esconder algum fato grave (SDJ71) ou... É uma interpretação de várias maneiras.

14.2) Essa imagem que o senhor faz de repórteres que exageram é de alguém que entrevistou o senhor ou pelo que acompanha? Com o senhor, Já teve algum caso de exagero ou sensacionalismo?

Nem sempre, às vezes é um erro de número, por exemplo. Acontece muito. Por exemplo, se hoje você me perguntar quantos relógios eu já consertei, então eu digo que estou chegando perto de 100. Relógios de igreja, só relógios grandes, gigantes. Eu não tenho o número exato. Tenho tudo registrado, mas nunca me dei o trabalho e o tempo de contar. Mas, aí quando eu falo em 100, alguns já falam em mais de 100 relógios consertados (SDJ72). Para impressionar, muitos têm essa tendência. Não é todos, mas tem várias que eles, às vezes, querem chamar mais a atenção do que realmente é. Então, acho que não fica bem, porque, como entrevistado, eu não tenho interesse em fazer sensacionalismo, querer aumentar, mentir, e também não quero enganar. Então, eu acho que a verdade, a realidade, é sempre o que vale. (SDJ73)

### **Item 3: Perguntas sobre a reportagem**

1) Se o senhor tivesse que definir a si mesmo, como o faria?

Olha, eu tenho que dizer que eu sou uma pessoa que sempre sonhei, desde criança, desde jovem, eu tinha as minhas ideias, o que eu pensei em ser, o que eu queria ser na vida. Quando a pessoa não tem estudo, não tem faculdade, tu aprende o teu jeito. Então, eu tenho que confessar que eu nunca sonhei alto, que eu quero chegar lá. ‘Ah, eu tenho um sonho de um dia comprar um carro zero quilômetro’. Isso nunca era um sonho meu. O meu sonho, o meu interesse, era sempre ter um carro. Eu nunca pensei, anos atrás, quando era jovem... eu sou de muita esperança, mas eu não sonho o impossível. Tanto é que o que eu tenho hoje, em tudo, em saúde, em bens, em coisas assim, tudo superou o meu sonho, o que eu pensei. Bem no início, quando eu era solteiro, eu tinha uma motinha e, na época, quem tinha uma moto era um rapaz bem visto, porque a maioria tinha bicicleta. Eu consegui comprar uma moto. Quando eu tinha moto, era o sonho realizado e não precisa mais. Daqui a uns anos aí, consegui comprar um carro. Mas, tendo um carro bom, que roda, tá ótimo, não precisa ser zero. Até agora, já comprei três carros zero quilômetro, mas não é um sonho, eu preciso comprar um carro zero quilômetro porque o meu amigo comprou e eu agora quero comprar. Eu acho que tem que ser assim em tudo, em financeiro, em saúde. Meu vô faleceu com 63 anos e eu achei ele um velho. Quando eu tinha 18, o meu vô faleceu com 64 anos e eu senti muito, lamentei, porque ele era uma pessoa muito boa, mas também eu pensava que ele já tava no fim da vida, com 64 anos, 63 anos. Hoje, eu estou com 64 anos, já superei o meu avô e tô com toda a saúde para jogar fora. Então, acho que eu me denomino assim, eu me considero, uma pessoa feliz, realizado em todos os aspectos, saúde, em financeiro, família, tendo um casal de filhos abençoados, com dois filhos, agora já tenho um neto e tudo isso é uma felicidade, então não se pode esperar mais.

2) O senhor se sentiu representado pela reportagem?

Com certeza, porque eu fui o foco da atenção (SDR93 – Reconhecimento). Então, para mim, foi bom e qualquer reportagem... Como agora, eu te falei que estava entregando um relógio em Santa Cruz [antes de começar a entrevista], lá em Santa Cruz o jornal já estava esperando lá, já estava querendo fazer uma reportagem, porque é um assunto novo, é uma notícia nova da cidade que o relógio voltaria a funcionar. Então, para mim, cada reportagem que sai de jornal é uma **propaganda de graça**, mas acho que eu também contribuo para o jornal e para todos (SDJ74).

2.1) O senhor acha que os seus valores foram representados nessa reportagem da Aline?

Com certeza. Eu acho que, na verdade, é muitos elogios também em cima do meu trabalho, as pessoas acham fantástico, porque eu sou o único praticamente...não o único do Brasil, mas um dos poucos do Brasil, então todos acham fantástico e eu me senti, assim, representado, orgulhoso também, porque sempre é bom, ninguém nega isso (SDR94 – Reconhecimento).

2.2) Que elementos fazem o senhor dizer que se sentiu representado?

Olha, eu me senti representado como profissional (SDR95 – Reconhecimento).

2.3) Eu pergunto, que elementos permitem que o senhor diga que a pessoa representada na reportagem é fielmente o senhor, o que permite que o senhor diga isso?

É porque a repórter, ela divulga o que eu falo e eu então sou o responsável dessa matéria (SDR96 – Fidelidade), desse... é por aí que eu entendo, pode ser que eu não entenda o lado que você precisa.

2.4) Não, não, responda da forma como o senhor achar melhor. O senhor se lembra de algum momento da reportagem com o qual se identificou mais?

Eu me identifiquei naquela reportagem quando ela quis fazer uma matéria um pouco mais agressiva, usando esse serviço de rapel, né, que é o foco de descer na torre. Então, eu me senti muito feliz em poder **mostrar que eu sou uma pessoa de coragem** (SDR97– Reconhecimento), para ter capacidade de descer, enquanto tem pessoas que não tem coragem de subir uma escada para chegar ao segundo andar, tem medo de tudo. Então, eu me sinto assim, esse é o foco que ela usou e para mim...

2.5) Conseguiu representar que o senhor é uma pessoa corajosa.

Sim, eu me representei como profissional e como corajoso, como persistente. Eu sou assim, a minha vida sempre foi assim (SDR98 – Reconhecimento).

3) O texto da reportagem é fiel ao seu relato?

Foi, sim. Até como eu já mencionei, muito pouco erro, porque acontece muito erro de nome ou de número, às vezes ano, idade, coisas que tem muitos que erram, e eu não lembro nenhum momento (SDR99 – Fidelidade).

3.1) O senhor se recorda de algo o senhor contou para a Aline que tenha ficado de fora?

Isso, agora, eu não saberia dizer. Eu acredito que não, porque foi extenso, foi falado de muita coisa, de muitos fatos (SDR100 – Extensão), mas acredito que não...

3.2) Ele colocou tudo que era importante?

Acredito que sim, porque foi extensa, bem ampla, bem completa (SDR101 – Extensão).

4) Teve alguma divergência entre a sua expectativa e o texto do repórter? O senhor consegue se lembrar de alguma coisa?

Não, que eu lembro, não. Agora fica até difícil de lembrar o que eu falei na época e o que ela divulgou. Só o que chama mais atenção no caso de um erro que ou fica para trás, fora, ou aumenta, é quando a verdade não é dita ou quando foge da realidade, então chama a atenção, para mim. Mas o que ela perguntou e publicou não lembro de nenhum fato.

5) A Aline entrevistou outra pessoa para a matéria ou foi só o senhor?

Eu lembro que, só que não sei se foi com ela, uma vez que, acho que foi a Aline, ela ia fazer uma matéria ou ela tinha duas opções, ali eu não lembro, não estou afirmando com certeza, mas eu lembro que tinha uma pessoa que queria fazer uma matéria sobre relógio comigo e com um senhor que fazia sapato de pau lá do interior de Teutônia, ou Westphalen, que é uma outra cidadezinha. Só que, se foi naquela época que a Aline fez aqui, eu não...

5.1) Mas era algo relacionado com o senhor?

Não, não era nada relacionado comigo, ela apenas ia fazer duas matérias ou...

5.2) Ia aproveitar a viagem para fazer as duas.

Isso.

5.3) Mas ela chegou a conversar com a sua esposa ou com outra pessoa?

Não.

6) O que o senhor achou do vídeo da reportagem de GaúchaZH?

Esse vídeo me surpreendeu, porque eu não tivesse acesso a esse vídeo e agora eu olhei e até me recordei algumas coisas que eu nem lembrava mais [ele não tinha visto o vídeo na época, apenas depois de o pesquisador enviar a ele o link da reportagem online].

6.1) O que senhor achou desse vídeo?



Eu acho que foi muito legal, Para mim, foi uma honra poder fazer isto, mostrar o que eu sou, o que eu faço (SDR102 – Reconhecimento). E também acho que é muito interessante o vídeo, eu nem sei se foi publicado ou divulgado, mas qualquer outra pessoa que teve acesso a esse vídeo, acho que foi interessante para qualquer pessoa que tem interesse nesse tipo de assunto.

7) Se pudesse, o senhor mudaria alguma coisa na reportagem?

Acho que não, porque, na verdade, eu nem sou tão exigente também a ponto de querer reclamar se alguma coisa saiu do jeito que eu achei, do jeito que eu pensei. A não ser quando é um erro (SDJ75). Eu sou muito de corrigir se tem um erro, eu gosto de falar aquilo ali não está correto. Se não, eu acho que não, até porque, pelo tempo que passou, eu não consigo lembrar o que poderia ter dito ou não.

8) Mas quem ler a reportagem vai conhecer o senhor?

Com certeza, porque tudo está escrito ali. A imagem mostra o meu perfil, a minha idade, o meu nome, data de nascimento, enfim. Então, com certeza vai me identificar, é tudo sobre o meu trabalho (SDR103 – Fidelidade).

9) Foram feitas perguntas para você para além do tema principal da reportagem? Sobre alguns outros aspectos da sua vida?

O que eu me lembro assim, que eu li hoje na matéria, é que ela perguntou como foi o meu começo. Então, ela diz ali que eu comecei como ajudante da minha mãe, de costureiro, que eu era agricultor, então ela contou a minha vida. Foi eu que falei, então ela falou isso ali (SDR104 – Fidelidade). Fora dos relógios, era o começo, a minha vida antes dos relógios. Até porque hoje ainda a gente tem o que nós tínhamos naquele tempo. Quando eu comecei a trabalhar com esses relógios, eu tinha duas empresas. Nós temos a ótica e joalheria hoje, que nós fundamos desde o zero. Eu criei a joalheria, eu com a minha esposa, a gente começou devagarzinho, pequenininho, até hoje. Estamos aí firmes e fortes, sempre inovando, sempre melhorando. Assim como, eu tinha na época também a fábrica de móveis, que nós temos até hoje também. Então, ela perguntou isto sobre a minha vida. No começo, eu era agricultor, junto com os meus pais. Minha mãe era costureira. Então, era o começo da vida antes dos relógios e quando eu comecei a entrar com os relógios, foi com o seu Schwertner, que era o único técnico da época. Ele era aposentado, mas foi impedido de trabalhar porque, com 80 anos, não sobe mais escada de torre de igreja e tal.

Aí, ficou por muitos anos sem ninguém, aí eu meio que na marra me empurraram nesse caminho.

9.1) Esse lado mais empresarial do senhor não foi muito aprofundado, não é?

O lado empresa ficou meio para trás (SDNR9 – Exclusão). Tanto é que eu tive tanto serviço lá quando eu comecei porque não tinha mais técnico.

9.2) Eu digo na matéria, não apareceu muito esse lado.

A joalheria até sim, a fábrica de móveis acho que ficou fora. Também talvez porque eu não falei ou ela não perguntou. Realmente, esse é um caso que não foi mencionado, mas não tô culpando ninguém, eu não sei porque não (SDNR10 – Exclusão).

10) A sua vida mudou depois da publicação da reportagem?

Muito. Eu acho que continuo a mesma pessoa. Se para alguns, quando são entrevistados ou saem no jornal, tem pessoas que, de repente, às vezes a fama sob na cabeça e eles se acham mais do que os outros. Eu penso assim, continuo a mesma pessoa, mas mudou porque, em todos os lugares onde eu chego, onde eu vou, às vezes até é uma cidade estranha que eu estou só de passagem, quem vê às vezes me reconhece por ter saído no jornal (SDR105 – Reconhecimento). Aí, eles vêm com prazer me cumprimentar, ‘o homem dos relógios e tal’, ‘vi a matéria lá’. Então, para mim, acho que foi bom, mas também fica por isso, né. Não é porque eu sai no jornal ou porque sou o entrevistado que eu não olho mais para os meus amigos anteriores. Eu prefiro sempre os amigos de infância e assim a gente continua sendo a mesma pessoa honesta como sempre fui.

11) O modo como o senhor se vê mudou depois disso?

Eu me vejo diferente, bastante valorizado. Prestigiado, valorizado, respeitado, vamos dizer, em partes. Porque eu não tive o prazer de estudar no colégio como muita gente tem e tinha a oportunidade de estudar. Então, se hoje eu tenho dificuldade em falar, em me expressar, às vezes, é porque eu não estudei(SDR106 – Reconhecimento). Eu fui no quinto ano primário, na escolinha lá do interior. O quinto ano era o último daquela escolinha e aí não tinha mais. Os meus pais não tinham condições de me mandar estudar, fazer segundo grau e depois faculdade. Então, eu me sinto bem, eu me sinto bom, porque eu tive a oportunidade, acho que deus meu deu esse dom de fazer esse trabalho, que as pessoas reconhecem e valorizam (SDR107 – Reconhecimento).

12) O senhor acha que essa reportagem e as outras contribuem para que o senhor se sinta reconhecido.

Com certeza, porque sem essas reportagens de jornal, TV e rádio, enfim, as outras **pessoas que estão um pouco distantes de mim não iam ficar sabendo** (SDR108 – Reconhecimento). E até porque sempre quando sai uma matéria, principalmente a Zero Hora, que é um jornal muito forte, em todo o Estado, onde o jornal circula, é importante porque essas igrejas que têm relógio na torre e o relógio deles tem problema, então eles ficam sabendo através dessas reportagens (SDR109 – Reconhecimento). Muita gente me liga e faz contato porque eles viram a matéria no jornal. Não tem número, telefone, nada, mas eles sabem que eu sou de Marques de Souza. Um senhor de Marques de Souza que saiu no jornal conserta esses relógios, então eles fazem contato com a prefeitura, com o município, e através disso o município passa o meu telefone. Então, sem dúvida, **o jornal foi uma alavanca** muito importante para mim (SDR110 – Reconhecimento).

13) O modo como as outras pessoas veem o senhor mudou? As pessoas com as quais o senhor se relaciona.

Eu acho que sim, não, tenho certeza, porque elas me veem como um profissional, como uma pessoa que faz um serviço útil, necessário (SDR111 – Reconhecimento). Vamos dizer, um construtor, um pedreiro ou mesmo um eletricista, eles não são reconhecidos assim, porque tem muitos e cada um faz isso porque precisa ter uma profissão. Agora, como técnico-relojoeiro, principalmente os relógios de igreja, então eles veem em mim uma pessoa capaz, me elogiam, vem falar. ‘Ah, o único relojoeiro’. Então, para mim, é importante (SDR112 – Reconhecimento).

14) Para você, é importante esse reconhecimento externo?

É importante porque eu não demonstro, não por isso que eu... a gente sabe, eu sei de muita gente que, quando era novo era pobre, não tinha dinheiro, e aí convivia com uma turma de amigos. Depois que eles ganharam dinheiro ou ficaram melhor de vida, aqueles amigos que eles tinham, eles deixam de lado, querem só amigos da alta. Então, eu continuo a mesma pessoa. Eu me sinto bem, mas não quero ser mais que ninguém, apenas me sinto bem porque me **valorizam** (SDR113 – Reconhecimento).

15) Por que o senhor acha que foi escolhido para uma reportagem que contou a história da sua vida?

Olha, pelo que eu sei, é porque é uma profissão em extinção, que tem poucos no Brasil que fazem esse trabalho. Por ser um trabalho importante que eu faço e por ser raro, eu penso, assim, que eu fui escolhido porque é uma opção para a própria repórter que fez o serviço também ganhar os pontos dela na profissão dela. Porque ela conseguiu fazer um trabalho que interessa para o leitor, para as pessoas (SDJ76).

#### **Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas**

Senhor Dauri, a partir de agora eu vou ler algumas frases e o senhor e peço para o senhor me dizer se concorda ou discorda delas:

1) Não passava pela sua cabeça, hoje, ser considerado o único profissional capacitado para consertar relógios públicos em toda a região sul do Brasil – é assim que Klein se identifica.

É exatamente isso, como eu falei antes ali.(SDR114 – Fidelidade) Os meus sonhos, todos se superaram além dos meus sonhos. Não vou dizer que eu nunca tive um sonho de se realizar que eu consegui, né, mas um sonho que tu não realiza é sempre. Tu não te satisfaz porque tu tinha um sonho e não chegou lá. E, no meu caso, em quase tudo, eu imaginei ser um relojoeiro de casa, desses relógios de casa, mas nunca imaginei ser um técnico de relógios grandes, muito menos o único. Normalmente, numa profissão assim tem vários competidores, tem concorrentes e tal. Então, eu nunca sonhei isto, nunca quis também, mas aconteceu. É o acaso.

2) Daquela noite em diante, quase uma centena de relógios de igreja, seminários e escolas em diferentes municípios do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná já passou pelas mãos de Klein. E o passatempo, reconhece, acabou se tornando o que considera um vício. Tanto que a primeira tarefa ao visitar uma cidade é contar os seus relógios públicos.

Eu acho que ali foi um pouquinho distorcido (SDNR11 – Imprecisão). A minha ideia, o que eu quis dizer naquele momento é que, se você é repórter, é jornalista, você chega numa outra cidade e pensa ‘qual é o assunto que eu poderia, que tipo de pessoa eu poderia entrevistar para fazer uma próxima matéria para o meu ramo’. A minha função é relojoeiro, técnicos de relógios de igreja, então o que eu quis dizer, o que eu quero dizer nessa fala, a primeira quando eu entro numa cidade estranha, o meu assunto é relógios, é igreja, então em qualquer cidade estranha, onde eu nunca estive, a primeira coisa que me chama a atenção quando eu chego numa igreja, olhar para o alto para ver se tem um

relógio na torre ou se essa igreja não tem relógio. Tipo assim, quando eu fui uma vez no Rio de Janeiro, isso também fala nessa matéria, eu entrei na Lapa lá, só caminhando no centro histórico do Rio do Janeiro, lá na Lapa, contei assim, em uma ou duas quadras, dez igrejas, talvez, quase, onde tem o relógio na torre, mas está parado, não está funcionando. É um relógio antigo, que precisava de um conserto, poderia alguém consertar. É isso que me chama a atenção, é o que eu quis dizer. Eu entro na cidade, eu conto quantos relógios antigos. Até porque eu faço um trabalho de pesquisa, também, em cima desses relógios e eu cadastro todos os relógios que eu encontro. Não lá, porque lá eu só passei caminhando, eu vi que tem as igrejas lá, os relógios parados, eu anotei ‘lá tem tantos relógios’, mas não cheguei a visitar a paróquia, a secretária. Então, isso que eu quis dizer.

2.1) Mas por que o senhor acha que isso foi um pouco distorcido?

Vamos dizer assim, não é distorcido. O que eu acho que eu senti assim, que quando eu chego... Claro, numa cidade grande, que nem no Rio, tem muitos relógios, então, realmente contar o número de relógios que têm na cidade. Mas, a maioria são cidades menores, então a única igreja que tem naquela cidade é o que me chama a atenção. Talvez, eu me expressei um pouco mal na época, depende a maneira de me expressar (SDNR12 – Imprecisão). Eu chego na cidadezinha menor, e tal, tem uma igreja, essa aqui não tem relógio.

2.2) Não quer dizer que o senhor chega na cidade e vai sair contando quantos relógios têm, o senhor já sabe mais ou menos se tem e, quando chega perto daquele lugar que o senhor imagina que tenha, olha para cima e procura o relógio.

A primeira coisa que me chama a atenção quando eu chego numa cidade, quando eu vejo uma igreja, é olhar na torre para ver se essa igreja tem relógio. Porque esse é o meu serviço, é o meu interesse, acho que ela não falou, mas não é o caso, por isso eu tenho interesse em saber se ali tem um relógio, porque o meu interesse é, se depender de mim, se dependesse de mim, enquanto eu posso trabalhar, não deixar nenhum relógio de igreja parado, sem funcionar, se dependesse de mim. Então, se ele não tem funcionando, eu chego lá e pergunto: o relógio tá com problema, por que que está parado? ‘Ah, porque já está há 20, 30 anos parado, não tem mais conserto’. Então, eu faço isso e cadastro, eu tenho uma lista de cidades, todas as cidades, onde eu cadastro tudo para saber e aí eu faço o contato se tem interesse em consertar ou não. Porque o meu interesse é não deixar

nenhum relógio sem funcionar enquanto eu posso trabalhar, porque, depois de mim, não se sabe se tem alguém que faça.

3) Cada vez mais dedicado à função, ele afirma que “não faz meia sola” em nenhum serviço. Contratado para recuperar um “novo paciente”, compromete-se a fazer uma reforma geral e elaborar um manual de instruções para que a própria comunidade faça a limpeza, a lubrificação e a regulagem correta e, assim, evite novos problemas.

Correto. É o que eu faço (SDR115 – Fidelidade). Depois, num outro trecho, diz também que alguns me consideram um bobo, né, porque eu ensino, em cada cidade, alguém, uma ou duas pessoas, quem quiser, ensino todos os macetes, os segredos, que tem para eles cuidar mesmo dos relógios. Então, se eu sou o único técnico, com isto eu poderia estar me prejudicando, porque, se eu não ensino, eles não vêm mais chamar para consertar quando eles mesmo resolvem o problema. Então, para alguns, isto é um bobo que ensina, porque, vamos dizer, ele entrega o peixe na mão do inimigo. Mas eu digo assim, acho que o sol nasceu para todos, então eu não quero ser o único e eu quero que depois, o dia que eu ficar mais velho e não puder mais trabalhar, eu quero morrer em paz, com a consciência tranquila, de ter feito o melhor, o possível, para ensinar outras pessoas para continuar com os relógios funcionando. Então, eu elaboro um manual de instruções em cima de cada equipamento para que cada paróquia consiga resolver os problemas mais fácil.

Só um parêntese, é uma paixão do senhor ver os relógios públicos funcionando. É, é um serviço que eu adoro fazer. Eu poderia estar aqui na loja, sentado, no ar-condicionado, o dia todo, consertando os relógios de parede, o que eu faço ainda, tô fazendo, consertando também. Mas, eu poderia fazer joia, porque eu sou joalheiro também, nós fazia as joias tudo mesmo, para vender. Poderia sentar ali para trabalhar com as mãos limpas, mas o que eu gosto é trabalhar, fazer o serviço, porque nada mais gratificante do que tu pegar um relógio totalmente sucateado, que há anos tá parado e não funciona mais, porque um tentou, outro tentou, vários tentaram e ninguém conseguiu, então virou museu. Então, não tem nada mais gratificante do que tu pegar um relógio todo sucateado, que ninguém mais conseguiu, e, daqui a pouco, ele está restaurado, tá funcionando e eu dou garantia do serviço...eu digo assim, agora, em Santa Cruz, falei a mesma coisa. Quando eu entreguei o relógio, eles perguntam: ‘Tem garantia esse serviço?’. Aí, eu falo: ‘Tem’. ‘Quanto tempo?’ ‘100 anos’. Aí, eles olham meio atravessados, que ‘tá falando bobagem’, né. E eu falo: ‘Não é bobagem’. Esse relógio que eu terminei agora, era um relógio de corda manual, que tinha que manivelar com manivela, e eles lá não tinham a pessoa para fazer

o serviço. Então, esse relógio já estava funcionando 70, 80 anos lá com corda manual, só que ele estava ruim, não estava funcionando muito bem, mas funcionava, ainda tava funcionando. Aí, eu digo assim: ‘Por que, se esse relógio funcionou 70 anos ou 80 anos com pouco cuidado, sem manual de instruções, as pessoas cada uma fazia do seu jeito, por que agora que está todo restaurado, tá novinho, todo revistado, todo feito, com um manual de instruções para que toda a pessoa que sabe que tipo de óleo vai nesse ponto, onde vai graxa, onde não vai, e se ele é bem limpado, bem fechado, sem entrar poeira, por que ele não pode funcionar mais 100 anos?’ Aí eles ficam assim, né. Parece que eu estou falando bobagem, mas eu digo a verdade. É verdade. A única que coisa tem que fazer, mesmo o relógio funcionando, normal, quando passou dois, três, cinco anos, pelo menos aí tem que chamar um técnico para fazer uma revisão profunda. Assim que nem um carro de passeio. Se tu não faz revisões, logo perde a garantia porque faltou revisão, e isso o relógio também precisa. Mas, se essas revisões foram feitas corretamente, com o tipo de óleo certo, por que que não pode funcionar mais 100 anos?

3.1) E o senhor acha que essa sua paixão pelos relógios foi bem representada pela reportagem?

Com certeza, né. Eu falo isso porque é verdade e não é invenção nenhuma.(SDR116 – Fidelidade) Tanto é que, desde 1998, desde que eu comecei, esse relógio ali [refere-se ao relógio de Marques de Souza] tava condenado, porque, quando o velho Schwertner não podia mais, não tinha mais técnico, então ele tava parado e não tinha mais técnico. Desde 1998, que eu peguei esse pela primeira vez, eu consertei, até hoje, não é 100, mas tá chegando perto, é 80, 90 relógios, todos funcionando. Alguns não tão funcionando, porque aí entra aquela questão, os que hoje não tão funcionando dos que eu já mexi até agora é porque eles não têm interesse e não chamam um técnico. Eles querem resolver mesmo, aí não funciona mais e eles deixam parado. Mas, senão, tranquilamente, todos funcionam.

4) Desde a infância, vivida no interior de Marques de Souza, Klein tem na curiosidade uma característica de sua personalidade. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental e, na adolescência, aprendeu com a mãe, costureira na comunidade, a fazer a própria roupa para ir às festas. O pai, marceneiro, o ensinou a criar manualmente as ferramentas de trabalho. Do avô paterno, um artesão que gostava de produzir cestas de vime, afirma ter herdado a paciência para aprender algo novo. Com o avô materno, dono de uma pequena

forjaria, começou a mexer com solda até produzir sozinho, ainda guri, um fole para matar formigas.

Ali, ela expressou um pouco diferente. Para quem lê, vai entender, parece que eu fabriquei um fole para matar formigas (SDNR13 – Imprecisão). Dá para entender isso?

4.1) Isso.

Mas o que eu quis dizer, porque o meu vô materno era ferreiro e ele, a ferraria usa um fole grandão para assoprar o carvão para fazer a brasa, para assoprar o fogo (SDNR14 – Imprecisão). E, aí, quando eu conheci o meu vô lá, trabalhando, mas o meu vô morava em outra cidade, era longe de casa. Quando eu voltei para casa, eu queria montar uma ferraria. Isso com 10 anos, 12 anos, por aí. Eu queria montar uma ferraria para fazer esse trabalho que o meu vô fazia lá. Aí, eu usei um fole de matar formiga, né, um fole é um assoprador que existia, meu vô tinha, era uma coisa em desuso, era um fole para assoprar fumaça dentro do formigueiro para matar as formigas. Então, ali que ela distorceu, que ela não entendeu o sentido. Eu usei um fole de formiga para fazer a ferraria e ela, pelo que eu entendi ali, fala como se eu tivesse fabricado um fole para matar formiga. Mas eu usei o fole para fazer a ferraria. É uma coisa que me chamou a atenção quando eu li a matéria antes (SDNR15 – Imprecisão).

4.2) E essa questão da curiosidade ser uma característica da sua personalidade?

Com certeza.

4.3) O senhor acha que o senhor herdou isso dos seus familiares?

Eu acho, assim, que, se tu não tem curso, sempre é melhor um curso profissionalizante. Se tu não é nem um profissional, você vai na faculdade para fazer curso para aprender jornalismo, não é? Se tu não pode ir na faculdade, tu aprende o jornalismo por conta, tu faz do teu jeito. Foi o que eu fiz, tanto na joalheria, para fabricar joias, eu não tive professor, porque não existia curso na época. Comecei por minha conta a fazer joias, fabricar joias, consertar relógios. Aí, depois ela fala ali que eu fiz um curso por correspondência, o básico, mas também não mais do que isso. Mas a fábrica de móveis que nós temos hoje, eu comecei sem curso, porque o meu pai era um marceneiro de fundo de quintal. Ele fazia móveis artesanais, não tinha luz elétrica, não tinha serra elétrica, era tudo no serrote, era na plaina, era tudo assim, a pua de furar e tal, mas eu comecei a fazer móveis por conta. Pelo pouquinho que o meu pai fazia manualmente, mas a fábrica de



móveis tinha que ser completa, mais sofisticada. Então, tudo eu comecei por minha conta, só que eu não recomendo para ninguém. Se tem chance de fazer um curso de marceneiro, vai fazer um curso de marceneiro, paga, mas aí, em poucos meses, tu sabe todos os macetes como têm que ser e aí tu sai fazendo móveis. Eu, não, eu tive que primeiro fazer a experiência, testar essa experiência, não deu certo, faz diferente. Aí tu perde muito tempo, perde cliente, porque tu faz o serviço, acha que tá perfeito e nem tá bom, né. Então, foi o que eu fiz, mas era a necessidade, sem muito dinheiro. Mas, tranquilo, não estou arrependido, mas tu tem que ser curioso. Se, por exemplo eu lembro até hoje que eu acabei estragando um relógio do meu vô. Um relógio de bolso que o meu vô tinha e eu achei bonito. Quando eu abri a tampa, aquilo balançava lá dentro, funcionava assim. E eu queria ver como funciona isso, então acabei forçando um pouquinho, é tão sensível que quebrou. Aí, então, eu tive que ser curioso para saber como funciona para aprender.

5) Há três anos, quase desistiu de atuar na área quando um incêndio consumiu parte da casa da família, incluindo a oficina montada especialmente para o trabalho com os complexos aparelhos. Dentro da peça havia também relógios de parede centenários que estavam em conserto. Até o carro usado nas viagens a trabalho foi destruído. Do local, sobraram chamuscados apenas o soldador, a esmerilhadeira e o torno. E a maleta com as ferramentas, que estava fora do local usual de trabalho.

Não, eu nunca pensei em desistir (SDNR16 – Imprecisão). Eu fui abalado, sim, muito abalado, porque nós perdemos, depois a gente pode até olhar, a garagem toda queimou, queimou um carro, queimou moto do Christian, queimou bicicleta, tudo que tinha na garagem queimou. E a minha oficina, que era nos fundos da casa, queimou também, tudo junto. Então, realmente, eu perdi quase todo o maquinário com esse incêndio. Entrou dentro da cozinha, por isso que nós estamos hoje reformando, reformamos a cozinha. Os móveis preteou tudo, porque entrou muita fumaça dentro da cozinha. Aqui na sala, isso aqui tava tudo preto. Então, perdemos muita coisa, mas nunca pensei em desistir. Ali foi um detalhe que, talvez, ela não entendeu bem (SDNR17 – Imprecisão). Foi difícil, porque eu fiquei sem ferramentas, eu tive que comprar muitas ferramentas. A sorte é que a minha mala de ferramentas que eu usava para viajar tava num outro carro que eu tinha, tava na rua, né. Sorte que aquela mala de ferramentas não queimou, era o meu começo. Mas, aí, eu tive que comprar tudo, furadeiras, essas maquininhas elétricas tudo. Tudo tava queimado. Mas, em desistir, nunca, porque eu gosto. Eu só tô avisando as pessoas, os meus clientes, que eu me aposentei, eu sou aposentado, mas eu continuo trabalhando.

Mas, quando eu me aposentar de novo, aí eu vou parar mesmo. Quando eu completar 100 anos, aí eu não vou mais trabalhar.

5.1) Então, foi um certo exagero dizer que o senhor quase desistiu?

Exagero (SDNR18 – Imprecisão).

[*Encerramento*]

## **Entrevista 5**

**Perfil de *Singular*:** A história de uma obsessão: como surgiu, em Lajeado, o primeiro carro elétrico emplacado do Brasil [*manchete online*]

**Autora:** Aline Custódio

**Entrevistado:** João Alfredo Dresch

**Data de publicação:** Setembro de 2018

**Data da entrevista:** 11/01/2020

*João Alfredo Dresch foi entrevistado em sua casa de veraneio, em Capão da Canoa, no dia 11 de janeiro de 2020. A entrevista foi inteiramente gravada e durou 42 minutos. O pesquisador solicitou de antemão que o entrevistado lesse o perfil publicado em Zero Hora antes da entrevista, o que ele não fez. Após constatar que ele não se recordaria de detalhes da reportagem para oferecer respostas úteis à pesquisa, o roteiro pré-estabelecido, similar ao das demais entrevistas, foi mudado, com boa parte dos questionamentos referentes ao item 3. Ainda assim, a entrevista foi considerada válida pelas razões apontadas no capítulo de análise.*

### **Item 1: Perguntas gerais**

1) Qual o seu nome?

Meu nome é João Alfredo Dresch, natural de Lajeado.

2) Qual a sua idade?

73 anos, hoje.

3) Qual a sua profissão?

Eu sou do comércio. Eu ganho dinheiro fabricando máquinas para cereais à vácuo.

4) Onde o senhor mora?

Lajeado, centro.

### **Item 2: Familiaridade com o jornalismo**

1) O senhor é um leitor frequente de veículos de comunicação?

Eu sou muito curioso e olho muita coisa, muito seguido, a respeito de carros. Nós temos um grupo aqui [aponta para o celular], mais ou menos umas 40 pessoas, do Brasil todo, tudo que tiver de novidade, eles mandam no WhatsApp para mim. Então, eu dou uma lida lá, tudo. Apareceu um carro novo no Japão, eles dizem: ‘Ó, apareceu um carro novo aqui que anda com uma roda só’, ‘Anda com cinco rodas’. Mandam tudo isso para mim.

1.2) Mais carros, então.

Mais carros, porque é o que eu tenho mais interesse.

2) E veículos tradicionais, como jornal e rádio?

Olho também.

3) Quais?

Ah, os carros. Lançamento de linha, que vão lançar em 2020, 2021, aquela história.

3.1) Noticiário normal, o senhor assiste?

Sim.

3.2) Quais veículos?

O Jornal Nacional, de noite, e a Band também, debates. A Pampa, também olho de vez quando as notícias deles. Para estar um pouquinho por dentro de tudo, né?

4) O senhor compra algum jornal ou assina?

Temos a assinatura da Zero Hora.

5) Para o senhor, qual é a função do jornalismo?

Sem o jornalismo nós estamos ferrados, né cara. Jornalismo é tudo no Brasil e no mundo hoje. Se não tiver informação, nós estamos mortos. E a tecnologia está muito grande, se tu não acompanhar, tu tá ferrado. (SDJ77)

5) O senhor está familiarizado com o formato perfil jornalístico?

Não, isso aí eu tô meio por fora.

5.1) Basicamente, o perfil jornalístico é o que a Zero Hora fez com o senhor. É uma reportagem que é um recorte biográfico, pega um ponto da história, da trajetória de uma pessoa, e tenta contar, geralmente, de maneira aprofundada. Tem perfis que são uma

página e tal, mas geralmente é de maneira aprofundada, como o que a Zero Hora fez com o senhor naquele especial Singular.

6) Como o senhor imagina o processo de escrita de um perfil, do início até a publicação?

Na época, tu imagina, eu tô com esse meu carro aqui desde 2011. Em 2012, eu entrei com um processo para encaminhar esse primeiro carrinho, JAD 1. Eu levei 12 vezes o carro no Detran. Há 7, 8 anos, em 2011, 2012, era novidade, os caras estavam pensando em fazer carro elétrico no Brasil, no mundo todo, e eu já tava com o meu rodando lá em Lajeado. Então, falar em carro elétrico todo mundo pulava em cima, queria ver. E a Globo também fazendo pressão em cima, querendo lançar o carro.(SDJ78) Eu tive lá no Rio em 2012, com a Ana Maria Braga. A Globo, de 20 em 20 minutos, fazia uma chamada: ‘Conheça o menor carro elétrico, fabricado no Brasil por um gaúcho’. Aí, no dia seguinte, estourou a boca do balão.

7) O senhor acha que foi essa novidade que chamou a atenção?

Na época, sim. Hoje tem carro elétrico a dá com um pau por aí já. Tem umas coisas que fabricam e chamam de carro elétrico, mas tudo bem, funcionam. (SDJ79)

7.1) O senhor acho que virou personagem porque foi pioneiro?

Eu acredito que sim. Imagina, 2011, 2012. Foi duas vezes preso o carro sem placa em Lajeado, né. Já tava rodando o carro e guincharam ele duas vezes em Lajeado.

8) O senhor se lembra como foi o contato da repórter Aline Custódio para essa reportagem específica?

Teve uma guria, Vanessa Kannenberg, da reportagem da Zero Hora, e alguém de Lajeado era amigo dela.(SDJ80) Acho que estava fazendo jornalismo também e era amigo dela. ‘Bah, um cara fabricou um carro em Lajeado, tá fazendo sucesso em Lajeado, fabricou um carro elétrico, pequenininho’. Tirou fotografia. Na semana seguinte, ela me ligou. ‘Seu João, nós podemos fazer uma reportagem?’ ‘Eu digo, bom, sem problema nenhum’. Eu queria divulgar o nome também, né’. (SDJ81) E ela pegou e me ligou. Disse assim: ‘Pode ser quarta-feira, na parte da manhã? Nós vamos ficar o dia todo’. Ficaram dois dias em Lajeado. Aí, demos volta no centro de Lajeado, filmaram por tudo lá. O carro não tinha placa ainda, eu estava encaminhando para emplacar o carro. Aí, passou uns 20 dias depois. Aí, ela fez a reportagem comigo lá, filmamos tudo com o carro’...

8.1) Isso a Vanessa ainda?

A Vanessa Kannenberg. Aí, ela pegou e depois foi embora. Aí, passou uns 20 dias para frente, eu botei o carro num estacionamento oblíquo em Lajeado, me guincharam o carro. Me multaram o carro. E um cara, de cima, pegou, de um escritório de contabilidade, filmou e botou na internet. Eu botei o meu carro oblíquo e tinha um carro na frente, um Gol. Os azuizinhos começaram a me multar lá, um cara tirou a fotografia e botou na internet. Mas, o quê, esculhambaram com a prefeitura de Lajeado, com os azuizinhos. Deu um milhão e meio de acessos. Aí, pelas seis horas da tarde, eu tava caminhando com a minha filha, a Vanessa Kannenberg tocou o telefone. ‘Seu João, tudo bem?’ ‘Tudo bem’. ‘Quem tá falando é a Vanessa’. ‘Ô, Vanessa, tudo bem?’ ‘Tudo bem. Seu João, o que houve contigo?’ Eu digo: ‘Por que, Vanessa?’ ‘Tem um milhão e meio de internet, os caras esculhambando com a prefeitura de Lajeado’. Digo: ‘Ah, não houve nada’. ‘Mas, claro que houve. Não te guincharam o carro?’ ‘Ah, foi, até tinha esquecido’. Eu disse para ela. Diz ela: ‘Senta aí, vamos conversar’. Aí, ela botou uma reportagem na Zero Hora. Esculhambou com a prefeitura de Lajeado e com o prefeito também, né. Por isso aí, a Ana Maria Braga mandou buscar o meu carro em Lajeado. Uma semana depois, mandou buscar o meu carro para fazer uma entrevista lá. (SDJ82) Aí, vieram buscar com a cegonha em Lajeado, levaram o carro para o Rio de Janeiro e eu fui de avião. Eu e o meu engenheiro. Aí, ficamos lá uns três dias na Globo, depois mandaram o carro de guincho para Lajeado e veio tudo bem. Aí, depois de uns cinco meses depois, mandaram buscar de novo. Tinham um programa para fazer com o carro lá. Aí, foi de novo o carro para lá. Essa aí que foi a história. Por causa dessa multa, que eu botei oblíquo, saiu uma reportagem, deu um milhão e meio de acessos e tá aí. (SDJ83)

8.2) Depois, teve essa outra reportagem de setembro de 2018. Isso foi tudo antes?

Sim, isso foi tudo antes. 2014, 2013, que eu fui lá na Globo, no Rio.

9) Dessa vez aqui, em setembro de 2018, como foi o contato?

Eu nem me lembro mais. (SDNROD27) Essa é da Globo também?

9.1) Essa é da RBS.

[Nesse momento, o pesquisador mostra a reportagem de Singular para João Alfredo, que não se recorda dela especificamente. O pesquisador tinha pedido para ele ler com antecedência e encaminhado o link. Nesse momento, percebe que João Alfredo não tinha

lido e tinha poucas ou quase nenhuma lembrança da reportagem que interessa para o estudo, o que motiva uma mudança no questionário de perguntas, notadamente no item 3].

Ah, eu não me lembro mais. Eu tenho mais de 200 páginas, uns 50 jornais lá em casa, tudo programado, tudo com nome, direitinho lá tudo. As fotografias, as entrevistas que fizera comigo. (SDNROD28) Se tivesse falado, eu também não me lembrei [o pesquisador passou pediu para João Alfredo ler a reportagem e passou o link pelo WhatsApp antes da entrevista]. Era só pegar, aí eu tinha mais carga para tu botar na coisa. [João Alfredo então passa os olhos na reportagem, mas não se recorda da reportagem especificamente].

10) O senhor já deu muitas entrevistas?

Sim, já dei umas 50 palestras mais ou menos.

[O pesquisador decide então continuar a entrevista, adaptando o formulário ao fato do entrevistado não recordar especificamente da reportagem de Singular].

10.1) O senhor, então, não tem noção de quantas entrevistas já deu ao longo do tempo?

Entrevistas de rádio, para Passo Fundo, tem cinco emissoras ali. Ali foi as cinco. Depois, em Carazinho, também dei. Depois, dei palestra em Carazinho para os alunos, incentivar a gurizada, né. (SDNROD29) A gurizada chega num ponto e depois não tem o que fazer, não tem motivação, não tem perspectiva nenhuma. Eles estão formados e, de vez em quando, não sabem pegar uma chave de fenda para apertar um parafuso. Eu retruco: ‘Cutuca nisso aí, cara’. Porque os caras estão com o diploma na mão e ‘bah, o que eu vou fazer agora’. São engenheiros, tem toda a tecnologia. Tem toda a tecnologia, mas não tem a prática, né. Eu tenho prática e não tenha a tecnologia. Então, é assim que funciona a coisa.

10.2) O senhor, então, nem consegue contar mais quantas entrevistas já deu?

Mais de 30 entrevistas eu dei, né. O começo foi em 2011, 2012, 2013, 2014. (SDNROD30)

10.3) E a primeira foi para a Zero Hora?

A primeira foi para a Zero Hora. (SDNROD31)

10.4) Por causa do episódio do guincho?

Isso aí. Aí, dei palestras, para o reitor de Passo Fundo mesmo. Eles fizeram o projeto, na UPF de Passo Fundo, isso foi em 2013, que começaram a fazer o projeto em Passo Fundo junto com os alunos. Tinha 44 alunos da Engenharia Mecânica, mais 44 da Engenharia Eletrônica e mais uns 32 da Engenharia de Desenho.

11) Só para pontuar, então. O senhor não se lembra dessa reportagem específica da Aline Custódio?

Não me lembro, cara. Não me lembro mais. Tem tanta. (SDNROD32)

12) Qual é a repercussão que essas reportagens tiveram na sua vida.

Ah, imagina. Tu imagina, em 2012, os caras tavam pensando em largar carro [elétrico] no mundo todo e eu já tava com o meu rodando em Lajeado. Puta. Esse aí foi o primeiro a ser emplacado como elétrico no Brasil, né. O primeiro a receber as placas como elétrico. É artesanal, foi emplacado como artesanal elétrico. Isso não paga nem IPVA, nem polui. É isento de IPVA, só o seguro obrigatório. Então, quando eu recebi as placas do carro um tal de Joaquim, do Detran de Brasília, me disse o seguinte: ‘Seu João, nós estamos com o carro pronto, liberadinho, passou no Inmetro e tudo, só que não tem lei para o seu carro elétrico receber as placas. Eu digo: ‘Tá brincando?’ ‘Não tô, mas nós vamos liberar as placas para o senhor, tá. Tá aqui em cima, passou todas as normas do Detran, e o senhor vai poder andar com o carro perfeitamente’. Aí, tá, botei as placas em cima do carro. Aí, passava pelos azuizinhos que tinham multados umas duas vezes também, lá em Lajeado, daí passava por eles, dava uma buzinadinha, para encher o saco deles também.

13) Mas o senhor acha que essas reportagens ajudaram?

Ah, coisa lógica. As reportagens, tudo, né. Imagina, fazer uma coisa nova, que é novidade até hoje no Brasil e no mundo todo, o carro elétrico. Imagina se não ia ajudar, claro que ajudaram, ajudaram muito. (SDJ84)

13.1) O senhor já tinha o carro pronto antes da primeira reportagem?

Sim, claro. O carro é de 2011. Cara, eu fabriquei esse carro em 11 meses e meio. Aí, tirei a fotografia do carro e fui na prefeitura de Lajeado. Mostrei para o prefeito a fotografia do carro. Disse: ‘Tá aqui o carro’. ‘Não, isso aqui tu importou’, diz ele. ‘Não, fui eu que fabriquei’. Ele não quis acreditar. O cara é meu amigo, era meu amigo, xinguei ele lá. Aí,



diz ele: ‘Onde está o carro?’ ‘Tá aqui em casa’. ‘Vamo lá ver’. Ele queria ver o carro. Ele chegou lá para ver o carro, ‘mas não é possível mesmo’. ‘Foi tu que fabricou? Meus parabéns, ta, ta, ta’. Eu digo: ‘Eu quero o seguinte, que tu dê uma ordem para os azuizinhos não me encher o saco, o carro não vai ter placas, porque eu vou andar com o carro para ver os defeitos’. Imagina, nem engenheiro eu não sou, sou só curioso, né. ‘Eu quero que tu ligue para os azuizinhos para dar ordem para eles não me encher o saco’. Passou uns 20 dias, era um sábado, umas 11h30, tava chegando na firma e o azulzinho me atacou. ‘Cadê os documentos do carro?’ ‘Tá em Brasília, por quê?’ ‘Nós vamos recolher o carro’. ‘Bom, isso é problema de vocês’. Peguei o cartão do prefeito, liguei pro prefeito, estava fora de área. Aí me guincharam o carro. Tiraram fotografia, botaram lá no jornal de Lajeado. Eu tirei fotografia e botei no jornal de Lajeado, porque eu me dou demais com o jornal de Lajeado(SDNROD33).

13.2) Qual jornal?

O Informativo. O Osvaldo Carlos é um baita amigão meu. E, aí, botei no jornal e o Osvaldo Carlos: ‘Bah, segunda-feira faltou página no jornal lá’. (SDNROD34)

13.3) A primeira vez que o senhor saiu no jornal foi no Informativo?

Foi no Informativo. Aí, com isso aí, porque os jornais estão tudo ligados uns com os outros... (SDNRO35)

13.4) Aí Zero Hora ficou sabendo.

Sim, aí mandaram para Porto Alegre, já bateu a Vanessa lá, depois os caras da Record, bateu da Band também, fizeram filmagem do carro e tudo. E aí começou a sequência, né. (SDNROD36)

14) O senhor consegue fazer uma diferenciação entre as várias reportagens que fizeram com o senhor? O que tem de diferente que o senhor percebe? Entre jornal, TV, rádio.

Apareceu até na Quatro Rodas. Tem fotografia na Quatro Rodas. A mulher até me ligou esses dias, perguntando como é que tava o carro novo. Na Quatro Rodas, em 2012, fizeram uma reportagem. ‘Fiz um elétrico, tchê’. O caro botou isso numa reportagem. Aí, botou a autonomia do carro, tudo direitinho, lá. Me entrevistou por telefone, ela nem veio. Mas ela disse: ‘Bah, seu João, deu um tiroteio atrás da coisa, faltou revista por causa do seu carro’, diz ela assim. Eu digo: ‘Tá brincando?’ ‘Sim, é lançamento, é novidade’. Eu digo: ‘Tá, o que eu posso te ajudar?’ ‘Eu vou botar mais uma série...de revistas’.

14.1) Uma tiragem.

‘Mais uma tiragem de revistas’. ‘Então, tá bom’. Mas aí diz ela assim: ‘Mas o carro novo eu quero fazer mais um lançamento por intermédio da Quatro Rodas, sem custo nenhum, mas eu acho que vou mandar a reportagem da Quatro Rodas aí para Lajeado para fazer uma filmagem do carro. Nós temos muito interesse’. Eles vão vir, o carro tá pronto. Eu nem mandei a fotografia do segundo carro para ela. Não mandei nada. Vou deixar primeiro em cima do muro porque eu quero primeiro entrar com entrevista com a UPF de Passo Fundo, que eu tenho compromisso com eles. (SDJ86) Vou levar o carro lá, para o reitor, seu José. Ele vai pegar os engenheiros, examinar o carro direitinho. ‘Posso botar o nome da UPF em cima?’ Que um carro, né, e a UPF também não vai querer fazer porcaria. Também não posso lançar porcaria. Então, a minha intenção é essa, levar o carro lá, eles vão examinar. ‘Pode botar o nome da UPF?’ ‘Podemos fazer o lançamento por intermédio da UPF aqui em Passo Fundo mesmo’. Ele vai chamar televisão, rádio, e tudo mais lá em cima na UPF. Agora, a partir do 15, semana que vem, ele está voltando das férias. Vai falar com o reitor, ele não é mais reitor, deixou de ser reitor.

14.2) A expectativa é que, a partir disso aí, o senhor comece a apresentar o carro?

Apresentar o carro para o Brasil todo.

15) Voltando a perguntas mais gerais sobre o jornalismo. O que o senhor considera como um bom repórter?

Um bom repórter é o que bota as coisas certas, né, cara. Não inventa mais coisas, nem nada, bota a real. Não inventa muita coisa, não enrola muito. Porque, hoje, com a internet, ninguém mais é enrolado. Tendo uma coisa mais ou menos com convicção, deu. Esse é o bom jornalismo. (SDJ87)

16) Se o senhor pudesse associar alguns valores, que valores o bom repórter deveria ter?

Bah, agora tu me apertou. Me apertou porque todo mundo me tratou bem, não tenho queixa de ninguém. Todo mundo me tratou bem, eu também costumo tratar todo mundo bem, não tenho motivo para brigar com ninguém, né. Então, eu não tenho queixa de ninguém.

16.1) Mas algumas características pessoais que o senhor acha que deve ter?

Cara, todo mundo me tratou bem, não posso dizer nada. ‘Ah, esse é melhor que o outro, ta, ta, ta’. Isso aí é tudo igual, eu não posso diferenciar um do outro.

17) Ao longo dessas entrevistas, o senhor se lembra de algum episódio em que o senhor falou alguma coisa e saiu diferente na reportagem? Ou sempre o que o senhor falou foi retratado?

Nah, tem uns que inventaram coisas ali, mas, cara, eu não me lembro mais. Tem tanta entrevista. Eu dei mais de 30, 40 entrevistas por aí. Eu dei mais de 30... para os alunos. Na UPF, tinha mais de 500 alunos lá. O cara tava lá, no lançamento do carro, tudo. O reitor diz o seguinte: ‘Seu João, todos os alunos da Engenharia, da parte de eletrônica, mecânica, design, tão aqui e querem que o senhor dê uma entrevista para eles. Dá seu parecer’. Aí, eu peguei o microfone na mão, todo mundo lá, o reitor tava no meu lado. Eu digo: ‘A minha idade é tanto, eu pretendo botar uma montadora, mas eu vou precisar de investidor’, que é uma coisa lógica, ‘mas eu vou botar o segundo carro a funcionar. O primeiro carro tá pronto, vou ajustar esse aqui. A minha intenção é pôr uma montadora’. Eu tava com 68 anos na época, eu tô com 73 agora, mês que vem, 74. Mas, com o carro novo agora, vai aparecer investidor, né. Tem várias gentes querendo investir, mas até agora não botaram dinheiro, porque querem ver o carro pronto.

18) Mas, então, já teve oportunidade em que alguém colocou alguma coisa que o senhor não falou.

Não, difícil.

18.1) Que aumentaram?

Ah, teve...não, não teve não.

18.2) Geralmente o pessoal é fiel ao que o senhor fala?

É, eu também não mando dizer nada para ninguém, né. O que eu tenho que dizer, eu digo, não tem nada de frescura.

19) Eu tinha perguntado o que a sua vida mudou depois dessas entrevistas, né. A maneira como o senhor se vê e se percebe também mudou depois dessas reportagens?

Eu vou dizer para ti, cara. Em Lajeado, quando me multaram, pegaram e me guincharam a primeira vez, tinha amigos meus que passavam por mim e buzinavam, para gozar da minha cara. Eu tava com a minha caminhonete. Tinha quem passava por mim e fechava

o vidro, não olhava para mim. Dorzinha de cotovelo, assim. Aí, eles passavam por mim e uns nem me olhavam, meus amigos. Dorzinha de cotovelo. ‘Putá, esse cara fez uma coisa que apareceu, isso não vai a lugar nenhum’. Então, é assim a história. ‘Esse cara vai quebrar’ e a puta que os pariu. Mas eu não devo nada para ninguém, esse é o meu negócio. Não entrei em banco, não devo nada para ninguém. Deu. O carro é meu, particular, não devo nada para ninguém, não tenho compromisso com ninguém.

19.1) Então, a maneira com os outros veem o senhor mudou um pouco?

Bah, coisa lógica. Uns chegaram a ficar mais meus amigos. ‘Pô, João’, vinham e apertavam a mão, ‘Meus parabéns, cara, tu fez uma coisa inédita no Brasil, no mundo todo’. (SDR117 –Reconhecimento) Então, teve gente que eu me dava, ‘Oi’, ‘Oi’, Lajeado é pequeno, né, tem 100 mil pessoas. Todo mundo me conhece lá, porque, com esse carro aí, eu ando três, quatro vezes por semana lá no centro de Lajeado, encosto em qualquer lugar e tudo. Mas tem uns que não desceu ainda. Agora, quando lançar o segundo carro, bah...(inaudível), agora eles vão...

19.2) Mas, ao longo do tempo. A primeira vez era uma novidade, em 2011, 2012, mas ao longo do tempo, que o pessoal foi acostumando e também foi vendo que o senhor aposta mesmo no negócio, que está fazendo o segundo, teve alguma mudança das pessoas?

Ah, teve. Teve uns que falavam comigo para se deitar, né. E nas entrevistas que eu dizia ‘vou fabricar o segundo, o JAD II’. Faz cinco anos que eu estou fabricando o JAD II, né, tá pronto agora. ‘Ah, esse carro não vai fazer merda nenhuma’. Então, deve ter um 1%, meio por cento da cidade que deve saber que eu tô com o segundo carro mais ou menos pronto. Agora, quando eu lançar, botar o carro no mercado, sair na Globo, nos jornais aí, que o JAD II tá funcionando e vai ser fabricação em série, aí o buraco é mais embaixo, né. É assim que funciona a coisa.

20) Para o senhor, esse reconhecimento da imprensa...

Bah, os caras da imprensa tudo me chamam. ‘Seu João, senta aqui’.

20.1) Mas isso é importante para o senhor?

É claro que é importante. Claro que é importante, toda divulgação é importante, né. (SDJ88) Agora, com o carro novo agora, e tá bonito né. Tu vai a Lajeado, semana que vem. Não, semana que vem agora eu vou pra Porto Alegre, tenho médico de novo, tenho que fazer uma biópsia. Mas, tudo bem.

#### Item 4: Perguntas sobre sequências discursivas

Senhor João, a partir de agora eu vou ler algumas frases e o senhor e peço para que me diga se concorda ou discorda delas:

1) “Pelas lembranças de Dresch, hoje um empresário de 72 anos, essa foi apenas a primeira das vezes em que a falta de conhecimento técnico específico não impediu que ele recuperasse ou mesmo criasse equipamentos eletrônicos. A mais improvável dessas ocasiões se deu quando ele se impôs o maior dos desafios: construir um carro elétrico”.

Quando eu tava na Itália, em 2012. Eu tava passeando lá e me encostou um carro elétrico na minha frente. Era uma guriuzinha nova. Saiu do carro, pegou o fio e ligou na tomada. Em todo os postes, no centro de Roma, tem tomada de graça elétrica, não precisa pagar luz lá. Ela saiu do carro e ligou na luz. E aquele carro encostou do meu lado, não fez barulho. Um carrinho amarelo, me lembrou até hoje. Eu digo: ‘Puedo mirar elcarrito?’ Ela diz: ‘Sim, eu vou deixar aberto para você mirar’. Ela saiu do carro, deixou as portas abertas, tudo. Mas eu queria ver a parte eletrônica do carro, a parte da bateria, a redução, ver como é que funcionava aquilo lá. Aí, eu levantei o banco do carro para olhar e tava tudo lacrava, porque tava novo. Aí, eu olhei por baixo do carro e digo: ‘Vou fabricar isso aí’. Aí, cheguei em Lajeado e peguei um amigo meu engenheiro eletrônico. Eu digo: ‘Se eu fizer um carro elétrico, tu bota ele a funcionar, com bateria?’ Diz ele: ‘Eu boto, nem que eu rasgue o meu diploma, mas eu bota a funcionar’. Foi esse aí que fizemos. Eu digo: ‘Eu vou fazer o carro, o negócio é teu’. Diz ele: ‘Não, pode fazer’. E me ajudou a fazer. Ele me ajudou também a fazer o projeto da minha máquina para fechar erva-mate a vácuo. E com isso que eu ganho dinheiro, com as máquinas. Aí, eu fiz o carro. Terminei o carro e ele pegou e botou o carro a funcionar. Não tá funcionando bem ainda, mas o primeiro é o primeiro, não adianta. Agora, o novo não, o novo tá 10. Aí, eu olhei o carro, e disse: ‘Vou fabricar’. Cheguei, na volta, em Lajeado, peguei um amigo meu que faz gaiola em Lajeado, fui nele, e digo: ‘Eu vou fazer um carro elétrico, comprei as rodas’. Cheguei na firma dele com quatro rodas novas. Essas rodas tão ali. Quatro rodas, com os pneus tudo. ‘Nós vamos fazer um carro’. Ele faz gaiola para corrida de kart. Eu digo: ‘Não, nós vamos fazer um carro’. Ele tinha uma mesa grande, 2,20m por 1,20m, 1,30m. ‘Aí aqui vai uma roda, aqui vai a outra, o que precisa fazer?’ ‘Precisa comprar amortecedor, ta, ta, ta’. Eu digo: ‘Tá, vê o que precisa fazer, me dá a relação que eu comprar tudo. O material é contigo e a mão de obra eu te pago’. Diz ele: ‘Tá’. Aí me deu a relação, tudo que

precisava. ‘Ta, ta, isso aqui não tá certo, precisa trocar’. Era perto da autopeças, eu ia lá, trocava as peças. ‘Essa aqui tá muito grande, essa aqui tá muito pequena’. Só para tu ter uma ideia, as pinças de freio são de moto ali, porque não entrava no cubo. Os faróis desse carrinho e da motinho Bis 125, nem existe mais a moto. O para-brisas é do caminhão Scania. Nós tivemos que cortar para adaptar ali dentro. Então, foi tudo inventado, nada foi copiado de ninguém. Aí, quando o carro ficou pronto, aí tinha que fazer o carro de fibra. Fazer o carro de madeira primeiro, para depois tirar as cópias de fibra. Aí, eu fui procurar alguém que trabalhasse com fibra. Passei para uns dez amigos meus que trabalhavam com fibra. ‘Tu tem um molde?’ ‘Não, se eu tivesse o molde, eu ia fazer’. O pior é fazer o molde do carro. Puta que os pariu, aí sai a procurar o cara que trabalhava com fibra. Aí, daqui a pouco, cheguei lá, tinha vendido uma máquina em Santa Maria, passei em Candelária, o cara tava fazendo barco de fibra. Tu chegaste a ver a fotografia dos papelões? Eu montei aquilo lá de papelão, eu e um amigo meu, para a gente ver a estética do carro, porque não tinha noção de como ia ficar.

#### 1.1) O primeiro pré-projeto.

Claro. Aí, cheguei lá com as rodinhas no lugar, em cima montado de papelão, com as curvinhas em cima e tudo. Mostrei para o cara, eu digo: ‘Tu faz isso aí?’ ‘Tu tá ficando louco. O que é isso aí?’ ‘Um carro elétrico’. O cara não quis acreditar. Era um coitado, mas sabia das coisas, lá perto de Passo Fundo.

2) A divulgação da invenção garantiu a ele respeito dos conterrâneos que, até então, mostravam-se incrédulos...

#### Isso é verdade. (SDR118 – Fidelidade)

2) (...) Alguns o apelidaram de Henry Ford do Vale do Taquari, em referência ao empreendedor norte-americano que revolucionou a indústria automobilística.

É assim que eles me chamavam lá. É assim mesmo. (SDR119 – Fidelidade) Uns me chamavam, outros me esculachavam. O mundo é assim, não adianta. Aí, escuta só. Eu peguei o carro, deixei lá em Santa Maria, em coisa lá, deixei a fotografia para ele. Diz ele: ‘Eu vou falar com o meu secretário, que é carpinteiro de mão cheia e trabalha com fibra também’. Aí, fui a Santa Maria. ‘Passa aqui amanhã de manhã?’, diz ele. ‘Amanhã, dez horas, tô de volta, me dá o orçamento amanhã de manhã, quanto tu vai querer para me deixar o carro pronto’. Aí fui a Santa Maria, voltei. Na volta, cheguei lá, digo: ‘Como

é que vai ser o negócio’. João, era o nome dele também. Digo: ‘João, como é que é?’ Diz ele: ‘Eu abraço’. ‘Eu faço contigo’. ‘Eu quero 90 dias’. Digo: ‘Não, 30 dias no máximo’. ‘Não, 90 dias’. ‘Não, 30 dias. Quanto tu quer?’ ‘Quero 12 mil reais, tu me dá 6 agora e 6 quando pega o carro’. ‘Tá fechado. Mas tem o seguinte, tu não pega serviço mais de ninguém. Tu vai começar esse carro e vai terminar. Eu quero esse carro em 30 dias’. ‘Não, 30 eu não consigo terminar’. ‘Mas eu vou ficar junto contigo’. E, no fim, dormia na casa dele, dormia num hotel lá. Imagina, acho que deu 50 dias, até fazer o carro de fibra. Fazer de madeira o carro.

### 2.1) Para fazer o de fibra depois.

Gastei 16 quilos de gesso para alinhar o carro direitinho, para tirar a cópia de fibra, alinhar todo de madeira, alinhando as linhas lá tudo direitinho. Aí, tiramos a cópia de fibra e soldamos bem direitinho, passamos uma cera por cima da madeira. Aí, eu tirei uma cópia de fibra. Aí, tiramos uma cópia de fibra, arrancamos fora aquilo lá, botamos a fibra no lugar, que é isso aqui, quebramos fora a madeira, foi posto fora a madeira, aí botamos esse aqui em cima. No dia seguinte, tiramos outra cópia de fibra, que tá lá em Lajeado. Aí, cortei o carro em cima, para fazer um conversível, pequeninho assim e conversível, ia ficar um luxo. Aí, peguei e deis os seis pila para ele. Ele diz: ‘Mulher, vai lá pagar água e luz antes que nos cortem’. Os caras tavam na pindaíba do diabo. Coitado, mas tudo bem. Aí, terminou o carro. Paguei o resto para ele lá. Aí, diz ele: ‘Agora tem que pintar o carro’. Aí, pintamos o carro e quando fui tentar abrir a porta para entrar no carro, não conseguimos, porque a porta era pequeninha. A porta tinha isso aqui [sinaliza com a mão]. Eu não sabia, não tinha noção. Aí, tivemos que cortar o carro no meio de fora a fora. Cara, se eu te contar a história, isso aí é uma novela. Aí, cortamos o carro de fora a fora, fizemos duas partes, emendamos 35cm, por dentro, embaixo no chassi e tudo, o assoalho do carro também. Fizemos portas novas, tivemos que fazer quatro portas novas. Mas nós tínhamos as medidas já das portas. A primeira porta pesou 16kg. A segunda, depois de tanta massa que foi, pego 4 quilos e 300 gramas. Meu amigo véio. E assim foi. E aí bota dobradiça daqui, acerta porta, não acerta a porta, tá. E o capô também, vamos fazer o capô para abrir, não achava as dobradiças para abrir certinho.

### 2.3) Era um protótipo mesmo.

Não tem, não tem. É artesanal, né.

3) Quando não está viajando para vender a máquina a vácuo, aproveita para tirar o JAD da garagem. Considera que o carro virou uma extensão do próprio corpo. Dentro do veículo, esquece o mundo à volta. É como se estivesse em outra dimensão, garante. Só retoma a consciência ao ser chamado por algum admirador.

É verdade. (SDR120 – Fidelidade)

3.1) Tá bem representado?

Mas, barbaridade. (SDR121 – Fidelidade) Todo mundo encosta no carro. Aqui em Capão, se eu ganhasse um pila por cada fotografia, tinha pago dez carros já.

3.2) Mas é isso mesmo? Quando o senhor entra no carro, parece que esquece da vida?

É, esqueço da vida. Puta, tu andar numa coisinha, num carro, que tu fez. Imagem, comecei essa [inaudível] do nada. Sabe o que é montar um carro? Só as dobradiças de porta e fechaduras de porta, que ele abre digital né, por controle remoto, abre digital. Até instalar isso aqui, ter que pagar tudo. É assim que funciona a coisa. Aí, quando tu senta dentro do carro, vou dar uma volta por aí, ninguém vai me encher o saco, ninguém vai me atacar, porque tá emplacado direitinho, passou de acordo com as normas do Detran tudo. Putz, esqueço da vida.

4) Filho de um padeiro descendente de alemães e de uma dona de casa de origem italiana...

Tá tudo aí, cara. (SDR122 – Fidelidade)

4) (...) diz desconhecer de onde vem a paixão por inventar. A única certeza é que, depois de consertar o ferro elétrico, aos 13 anos, como descrito no início desta reportagem, percebeu que poderia ir além.

Sabe o que que é? Eu sempre fui muito curioso. Eu só tenho o ginásio, sabia? Tenho a quinta série, na época. Mas eu sempre fui curioso, sempre gostava de ver as coisas, queria saber o porquê dos porquês. Tinha parte eletrônica, eu queria desmontar ela para ver como funcionava tudo direitinho. Tá, de vez em quando me ferrava, levava uns choques, mas tudo bem, fazia parte da vida. Mas aprendia, as aprendias as coisas. E, de vez em quando, quando tinha coisa que eu não sabia pegava um amigo que sabia das coisas. Chegava lá e ‘como é que funciona isso aqui?’ ‘Isso aqui é assim e assado, ta, ta, ta’. ‘Uma bateria dá 12 voltas, duas dá 24, e para carregar?’ Tem 14 baterias dentro desse carro. O outro tem 24.



[A entrevista é brevemente interrompida pela passagem de um carro de som].

Pesquisador: Pode continuar.

Aí, o cara pegou. Putz, esqueci o que estava falando.

4.1) O senhor estava falando de como começou.

O que me mais a ideia de fazer esse carro foi em 2012, quando tive na Itália. Digo: ‘Putá merda, os caras fizeram isso aí, por que eu não posso fazer?’ Não existe o que uma pessoa faça e a outra não possa fazer igual ou melhor. Eu sempre penso assim. E tenho uma coisa comigo também, eu não erro, eu deixo de acertar. Se eu deixei de acertar, é porque eu tô perto de acertar. Errei por pouca coisa. Eu também já começo uma coisa e o seguinte, eu acho que vai dar certo, eu não começo no acho. Vai dar certo. Não fico no acho. Eu falei para as gurizadas: ‘Bah, isso é muito importante, fala para essa gurizada que tá se formando aqui, em engenharia eletrônica e mecânica, que quando eles começam uma coisa no ‘acho que vai dar certo’. Vocês não podem começar no acho, vai dar certo e deu. Se eu errei, tem motivo porque eu errei, devo estar perto de acertar, é assim que funciona as coisas. Se tu não insistir, tu não vai a lugar nenhum. Tu não vai a lugar nenhum. E tu, se tu não tiver alguém para ti apoiar também, de vez em quando, eu, tu... Imagina, se eu chegar na casa de um cara, pedir uma informação ou alguma coisa, com essa caminhonete aqui nova – é 2014, mas todo mundo pensa que é nova. ‘Pô, como é que funciona esse negócio de bateria? Eu quero uma informação para fazer um carregador’. O cara olha para caminhonete, olha para mim, ‘porra, minha hora é tanto, é 150 pila, é 200 pila a hora’. ‘Isso aí vai te custar tanto’. E aí, tu tem que pagar por quê? Para aprender.

5) Ele quer ver o carro tornar-se famoso como sua criação anterior, que foi patenteada há 18 anos e é conhecida até no Exterior – e nada tem a ver com automóveis. Durante três décadas, o empresário foi revendedor de fermento no Vale do Taquari...

É verdade. (SDR123 – Fidelidade)

5) (...) Com o fechamento da fábrica com a qual trabalhava, foi a São Paulo adquirir uma máquina para embalar o produto repassado por outro fornecedor...

Sim, é isso aí. (SDR124 – Fidelidade)

5) Durante três décadas, o empresário foi revendedor de fermento no Vale do Taquari. Com o fechamento da fábrica com a qual trabalhava, foi a São Paulo adquirir uma

máquina para embalar o produto repassado por outro fornecedor. Desistiu ao ver uma engenhoca desmontada na loja: na mesma hora, pensou que poderia produzir uma semelhante.

Não, eu fabriquei a máquina melhor do a que eu tinha visto, que era uma máquina italiana que tinha em São Paulo na época. (SDNR19 – Imprecisão) Eu fui comprar uma máquina em 78, em São Paulo. Tinha uma máquina italiana lá, para fechar café a vácuo. Olhei para máquina, um trambolho, motor desse tamanho, dez HP do lado de fora, de tanto barulho que fazia. Eu digo: ‘O que que é isso, cara’. Depois, ela embalava três pacotinhos de 500g a cada 45 segundos. Eu digo: ‘Com isso aí, eu vou ficar louco’. Tava querendo embalar fermento, né. Eu trabalhei com fermento. Queria reembalar o meu fermento. Comprar e reembalar. Eu digo: ‘Com isso aí, eu vou ficar louco, não vou a lugar nenhum. Preciso de 10 mil pacotes por semana e não vou terminar. Vou precisar de 50 máquinas dessas aí’. Aí, eu fui lá comprar a máquina, olhei para máquina, e a mulher pediu vinte quatro mil e quinhentos dólares. Eu tinha dinheiro. Aí, eu digo: ‘Não, eu vou dar uma volta em São Paulo para ver se consigo uma coisa mais moderna, com mais produção’. Aí, dei uma volta em São Paulo e não achei nada. Voltei para Lajeado. Cheguei em Lajeado e digo: ‘Eu vou tentar fabricar uma máquina’. Aí, peguei e não consegui. Não consegui, não, esqueci. Aí, passou uns 15 dias, ‘eu vou a São Paulo’. Fui a São Paulo de novo, fui comprar a máquina. Chegue em São Paulo, o dono da revenda, era uma máquina italiana, não tava lá. Olhei para o fundo numa galeria, o cara tava com a máquina desmontada lá. Disse para ele: ‘O que o cara tá fazendo nos fundos lá?’ Diz ele: ‘Ah, ele tá consertando uma máquina, dando manutenção numa máquina que pifou’. Eu digo: ‘Posso trocar uma ideia com ele?’ ‘Posso’. Cheguei lá e vi a máquina debulhada, cara. Eu vi a máquina desmanchada, aberta. Eu digo: ‘Mas como eu sou burro, como eu sou burro’. ‘Não preciso nem de projeto para isso aí’.

5.1) O senhor entendeu como fazia?

Eu olhei a máquina por cima, e digo: ‘Mas o que, vou fazer essa porcaria melhor que isso aí’. Aí fiz uma máquina que, em vez de fechar três pacotes, fechava cinco pacotes a cada doze segundos. Essa máquina tá até hoje funcionando.

5.2) Então, a primeira vez o senhor viu ela e não comprou. Aí, depois, viu desmontada.

Eu vi ela desmontada [inaudível] e digo: ‘Mas, o que que é isso? Se eu não montar uma máquina melhor que isso aí, eu corto meu pescoço fora’. Aí peguei o avião e vim embora

para Porto Alegre. Era para vir no dia seguinte, queria ficar em São Paulo procurando uma máquina nova, alguma coisa mais moderna. Aí, não achei nada lá e vim embora. No avião, já fiz o projeto, o desenho da máquina. O meu modelo, esse que tá até hoje no mercado.

### 5.3) Que o senhor vende até hoje?

Vendo até hoje. Agora eu vou entregar uma máquina lá em Brasília na semana que vem. Semana que vem, não, na outra semana, dia 22. Tem duas máquinas para vender em São Paulo também, para entregar em São Paulo. Uma para demonstrar e uma tá vendida. Então, aí fui, peguei e fiz uma máquina mais moderna que eles tudo e comecei a vender pros [inaudível]. Botei 250 máquinas no mercado, cara. É com isso que ganho dinheiro, e boto no carro. A mulher p... Tu imagina, tu fazer o primeiro carro, eu botei uns 50, 60 pila ali. Isso aqui, eu comecei a desmanchar essa casa, há uns três anos. Eu comecei a desmanchar essa casa para reformar ela, porque a casa era de madeira e tudo. Aqui foi mais de 300 paus. É dinheiro que eu botei aqui. A mulher queria terminar a casa, eu queria terminar o carro. Agora acostumou mais. Ela viu o carro, deu volta esses dias. A minha filha também, que é médica. O meu genro também, que é médico. Ninguém sabia o que eu tava fazendo.

### 5.4) O senhor fez escondido da família?

Sim, faz uns dois meses que eu abri o jogo para ela. Aí, eu peguei o meu genro, a mulher não tava em Lajeado, peguei o meu genro e a minha filha, eu digo: 'Vamos dar uma volta'. Botei os dois na minha caminhonete e fomos lá. O carro tava rodando já, mas não tava as portas no lugar nem nada. Tava só carroceria do carro montada. A minha filha deu uma volta no carro, com o meu genro. 'Pai, eu quero um para mim. Pode fazer um para mim'. 'Então, paga. Paga que eu to pelado'. Aí, diz ela: 'Não, eu quero de graça'. Diz ela: 'Eu quero, pai, melhor do que isso aqui não precisa'. Ela tem uma Land Rover, a minha filha. E o meu genro tem uma S10 nova. Aí, ele pegou e disse: 'Não, eu também quero um para mim, João'. Isso aqui para mim, em Lajeado e Estrela, é custo zero. Gasta quatro reais para carregar a bateria do carro de noite. No dia seguinte, roda 200 km. Precisa de algo melhor que isso aí? Não paga IPVA, não tem troca de óleo, não filtro, nada, nada, não tem manutenção nenhuma. Só tem que rodar com o carro. 'Esse aí?' Claro, agora eu vou determinar, agora mostrei a fotografia do carro para ela, agora, na

semana passada. Ela tava aqui, tava todo mundo aqui no ano-novo. E ela quer dar uma volta no carro agora.

6) Nesses trechos que eu li, o senhor acha que foi bem representado?

Não, tranquilo, tranquilo, sem problema nenhum. É a real, é a real, pode botar isso aí. Isso não tem erro. (SDR125 – Fidelidade) Todo mundo sabia que eu não nasci em berço de ouro, né. Ninguém ganha nada de presente de ninguém. Hoje em dia, se tu não te virar, tu tá ferrado.

[Breve conversa que fugiu do assunto entre pesquisador e entrevistado].

7) Durante todo o tempo dessa reportagem, o senhor é apresentado como um inventor. Como é que o senhor vê isso? Como o senhor vê a forma como é apresentado nessas reportagens?

Com esse segundo carro aqui... agora já passou sete anos, passou cinco anos, os caras já esqueceram. Mas deve ter meio por cento de Lajeado que sabe que eu tô com um carro novo pronto. Agora que botar o segundo carro. ‘Putá, o cara fez dois carros elétricos’. ‘O cara fabricou dois carros elétricos, nós temos que dar uma força para esse cara ou vou queimar...’ É assim, né. Tem uns que, se não podem ajudar, atrapalham. Outros que podem ajudar e não atrapalham. É assim a vida, não adianta. ‘Ah, vai ter gente queimando?’ Vai. Agora que eu vou rodar com o carro novo, passar na frente deles, o carro bonitinho, tu viu ali como é que tá, né?

[Conversa foge do tema novamente].

Agora, se eu lançar um carro, que foi desenvolvido com um projeto da Universidade de Passo Fundo, eu tô com as costas quentes. Os caras vão olhar o meu carro, ‘puta, o cara fez um projeto dentro da universidade’. E os caras não brincam na universidade. Por isso, eu faço pressão para passar por intermédio deles, coisa lógica, né, que daí eu tô com as costas quentes.

[Encerramento].

**APÊNDICE C: Tabela 4 - SDs Valdomiro**

Número	SD	Tipo	Identificação
1	Foi praticamente a manhã. Eles estiveram aqui em casa antes das seis da manhã. Tomei café, eles acompanharam. Depois nós fomos pro Marinha. Ali nós fizemos a reportagem, a filmagem. Depois fomos para a Orla, onde eu tava correndo e o fotógrafo tava filmando do veículo. Depois fomos até o Iberê, e ali ele filmou, do Marinha filmou também, do drone. Então, foi bastante tempo	Extensão	SDR1
2	Essa foi mais específica e a outra era mais do tempo	Extensão	SDR4
3	Era rápido, porque o tempo deles era curto	Extensão	SDR5
4	(...) às vezes, tem certas entrevistas que a pessoa fala 10 minutos e sai um minuto só. Principalmente na TV, ao vivo. E aqui, no meu caso, não. Tudo que foi perguntado, que eu disse, foi escrito	Extensão	SDR14
5	Olha, eu achei muito interessante	Reconhecimento	SDR2
6	Fiquei conhecido, muita gente que não tinha nada a ver, não corriam, se apresentavam dizendo que leram a reportagem. Achei muito bonito isso. Teve um amplo, foi divulgado mesmo	Reconhecimento	SDR3
7	Fiquei mais conhecido. Muita gente me procurando. Com isso, incentivei muitos jovens também a correrem, né. Porque até então sempre se dizia, 'ah, tá tarde demais', 'não tenho tempo', e além da reportagem eu fui mostrando que é possível, né, começar tarde, porque, como diz na reportagem, a primeira maratona eu fiz com 50 anos	Reconhecimento	SDR6
8	Então, com isso fiquei mais conhecido. Fez bem para a minha pessoa, estima. Vale	Reconhecimento	SDR7
9	Eu acho que sim, porque eu gostei de falar aquilo que eu sabia, que era o que tinha me acontecido. E achei, então, que isso foi interessante, tanto para mim, como para quem leu. Porque isso foi um incentivo para muitos	Reconhecimento	SDR8
10	Achei muito bonito. Aquela parte que foi filmada do drone e eu vi no face. Foi bonita aquela reportagem	Reconhecimento	SDR15
11	Tanta gente passa por mim, cumprimentam, e chamam por nome, uns Valdomiro, outros Seu Valdomiro, eu respondo tudo, mas eu não posso me lembrar de todos	Reconhecimento	SDR18
12	E fiquei muito contente, muito feliz mesmo. Até eu fui depois, no outro ano, à Polônia, que eu tenho um amigo lá, e levei esse caderno do Doc para ele. Mesmo ele não falando português, mas eu traduzi, tem a foto. Então, gostei, fiquei contente com essa reportagem mesmo	Reconhecimento	SDR20
13	Porque ali eu disse a verdade como eu sou. Então, aquilo que está escrito, é como eu realmente sou	Fidelidade	SDR9
14	Foi. 100%. Não houve maquiagem, como se diz. Concordei com tudo que estava ali	Fidelidade	SDR10
15	Sim. Realmente foi aquilo que eu disse, a Mari botou	Fidelidade	SDR12
16	Tudo que ela me perguntou, e eu respondi, foi colocado na reportagem	Fidelidade	SDR13
17	Nada	Fidelidade	SDR16
18	É, é verdade	Fidelidade	SDR17
19	O que eu mais gostei foi a foto mostrando e que diz que eu levanto cedo. Realmente, eu levanto às 4 da manhã, 4h30	Fidelidade	SDR19
20	Eu me senti à vontade. Isso é uma grande coisa. Me senti à vontade com as perguntas, com a entrevista. Respondia sempre espontaneamente. Não fiquei encabulado. Não	Proximidade	SDR11

	fiquei com vergonha de dizer até umas coisas que eu botei ali, que expliquei, que foram cômicas, aconteceram realmente. Não escondi. Então, eu acho que, repetindo, me senti à vontade		
21	Eu, correndo, encontrei ela correndo. Como eu gosto de fazer amizades, perguntei se eu podia acompanhá-la. Ela disse que sim. Aí ela disse que era jornalista, né, e ela depois pediu pelo e-mail se ela podia fazer uma entrevista pro blog dela. Aí ela mandou as perguntas e eu escrevi, respondi as perguntas. Assim que começou a nossa amizade	Recorrência	SDNROD 1
22	Como eu treino sempre de manhã, uns bons anos atrás, a RBS sempre fazia a reportagem do tempo ao vivo e embaixo do viaduto aqui da José de Alencar com a Borges. Como é o meu trajeto de ir para a Orla e voltar, eu encontrava o pessoal e volta e meia eles me entrevistaram, direto, ao vivo, naquele programa do tempo da RBS	Recorrência	SDNROD 2

**APÊNDICE D: Tabela 5 - SDs Édison**

Número	SD	Tipo	Identificação
1	(...) a função do jornalismo é trazer para a gente a paisagem do que está acontecendo na sociedade. Eu respeito muito o jornalismo, porque, se nós unirmos todos os jornais de cada dia, nós vamos ter a história mais completa do Rio Grande do Sul	SDJ	SDJ1
2	Se tu quer saber mesmo o que tu tava funcionando no dia, eu acredito que é até muito mais importante que um livro de História, porque traz muitas informações	SDJ	SDJ2
3	É muito importante o jornalismo, por isso que eu também, quando vem falar comigo, eu tenho uma grande satisfação. Porque vão construindo esse cotidiano. Independente do certo e do errado, está dizendo o que está acontecendo	SDJ	SDJ3
4	(...) do meu ponto de vista, o jornalista bom é aquele que sabe escrever bem	SDJ	SDJ4
5	O jornalista tem que ir a campo, tem que ter uma afinidade e um conhecido também sobre o tema, um conhecimento de quem é entrevistado e de todo o contexto. E escrever bem, do meu ponto de vista, e saber dialogar com quem é entrevistado, confiar nele e fazer o feedback, mostrar para quem é entrevistado se está bom o texto	SDJ	SDJ5
6	Então, me chamou a atenção essa interação da imprensa, que viu que era uma coisa boa...agora um repórter vai fazer lá, outro vai fazer aqui, nós vamos fazer aqui em Porto Alegre, onde o São Nicolau está exposto. Aí, depois lá, quando o São Nicolau voltou, fizeram uma festa lá, então fizeram toda a cobertura	SDJ	SDJ6
7	Porque, na reportagem, tu fala a tua parte. E aí a imprensa também fala com outros para ver se realmente é verdade. Então, eu acho muito legal isso e a gente fica muito mais tranquilos, porque a outra pessoa que participou da pesquisa vai ter a sua liberdade para falar sem a minha interferência, né, então isso foi excelente	SDJ	SDJ7
8	Essa aqui, como eu estou falando, eu já sabia que ia ser um álbum, alguma coisa assim de 'agora vamos fazer uma reflexão sobre todas'	SDJ	SDJ8
9	Eu percebi que teve um método mais pensado, não é	SDJ	SDJ9
10	Em outros casos, não sabem o que vão fazer porque não sabem o que está acontecendo	SDJ	SDJ10
11	(...) a diferença dessa aqui é que ela foi muito mais organizada, porque a imprensa já veio com uma pauta pronta, né. Outras não, outras foram para ver o que era. 'Mas será que é mesmo? Então vamos lá fazer a entrevista'. E aí, depois da entrevista, eles voltam para ver os dados, os relatórios. Essa foi a diferença. Essa aqui teve um método, foi muito bem pensada, estruturada	SDJ	SDJ11
12	Eles não se perguntavam muito como você tá se sentindo. Às vezes, eu mesmo me dizia: 'Tô me sentindo tão satisfeito com essa pesquisa, né'. Mas não era o foco o meu sentimento, como eu estava me sentindo, era a coisa fluindo em si, era o que tava acontecendo	SDJ	SDJ12
13	Eu percebo que alguns jornais, às vezes, até não coloca o nome, só a pesquisa. Por exemplo, aqui num jornal sobre a múmia, agora ultimamente, nesse jornal aqui, Gazeta, eles colocaram que a PUC fez a descoberta. Tá bom, mas se sabe que fui eu	SDJ	SDJ13

14	Então, para mim, o jornal importante é aquele que valoriza a instituição e a pessoa. Não é aquela coisa ‘o município fez’. Então, eu percebo que existe isto...é muito raro aparecer, mas algum jornal aparece quem fez a descoberta foi a PUC, mas não coloca os indivíduos. Para mim, é um erro muito grande e o pessoal, do meu ponto de vista, lê essa informação ‘mas então tá, foi’	SDJ	SDJ14
15	(...) ela se sentiu bem também com isso daí. Todo mundo ganha, né, Eduardo. O repórter que fez para a história dele, para mim, para a imprensa, para todos que veem. Acho que o jornal faz isto, por isso acho que representou	SDJ	SDJ15
16	Mas, em geral, o pessoal passa o texto e eu reviso também. Às vezes, quando não passa o texto ou coloca online, no online dá para arrumar, né, já aconteceu casos... ‘meu nome falta uma letra’. Isso, às vezes, acontece, né, Eduardo. Isso, para mim, não é o problema. Pode arrumar. E mesmo se for errado depois, quem lê o jornal não vai se preocupar se faltou uma perninha ou não. Claro que não é o ideal, se faltou um ‘y’, se faltou um trema, etc, ou esqueceu de colocar o nome de alguém	SDJ	SDJ16
17	Claro, já aconteceu, sim, de uma letra, uma data, mas isso não era o problema. Para mim, o texto sempre está em construção. E assim por diante	SDJ	SDJ17
18	A gente sabe que esse pessoal da imprensa fica numa tensão muito grande de terminar pautas, etc, etc. Então, eu já sei disso e, para mim, é muito natural	SDJ	SDJ18
19	Mas eles focaram na primeira pessoa	SDJ	SDJ19
20	Eu já vi muitas citações de ‘caçador de relíquias’, de ‘Indiana Jones do Pampa’. Eu achei interessante os vários títulos que foram colocando. Me chamou a atenção isso. Ou o outro pesquisador lá do Código Da Vinci. Porque a imprensa gosta de chamar a atenção do leitor, então eu achei que foi legal isso	SDJ	SDJ20
21	Eu primeiro comunico sempre pro Zero Hora porque eu percebo que eles sempre dão atenção, não desmerecendo	SDJ	SDJ21
22	Alguém me disse que é errado isso, né. ‘Não, tu tem que fazer uma pauta para mandar para todos’. Como eu não entendo... como eu sei que, o Zero Hora, eles vão fazer uma grande reportagem, vão aproveitar bem. Porque outros eu já passei e fizeram uma coisinha desse tamanho, né	SDJ	SDJ22
23	O Correio do Povo também tem valorizado muito. Então, e eu percebi uma coisa interessante, já fiz reportagem em jornal de Pelotas, de Santa Maria, eu percebi que os jornais de lá já querem fazer uma coisa grande também. Me chamou a atenção isso. Tem jornais de Santa Maria que fizeram a reportagem sobre o sino, então eu vejo que eles estão pegando o padrão um pouco de Zero Hora de fazer uma coisa grande	SDJ	SDJ23
24	Eu estou com uma pesquisa nova, agora, mas eu estou vendo o momento para lançar. Como agora está no final no ano, tu tem o momento, né, Eduardo	SDJ	SDJ24
25	Então, como é que eu faço para divulgar a pesquisa? Primeiro, eu tenho que ter um relatório. Eu tenho que ter um relatório comprovando a pesquisa. Porque aí, quando a imprensa vem, ‘olha, eu tenho a pesquisa, a pesquisa é essa, eu vou mandar o relatório para vocês’. Eu mando sempre por e-mail, em PDF, os relatórios	SDJ	SDJ25
26	Só que eu não disse a cidade. Eles perguntaram. Eu disse: ‘A cidade eu não vou dizer agora, só vou dizer quando tiverem	SDJ	SDJ26



	me entrevistando. Então, ‘Bah, nós vamos acreditar em ti, tu falou em múmia, vamos aí’		
27	Eu vejo assim que, às vezes, tu partilha uma descoberta e a imprensa lá, eles vão ver, ‘mas será que dá para ir mesmo?’ Se o jornalista, foi ele quem fez a ponte, o jornal acredita nele. Então, eu percebo para nós, quando a gente faz a entrevista, a responsabilidade é muito grande. Tu tá lidando com a confiança do jornalista, da imprensa toda, da instituição	SDJ	SDJ27
28	Então, eu percebo assim que, hoje, existe uma proximidade mais com o jornal, com o jornalista, para ti explicar com calma o que é. Eles mesmo vão fazer entrevistas lá depois, onde é que foi, etc. E, depois, quando tu tem o documento científico, comprovou que é, deu	SDJ	SDJ28
29	Então, várias coisas podem vir depois, mas qual é o foco? O foco é na descoberta. Tá aqui. A reportagem depois pode girar ao redor	SDJ	SDJ29
30	(...) o foco é a pesquisa, os relatos orais ao redor. Mas a imprensa também pode valorizar outros relatos mesmo que não sejam verdade, mas o ponto, a tese, está confirmada	SDJ	SDJ30
31	Essa relação de confiança é importante para se estabelecer um diálogo. Tu dá a informação e eu não sei o que está acontecendo, o que será que vai dar. A confiança vai dizer assim: ‘Puxa, o jornalista, ele vai saber que eu quero saber mais como é que vai ser a reportagem’	SDJ	SDJ31
32	(...) numa reportagem, não é só pegar a informação e sair correndo. É até ela ficar bem feita, né, Eduardo	SDJ	SDJ32
33	Precisa um relatório, um dado científico	SDJ	SDJ33
34	Em geral, são repórteres que eu já conheço	SDJ	SDJ34
35	Ali eu confiei, assim, porque, conforme o diálogo que ela teve comigo, eu senti no diálogo que dava para confiar, até porque eu coloquei coisas que não poderiam dar desconfiança lá fora. Todo o meu diálogo... e tudo eu deixo gravado, né, Eduardo	SDJ	SDJ35
36	(...) se lá naquele jornal ali tivesse saído uma coisa errada. Pedir desculpa, não, tudo bem. Só que nós vamos ter que arrumar e no impresso não dá mais. Não aconteceu isso, mas eu diria: ‘Bom, agora nós podemos arrumar lá no online’	SDJ	SDJ36
37	Não pode ter coisa errada. Se tivesse uma informação errada, que interferisse aqui, eu falaria para eles: ‘Olha, nós vamos ter que mudar lá na página, porque não é isso aí. Se não eu vou dizer na imprensa que não é e vai ficar mais chato’	SDJ	SDJ37
38	(...) além de eu analisar coisas do passado, isso eu vou aprendendo. Mas, ao mesmo tempo, tá me dando um feedback também para mim dizer para a imprensa agora como refletir a nova cultura, como dar oportunidade para pessoas que queiram desenvolver a arte hoje, né, ou a nova arquitetura	SDJ	SDJ38
39	Eu percebo que, quando os alunos vêm visitar aqui, ‘bah, eu quero uma foto também’	SDJ	SDJ39
40	Eu falei para a imprensa que o grupo ia estar ali, mas eu não vi tanto interesse da imprensa	SDJ	SDJ40
41	(...) tem algum jornal que não coloca o nome do pesquisador, coloca a instituição. Isso está errado, do meu ponto de vista. Tem que colocar como é que foi. O pesquisador descobriu, tá. Do meu ponto de vista, assim, as universidades ou mesmo o livro são plataformas para dizer qual é a pesquisa	SDJ	SDJ41
42	Mas eu não esperava que ia ser tanta folha assim, né?	Extensão	SDR24

43	Essa aqui foi a primeira vez. Até porque, nas outras vezes, não dava tempo, não era o foco	Extensão	SDR31
44	(...) as outras reportagens, no máximo, é duas páginas, né. Então, eu fiquei muito impressionado. Puxa, seis páginas	Extensão	SDR44
45	‘Pô, contracapa, cinco páginas dentro’. Isso aí é uma coisa que foi bem diferenciado	Extensão	SDR45
46	(...) para mim, foi um método muito interessante, que ela colocou um mapa para colocar os conceitos, porque, às vezes, a gente tem muito informação, mas não tem o mapa. O mapa, no caso aqui, é a imagem. Então, tá lá a figura e eu tô fazendo o meu trabalho cotidiano	Reconhecimento	SDR23
47	Eu fiquei muito impressionado porque ela conseguiu, do meu ponto de vista, e vi que ela preparou também, consegui desencadear, a partir das pesquisas que já estavam sendo feitas, desencadear também aspectos pessoais, de sentimentos	Reconhecimento	SDR25
48	As perguntas foram muito boas, porque valorizaram uma vida, valorizam a pesquisa e valorizam também entrar no discurso de uma descoberta que estava sendo feita	Reconhecimento	SDR27
49	Olha, eu achei que foi maravilhosa. Seis páginas...foi bom, né. Eu senti que Zero Hora investiu, valorizou	Reconhecimento	SDR28
50	As fotos também foram excelentes, valorizaram também a pesquisa que estava sendo feita na hora	Reconhecimento	SDR29
51	Eu não pensava que ia ter tanta repercussão assim, essa minha página, né. Então, isso foi uma coisa importante que aconteceu	Reconhecimento	SDR30
52	(...) eles queriam saber quem era eu. Ouviram a minha história, onde que eu nasci, então foi muito importante isso. É a minha identidade	Reconhecimento	SDR32
53	Eles trabalharam muito com fotografia, foi o fotógrafo junto. Eu percebi que, realmente, o cara era muito bom na fotografia. A imagem é tudo. Imaginem aí uma reportagem dessas sem imagem?	Reconhecimento	SDR33
54	Do meu ponto de vista, foi perfeito. Valorizou	Reconhecimento	SDR49
55	Com certeza, isso aí é um selo, é uma carta, faz história, né, Eduardo. Então, para mim, mudou muito. Puxa, singular, né. Algumas pessoas são escolhidas para fazer e tu faz parte. Quem é que a reportagem vai convidar? Quem, de repente, Édison eles conhecem e poderia, sabia que tinham elementos para valorizar. Então, eu me senti assim muito orgulhoso. Singular, né, saiu	Reconhecimento	SDR50
56	Mas aí eu percebi que a Zero Hora, eles captaram isso aí. Aí, eles começaram a olhar as pesquisas deles, papapapa. ‘Mas esse aí tá merecendo uma coisa, né’	Reconhecimento	SDR51
57	Envolveu o pessoal, envolveu o sair para fora, envolveu também uma pesquisa que foi lançada. Essa reportagem lançou uma pesquisa também. Isso foi um fator diferencial, né	Reconhecimento	SDR52
58	Eu me dei conta que o pessoal já está nos conhecendo	Reconhecimento	SDR53
59	Foi muito importante a imprensa colocar isso porque foi aí que começou. Aí foi o primeiro olhar. Então, eu senti que eles pegaram logo a ideia de saber onde que é eu comecei	Reconhecimento	SDR57
60	Eu achei muito interessante essa questão deles colocar o amigo do papa. Claro que eu não sou, assim, amigo do papa. Mas, talvez, pelo fato dele ter enviado essa carta oficial pela Secretário de Estado do Vaticano, eles colocaram essa ideia do amigo e eu achei interessante, do meu ponto de vista, para agradar os leitores	Reconhecimento	SDR58
61	E foi bem interessante que ela veio no lugar onde eu trabalho	Fidelidade	SDR21

62	Então, eu disse para a Aline: 'Que bom que tu veio no nosso processo'	Fidelidade	SDR22
63	Ela fala ali que 'Ele ri', e realmente eu ri	Fidelidade	SDR26
64	E quem leu percebeu, do meu ponto de vista, que a entrevista foi feita me acompanhando, além dos meus dados pessoais	Fidelidade	SDR34
65	(...) pela proximidade da reportagem. Não foi alguém que estava julgando, nem dizendo se eu estava certo ou errado. Tava dizendo o que estava acontecendo. E essa reportagem mostrou quem era eu. Sou eu lá. Minhas palavras, são as pesquisas. Pela coerência da reportagem. A coerência da reportagem mostrou a identidade e realmente era isso	Fidelidade	SDR35
66	Sim. Uma parte deles, a grande parte deles, 99%. Com certeza	Fidelidade	SDR36
67	As perguntas feitas sobre a identidade, sobre 'como é que você estava se sentindo', 'como é que foi naquele momento', 'quais são os instrumentos que você usa para trabalhar', então, por isto	Fidelidade	SDR37
68	Para mim, a parte mais interessante foi aquela... como tava acontecendo no momento, já não era das outras coisas, né. Tava acontecendo lá na Igreja Nossa Senhora dos Passos. Foi naquele momento ali que eu estava olhando as imagens, tava vendo se não tinha outra, e realmente pode ter uma missioneira lá. Aí eu fui lá para pesquisar mesmo. Então, foi um momento que me chamou a atenção quando eles mostraram a imagem de eu vendo, com o binóculo, dentro da igreja. Quem é que vai olhar com um binóculo dentro da igreja para ver qual é o santo? Ninguém olha. Então, isso é uma coisa que tem que olhar, para saber o que é, quem é que tá ali	Fidelidade	SDR38
69	A imagem lá, caminhando com a pasta, com os óculos, descendo, vendo, eles estão vendo que eu estou analisando os santos ali. E eu realmente tava	Fidelidade	SDR39
70	É fiel	Fidelidade	SDR40
71	Não teve assim alguma coisa 'Bah, não era para ter colocado	Fidelidade	SDR41
72	Não, tudo que eu relatei foi colocado	Fidelidade	SDR42
73	Eu recebi essa carta mesmo. Então, ela colocou assim, 'Puxa, ele também tem uma relação lá com Arquivos Secretos do Vaticano'. E eu fui mesmo lá. E, realmente, na época, essa carta abriu os caminhos lá para eu fazer a pesquisa no arquivo	Fidelidade	SDR43
74	Não, não mudaria nada nela. Para mim, ela foi bem feita. Num sentido, se fosse mais páginas, teria mais coisas, né. Mas eu acho que foi bem feito. Muito bem feito, com certeza	Fidelidade	SDR46
75	Vai. Do meu ponto de vista, sim. Tá bem explicado ali, a identidade, quem é, as pesquisas	Fidelidade	SDR47
76	(...) está ali as informações	Fidelidade	SDR48
77	Aí revelou mesmo, né, Eduardo. E o interessante é que o pessoal lá da RBS foi junto nesses três dias de barco	Fidelidade	SDR54
78	O pessoal viu o que era o espírito aventureiro porque o pessoal da RBS tava junto na viagem de barco	Fidelidade	SDR55
79	(...) quanto mais a imprensa puder estar junto, acompanhar mesmo o que está acontecendo, eles vão saber realmente como fazer o texto e pegar o espírito da coisa. Uma coisa é no telefone, né, a outra coisa é estar junto	Fidelidade	SDR56
80	Ela colocar 'amigo do Papa', eu achei interessante, né. Eu não sou amigo do Papa, mas talvez para valorizar a coisa	Imprecisão	SDNR1

81	Poderia ser algo assim, mas vejo que, também, aí seria tanta coisa. Mas quem entende, talvez... eles souberam disso aqui. Talvez, o jornalista que entende do espaço, para não ficar tão cheio de coisas também	Exclusão	SDNR2
82	Quem viu essa reportagem percebeu que, com certeza, teria mais coisas, mas foi um portal	Exclusão	SDNR3
83	(...) sim, teria mais coisas para colocar ali	Exclusão	SDNR4
84	O tema aqui é arte sacra, são descobertas. Então, essa foi a temática colocada aqui. Não misturou outras coisas, não foram tantas, foi uma só. Por exemplo, a deusa Niba, que é mais africana. Então, foi realmente o principal	Exclusão	SDNR5
85	Onde é que eu estudei e coisas assim, mas não foram muitas, não, né, Eduardo. Foi mais vinculado mais ao tema. Nada fora, assim... o que tu gosta de comer? Isso também não era o foco	Exclusão	SDNR6
86	Eles não colocaram isso e eu achei interessante não colocar para não entrar no mundo muito místico, não era a coisa mística aqui, eu entendi. E, se fosse, não estaria nesse texto, estaria em uma outra versão, que também poderia ter o espaço aqui, para ver a questão mística das coisas, do sagrado, e assim por diante, do movimento das pessoas	Exclusão	SDNR7
87	A Aline me telefonou, que gostaria de fazer uma reportagem sobre as minhas pesquisas. Uma reportagem especial. E como eu conheço ela, se eu não engano foi de uma outra entrevista, agora eu não me lembro, ela veio aqui nesta sala, com um fotógrafo, e essa entrevista que nós estamos vendo aqui, Singular	Recorrência	SDNRO D3
88	Porque eu já tenho uma tradição de pesquisas com Zero Hora. Eu, para mim, Zero Hora é um jornal que tem uma repercussão e eles sempre confiaram no meu trabalho	Recorrência	SDNRO D4
89	Então, eles me procuraram porque já sabiam que tinha uma grande... já faz mais de 20 anos, né, que a gente está pesquisando isso. E me procuraram, também, porque o jornal está acompanhando as coisas. Então, o que eles estão fazendo, do meu ponto de vista, é fazendo um álbum, na prática	Recorrência	SDNRO D5
90	Sim, já conhecia	Recorrência	SDNRO D6
91	Ela trabalhava lá no Diário Gaúcho e lá tinha uma colega dela que um dia disse: 'Seria interessante um dia fazer uma reportagem só sobre você'	Recorrência	SDNRO D7
92	Desde 2004, 2005, acredito que umas 20 reportagens, mais ou menos	Recorrência	SDNRO D8
93	(...) a primeira foi em 2004. Se eu não me engano, não sei se foi na Band, foi sobre cultura indígena. Foi na televisão. A primeira vez foi em 2004	Recorrência	SDNRO D9
94	Depois vieram outras. Sobre a cruz lá de São Miguel. Tinha aquele canal lá da RBS que não tem mais. TVCom, né. Outras entrevistas também na Band, Band nacional, lá em Alegrete, RBSTV, várias que vieram. Foram bem feitas as entrevistas	Recorrência	SDNRO D10
95	Para dizer a verdade, até um dia eu estava cansado de dar tanta entrevista	Recorrência	SDNRO D11
96	Cada ano tem surpresas, como é a pesquisa. Então, esse foi a maior repercussão de todas no jornalismo. De fora também. Saiu reportagens na Folha de São Paulo, aquela lá [aponta], depois linkou com outros jornais. Eu fiquei muito impressionado que essa aqui [aponta], fez uma menina lá de São Paulo, 'Religioso caça peças roubadas no Rio Grande	Recorrência	SDNRO D12

	do Sul', foi a Priscila, ela me telefonou lá de São Paulo. Então, essa aqui saiu acho que nuns 50 jornais		
97	Outra que foi importante também foi sobre São Nicolau, né, que nós encontramos lá em Santa Maria, que tinha sido roubado de São Nicolau. Então, saiu várias reportagens e entrevistas, e eles foram fazer toda uma história	Recorrência	SDNRO D13
98	(...) já tenho até uma tradição com Zero Hora. É quase uma família, por um lado, com essa imprensa	Recorrência	SDNRO D14
99	(...) eu estou percebendo que eles aumentaram mais a reportagem sobre as minhas pesquisas, acredito que tendo em vista o padrão de Zero Hora, que faz sempre uma reportagem grande, uma página, duas. Isso eu estou percebendo bastante	Recorrência	SDNRO D15
100	A Aline, a Bruna, e outros ali. Então, eu já conheço eles. Em geral, eles têm mandado repórteres que me conhecem	Recorrência	SDNRO D16

## APÊNDICE E: Tabela 6 - SDs Gislane

Número	SD	Tipo	Identificação
1	Eu sou Bolsonaro e não estou muito satisfeita, nem com Globo, nem com G1. Eu não entro e simplesmente bloqueio a minha televisão nesses canais	SDJ	SDJ42
2	(...) hoje em dia, chega tanta informação errada que tu não sabe aonde te fixar. Não tem um porto seguro, porque tu não vê mais seriedade nas coisas. Tu não vê, é uns querendo engolir os outros. É a esquerda engolindo a direita e a direita engolindo a esquerda. Então, não existe mais uma verdade, é a minha verdade, é a tua verdade, é a verdade de cada um	SDJ	SDJ43
3	E não há uma imparcialidade mais. Tu não vê mais essa imparcialidade e tu vê muita injustiça, sabe	SDJ	SDJ44
4	De dizer o que não é verdade. De fantasiar as coisas. De ir além daquilo que realmente. De mostrar a tua verdade, o teu parecer, o parecer do teu grupo e não o que realmente é o interesse das pessoas ou o interesse coletivo. A imparcialidade, na realidade. Por que o que deveria ser o jornalismo? A imparcialidade	SDJ	SDJ45
5	(...) seria informativo. Passar informação. Real. Julgamento, faz cada um. Eu, tu, de acordo com a minha verdade, com a tua verdade	SDJ	SDJ46
6	(...) o cara passa a informação. Informação da direita, digamos. Aí passa a informação da esquerda e tu cria o teu critério. Mas ele passou as duas visões. Entendeste? Aí tu tira a tua conclusão, sabe	SDJ	SDJ47
7	(...) ultimamente está muito complicada essa história da imprensa. Bastante complicado	SDJ	SDJ48
8	Eu era apaixonada pelo Boechat, né. Aquele cara, eu era apaixonada. Que sirva de exemplo para todos nós. Ele era um cara fantástico, não tinha...ele era imparcial, ele debochava de tudo e todos. Ele era uma pessoa verdadeira. Eu achava ele excelente. Assistia todas. De lá para cá, muito pouco, porque ninguém substituiu ele a altura	SDJ	SDJ49
9	Perfil seria algo de alguém, ou de alguma coisa, ou de algum grupo. Tu seguir algo	SDJ	SDJ50
10	O que a Larissa fez comigo	SDJ	SDJ51
11	Então, não é nem pela propaganda, porque isso não é necessário, é para que as pessoas saibam que é possível fazer algo diferente, basta querer	SDJ	SDJ52
12	O que diz a verdade	SDJ	SDJ53
13	Acho que tudo que tu faz na vida, filho, tu tem que ter paixão. Aquele encantamento. O encantamento de ser o repórter, o encantamento de ser a Vovó Gi, o encantamento de cuidar de cães	SDJ	SDJ54
14	Eu acho que o bom repórter é aquele que consegue ser ele mesmo. Criar o seu perfil, criar, entendeste	SDJ	SDJ55
15	É que o escrito fica para sempre. O escrito fica para sempre, mas os dois falaram fielmente aquilo que a gente tava conversando, mas é diferente	SDJ	SDJ56
16	(...) na época, eu me lembro que eu fui buscar o jornal, eu me sentei no chão do posto de gasolina e me desabei a chorar, porque eu jamais pensei que fossem quatro, cinco páginas dum jornal, sabe. Digamos, o melhor jornal do sul. Eu achei inacreditável. Eu não esperava que tivesse sido	Extensão	SDR65

	uma reportagem tão grande assim. E, na época, a gente conseguiu bastante padrinhos para os cães abandonados até		
17	Tu imagina, seis horas do lado de uma pessoa. A gente falou tanto, tanto, tanto, mas é que a essência é isso. Ela conseguiu captar exatamente a essência do sítio e transcrever em palavras. Lindas palavras, sabe. Simples, na linguagem popular, que todo mundo entender, sem frescura. Eu achei linda a reportagem	Extensão	SDR75
18	Essa aqui foi além das minhas expectativas. Eu imaginei uma reportagenzinha, jamais imaginei isso aqui, foi além das minhas expectativas, sabe	Extensão	SDR79
19	Isso aí a gente entrou no antes, tanto que ele cita o período da escola na reportagem, isso a gente falou bastante também. Por isso que eu te digo que foi feito...A Gi veio desde o começo, só faltou vir na infância	Extensão	SDR84
20	E como é tão diferente eu sempre achei importante que as pessoas soubessem que é possível	Reconhecimento	SDR61
21	Por ser diferente, por ser diferente. Por haver essa diferenciação incomum, porque eu não vi ninguém igual a mim ainda	Reconhecimento	SDR62
22	Nem sonhava	Reconhecimento	SDR63
23	(...) era eu, a câmera na minha frente, então é diferente, sabe	Reconhecimento	SDR69
24	Fora os padrinhos, que era o meu objetivo mesmo, não vi diferença nenhuma do antes e do depois. Só isso, tu passa a ser mais conhecida, tu vê: 'Ah, a Vó Gi', 'Ah, já ouvi falar'. Tem gente que já ouviu falar. Alguém já ouviu falar	Reconhecimento	SDR85
25	Talvez sim, porque eu vi muita gente dizer 'ah, a reportagem na Zero Hora'. É aquela história, é a Zero Hora, um jornal importante, a quantidade de páginas. 'Como é que ela conseguiu?' Então, fica aquela coisa, né, mais por trás	Reconhecimento	SDR86
26	Quando eu era mais jovem, era. No tempo da minha escola, eu sonhava com algo assim, que divulgasse a escola, porque naquele tempo não tinha internet, que divulgasse, que aparecesse. A gente tentou várias vezes, nunca consegui	Reconhecimento	SDR87
27	(...) ela foi até o local, que tu tem uma segunda visão, porque uma coisa é o que a gente fala, outra coisa é o que é. Circulou por tudo, pode visualizar	Fidelidade	SDR59
28	(...) primeiro houve todo o esgotamento da parte fala, de eu me apresentar, de ela se apresentar, de eu apresentar o espaço, e depois houve a constatação, entendeste, de como era realmente o espaço. E aí veio a conclusão dela, que foi perfeita, não tinha o que dizer ali que tivesse não sendo fidedigno. Me representa, a Larissa me representa	Fidelidade	SDR60
29	Cada vez que eu leio, eu me apaixono. Porque, assim, realmente, é a minha fala ali. Sabe, na boca da Larissa, porque ela contou a história e eu achei muito linda a forma como ela contou a história, sabe. Como se a gente estivesse vivendo aquele momento de novo, sabe	Fidelidade	SDR64
30	O visual. Apesar de que teve o clipe também, mas em nenhum momento aparece a Larissa. A Larissa fica por de trás. A Larissa é a minha porta-voz, digamos assim. E ali o porta-voz é o Evandro	Fidelidade	SDR67
31	(...) ela fala exatamente o que é o sítio. Ela sentiu o sítio	Fidelidade	SDR68
32	Isso eu digo sempre. 'Há de se fincar os pés no chão para não ser levado pelo redemoinho'. (risadas). Eu achei fantástica essa fala dela	Fidelidade	SDR70
33	(...) porque a essência foi falada	Fidelidade	SDR80
34	Perfeito, porque foi fiel	Fidelidade	SDR81

35	Claro que foi filmado horrores e foi feito com as melhores partes, né. Mas é que é o local, é assim. Não foi nada fantasiado	Fidelidade	SDR82
36	É a realidade, foi o que aconteceu	Fidelidade	SDR88
37	É que eu já falo demais por natureza, então eu me sinto à vontade. Não me sinto constrangida	Proximidade	SDR66
38	A Larissa é uma pessoa muito querida, ela me deixou bastante à vontade	Proximidade	SDR71
39	Ela me deixou bastante à vontade, como se eu tivesse com uma amiga, não com uma repórter ali. Me senti bastante à vontade de estar do lado dela, de mostrar tudo para ela. Não me senti, em nenhum momento, constrangida ou 'ah, isso aqui eu não vou mostrar'. Sabe, é como se eu estivesse com uma amiga	Proximidade	SDR72
40	Às vezes eu acho que as pessoas devem se sentir um pouco constrangidas, mas eu não me senti nem por um momento	Proximidade	SDR73
41	Não sei se é porque eu estou acostumada a me relacionar com as pessoas, não sei. Não me senti, não me senti envergonhada, não me senti constrangida, não sei. Ou ela me deixou muito à vontade	Proximidade	SDR74
42	(...) é diferente, mas eu me senti também extremamente à vontade, como se a televisão fizesse parte da minha vida	Proximidade	SDR76
43	Eu não sei se eu virei uma velha exibida, até bem mais à vontade do que no clipe que eu vi, porque o clipe era eu e aquela câmera. Apesar da Larissa estar ali, era eu e a câmera. Eu não falei tão à vontade como eu falei no outro	Proximidade	SDR77
44	Porque tanto a Larissa, quanto o Evandro, tanto os rapazes que foram fazer foto e coisa, são pessoas que nem a gente, deixam a gente super à vontade	Proximidade	SDR78
45	Eu sou tão autêntica, cara. Eu sou o que eu tenho que ser, na hora que eu tenho ser e digo o que eu tenho dizer na hora que eu tenha que dizer	Proximidade	SDR83
46	Não entrou muito porque é um lado meio complicado	Exclusão	SDNR8
47	Eu tenho um pai de um cachorro que é o Alfredo Fedrizzi, que eu acho que ele também é repórter da Zero Hora	Recorrência	SDNRO 17
48	Duas. Aí foi reportagem na Band. Foi TV	Gislane	SDNRO 18
49	Então, já pega a prática (risadas)	Gislane	SDNRO 19
50	A primeira da Band era mais ou menos o que eu esperava, a segunda foi além da minha expectativa, pela quantidade de repercussão que teve. Ali sim teve uma repercussão enorme	Gislane	SDNRO 20



## APÊNDICE F: Tabela 7 - SDs Dauri

Número	SD	Tipo	Identificação
1	Olha, a função, eu, como já mencionei antes, não tenho faculdade, sou um simples profissional, mas a minha faculdade, eu digo sempre, é a faculdade da vida, né	SDJ	SDJ57
2	(...) o jornalismo sempre é importante, porque sempre a notícia do dia, toda a notícia, os acontecimentos do dia, desde notícias ruins até as notícias boas, alguém precisa divulgar, né. Então, o jornalismo, a imprensa, divulga isso dessa maneira, tanto a imprensa falada, escrita, né. Então, eu acho super importante, porque, sem notícias, nós estaria parado no tempo, como há 100, 200 anos atrás, que não existia, talvez...	SDJ	SDJ58
3	Bom, eu entendo, assim, como se escreve, teria que conhecer primeiro o personagem, a pessoa que está sendo focada, conhecer o passado, o que que faz, como faz, e aí, em cima disso, divulgar, tentar registrar o que deu para captar dessa pessoa	SDJ	SDJ59
4	Para mim, sempre é um prazer, é muito legal, porque o meu interesse não é só meu	SDJ	SDJ60
5	(...) o meu interesse não é só o que é bom para mim, eu gosto de colaborar	SDJ	SDJ61
6	Eu sempre digo assim que o jornal e a TV não querem só divulgar notícias ruins, que é o que mais tem, é assalto, é morte, é acidente de trânsito. E, essas notícias do meu trabalho, eu acho que deve ser, pelo menos para muita gente, uma notícia gostosa de ler, interessante para ler e para ver, quando alguém faz alguma coisa boa	SDJ	SDJ62
7	(...) quando se fala de uma imprensa forte que nem a Zero Hora é um profissionalismo bom, eu acho que ótimo, sem dúvida nenhuma	SDJ	SDJ63
8	(...) mas a maioria comete erros. Eles fazem a entrevista, escutam, mas a histórias às vezes muda um pouco, mas isto é normal. A Aline acho que não aconteceu quase nada. Ela é profissional, sem dúvida nenhuma	SDJ	SDJ64
9	Olha, bom é a capacidade de perguntar, entrar a fundo na questão, perguntar detalhes do que se quer divulgar e... bom é aquele profissional que tem capacidade fácil de se expressar	SDJ	SDJ65
10	(...) eu acho que o repórter deve ser simpático, deve ser honesto e correto, porque ele é uma pessoa estranha da casa	SDJ	SDJ66
11	(...) você hoje está aqui, é uma pessoa estranha e, se você for uma pessoa correta, honesta e simpática, você já entra na minha família aqui, onde eu posso ter confiança	SDJ	SDJ67
12	(...) o valor do repórter é a capacidade que ele usa, que ele sabe, para fazer a matéria e não cometer erros	SDJ	SDJ68
13	(...) eu acho que tem que ser muito correto. Eu percebo que, muitas vezes, os repórteres exageram, aumentam um pouco. Ou é o perigo, ou o tamanho ou a beleza. Então, tem alguns que, às vezes, fazem de uma pulga um elefante, porque eles querem impressionar, talvez	SDJ	SDJ69
14	A tendência é, para chamar a atenção, eles até usam expressões fortes assim, não erradas, mas para chamar a atenção para a imprensa	SDJ	SDJ70
15	(...) eu acho que o bom repórter deve ser correto, deve ser honesto, tem que ficar na verdade, não aumentar e não precisa nem esconder algum fato grave	SDJ	SDJ71

16	(...) às vezes é um erro de número, por exemplo. Acontece muito. Por exemplo, se hoje você me perguntar quantos relógios eu já consertei, então eu digo que estou chegando perto de 100. Relógios de igreja, só relógios grandes, gigantes. Eu não tenho o número exato. Tenho tudo registrado, mas nunca me dei o trabalho e o tempo de contar. Mas, aí quando eu falo em 100, alguns já falam em mais de 100 relógios consertados	SDJ	SDJ72
17	Para impressionar, muitos têm essa tendência. Não é todos, mas tem várias que eles, às vezes, querem chamar mais a atenção do que realmente é. Então, acho que não fica bem, porque, como entrevistado, eu não tenho interesse em fazer sensacionalismo, querer aumentar, mentir, e também não quero enganar. Então, eu acho que a verdade, a realidade, é sempre o que vale	SDJ	SDJ73
18	(...) cada reportagem que sai de jornal é uma propaganda de graça, mas acho que eu também contribuo para o jornal e para todos	SDJ	SDJ74
19	(...) eu nem sou tão exigente também a ponto de querer reclamar se alguma coisa saiu do jeito que eu achei, do jeito que eu pensei. A não ser quando é um erro	SDJ	SDJ75
20	Por ser um trabalho importante que eu faço e por ser raro, eu penso, assim, que eu fui escolhido porque é uma opção para a própria repórter que fez o serviço também ganhar os pontos dela na profissão dela. Porque ela conseguiu fazer um trabalho que interessa para o leitor, para as pessoas	SDJ	SDJ76
21	(...) foi um longo tempo, porque fomos fazer o trabalho na igreja	Extensão	SDR89
22	Para essa reportagem, foi num dia. Foi, assim, bastante extenso. Veio o filmador, a fotógrafa, tudo. Se eu não me engano, foi quase um dia inteiro, porque a gente foi lá na igreja fazer esse trabalho de descida de rapel. Foi durante um dia	Extensão	SDR90
23	Foi diferente porque foi mais ampla, porque aquilo foi um trabalho geral, não só de um serviço pontual. Foi feito para um pacote de trabalhos que ela juntou para fazer essa matéria. Então, ela foi ampla	Extensão	SDR92
24	(...) porque foi extenso, foi falado de muita coisa, de muitos fatos	Extensão	SDR100
25	Acredito que sim, porque foi extensa, bem ampla, bem completa	Extensão	SDR101
26	Sabe que, para mim, isto é muito importante para o meu trabalho, para o meu ramo, porque aí divulga o meu trabalho, né. Para mim, sempre é interessante, como profissional, mas eu achei, assim, a reportagem, além da repórter ser muito simpática, uma pessoa legal, então, a reportagem eu achei muito boa. Até por eu morar aqui no interior, cidade pequena, onde todo o povo se conhece, no momento quando sai uma matéria no jornal, aquilo todo mundo vem cumprimentar, vem falar e tal. Legal e tal. Então, com isto, eu me projetei na profissão, tanto é que eu estou aposentado e continuo nessa função, porque eu realmente gosto	Reconhecimento	SDR91
27	Com certeza, porque eu fui o foco da atenção	Reconhecimento	SDR93
28	Eu acho que, na verdade, é muitos elogios também em cima do meu trabalho, as pessoas acham fantástico, porque eu sou o único praticamente...não o único do Brasil, mas um dos poucos do Brasil, então todos acham fantástico e eu me	Reconhecimento	SDR94

	senti, assim, representado, orgulhoso também, porque sempre é bom, ninguém nega isso		
29	(...) eu me senti representado como profissional	Reconhecimento	SDR95
30	(...) eu me senti muito feliz em poder mostrar que eu sou uma pessoa de coragem	Reconhecimento	SDR97
31	(...) eu me representei como profissional e como corajoso, como persistente. Eu sou assim, a minha vida sempre foi assim	Reconhecimento	SDR98
32	Para mim, foi uma honra poder fazer isto, mostrar o que eu sou, o que eu faço	Reconhecimento	SDR102
33	Eu acho que continuo a mesma pessoa. Se para alguns, quando são entrevistados ou saem no jornal, tem pessoas que, de repente, às vezes a fama sob na cabeça e eles se acham mais do que os outros. Eu penso assim, continuo a mesma pessoa, mas mudou porque, em todos os lugares onde eu chego, onde eu vou, às vezes até é uma cidade estranha que eu estou só de passagem, quem vê às vezes me reconhece por ter saído no jornal	Reconhecimento	SDR105
34	Eu me vejo diferente, bastante valorizado. Prestigiado, valorizado, respeitado, vamos dizer, em partes. Porque eu não tive o prazer de estudar no colégio como muita gente tem e tinha a oportunidade de estudar. Então, se hoje eu tenho dificuldade em falar, em me expressar, às vezes, é porque eu não estudei	Reconhecimento	SDR106
35	Então, eu me sinto bem, eu me sinto bom, porque eu tive a oportunidade, acho que deus meu deu esse dom de fazer esse trabalho, que as pessoas reconhecem e valorizam	Reconhecimento	SDR107
36	Com certeza, porque sem essas reportagens de jornal, TV e rádio, enfim, as outras pessoas que estão um pouco distantes de mim não iam ficar sabendo	Reconhecimento	SDR108
37	(...) é importante porque essas igrejas que têm relógio na torre e o relógio deles tem problema, então eles ficam sabendo através dessas reportagens	Reconhecimento	SDR109
38	(...) o jornal foi uma alavanca muito importante para mim	Reconhecimento	SDR110
39	(...) elas me veem como um profissional, como uma pessoa que faz um serviço útil, necessário	Reconhecimento	SDR111
40	(...) eles veem em mim uma pessoa capaz, me elogiam, vem falar. 'Ah, o único relojoeiro'. Então, para mim, é importante	Reconhecimento	SDR112
41	Eu me sinto bem, mas não quero ser mais que ninguém, apenas me sinto bem porque me valorizam	Reconhecimento	SDR113
42	É porque a repórter, ela divulga o que eu falo e eu então sou o responsável dessa matéria	Fidelidade	SDR96
43	Foi, sim. Até como eu já mencionei, muito pouco erro, porque acontece muito erro de nome ou de número, às vezes ano, idade, coisas que tem muitos que erram, e eu não lembro nenhum momento	Fidelidade	SDR99
44	Com certeza, porque tudo está escrito ali. A imagem mostra o meu perfil, a minha idade, o meu nome, data de nascimento, enfim. Então, com certeza vai me identificar, é tudo sobre o meu trabalho	Fidelidade	SDR103
45	(...) ela diz ali que eu comecei como ajudante da minha mãe, de costureiro, que eu era agricultor, então ela contou a minha vida. Foi eu que falei, então ela falou isso ali	Fidelidade	SDR104
46	É exatamente isso, como eu falei antes ali	Fidelidade	SDR114
47	Correto. É o que eu faço	Fidelidade	SDR115

48	Com certeza, né. Eu falo isso porque é verdade e não é invenção nenhuma	Fidelidade	SDR116
49	Eu acho que ali foi um pouquinho distorcido	Imprecisão	SDNR11
50	Talvez, eu me expressei um pouco mal na época, depende a maneira de me expressar	Imprecisão	SDNR12
51	Ali, ela expressou um pouco diferente. Para quem lê, vai entender, parece que eu fabriquei um fole para matar formigas	Imprecisão	SDNR13
52	Mas o que eu quis dizer, porque o meu vô materno era ferreiro e ele, a ferraria usa um fole grandão para assoprar o carvão para fazer a brasa, para assoprar o fogo	Imprecisão	SDNR14
53	Então, ali que ela distorceu, que ela não entendeu o sentido. Eu usei um fole de formiga para fazer a ferraria e ela, pelo que eu entendi ali, fala como se eu tivesse fabricado um fole para matar formiga. Mas eu usei o fole para fazer a ferraria. É uma coisa que me chamou a atenção quando eu li a matéria antes	Imprecisão	SDNR15
54	Não, eu nunca pensei em desistir	Imprecisão	SDNR16
55	Então, perdemos muita coisa, mas nunca pensei em desistir. Ali foi um detalhe que, talvez, ela não entendeu bem	Imprecisão	SDNR17
56	Exagero	Imprecisão	SDNR18
57	O lado empresa ficou meio para trás	Exclusão	SDNR9
58	Também talvez porque eu não falei ou ela não perguntou. Realmente, esse é um caso que não foi mencionado, mas não tô culpando ninguém, eu não sei por que não	Exclusão	SDNR10
59	(...) em cada cidade que eu chego, é feita alguma reportagem, porque o meu trabalho é um trabalho em extinção, então os jornais, a imprensa em si, se interessa para fazer matérias	Recorrência	SDNROD 21
60	Eu já conhecia ela antes através de uma outra reportagem	Recorrência	SDNROD 22
61	Não tenho certeza se foi com a Aline, porque, para Zero Hora, foi várias, várias reportagens. Em muitos lugares onde eu trabalhei, onde eu fiz serviço, a Zero Hora fez reportagem e Aline, em cima dessas entrevistas todas, dessas reportagens, ela então quis fazer, aproveitou e fez esse trabalho mais completo	Recorrência	SDNROD 23
62	Sim, a Zero Hora já me conhecia	Recorrência	SDNROD 24
63	Eu tenho bastante recortes de jornal, que eu sempre guardo, de todas as matérias que sai	Recorrência	SDNROD 25
64	Para TV, desde a época...deve ser umas cinco ou seis reportagens de TV, que saiu já desse meu trabalho. Muitos programas de rádio, onde me convidam para participar, para conversar, para dialogar, para debater, enfim. E jornal, então, foi o maior número. Quantidade, eu poderia dizer assim...olha, devia ser assim...eu tenho quase tudo guardado, uma parte me sumiu, nós fizemos mudança, então alguma parte de recorte de jornal eu perdi, mas devia ser umas 20 a 30 reportagens nesses anos todos	Recorrência	SDNROD 26

**APÊNDICE G: Tabela 8 - SDs João Alfredo**

Número	SD	Tipo	Identificação
1	Sem o jornalismo nós estamos ferrados, né cara. Jornalismo é tudo no Brasil e no mundo hoje. Se não tiver informação, nós estamos mortos. E a tecnologia está muito grande, se tu não acompanhar, tu tá ferrado	SDJ	SDJ77
2	Então, falar em carro elétrico todo mundo pulava em cima, queria ver. E a Globo também fazendo pressão em cima, querendo lançar o carro	SDJ	SDJ78
3	Na época, sim. Hoje tem carro elétrico a dá com um pau por aí já. Tem umas coisas que fabricam e chamam de carro elétrico, mas tudo bem, funcionam	SDJ	SDJ79
4	Teve uma guria, Vanessa Kannenberg, da reportagem da Zero Hora, e alguém de Lajeado era amigo dela	SDJ	SDJ80
5	Eu queria divulgar o nome também, né	SDJ	SDJ81
6	Aí, ela botou uma reportagem na Zero Hora. Esculhambou com a prefeitura de Lajeado e com o prefeito também, né. Por isso aí, a Ana Maria Braga mandou buscar o meu carro em Lajeado. Uma semana depois, mandou buscar o meu carro para fazer uma entrevista lá	SDJ	SDJ82
7	Por causa dessa multa, que eu botei oblíquo, saiu uma reportagem, deu um milhão e meio de acessos e tá aí	SDJ	SDJ83
8	Imagina, fazer uma coisa nova, que é novidade até hoje no Brasil e no mundo todo, o carro elétrico. Imagina se não ia ajudar, claro que ajudaram, ajudaram muito	SDJ	SDJ84
9	Mas aí diz ela assim: ‘Mas o carro novo eu quero fazer mais um lançamento por intermédio da Quatro Rodas, sem custo nenhum, mas eu acho que vou mandar a reportagem da Quatro Rodas aí para Lajeado para fazer uma filmagem do carro. Nós temos muito interesse’. Eles vão vir, o carro tá pronto. Eu nem mandei a fotografia do segundo carro para ela. Não mandei nada. Vou deixar primeiro em cima do muro porque eu quero primeiro entrar com entrevista com a UPF de Passo Fundo, que eu tenho compromisso com eles	SDJ	SDJ85
10	Um bom repórter é o que bota as coisas certas, né, cara. Não inventa mais coisas, nem nada, bota a real. Não inventa muita coisa, não enrola muito. Porque, hoje, com a internet, ninguém mais é enrolado. Tendo uma coisa mais ou menos com convicção, deu. Esse é o bom jornalismo	SDJ	SDJ86
11	Claro que é importante, toda divulgação é importante, né	SDJ	SDJ87
12	Bah, coisa lógica. Uns chegaram a ficar mais meus amigos. ‘Pô, João’, vinham e apertavam a mão, ‘Meus parabéns, cara, tu fez uma coisa inédita no Brasil, no mundo todo’	Reconhecimento	SDR117
13	Isso é verdade	Fidelidade	SDR118
14	É assim que eles me chamavam lá. É assim mesmo	Fidelidade	SDR119
15	É verdade	Fidelidade	SDR120
16	Mas, barbaridade	Fidelidade	SDR121
17	Tá tudo aí, cara	Fidelidade	SDR122
18	É verdade	Fidelidade	SDR123
19	Sim, é isso aí	Fidelidade	SDR124
20	É a real, é a real, pode botar isso aí. Isso não tem erro	Fidelidade	SDR125
21	Não, eu fabriquei a máquina melhor do a que eu tinha visto, que era uma máquina italiana que tinha em São Paulo na época	Imprecisão	SDNR19
22	Eu nem me lembro mais	Recorrência	SDNROD27
23	Ah, eu não me lembro mais. Eu tenho mais de 200 páginas, uns 50 jornais lá em casa, tudo programado, tudo com nome,	Recorrência	SDNROD28

	direitinho lá tudo. As fotografias, as entrevistas que fizeram comigo		
24	Entrevistas de rádio, para Passo Fundo, tem cinco emissoras ali. Ali foi as cinco. Depois, em Carazinho, também dei. Depois, dei palestra em Carazinho para os alunos, incentivar a gurizada, né	Recorrência	SDNROD29
25	Mais de 30 entrevistas eu dei, né. O começo foi em 2011, 2012, 2013, 2014	Recorrência	SDNROD30
26	A primeira foi para a Zero Hora	Recorrência	SDNROD31
27	Não me lembro, cara. Não me lembro mais. Tem tanta	Recorrência	SDNROD32
28	Aí me guincharam o carro. Tiraram fotografia, botaram lá no jornal de Lajeado. Eu tirei fotografia e botei no jornal de Lajeado, porque eu me dou demais com o jornal de Lajeado	Recorrência	SDNROD33
29	O Osvaldo Carlos é um baita amigão meu. E, aí, botei no jornal e o Osvaldo Carlos: 'Bah, segunda-feira faltou página no jornal lá'	Recorrência	SDNROD34
30	Foi no Informativo. Aí, com isso aí, porque os jornais estão tudo ligados uns com os outros...	Recorrência	SDNROD35
31	Sim, aí mandaram para Porto Alegre, já bateu a Vanessa lá, depois os caras da Record, bateu da Band também, fizeram filmagem do carro e tudo. E aí começou a sequência, né	Recorrência	SDNROD36

## APÊNDICE H: Tabela 9 - SDR Extensão

Número	SD	Autor	Identificação
1	Foi praticamente a manhã. Eles estiveram aqui em casa antes das seis da manhã. Tomei café, eles acompanharam. Depois nós fomos pro Marinha. Ali nós fizemos a reportagem, a filmagem. Depois fomos para a Orla, onde eu tava correndo e o fotógrafo tava filmando do veículo. Depois fomos até o Iberê, e ali ele filmou, do Marinha filmou também, do drone. Então, foi bastante tempo	Valdomiro	SDR1
2	Essa foi mais específica e a outra era mais do tempo	Valdomiro	SDR4
3	Era rápido, porque o tempo deles era curto	Valdomiro	SDR5
4	(...) às vezes, tem certas entrevistas que a pessoa fala 10 minutos e sai um minuto só. Principalmente na TV, ao vivo. E aqui, no meu caso, não. Tudo que foi perguntado, que eu disse, foi escrito	Valdomiro	SDR14
5	Mas eu não esperava que ia ser tanta folha assim, né?	Édison	SDR24
6	Essa aqui foi a primeira vez. Até porque, nas outras vezes, não dava tempo, não era o foco	Édison	SDR31
7	(...) as outras reportagens, no máximo, é duas páginas, né. Então, eu fiquei muito impressionado. Puxa, seis páginas	Édison	SDR44
8	‘Pô, contracapa, cinco páginas dentro’. Isso aí é uma coisa que foi bem diferenciado	Édison	SDR45
9	(...) na época, eu me lembro que eu fui buscar o jornal, eu me sentei no chão do posto de gasolina e me desabei a chorar, porque eu jamais pensei que fossem quatro, cinco páginas dum jornal, sabe. Digamos, o melhor jornal do sul. Eu achei inacreditável. Eu não esperava que tivesse sido uma reportagem tão grande assim. E, na época, a gente conseguiu bastante padrinhos para os cães abandonados até	Gislane	SDR65
10	Tu imagina, seis horas do lado de uma pessoa. A gente falou tanto, tanto, tanto, mas é que a essência é isso. Ela conseguiu captar exatamente a essência do sítio e transcrever em palavras. Lindas palavras, sabe. Simples, na linguagem popular, que todo mundo entender, sem frescura. Eu achei linda a reportagem	Gislane	SDR75
11	Essa aqui foi além das minhas expectativas. Eu imaginei uma reportagenzinha, jamais imaginei isso aqui, foi além das minhas expectativas, sabe	Gislane	SDR79
12	Isso aí a gente entrou no antes, tanto que ele cita o período da escola na reportagem, isso a gente falou bastante também. Por isso que eu te digo que foi feito...A Gi veio desde o começo, só faltou vir na infância	Gislane	SDR84
13	(...) foi um longo tempo, porque fomos fazer o trabalho na igreja	Dauri	SDR89
14	Para essa reportagem, foi num dia. Foi, assim, bastante extenso. Veio o filmador, a fotógrafa, tudo. Se eu não me engano, foi quase um dia inteiro, porque a gente foi lá na igreja fazer esse trabalho de descida de rapel. Foi durante um dia	Dauri	SDR90
15	Foi diferente porque foi mais ampla, porque aquilo foi um trabalho geral, não só de um serviço pontual. Foi feito para um pacote de trabalhos que ela juntou para fazer essa matéria. Então, ela foi ampla	Dauri	SDR92
16	(...) porque foi extenso, foi falado de muita coisa, de muitos fatos	Dauri	SDR100

17	Acredito que sim, porque foi extensa, bem ampla, bem completa	Dauri	SDR101
----	---	-------	--------



## APÊNDICE I: Tabela 10 - SDR Reconhecimento

Número	SD	Autor	Identificação
1	Olha, eu achei muito interessante	Valdomiro	SDR2
2	Fiquei conhecido, muita gente que não tinha nada a ver, não corriam, se apresentavam dizendo que leram a reportagem. Achei muito bonito isso. Teve um amplo, foi divulgado mesmo	Valdomiro	SDR3
3	Fiquei mais conhecido. Muita gente me procurando. Com isso, incentivei muitos jovens também a correrem, né. Porque até então sempre se dizia, ‘ah, tá tarde demais’, ‘não tenho tempo’, e além da reportagem eu fui mostrando que é possível, né, começar tarde, porque, como diz na reportagem, a primeira maratona eu fiz com 50 anos	Valdomiro	SDR6
4	Então, com isso fiquei mais conhecido. Fez bem para a minha pessoa, estima. Vale	Valdomiro	SDR7
5	Eu acho que sim, porque eu gostei de falar aquilo que eu sabia, que era o que tinha me acontecido. E achei, então, que isso foi interessante, tanto para mim, como para quem leu. Porque isso foi um incentivo para muitos	Valdomiro	SDR8
6	Achei muito bonito. Aquela parte que foi filmada do drone e eu vi no face. Foi bonita aquela reportagem	Valdomiro	SDR15
7	Tanta gente passa por mim, cumprimentam, e chamam por nome, uns Valdomiro, outros Seu Valdomiro, eu respondo tudo, mas eu não posso me lembrar de todos	Valdomiro	SDR18
8	E fiquei muito contente, muito feliz mesmo. Até eu fui depois, no outro ano, à Polônia, que eu tenho um amigo lá, e levei esse caderno do Doc para ele. Mesmo ele não falando português, mas eu traduzi, tem a foto. Então, gostei, fiquei contente com essa reportagem mesmo	Valdomiro	SDR20
9	(...) para mim, foi um método muito interessante, que ela colocou um mapa para colocar os conceitos, porque, às vezes, a gente tem muito informação, mas não tem o mapa. O mapa, no caso aqui, é a imagem. Então, tá lá a figura e eu tô fazendo o meu trabalho cotidiano	Édison	SDR23
10	Eu fiquei muito impressionado porque ela conseguiu, do meu ponto de vista, e vi que ela preparou também, conseguiu desencadear, a partir das pesquisas que já estavam sendo feitas, desencadear também aspectos pessoais, de sentimentos	Édison	SDR25
11	As perguntas foram muito boas, porque valorizaram uma vida, valorizam a pesquisa e valorizam também entrar no discurso de uma descoberta que estava sendo feita	Édison	SDR27
12	Olha, eu achei que foi maravilhosa. Seis páginas...foi bom, né. Eu senti que Zero Hora investiu, valorizou	Édison	SDR28
13	As fotos também foram excelentes, valorizaram também a pesquisa que estava sendo feita na hora	Édison	SDR29
14	Eu não pensava que ia ter tanta repercussão assim, essa minha página, né. Então, isso foi uma coisa importante que aconteceu	Édison	SDR30
15	(...) eles queriam saber quem era eu. Ouviram a minha história, onde que eu nasci, então foi muito importante isso. É a minha identidade	Édison	SDR32
16	Eles trabalharam muito com fotografia, foi o fotógrafo junto. Eu percebi que, realmente, o cara era muito bom na fotografia. A imagem é tudo. Imaginem aí uma reportagem dessas sem imagem?	Édison	SDR33
17	Do meu ponto de vista, foi perfeito. Valorizou	Édison	SDR49

18	Com certeza, isso aí é um selo, é uma carta, faz história, né, Eduardo. Então, para mim, mudou muito. Puxa, singular, né. Algumas pessoas são escolhidas para fazer e tu faz parte. Quem é que a reportagem vai convidar? Quem, de repente, Édison eles conhecem e poderia, sabia que tinham elementos para valorizar. Então, eu me senti assim muito orgulhoso. Singular, né, saiu	Édison	SDR50
19	Mas aí eu percebi que a Zero Hora, eles captaram isso aí. Aí, eles começaram a olhar as pesquisas deles, papapapa. ‘Mas esse aí tá merecendo uma coisa, né’	Édison	SDR51
20	Envolveu o pessoal, envolveu o sair para fora, envolveu também uma pesquisa que foi lançada. Essa reportagem lançou uma pesquisa também. Isso foi um fator diferencial, né	Édison	SDR52
21	Eu me dei conta que o pessoal já está nos conhecendo	Édison	SDR53
22	Foi muito importante a imprensa colocar isso porque foi aí que começou. Aí foi o primeiro olhar. Então, eu senti que eles pegaram logo a ideia de saber onde que é eu comecei	Édison	SDR57
23	Eu achei muito interessante essa questão deles colocar o amigo do papa. Claro que eu não sou, assim, amigo do papa. Mas, talvez, pelo fato dele ter enviado essa carta oficial pela Secretário de Estado do Vaticano, eles colocaram essa ideia do amigo e eu achei interessante, do meu ponto de vista, para agradar os leitores	Édison	SDR58
24	E como é tão diferente eu sempre achei importante que as pessoas soubessem que é possível	Gislane	SDR61
25	Por ser diferente, por ser diferente. Por haver essa diferenciação incomum, porque eu não vi ninguém igual a mim ainda	Gislane	SDR62
26	Nem sonhava	Gislane	SDR63
27	(...) era eu, a câmera na minha frente, então é diferente, sabe	Gislane	SDR69
28	Fora os padrinhos, que era o meu objetivo mesmo, não vi diferença nenhuma do antes e do depois. Só isso, tu passa a ser mais conhecida, tu vê: ‘Ah, a Vó Gi’, ‘Ah, já ouvi falar’. Tem gente que já ouviu falar. Alguém já ouviu falar	Gislane	SDR85
29	Talvez sim, porque eu vi muita gente dizer ‘ah, a reportagem na Zero Hora’. É aquela história, é a Zero Hora, um jornal importante, a quantidade de páginas. ‘Como é que ela conseguiu?’ Então, fica aquela coisa, né, mais por trás	Gislane	SDR86
30	Quando eu era mais jovem, era. No tempo da minha escola, eu sonhava com algo assim, que divulgasse a escola, porque naquele tempo não tinha internet, que divulgasse, que aparecesse. A gente tentou várias vezes, nunca consegui	Gislane	SDR87
31	Sabe que, para mim, isto é muito importante para o meu trabalho, para o meu ramo, porque aí divulga o meu trabalho, né. Para mim, sempre é interessante, como profissional, mas eu achei, assim, a reportagem, além da repórter ser muito simpática, uma pessoa legal, então, a reportagem eu achei muito boa. Até por eu morar aqui no interior, cidade pequena, onde todo o povo se conhece, no momento quando sai uma matéria no jornal, aquilo todo mundo vem cumprimentar, vem falar e tal. Legal e tal. Então, com isto, eu me projetei na profissão, tanto é que eu estou aposentado e continuo nessa função, porque eu realmente gosto	Dauri	SDR91
32	Com certeza, porque eu fui o foco da atenção	Dauri	SDR93
33	Eu acho que, na verdade, é muitos elogios também em cima do meu trabalho, as pessoas acham fantástico, porque eu sou o único praticamente...não o único do Brasil, mas um dos poucos do Brasil, então todos acham fantástico e eu me	Dauri	SDR94

	senti, assim, representado, orgulhoso também, porque sempre é bom, ninguém nega isso		
34	(...) eu me senti representado como profissional	Dauri	SDR95
35	(...) eu me senti muito feliz em poder mostrar que eu sou uma pessoa de coragem	Dauri	SDR97
36	(...) eu me representei como profissional e como corajoso, como persistente. Eu sou assim, a minha vida sempre foi assim	Dauri	SDR98
37	Para mim, foi uma honra poder fazer isto, mostrar o que eu sou, o que eu faço	Dauri	SDR102
38	Eu acho que continuo a mesma pessoa. Se para alguns, quando são entrevistados ou saem no jornal, tem pessoas que, de repente, às vezes a fama sob na cabeça e eles se acham mais do que os outros. Eu penso assim, continuo a mesma pessoa, mas mudou porque, em todos os lugares onde eu chego, onde eu vou, às vezes até é uma cidade estranha que eu estou só de passagem, quem vê às vezes me reconhece por ter saído no jornal	Dauri	SDR105
39	Eu me vejo diferente, bastante valorizado. Prestigiado, valorizado, respeitado, vamos dizer, em partes. Porque eu não tive o prazer de estudar no colégio como muita gente tem e tinha a oportunidade de estudar. Então, se hoje eu tenho dificuldade em falar, em me expressar, às vezes, é porque eu não estudei	Dauri	SDR106
40	Então, eu me sinto bem, eu me sinto bom, porque eu tive a oportunidade, acho que deus meu deu esse dom de fazer esse trabalho, que as pessoas reconhecem e valorizam	Dauri	SDR107
41	Com certeza, porque sem essas reportagens de jornal, TV e rádio, enfim, as outras pessoas que estão um pouco distantes de mim não iam ficar sabendo	Dauri	SDR108
42	(...) é importante porque essas igrejas que têm relógio na torre e o relógio deles tem problema, então eles ficam sabendo através dessas reportagens	Dauri	SDR109
43	(...) o jornal foi uma alavanca muito importante para mim	Dauri	SDR110
44	(...) elas me veem como um profissional, como uma pessoa que faz um serviço útil, necessário	Dauri	SDR111
45	(...) eles veem em mim uma pessoa capaz, me elogiam, vem falar. 'Ah, o único relojoeiro'. Então, para mim, é importante	Dauri	SDR112
46	Eu me sinto bem, mas não quero ser mais que ninguém, apenas me sinto bem porque me valorizam	Dauri	SDR113
47	Bah, coisa lógica. Uns chegaram a ficar mais meus amigos. 'Pô, João', vinham e apertavam a mão, 'Meus parabéns, cara, tu fez uma coisa inédita no Brasil, no mundo todo'	João	SDR117

## APÊNDICE J: Tabela 11 - SDR Fidelidade

Número	SD	Autor	Identificação
1	Porque ali eu disse a verdade como eu sou. Então, aquilo que está escrito, é como eu realmente sou	Valdomiro	SDR9
2	Foi. 100%. Não houve maquiagem, como se diz. Concordei com tudo que estava ali	Valdomiro	SDR10
3	Sim. Realmente foi aquilo que eu disse, a Mari botou	Valdomiro	SDR12
4	Tudo que ela me perguntou, e eu respondi, foi colocado na reportagem	Valdomiro	SDR13
5	Nada	Valdomiro	SDR16
6	É, é verdade	Valdomiro	SDR17
7	O que eu mais gostei foi a foto mostrando e que diz que eu levanto cedo. Realmente, eu levanto às 4 da manhã, 4h30	Valdomiro	SDR19
8	E foi bem interessante que ela veio no lugar onde eu trabalho	Édison	SDR21
9	Então, eu disse para a Aline: 'Que bom que tu veio no nosso processo'	Édison	SDR22
10	Ela fala ali que 'Ele ri', e realmente eu ri	Édison	SDR26
11	E quem leu percebeu, do meu ponto de vista, que a entrevista foi feita me acompanhando, além dos meus dados pessoais	Édison	SDR34
12	(...) pela proximidade da reportagem. Não foi alguém que estava julgando, nem dizendo se eu estava certo ou errado. Tava dizendo o que estava acontecendo. E essa reportagem mostrou quem era eu. Sou eu lá. Minhas palavras, são as pesquisas. Pela coerência da reportagem. A coerência da reportagem mostrou a identidade e realmente era isso	Édison	SDR35
13	Sim. Uma parte deles, a grande parte deles, 99%. Com certeza	Édison	SDR36
14	As perguntas feitas sobre a identidade, sobre 'como é que você estava se sentindo', 'como é que foi naquele momento', 'quais são os instrumentos que você usa para trabalhar', então, por isto	Édison	SDR37
15	Para mim, a parte mais interessante foi aquela... como tava acontecendo no momento, já não era das outras coisas, né. Tava acontecendo lá na Igreja Nossa Senhora dos Passos. Foi naquele momento ali que eu estava olhando as imagens, tava vendo se não tinha outra, e realmente pode ter uma missioneira lá. Aí eu fui lá para pesquisar mesmo. Então, foi um momento que me chamou a atenção quando eles mostraram a imagem de eu vendo, com o binóculo, dentro da igreja. Quem é que vai olhar com um binóculo dentro da igreja para ver qual é o santo? Ninguém olha. Então, isso é uma coisa que tem que olhar, para saber o que é, quem é que tá ali	Édison	SDR38
16	A imagem lá, caminhando com a pasta, com os óculos, descendo, vendo, eles estão vendo que eu estou analisando os santos ali. E eu realmente tava	Édison	SDR39
17	É fiel	Édison	SDR40
18	Não teve assim alguma coisa 'Bah, não era para ter colocado	Édison	SDR41
19	Não, tudo que eu relatei foi colocado	Édison	SDR42
20	Eu recebi essa carta mesmo. Então, ela colocou assim, 'Puxa, ele também tem uma relação lá com Arquivos Secretos do Vaticano'. E eu fui mesmo lá. E, realmente, na época, essa carta abriu os caminhos lá para eu fazer a pesquisa no arquivo	Édison	SDR43

21	Não, não mudaria nada nela. Para mim, ela foi bem feita. Num sentido, se fosse mais páginas, teria mais coisas, né. Mas eu acho que foi bem feito. Muito bem feito, com certeza	Édison	SDR46
22	Vai. Do meu ponto de vista, sim. Tá bem explicado ali, a identidade, quem é, as pesquisas	Édison	SDR47
23	(...) está ali as informações	Édison	SDR48
24	Aí revelou mesmo, né, Eduardo. E o interessante é que o pessoal lá da RBS foi junto nesses três dias de barco	Édison	SDR54
25	O pessoal viu o que era o espírito aventureiro porque o pessoal da RBS tava junto na viagem de barco	Édison	SDR55
26	(...) quanto mais a imprensa puder estar junto, acompanhar mesmo o que está acontecendo, eles vão saber realmente como fazer o texto e pegar o espírito da coisa. Uma coisa é no telefone, né, a outra coisa é estar junto	Édison	SDR56
27	(...) ela foi até o local, que tu tem uma segunda visão, porque uma coisa é o que a gente fala, outra coisa é o que é. Circulou por tudo, pode visualizar	Gislane	SDR59
28	(...) primeiro houve todo o esgotamento da parte fala, de eu me apresentar, de ela se apresentar, de eu apresentar o espaço, e depois houve a constatação, entendeste, de como era realmente o espaço. E aí veio a conclusão dela, que foi perfeita, não tinha o que dizer ali que tivesse não sendo fidedigno. Me representa, a Larissa me representa	Gislane	SDR60
29	Cada vez que eu leio, eu me apaixono. Porque, assim, realmente, é a minha fala ali. Sabe, na boca da Larissa, porque ela contou a história e eu achei muito linda a forma como ela contou a história, sabe. Como se a gente estivesse vivendo aquele momento de novo, sabe	Gislane	SDR64
30	O visual. Apesar de que teve o clipe também, mas em nenhum momento aparece a Larissa. A Larissa fica por de trás. A Larissa é a minha porta-voz, digamos assim. E ali o porta-voz é o Evandro	Gislane	SDR67
31	(...) ela fala exatamente o que é o sítio. Ela sentiu o sítio	Gislane	SDR68
32	Isso eu digo sempre. 'Há de se fincar os pés no chão para não ser levado pelo redemoinho'. (risadas). Eu achei fantástica essa fala dela	Gislane	SDR70
33	(...) porque a essência foi falada	Gislane	SDR80
34	Perfeito, porque foi fiel	Gislane	SDR81
35	Claro que foi filmado horrores e foi feito com as melhores partes, né. Mas é que é o local, é assim. Não foi nada fantasiado	Gislane	SDR82
36	É a realidade, foi o que aconteceu	Gislane	SDR88
37	É porque a repórter, ela divulga o que eu falo e eu então sou o responsável dessa matéria	Dauri	SDR96
38	Foi, sim. Até como eu já mencionei, muito pouco erro, porque acontece muito erro de nome ou de número, às vezes ano, idade, coisas que tem muitos que erram, e eu não lembro nenhum momento	Dauri	SDR99
39	Com certeza, porque tudo está escrito ali. A imagem mostra o meu perfil, a minha idade, o meu nome, data de nascimento, enfim. Então, com certeza vai me identificar, é tudo sobre o meu trabalho	Dauri	SDR103
40	(...) ela diz ali que eu comecei como ajudante da minha mãe, de costureiro, que eu era agricultor, então ela contou a minha vida. Foi eu que falei, então ela falou isso ali	Dauri	SDR104
41	É exatamente isso, como eu falei antes ali	Dauri	SDR114
42	Correto. É o que eu faço	Dauri	SDR115

43	Com certeza, né. Eu falo isso porque é verdade e não é invenção nenhuma	Dauri	SDR116
44	Isso é verdade	João	SDR118
45	É assim que eles me chamavam lá. É assim mesmo	João	SDR119
46	É verdade	João	SDR120
47	Mas, barbaridade	João	SDR121
48	Tá tudo aí, cara	João	SDR122
49	É verdade	João	SDR123
50	Sim, é isso aí	João	SDR124
51	É a real, é a real, pode botar isso aí. Isso não tem erro	João	SDR125

**APÊNDICE L: Tabela 12 - SDR Proximidade**

Número	SD	Autor	Identificação
1	Eu me senti à vontade. Isso é uma grande coisa. Me senti à vontade com as perguntas, com a entrevista. Respondia sempre espontaneamente. Não fiquei encabulado. Não fiquei com vergonha de dizer até umas coisas que eu botei ali, que expliquei, que foram cômicas, aconteceram realmente. Não escondi. Então, eu acho que, repetindo, me senti à vontade	Valdomiro	SDR11
2	É que eu já falo demais por natureza, então eu me sinto à vontade. Não me sinto constrangida	Gislane	SDR66
3	A Larissa é uma pessoa muito querida, ela me deixou bastante à vontade	Gislane	SDR71
4	Ela me deixou bastante à vontade, como se eu tivesse com uma amiga, não com uma repórter ali. Me senti bastante à vontade de estar do lado dela, de mostrar tudo para ela. Não me senti, em nenhum momento, constrangida ou ‘ah, isso aqui eu não vou mostrar’. Sabe, é como se eu estivesse com uma amiga	Gislane	SDR72
5	Às vezes eu acho que as pessoas devem se sentir um pouco constrangidas, mas eu não me senti nem por um momento	Gislane	SDR73
6	Não sei se é porque eu estou acostumada a me relacionar com as pessoas, não sei. Não me senti, não me senti envergonhada, não me senti constrangida, não sei. Ou ela me deixou muito à vontade	Gislane	SDR74
7	(...) é diferente, mas eu me senti também extremamente à vontade, como se a televisão fizesse parte da minha vida	Gislane	SDR76
8	Eu não sei se eu virei uma velha exibida, até bem mais à vontade do que no clipe que eu vi, porque o clipe era eu e aquela câmera. Apesar da Larissa estar ali, era eu e a câmera. Eu não falei tão à vontade como eu falei no outro	Gislane	SDR77
9	Porque tanto a Larissa, quanto o Evandro, tanto os rapazes que foram fazer foto e coisa, são pessoas que nem a gente, deixam a gente super à vontade	Gislane	SDR78
10	Eu sou tão autêntica, cara. Eu sou o que eu tenho que ser, na hora que eu tenho ser e digo o que eu tenho dizer na hora que eu tenha que dizer	Gislane	SDR83

**APÊNDICE M: Tabela 13 - SDNR Imprecisão**

Número	SD	Autor	Identificação
1	Ela colocar 'amigo do Papa', eu achei interessante, né. Eu não sou amigo do Papa, mas talvez para valorizar a coisa	Édison	SDNR1
2	Eu acho que ali foi um pouquinho distorcido	Dauri	SDNR11
3	Talvez, eu me expressei um pouco mal na época, depende a maneira de me expressar	Dauri	SDNR12
4	Ali, ela expressou um pouco diferente. Para quem lê, vai entender, parece que eu fabriquei um fole para matar formigas	Dauri	SDNR13
5	Mas o que eu quis dizer, porque o meu vô materno era ferreiro e ele, a ferraria usa um fole grandão para assoprar o carvão para fazer a brasa, para assoprar o fogo	Dauri	SDNR14
6	Então, ali que ela distorceu, que ela não entendeu o sentido. Eu usei um fole de formiga para fazer a ferraria e ela, pelo que eu entendi ali, fala como se eu tivesse fabricado um fole para matar formiga. Mas eu usei o fole para fazer a ferraria. É uma coisa que me chamou a atenção quando eu li a matéria antes	Dauri	SDNR15
7	Não, eu nunca pensei em desistir	Dauri	SDNR16
8	Então, perdemos muita coisa, mas nunca pensei em desistir. Ali foi um detalhe que, talvez, ela não entendeu bem	Dauri	SDNR17
9	Exagero	Dauri	SDNR18
10	Não, eu fabriquei a máquina melhor do a que eu tinha visto, que era uma máquina italiana que tinha em São Paulo na época	João	SDNR19



**APÊNDICE N: Tabela 14 - SDNR Exclusão**

Número	SD	Autor	Identificação
1	Poderia ser algo assim, mas vejo que, também, aí seria tanta coisa. Mas quem entende, talvez... eles souberam disso aqui. Talvez, o jornalista que entende do espaço, para não ficar tão cheio de coisas também	Édison	SDNR2
2	Quem viu essa reportagem percebeu que, com certeza, teria mais coisas, mas foi um portal	Édison	SDNR3
3	(...) sim, teria mais coisas para colocar ali	Édison	SDNR4
4	O tema aqui é arte sacra, são descobertas. Então, essa foi a temática colocada aqui. Não misturou outras coisas, não foram tantas, foi uma só. Por exemplo, a deusa Niba, que é mais africana. Então, foi realmente o principal	Édison	SDNR5
5	Onde é que eu estudei e coisas assim, mas não foram muitas, não, né, Eduardo. Foi mais vinculado mais ao tema. Nada fora, assim... o que tu gosta de comer? Isso também não era o foco	Édison	SDNR6
6	Eles não colocaram isso e eu achei interessante não colocar para não entrar no mundo muito místico, não era a coisa mística aqui, eu entendi. E, se fosse, não estaria nesse texto, estaria em uma outra versão, que também poderia ter o espaço aqui, para ver a questão mística das coisas, do sagrado, e assim por diante, do movimento das pessoas	Édison	SDNR7
7	Não entrou muito porque é um lado meio complicado	Gislane	SDNR8
8	O lado empresa ficou meio para trás	Dauri	SDNR9
9	Também talvez porque eu não falei ou ela não perguntou. Realmente, esse é um caso que não foi mencionado, mas não tô culpando ninguém, eu não sei por que não	Dauri	SDNR10

**APÊNDICE O: Tabela 15 - SDJ**

Número	SD	Autor	Identificação
1	(...) a função do jornalismo é trazer para a gente a paisagem do que está acontecendo na sociedade. Eu respeito muito o jornalismo, porque, se nós unirmos todos os jornais de cada dia, nós vamos ter a história mais completa do Rio Grande do Sul	Édison	SDJ1
2	Se tu quer saber mesmo o que tu tava funcionando no dia, eu acredito que é até muito mais importante que um livro de História, porque traz muitas informações	Édison	SDJ2
3	É muito importante o jornalismo, por isso que eu também, quando vem falar comigo, eu tenho uma grande satisfação. Porque vão construindo esse cotidiano. Independente do certo e do errado, está dizendo o que está acontecendo	Édison	SDJ3
4	(...) do meu ponto de vista, o jornalista bom é aquele que sabe escrever bem	Édison	SDJ4
5	O jornalista tem que ir a campo, tem que ter uma afinidade e um conhecido também sobre o tema, um conhecimento de quem é entrevistado e de todo o contexto. E escrever bem, do meu ponto de vista, e saber dialogar com quem é entrevistado, confiar nele e fazer o feedback, mostrar para quem é entrevistado se está bom o texto	Édison	SDJ5
6	Então, me chamou a atenção essa interação da imprensa, que viu que era uma coisa boa...agora um repórter vai fazer lá, outro vai fazer aqui, nós vamos fazer aqui em Porto Alegre, onde o São Nicolau está exposto. Aí, depois lá, quando o São Nicolau voltou, fizeram uma festa lá, então fizeram toda a cobertura	Édison	SDJ6
7	Porque, na reportagem, tu fala a tua parte. E aí a imprensa também fala com outros para ver se realmente é verdade. Então, eu acho muito legal isso e a gente fica muito mais tranquilos, porque a outra pessoa que participou da pesquisa vai ter a sua liberdade para falar sem a minha interferência, né, então isso foi excelente	Édison	SDJ7
8	Essa aqui, como eu estou falando, eu já sabia que ia ser um álbum, alguma coisa assim de 'agora vamos fazer uma reflexão sobre todas'	Édison	SDJ8
9	Eu percebi que teve um método mais pensado, não é	Édison	SDJ9
10	Em outros casos, não sabem o que vão fazer porque não sabem o que está acontecendo	Édison	SDJ10
11	(...) a diferença dessa aqui é que ela foi muito mais organizada, porque a imprensa já veio com uma pauta pronta, né. Outras não, outras foram para ver o que era. 'Mas será que é mesmo? Então vamos lá fazer a entrevista'. E aí, depois da entrevista, eles voltam para ver os dados, os relatórios. Essa foi a diferença. Essa aqui teve um método, foi muito bem pensada, estruturada	Édison	SDJ11
12	Eles não se perguntavam muito como você tá se sentindo. Às vezes, eu mesmo me dizia: 'Tô me sentindo tão satisfeito com essa pesquisa, né'. Mas não era o foco o meu sentimento, como eu estava me sentindo, era a coisa fluindo em si, era o que tava acontecendo	Édison	SDJ12
13	Eu percebo que alguns jornais, às vezes, até não coloca o nome, só a pesquisa. Por exemplo, aqui num jornal sobre a múmia, agora ultimamente, nesse jornal aqui, Gazeta, eles colocaram que a PUC fez a descoberta. Tá bom, mas se sabe que fui eu	Édison	SDJ13

14	Então, para mim, o jornal importante é aquele que valoriza a instituição e a pessoa. Não é aquela coisa ‘o município fez’. Então, eu percebo que existe isto...é muito raro aparecer, mas algum jornal aparece quem fez a descoberta foi a PUC, mas não coloca os indivíduos. Para mim, é um erro muito grande e o pessoal, do meu ponto de vista, lê essa informação ‘mas então tá, foi’	Édison	SDJ14
15	(...) ela se sentiu bem também com isso daí. Todo mundo ganha, né, Eduardo. O repórter que fez para a história dele, para mim, para a imprensa, para todos que veem. Acho que o jornal faz isto, por isso acho que representou	Édison	SDJ15
16	Mas, em geral, o pessoal passa o texto e eu reviso também. Às vezes, quando não passa o texto ou coloca online, no online dá para arrumar, né, já aconteceu casos... ‘meu nome falta uma letra’. Isso, às vezes, acontece, né, Eduardo. Isso, para mim, não é o problema. Pode arrumar. E mesmo se for errado depois, quem lê o jornal não vai se preocupar se faltou uma perninha ou não. Claro que não é o ideal, se faltou um ‘y’, se faltou um trema, etc, ou esqueceu de colocar o nome de alguém	Édison	SDJ16
17	Claro, já aconteceu, sim, de uma letra, uma data, mas isso não era o problema. Para mim, o texto sempre está em construção. E assim por diante	Édison	SDJ17
18	A gente sabe que esse pessoal da imprensa fica numa tensão muito grande de terminar pautas, etc, etc. Então, eu já sei disso e, para mim, é muito natural	Édison	SDJ18
19	Mas eles focaram na primeira pessoa	Édison	SDJ19
20	Eu já vi muitas citações de ‘caçador de relíquias’, de ‘Indiana Jones do Pampa’. Eu achei interessante os vários títulos que foram colocando. Me chamou a atenção isso. Ou o outro pesquisador lá do Código Da Vinci. Porque a imprensa gosta de chamar a atenção do leitor, então eu achei que foi legal isso	Édison	SDJ20
21	Eu primeiro comunico sempre pro Zero Hora porque eu percebo que eles sempre dão atenção, não desmerecendo	Édison	SDJ21
22	Alguém me disse que é errado isso, né. ‘Não, tu tem que fazer uma pauta para mandar para todos’. Como eu não entendo... como eu sei que, o Zero Hora, eles vão fazer uma grande reportagem, vão aproveitar bem. Porque outros eu já passei e fizeram uma coisinha desse tamanho, né	Édison	SDJ22
23	O Correio do Povo também tem valorizado muito. Então, e eu percebi uma coisa interessante, já fiz reportagem em jornal de Pelotas, de Santa Maria, eu percebi que os jornais de lá já querem fazer uma coisa grande também. Me chamou a atenção isso. Tem jornais de Santa Maria que fizeram a reportagem sobre o sino, então eu vejo que eles estão pegando o padrão um pouco de Zero Hora de fazer uma coisa grande	Édison	SDJ23
24	Eu estou com uma pesquisa nova, agora, mas eu estou vendo o momento para lançar. Como agora está no final no ano, tu tem o momento, né, Eduardo	Édison	SDJ24
25	Então, como é que eu faço para divulgar a pesquisa? Primeiro, eu tenho que ter um relatório. Eu tenho que ter um relatório comprovando a pesquisa. Porque aí, quando a imprensa vem, ‘olha, eu tenho a pesquisa, a pesquisa é essa, eu vou mandar o relatório para vocês’. Eu mando sempre por e-mail, em PDF, os relatórios	Édison	SDJ25
26	Só que eu não disse a cidade. Eles perguntaram. Eu disse: ‘A cidade eu não vou dizer agora, só vou dizer quando tiverem	Édison	SDJ26

	me entrevistando. Então, ‘Bah, nós vamos acreditar em ti, tu falou em múmia, vamos aí’		
27	Eu vejo assim que, às vezes, tu partilha uma descoberta e a imprensa lá, eles vão ver, ‘mas será que dá para ir mesmo?’ Se o jornalista, foi ele quem fez a ponte, o jornal acredita nele. Então, eu percebo para nós, quando a gente faz a entrevista, a responsabilidade é muito grande. Tu tá lidando com a confiança do jornalista, da imprensa toda, da instituição	Édison	SDJ27
28	Então, eu percebo assim que, hoje, existe uma proximidade mais com o jornal, com o jornalista, para ti explicar com calma o que é. Eles mesmo vão fazer entrevistas lá depois, onde é que foi, etc. E, depois, quando tu tem o documento científico, comprovou que é, deu	Édison	SDJ28
29	Então, várias coisas podem vir depois, mas qual é o foco? O foco é na descoberta. Tá aqui. A reportagem depois pode girar ao redor	Édison	SDJ29
30	(...) o foco é a pesquisa, os relatos orais ao redor. Mas a imprensa também pode valorizar outros relatos mesmo que não sejam verdade, mas o ponto, a tese, está confirmada	Édison	SDJ30
31	Essa relação de confiança é importante para se estabelecer um diálogo. Tu dá a informação e eu não sei o que está acontecendo, o que será que vai dar. A confiança vai dizer assim: ‘Puxa, o jornalista, ele vai saber que eu quero saber mais como é que vai ser a reportagem’	Édison	SDJ31
32	(...) numa reportagem, não é só pegar a informação e sair correndo. É até ela ficar bem feita, né, Eduardo	Édison	SDJ32
33	Precisa um relatório, um dado científico	Édison	SDJ33
34	Em geral, são repórteres que eu já conheço	Édison	SDJ34
35	Ali eu confiei, assim, porque, conforme o diálogo que ela teve comigo, eu senti no diálogo que dava para confiar, até porque eu coloquei coisas que não poderiam dar desconfiança lá fora. Todo o meu diálogo... e tudo eu deixo gravado, né, Eduardo	Édison	SDJ35
36	(...) se lá naquele jornal ali tivesse saído uma coisa errada. Pedir desculpa, não, tudo bem. Só que nós vamos ter que arrumar e no impresso não dá mais. Não aconteceu isso, mas eu diria: ‘Bom, agora nós podemos arrumar lá no online’	Édison	SDJ36
37	Não pode ter coisa errada. Se tivesse uma informação errada, que interferisse aqui, eu falaria para eles: ‘Olha, nós vamos ter que mudar lá na página, porque não é isso aí. Se não eu vou dizer na imprensa que não é e vai ficar mais chato’	Édison	SDJ37
38	(...) além de eu analisar coisas do passado, isso eu vou aprendendo. Mas, ao mesmo tempo, tá me dando um feedback também para mim dizer para a imprensa agora como refletir a nova cultura, como dar oportunidade para pessoas que queiram desenvolver a arte hoje, né, ou a nova arquitetura	Édison	SDJ38
39	Eu percebo que, quando os alunos vêm visitar aqui, ‘bah, eu quero uma foto também’	Édison	SDJ39
40	Eu falei para a imprensa que o grupo ia estar ali, mas eu não vi tanto interesse da imprensa	Édison	SDJ40
41	(...) tem algum jornal que não coloca o nome do pesquisador, coloca a instituição. Isso está errado, do meu ponto de vista. Tem que colocar como é que foi. O pesquisador descobriu, tá. Do meu ponto de vista, assim, as universidades ou mesmo o livro são plataformas para dizer qual é a pesquisa	Édison	SDJ41

42	Eu sou Bolsonaro e não estou muito satisfeita, nem com Globo, nem com G1. Eu não entro e simplesmente bloqueio a minha televisão nesses canais	Gislane	SDJ42
43	(...) hoje em dia, chega tanta informação errada que tu não sabe aonde te fixar. Não tem um porto seguro, porque tu não vê mais seriedade nas coisas. Tu não vê, é uns querendo engolir os outros. É a esquerda engolindo a direita e a direita engolindo a esquerda. Então, não existe mais uma verdade, é a minha verdade, é a tua verdade, é a verdade de cada um	Gislane	SDJ43
44	E não há uma imparcialidade mais. Tu não vê mais essa imparcialidade e tu vê muita injustiça, sabe	Gislane	SDJ44
45	De dizer o que não é verdade. De fantasiar as coisas. De ir além daquilo que realmente. De mostrar a tua verdade, o teu parecer, o parecer do teu grupo e não o que realmente é o interesse das pessoas ou o interesse coletivo. A imparcialidade, na realidade. Por que o que deveria ser o jornalismo? A imparcialidade	Gislane	SDJ45
46	(...) seria informativo. Passar informação. Real. Julgamento, faz cada um. Eu, tu, de acordo com a minha verdade, com a tua verdade	Gislane	SDJ46
47	(...) o cara passa a informação. Informação da direita, digamos. Aí passa a informação da esquerda e tu cria o teu critério. Mas ele passou as duas visões. Entendeste? Aí tu tira a tua conclusão, sabe	Gislane	SDJ47
48	(...) ultimamente está muito complicada essa história da imprensa. Bastante complicado	Gislane	SDJ48
49	Eu era apaixonada pelo Boechat, né. Aquele cara, eu era apaixonada. Que sirva de exemplo para todos nós. Ele era um cara fantástico, não tinha...ele era imparcial, ele debochava de tudo e todos. Ele era uma pessoa verdadeira. Eu achava ele excelente. Assistia todas. De lá para cá, muito pouco, porque ninguém substituiu ele a altura	Gislane	SDJ49
50	Perfil seria algo de alguém, ou de alguma coisa, ou de algum grupo. Tu seguir algo	Gislane	SDJ50
51	O que a Larissa fez comigo	Gislane	SDJ51
52	Então, não é nem pela propaganda, porque isso não é necessário, é para que as pessoas saibam que é possível fazer algo diferente, basta querer	Gislane	SDJ52
53	O que diz a verdade	Gislane	SDJ53
54	Acho que tudo que tu faz na vida, filho, tu tem que ter paixão. Aquele encantamento. O encantamento de ser o repórter, o encantamento de ser a Vovó Gi, o encantamento de cuidar de cães	Gislane	SDJ54
55	Eu acho que o bom repórter é aquele que consegue ser ele mesmo. Criar o seu perfil, criar, entendeste	Gislane	SDJ55
56	É que o escrito fica para sempre. O escrito fica para sempre, mas os dois falaram fielmente aquilo que a gente tava conversando, mas é diferente	Gislane	SDJ56
57	Olha, a função, eu, como já mencionei antes, não tenho faculdade, sou um simples profissional, mas a minha faculdade, eu digo sempre, é a faculdade da vida, né	Dauri	SDJ57
58	(...) o jornalismo sempre é importante, porque sempre a notícia do dia, toda a notícia, os acontecimentos do dia, desde notícias ruins até as notícias boas, alguém precisa divulgar, né. Então, o jornalismo, a imprensa, divulga isso dessa maneira, tanto a imprensa falada, escrita, né. Então, eu acho super importante, porque, sem notícias, nós estaria parado no tempo, como há 100, 200 anos atrás, que não existia, talvez...	Dauri	SDJ58

59	Bom, eu entendo, assim, como se escreve, teria que conhece primeiro o personagem, a pessoa que está sendo focada, conhecer o passado, o que que faz, como faz, e aí, em cima disso, divulgar, tentar registrar o que deu para captar dessa pessoa	Dauri	SDJ59
60	Para mim, sempre é um prazer, é muito legal, porque o meu interesse não é só meu	Dauri	SDJ60
61	(...) o meu interesse não é só o que é bom para mim, eu gosto de colaborar	Dauri	SDJ61
62	Eu sempre digo assim que o jornal e a TV não querem só divulgar notícias ruins, que é o que mais tem, é assalto, é morte, é acidente de trânsito. E, essas notícias do meu trabalho, eu acho que deve ser, pelo menos para muita gente, uma notícia gostosa de ler, interessante para ler e para ver, quando alguém faz alguma coisa boa	Dauri	SDJ62
63	(...)quando se fala de uma imprensa forte que nem a Zero Hora é um profissionalismo bom, eu acho que ótimo, sem dúvida nenhuma	Dauri	SDJ63
64	(...)mas a maioria comete erros. Eles fazem a entrevista, escutam, mas a histórias às vezes muda um pouco, mas isto é normal. A Aline acho que não aconteceu quase nada. Ela é profissional, sem dúvida nenhuma	Dauri	SDJ64
65	Olha, bom é a capacidade de perguntar, entrar a fundo na questão, perguntar detalhes do que se quer divulgar e... bom é aquele profissional que tem capacidade fácil de se expressar	Dauri	SDJ65
66	(...) eu acho que o repórter deve ser simpático, deve ser honesto e correto, porque ele é uma pessoa estranha da casa	Dauri	SDJ66
67	(...) você hoje está aqui, é uma pessoa estranha e, se você for uma pessoa correta, honesta e simpática, você já entra na minha família aqui, onde eu posso ter confiança	Dauri	SDJ67
68	(...) o valor do repórter é a capacidade que ele usa, que ele sabe, para fazer a matéria e não cometer erros	Dauri	SDJ68
69	(...) eu acho que tem que ser muito correto. Eu percebo que, muitas vezes, os repórteres exageram, aumentam um pouco. Ou é o perigo, ou o tamanho ou a beleza. Então, tem alguns que, às vezes, fazem de uma pulga um elefante, porque eles querem impressionar, talvez	Dauri	SDJ69
70	A tendência é, para chamar a atenção, eles até usam expressões fortes assim, não erradas, mas para chamar a atenção para a imprensa	Dauri	SDJ70
71	(...) eu acho que o bom repórter deve ser correto, deve ser honesto, tem que ficar na verdade, não aumentar e não precisa nem esconder algum fato grave	Dauri	SDJ71
72	(...) às vezes é um erro de número, por exemplo. Acontece muito. Por exemplo, se hoje você me perguntar quantos relógios eu já consertei, então eu digo que estou chegando perto de 100. Relógios de igreja, só relógios grandes, gigantes. Eu não tenho o número exato. Tenho tudo registrado, mas nunca me dei o trabalho e o tempo de contar. Mas, aí quando eu falo em 100, alguns já falam em mais de 100 relógios consertados	Dauri	SDJ72
73	Para impressionar, muitos têm essa tendência. Não é todos, mas tem várias que eles, às vezes, querem chamar mais a atenção do que realmente é. Então, acho que não fica bem, porque, como entrevistado, eu não tenho interesse em fazer sensacionalismo, querer aumentar, mentir, e também não quero enganar. Então, eu acho que a verdade, a realidade, é sempre o que vale	Dauri	SDJ73

74	(...) cada reportagem que sai de jornal é uma propaganda de graça, mas acho que eu também contribuo para o jornal e para todos	Dauri	SDJ74
75	(...) eu nem sou tão exigente também a ponto de querer reclamar se alguma coisa saiu do jeito que eu achei, do jeito que eu pensei. A não ser quando é um erro	Dauri	SDJ75
76	Por ser um trabalho importante que eu faço e por ser raro, eu penso, assim, que eu fui escolhido porque é uma opção para a própria repórter que fez o serviço também ganhar os pontos dela na profissão dela. Porque ela conseguiu fazer um trabalho que interessa para o leitor, para as pessoas	Dauri	SDJ76
77	Sem o jornalismo nós estamos ferrados, né cara. Jornalismo é tudo no Brasil e no mundo hoje. Se não tiver informação, nós estamos mortos. E a tecnologia está muito grande, se tu não acompanhar, tu tá ferrado	João	SDJ77
78	Então, falar em carro elétrico todo mundo pulava em cima, queria ver. E a Globo também fazendo pressão em cima, querendo lançar o carro	João	SDJ78
79	Na época, sim. Hoje tem carro elétrico a dá com um pau por aí já. Tem umas coisas que fabricam e chamam de carro elétrico, mas tudo bem, funcionam	João	SDJ79
80	Teve uma guria, Vanessa Kannenberg, da reportagem da Zero Hora, e alguém de Lajeado era amigo dela	João	SDJ80
81	Eu queria divulgar o nome também, né	João	SDJ81
82	Aí, ela botou uma reportagem na Zero Hora. Esculhambou com a prefeitura de Lajeado e com o prefeito também, né. Por isso aí, a Ana Maria Braga mandou buscar o meu carro em Lajeado. Uma semana depois, mandou buscar o meu carro para fazer uma entrevista lá	João	SDJ82
83	Por causa dessa multa, que eu botei oblíquo, saiu uma reportagem, deu um milhão e meio de acessos e tá aí	João	SDJ83
84	Imagina, fazer uma coisa nova, que é novidade até hoje no Brasil e no mundo todo, o carro elétrico. Imagina se não ia ajudar, claro que ajudaram, ajudaram muito	João	SDJ84
85	Mas aí diz ela assim: 'Mas o carro novo eu quero fazer mais um lançamento por intermédio da Quatro Rodas, sem custo nenhum, mas eu acho que vou mandar a reportagem da Quatro Rodas aí para Lajeado para fazer uma filmagem do carro. Nós temos muito interesse'. Eles vão vir, o carro tá pronto. Eu nem mandei a fotografia do segundo carro para ela. Não mandei nada. Vou deixar primeiro em cima do muro porque eu quero primeiro entrar com entrevista com a UPF de Passo Fundo, que eu tenho compromisso com eles	João	SDJ85
86	Um bom repórter é o que bota as coisas certas, né, cara. Não inventa mais coisas, nem nada, bota a real. Não inventa muita coisa, não enrola muito. Porque, hoje, com a internet, ninguém mais é enrolado. Tendo uma coisa mais ou menos com convicção, deu. Esse é o bom jornalismo	João	SDJ86
87	Claro que é importante, toda divulgação é importante, né	João	SDJ87

**APÊNDICE P: Tabela 16 -Recorrência**

Número	SD	Autor	Identificação
1	Eu, correndo, encontrei ela correndo. Como eu gosto de fazer amizades, perguntei se eu podia acompanhá-la. Ela disse que sim. Aí ela disse que era jornalista, né, e ela depois pediu pelo e-mail se ela podia fazer uma entrevista pro blog dela. Aí ela mandou as perguntas e eu escrevi, respondi as perguntas. Assim que começou a nossa amizade	Valdomiro	SDNROD1
2	Como eu treino sempre de manhã, uns bons anos atrás, a RBS sempre fazia a reportagem do tempo ao vivo e embaixo do viaduto aqui da José de Alencar com a Borges. Como é o meu trajeto de ir para a Orla e voltar, eu encontrava o pessoal e volta e meia eles me entrevistaram, direto, ao vivo, naquele programa do tempo da RBS	Valdomiro	SDNROD2
3	A Aline me telefonou, que gostaria de fazer uma reportagem sobre as minhas pesquisas. Uma reportagem especial. E como eu conheço ela, se eu não engano foi de uma outra entrevista, agora eu não me lembro, ela veio aqui nesta sala, com um fotógrafo, e essa entrevista que nós estamos vendo aqui, Singular	Édison	SDNROD3
4	Porque eu já tenho uma tradição de pesquisas com Zero Hora. Eu, para mim, Zero Hora é um jornal que tem uma repercussão e eles sempre confiaram no meu trabalho	Édison	SDNROD4
5	Então, eles me procuraram porque já sabiam que tinha uma grande... já faz mais de 20 anos, né, que a gente está pesquisando isso. E me procuraram, também, porque o jornal está acompanhando as coisas. Então, o que eles estão fazendo, do meu ponto de vista, é fazendo um álbum, na prática	Édison	SDNROD5
6	Sim, já conhecia	Édison	SDNROD6
7	Ela trabalhava lá no Diário Gaúcho e lá tinha uma colega dela que um dia disse: ‘Seria interessante um dia fazer uma reportagem só sobre você’	Édison	SDNROD7
8	Desde 2004, 2005, acredito que umas 20 reportagens, mais ou menos	Édison	SDNROD8
9	(...) a primeira foi em 2004. Se eu não me engano, não sei se foi na Band, foi sobre cultura indígena. Foi na televisão. A primeira vez foi em 2004	Édison	SDNROD9
10	Depois vieram outras. Sobre a cruz lá de São Miguel. Tinha aquele canal lá da RBS que não tem mais. TVCom, né. Outras entrevistas também na Band, Band nacional, lá em Alegrete, RBSTV, várias que vieram. Foram bem feitas as entrevistas	Édison	SDNROD10
11	Para dizer a verdade, até um dia eu estava cansado de dar tanta entrevista	Édison	SDNROD11
12	Cada ano tem surpresas, como é a pesquisa. Então, esse foi a maior repercussão de todas no jornalismo. De fora também. Saiu reportagens na Folha de São Paulo, aquela lá [aponta], depois linkou com outros jornais. Eu fiquei muito impressionado que essa aqui [aponta], fez uma menina lá de São Paulo, ‘Religioso caça peças roubadas no Rio Grande do Sul’, foi a Priscila, ela me telefonou lá de São Paulo. Então, essa aqui saiu acho que nuns 50 jornais	Édison	SDNROD12
13	Outra que foi importante também foi sobre São Nicolau, né, que nós encontramos lá em Santa Maria, que tinha sido roubado de São Nicolau. Então, saiu várias reportagens e entrevistas, e eles foram fazer toda uma história	Édison	SDNROD13



14	(...) já tenho até uma tradição com Zero Hora. É quase uma família, por um lado, com essa imprensa	Édison	SDNROD14
15	(...) eu estou percebendo que eles aumentaram mais a reportagem sobre as minhas pesquisas, acredito que tendo em vista o padrão de Zero Hora, que faz sempre uma reportagem grande, uma página, duas. Isso eu estou percebendo bastante	Édison	SDNROD15
16	A Aline, a Bruna, e outros ali. Então, eu já conheço eles. Em geral, eles têm mandado repórteres que me conhecem	Édison	SDNROD16
17	Eu tenho um pai de um cachorro que é o Alfredo Fedrizzi, que eu acho que ele também é repórter da Zero Hora	Gislane	SDNROD17
18	Duas. Aí foi reportagem na Band. Foi TV	Gislane	SDNROD18
19	Então, já pega a prática (risadas)	Gislane	SDNROD19
20	A primeira da Band era mais ou menos o que eu esperava, a segunda foi além da minha expectativa, pela quantidade de repercussão que teve. Ali sim teve uma repercussão enorme	Gislane	SDNROD20
21	(...) em cada cidade que eu chego, é feita alguma reportagem, porque o meu trabalho é um trabalho em extinção, então os jornais, a imprensa em si, se interessa para fazer matérias	Dauri	SDNROD21
22	Eu já conhecia ela antes através de uma outra reportagem	Dauri	SDNROD22
23	Não tenho certeza se foi com a Aline, porque, para Zero Hora, foi várias, várias reportagens. Em muitos lugares onde eu trabalhei, onde eu fiz serviço, a Zero Hora fez reportagem e Aline, em cima dessas entrevistas todas, dessas reportagens, ela então quis fazer, aproveitou e fez esse trabalho mais completo	Dauri	SDNROD23
24	Sim, a Zero Hora já me conhecia	Dauri	SDNROD24
25	Eu tenho bastante recortes de jornal, que eu sempre guardo, de todas as matérias que sai	Dauri	SDNROD25
26	Para TV, desde a época...deve ser umas cinco ou seis reportagens de TV, que saiu já desse meu trabalho. Muitos programas de rádio, onde me convidam para participar, para conversar, para dialogar, para debater, enfim. E jornal, então, foi o maior número. Quantidade, eu poderia dizer assim...olha, devia ser assim...eu tenho quase tudo guardado, uma parte me sumiu, nós fizemos mudança, então alguma parte de recorte de jornal eu perdi, mas devia ser umas 20 a 30 reportagens nesses anos todos	Dauri	SDNROD26
27	Eu nem me lembro mais	João	SDNROD27
28	Ah, eu não me lembro mais. Eu tenho mais de 200 páginas, uns 50 jornais lá em casa, tudo programado, tudo com nome, direitinho lá tudo. As fotografias, as entrevistas que fizeram comigo	João	SDNROD28
29	Entrevistas de rádio, para Passo Fundo, tem cinco emissoras ali. Ali foi as cinco. Depois, em Carazinho, também dei. Depois, dei palestra em Carazinho para os alunos, incentivar a gurizada, né	João	SDNROD29
30	Mais de 30 entrevistas eu dei, né. O começo foi em 2011, 2012, 2013, 2014	João	SDNROD30
31	A primeira foi para a Zero Hora	João	SDNROD31
32	Não me lembro, cara. Não me lembro mais. Tem tanta	João	SDNROD32
33	Aí me guincharam o carro. Tiraram fotografia, botaram lá no jornal de Lajeado. Eu tirei fotografia e botei no jornal de Lajeado, porque eu me dou demais com o jornal de Lajeado	João	SDNROD33
34	O Osvaldo Carlos é um baita amigo meu. E, aí, botei no jornal e o Osvaldo Carlos: 'Bah, segunda-feira faltou página no jornal lá'	João	SDNROD34

35	Foi no Informativo. Aí, com isso aí, porque os jornais estão tudo ligados uns com os outros...	João	SDNROD35
36	Sim, aí mandaram para Porto Alegre, já bateu a Vanessa lá, depois os caras da Record, bateu da Band também, fizeram filmagem do carro e tudo. E aí começou a sequência, né	João	SDNROD36